**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

BARTHOLOMEU DE AGUIAR VIEIRA

A empatia em Freud e em Ferenczi:

Em busca de uma ferramenta para a Clínica Psicanalítica

**São Paulo
2017**

BARTHOLOMEU DE AGUIAR VIEIRA

**A empatia em Freud e em Ferenczi:
Em busca de uma ferramenta para a Clínica Psicanalítica**
(versão corrigida)

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo
para a obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Área de concentração:
Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Kupermann

**São Paulo
2017**

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Vieira, Bartholomeu

A empatia em Freud e em Ferenczi: Em busca de uma ferramenta para a Clínica Psicanalítica. /

Bartholomeu Vieira; orientador Daniel Kupermann. -- São Paulo, 2017.

210 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2017.

1. Empatia . 2. Teoria da Técnica . 3. Freud e Ferenczi . 4. Telepatia. 5. Intersubjetividade. I. Kupermann, Daniel , orient. II. Título.

Nome: Vieira, Bartholomeu

Título: A empatia em Freud e em Ferenczi: Em busca de uma ferramenta para a Clínica Psicanalítica.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de São Paulo para a obtenção do
título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

A Rita e Maria Cristina

Agradecimentos

Uma vez li que, ao progresso do pensamento nada é mais útil do que escrevê-lo, pois colocando-o em “preto no branco” e dando-lhe tanto uma forma íntima como pública poder-se-ia chegar a conclusões tangíveis. Acho que no tocante a dimensão exterior de um pensamento nada seria melhor do que poder contar com um ambiente de bons encontros constituído por pessoas intrigadas, desafiadoras, acolhedoras e benevolentes. Em suma, amigos; pessoas livres, aptas e autorizadas, dispostas a escutar nossas ideias de forma solidária. Por sorte, posso dizer que tenho a sensação de ter encontrado essa atmosfera e desse clima pôde surgir em mim a capacidade de distanciamento e diferenciação que por vezes é tão dura, mas fundamental à conscientização e formulação de ideias realmente próprias.

Assim, Agradeço em primeiro lugar a pai e mãe que acreditaram no meu sonho silencioso de mudar de cidade para uma aventura como essa. Sem qualquer tipo de auxílio financeiro um trabalho como esse não teria sido possível sem eles. Em segundo lugar, agradeço à Lulli Milman pela experiência transformadora de análise. Também gostaria de expressar minha gratidão ao meu orientador Daniel Kupermann, que através de sua presença sensível foi hospitaleiro e me recebeu em seu grupo, proporcionando um ambiente cuja distância ótima permitiu que minhas ideias pudessem germinar em uma linguagem própria.

Aproveito, para mencionar os ótimos colegas que tive no laboratório PsiA. Todos foram importantes para mim nos momentos de debate, porém agradeço especialmente àqueles mais próximos: ao Wilson, meu máximo respeito. Ao Lucas e Ludu, obrigado pelas boas inspirações. Ao Rafael, pela amizade generosa. A Ana Paula Vedovato, obrigado por ser como uma irmã substituta em terras distantes. A Ana Paula Brancaloni, muito obrigado por sua presença imensamente carinhosa, A Karla, obrigado por sua imensa disponibilidade e pelas leituras e comentários precisos que tanto me ajudaram. Ao Alan agradeço por ter lido e revisado esse trabalho com profunda seriedade e profissionalismo.

Sigo ainda agradecendo a todas as outras pessoas que encontrei nesse processo e que estiveram ao meu lado. Do grupo Elabora, Nina, Vivian, Nancy, Estanislau, Carolina, Sergio e Andrea sou profundamente grato ao nosso grupo de estudos. Foi somente compartilhando com vocês o que me era mais caro e íntimo que pude ter a sensação de me tornar mais eu mesmo.

Obrigado também a Jô Gondar por ter me transmitido a sensibilidade do pensamento de Ferenczi e a Nelson Ernesto Coelho Junior e Marina Ribeiro pelas ótimas aulas na USP.

À Claudia Rocha pelo seu excelente trabalho como secretária e aos funcionários da biblioteca pelo atendimento eficiente.

Ao meu primo Daniel por sempre escutar minhas divagações com olhar curioso e atento. Ao João e ao Leandro pelas boas companhias. A minha tia Myrthes e meu tio Nathan por me receberem sempre com carinho.

Aos bons novos amigos de São Paulo e aos antigos amigos no Rio de Janeiro, dos quais sinto saudades todos os dias.

À Alicia pelo companheirismo.

Mas com isso se inicia um movimento interior decisivo. O mestre o observa e, sem influir no seu progresso por meio de novos ensinamentos que de nada adiantariam, ajuda-o de maneira mais íntima e secreta. Mediante a fórmula conhecida em certos círculos budistas, “assim como com uma vela acesa se acende outra”, o mestre transmite o genuíno espírito da arte, de coração a coração, para que eles se iluminem. Então, se a graça lhe é reservada, o discípulo descobre em si mesmo que a obra interior que ele deve realizar é bem mais importante que as obras exteriores, por mais atraentes que sejam, e que ele deve persegui-la se quiser ser o artífice do seu destino de artista. (Herrigel, 1992, p. 55)

Resumo

Vieira, B. A. (2017). *A empatia em Freud e em Ferenczi: Em busca de uma ferramenta para a Clínica Psicanalítica*. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Este trabalho tem como objeto a compreensão do lugar da empatia na técnica psicanalítica. Acompanhando a discussão realizada por Freud e por Ferenczi a respeito desse tema, originado de um debate sobre o ocultismo foi possível observar como, apesar de não receber destaque nas recomendações técnicas dos anos 1915 e não fazer parte do hall clássico da teoria da técnica a empatia veio a se tornar um assunto importante a ambos os autores e presente de inúmeras formas sutis dentro de suas recomendações. Assim, a partir de uma primeira questão referente a forma como cada um dos autores compreendia o papel da empatia, lançou-se a hipótese de que a prerrogativa da empatia, já estava presente desde o começo da prática clínica, vindo em seguida a se tornar um fenômeno produtor de uma ética balizada na elasticidade e na modificação do dispositivo interpretativo, fundamentalmente submetida ao tato. Pretendeu-se com a inquietação a respeito de qual deveria ser seu lugar, atribui-lo a categoria operacional de uma ferramenta norteadora da conduta clínica. A estratégia adotada para analisar os elementos que se evidenciaram através do levantamento bibliográfico de diversos textos dos autores, assim como de sua correspondência pessoal foi a de matizar suas posturas, evitando dicotomizações superficiais. Encontrou-se como um resultado da investigação um lugar de manejo para a empatia através de uma prática voltada à circulação de afetos e submetida a autorização, convicção e ao tato. Contudo, apesar de o fundamental da experiência empática ser o compartilhar afetivo, percebe-se como a implicação do analista é um elemento complexo e trabalhado de forma diferente pelos autores. Portanto, estando de posse da opinião de uma filiação paradoxal entre Freud e Ferenczi, procurou-se integrar as intenções clínicas de Ferenczi para conceituar um tipo de conduta com a transferência afinada a uma ética da empatia; uma nova técnica de perspectivas estéticas.

Palavras-chave: Empatia; Teoria da Técnica; Freud e Ferenczi; Telepatia; Intersubjetividade.

Abstract

Vieira, B. A. (2017). *Empathy in Freud and Ferenczi: In search of a tool for the Psychoanalytic Clinic*. Dissertation (Master degree) - Institute of Psychology, University of São Paulo, São Paulo.

The understanding of empathy's role in psychoanalytical technique is the object of this essay. Following the discussion undertaken by Freud and Ferenczi, which originated from a debate on occultism, it was possible to observe that the subject became paramount for both authors and subtly present in their recommendations, albeit not warranting any highlight in 1915's technical recommendations nor being part of technical theory. Therefore, arising from the initial inquiry of how each author understood the role of empathy, a hypothesis was created on empathy as a phenomenon creator of an ethics based on elasticity and alteration of the interpretative mechanism, fundamentally submitted to tact, even though empathy existed ever since the beginning of clinical practice. The intent was to use the uncertainty as to where its place should be and allocate it in the functional/operational category of a tool to guide clinical conduct. The strategy adopted to analyze the elements which became evident during the research of several written works from the authors, as well as personal correspondence, was to qualify their positions, avoiding superficial dichotomy. This investigation resulted in the discovery of a place of drive for empathy through a practice open to the circulation of affections and submitted to authorization, conviction and tact. However, despite exchange of affection being the cornerstone of the empathic experience, one realizes how the implication of the analyst is a complex subject, developed differently by the authors. Therefore, with the opinion that the membership of Freud and Ferenczi is paradoxical, one strived to integrate Ferenczi's clinical intentions to conceive a type of conduction with transfer in sync with an ethics of empathy, a new technique of aesthetical perspectives.

Keywords: Empathy; Theory of Technique; Freud and Ferenczi; Telepathy; Intersubjectivity.

Sumário

INTRODUÇÃO	13
------------------	----

PARTE 1

1.1 UMA HERANÇA MALDITA: A INFLUÊNCIA DO OCULTISMO NOS BASTIDORES DA PSICANÁLISE	19
As primeiras opiniões oficiais e a influência dos colegas	20
Espaço de abertura e inovação em um ambiente de segredo e especulação.....	23
A dupla e conflitante presença do ocultismo nos textos oficiais de Freud.....	26
Uma breve revisão dos trabalhos sobre ocultismo publicados por Freud	32
As obscuras investigações de Helene Deutsch	37
A importância do saber místico	43
A originalidade de Ferenczi relativa aos assuntos do ocultismo	44
A postura particular de Ferenczi: uma juventude em Budapeste.....	47
Ferenczi e o problema da comunicação entre Inconscientes	52
1.2 FREUD E O ILUMINISMO SOMBRIO	57
O papel da afetividade para Freud: primeiros desdobramentos	58
Um importante exemplo clínico.....	64
O problema na metapsicologia.....	71
1.3 A TRANSFERÊNCIA E SEUS LIMITES.....	88
A transferência como atualização do inconsciente: a atenção sobre a resistência.....	99
Mas, afinal, resistência de quem? A transferência e a contratransferência	105
O paradoxo inerente ao conceito de transferência e uma proposta de atualização	108
Os limites do conceito de transferência na técnica padrão	111

PARTE 2

2.1 O LABORATÓRIO QUÍMICO DA PSICANÁLISE: CATALISANDO AFETOS	119
Ferenczi e a sua visão sobre a transferência	121
A problemática da clínica que culmina em 1920	126
A abertura da técnica ativa.....	128
Questões de filiação.....	131
O fim da técnica ativa.....	133

Primum nil nocere: O retorno a uma teoria mais antiga.....	135
A abertura para um outro tipo de clínica	143
Indicações para o encontro empático	149
2.2 A IMITAÇÃO E SUAS VICISSITUDES.....	150
A problemática do originário	150
A problemática do inatismo e sua superação	153
Imitar para Ser.....	156
A imitação como base para a empatia	163
2.3 AS VICISSITUDES DA TÉCNICA.....	167
Freud, a empatia e o tato: uma questão de princípio	169
Nos rastros da <i>Einfühlung</i> em Ferenczi: em busca de um princípio da empatia	176
O analista de casos difíceis: a raiz da necessidade de empatia	179
A criação do princípio de empatia	180
Do uso terapêutico da empatia	182
Atualizações do conceito de empatia	187
<i>Abusus non tollit usum</i> (o abuso não tolhe o uso)	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
À guisa de uma conclusão	195
REFERÊNCIAS	197

Introdução

Desde o dia em que fui apresentado por um bom amigo com a frase “as ferramentas não estão dadas”, tornei essa inquietação o meu objetivo maior de investigação. Junto a isso, chegava ao fim um ciclo de dez anos de análise pessoal e me deparava com todo o conjunto de inquietações trazidas ao sujeito que se dispõe a se debruçar sobre a alma humana através de um dispositivo norteador como é a Psicanálise. Assim, ao longo desta pesquisa me ocupei em construir uma ferramenta técnica útil à minha clínica, tendo como disparador fundamental de pesquisa a inquietação de tentar compreender o que é o fenômeno empático.

A escolha por esse elemento se impôs como objeto de pesquisa pelo simples motivo de condensar algo da experiência humana geral, que, aos meus olhos, é intrínseco tanto à minha própria condição humana como à experiência psicanalítica, sendo que dessa segunda parte tentarei produzir uma prova. Percorrendo os caminhos teóricos empreendidos por Freud em suas manifestações a respeito da teoria da técnica, pude notar como o cunho geral dessa obra possui balizas teóricas constituídas sob o tronco da regra fundamental da associação livre e do princípio de abstinência, fatos que propõem uma atuação clínica voltada para a neutralidade. Tal enquadre proporciona um tipo de atuação, no qual a afetividade está sempre do lado do analisando, submetido às recordações e remetido à interpretação do material recalcado.

Observando as recomendações freudianas contidas em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (Freud, 1912a/2006), chama a atenção a presença de uma referência a outro tipo de atuação, que é simultâneo à neutralidade: aquele voltado à dimensão da criação.

Buscando comprovar como a empatia é um elemento constitutivo da Psicanálise, procurei mergulhar na discussão realizada pelo criador da psicanálise junto a um de seus maiores contribuintes, Sándor Ferenczi. Esforcei-me por investigar os elementos que cercavam essa dupla no momento histórico de criação dos conceitos axiais à prática.

Foi através de Sándor Ferenczi que escolhi privilegiar a problemática intrínseca aos modos de atuação e ao lugar do analista. Notando como Freud introduz a categoria de “tato” (Freud, 1910a/2006), foi possível perceber uma ambivalência neste autor, que se pretende solucionar através das considerações feitas pelo psicanalista húngaro. Assim, acompanhando

a aposta de Pigman (1995) que considera uma herança freudiana a marca da empatia, procurei aprofundar a potência desse elemento através das contribuições ferenczianas.

Sendo a empatia um objeto não psicanalítico por excelência, foi-me necessário ir aos extremos da clínica, para produzir elementos capazes de criar uma discussão proveitosa a seu respeito. Logo, graças às indicações do meu orientador, fui investigar como as inquietações ocultistas da dupla Freud-Ferenczi contribuíram para seus pensamentos no momento histórico em que se constituíam afirmações importantes a respeito da teoria da técnica. Assim, começando pelos “Artigos sobre a técnica”, nasceu um problema de pesquisa relativo à necessidade de Freud de dar “pequenas dicas” (*Ratschläge*) sobre a forma como se pratica a análise. Desse esforço, acredito que encontrei algo do que procurava. Isto é, pude me deparar com uma série de posturas e reflexões que já experimentei em uma “sala de análise” (Ogden, 2013), fosse no lugar de paciente ou no de analista.

Ao longo desta investigação procurei pendular entre dois movimentos. Por um lado, seguindo a perspectiva investigativa de Schneider (1988, 1994), que vê em Ferenczi um desenvolvedor das ideias latentes de seu mestre, considerei fundamental matizar o pensamento dos dois autores. Nessa direção, produziu-se um solo comum e fértil, de onde o vigor de ideias corajosas poderá ser observado principalmente na primeira metade de meu trabalho. Já no segundo movimento que conjuguei à pesquisa, procurei fazer diferenciações mais claras entre a forma de conceber a experiência clínica em cada um dos autores. Desse ponto de vista, segui as indicações de Haynal (1995, 1997, 1998) e Giampieri-Deutsch (1996), tentando compreender de que forma a originalidade de Ferenczi contribuiu para a emergência de algo inédito ao paradigma da Psicanálise.

Em um último comentário metodológico, gostaria de afirmar minha escolha por uma escrita que faz uso do sujeito oculto. O leitor verá que nas páginas a seguir procurei olhar para o material com um distanciamento considerado por mim como estratégico; além de ser uma preferência estilística, acredito que a justa medida de uma empatia reside na boa manutenção da mistura anímica produzida a partir de cada encontro. Com essa particularidade de meu pensamento, acredito proteger tanto a mim como ao meu leitor de uma contaminação indevida e precipitada com cada (inquietante) elemento abordado.

No entanto, nas considerações finais voltei a me utilizar da primeira pessoa do singular. Esse recurso foi proposital para não me abster, de modo algum, do compromisso pessoal diante de um tema pelo qual sou verdadeiramente apaixonado; assim, acredito ter

podido tanto corresponder à minha fantasia por criar um material técnico, operacional e científico, como produzir uma primeira marca autoral no meu percurso no campo acadêmico.

A hipótese fundamental da qual me propus tratar aqui é que a empatia é uma marca fundamental à Psicanálise. Desse problema desencadeia-se a questão de saber se tal elemento seria ou não considerado por Freud em sua prática, e como o debate dele com Ferenczi produziu vicissitudes a respeito do tema.

O presente trabalho foi desenvolvido em dois grandes blocos, e pormenorizado ao longo de três tópicos em cada parte. O primeiro pilar da dissertação se fundamenta em uma pesquisa de cunho histórico e procurou contemplar a forma como a teorização da técnica expôs seus primeiros conceitos clínicos; isto é, por quais caminhos o conceito de transferência pôde ser elaborado e de que forma foi feita uma teorização a respeito dos afetos. Já no segundo bloco da pesquisa, procurei me debruçar sobre a teoria psicanalítica propriamente dita. Neste momento, analisei quais foram as vicissitudes dos elementos erigidos na primeira parte.

Assim, no primeiro tópico, será explorado o debate entre Freud e Ferenczi a respeito da telepatia e do ocultismo. Pois de lá se retira a constatação de que certos fenômenos humanos, muito popularmente investigados na Europa do século XIX, influenciaram o modo como Freud e Ferenczi pensavam. O fôlego investigativo e a abertura intelectual destes homens permitiram descobrir uma série de considerações feitas por ambos que foram de suma importância para contextualizar uma atmosfera clínica de simpatia e cuidado.

Ver-se-á como, curiosamente, um elemento tão marginal como o ocultismo foi tratado com a devida dignidade por ambos os pesquisadores e como este território foi apropriado por Ferenczi através dos inquietamentos fornecidos por seu mestre. Dessa problemática, na parte madura de sua obra, Ferenczi desenvolverá um tipo de práxis clínica fundada pela ética da empatia. Com essa apreciação, se tornou necessário ramificar a pesquisa em um percurso teórico paralelo ao histórico, que foi desenvolvido na segunda parte do trabalho.

Freud (1905[1904]/2006), além de demonstrar suas preocupações a respeito de uma sistematização da prática, também alerta sobre os efeitos canhestros de uma técnica “selvagem” (Freud, 1910a/2006). Tornava-se imperativo fazer algumas definições. No entanto, é Ferenczi (1909/2011, 1912a/2011) quem faz a primeira contribuição a respeito do conceito de transferência. Dessa oportunidade, foi-me possível observar como os germes da ideia de empatia já se faziam presentes em sua pena.

A introjeção é pinçada então como conceito axial operacionalizado pelo autor, que em muito se inspira na cultura mística reinante na Europa. Lançada como principal pilar de sustentação de uma teoria embasada na mutualidade entre o sujeito e o ambiente, a introjeção é a forma de Ferenczi conceituar sua intuição de que todo indivíduo é, tão somente, uma manifestação limitada da natureza em sua totalidade; essa compreensão é o que permite pensar em um estado de empatia entre dois sujeitos capaz de fazê-los se compreenderem mutuamente em um processo de tensão dinâmica de afetos trocados.

No segundo tópico, foi esmiuçada a tentativa metodológica de matizar o pensamento dos autores. Pois assim creio poder demonstrar a melhor forma de compreender a riqueza que emergiu do encontro de seus pensamentos. Afinal, é inquietante perceber como Freud se permitia explorar com certa naturalidade temas tão abjetos ao saber sério da ciência. Compreendendo Freud enquanto um iluminista sombrio (Yovel, 1993), foi possível resgatar o ponto de conversação com Ferenczi, ao mesmo tempo em que problematizar a forma como a teorização sobre os afetos sofreu um duro golpe no período anterior à virada de 1920.

Tendo levantado o contexto histórico no qual a problemática da conceituação ao redor da clínica se impunha, surgiu a necessidade de resgatar a forma como o conceito de transferência foi cunhado. Assim, a parte teórica do trabalho começará a ganhar forma a partir do terceiro tópico. Nesse momento, propõe-se que, apesar do brilhante desenvolvimento técnico de Freud, suas conceituações a respeito da técnica adquiriram um perfil defasado.

Inspirando-se na obra ferencziana, que se projeta para o futuro ao mesmo tempo em que se permite regressar, procurou-se retornar às primeiras e mais valiosas lições de Freud junto aos mestres Charcot, Bernheim e Breuer, para estabelecer do que se tratava a técnica que Ferenczi tanto enaltece em seus últimos escritos. Chega-se à conclusão de que a transferência acabou adquirindo um valor diferente para cada um dos autores; se de um lado pode-se pensar em Freud como um analista da transferência que deve ser interpretada e desembaraçada; Ferenczi é o autor que vê nela uma positividade particular, uma oportunidade que o analista tem de se fazer presente enquanto ser do mundo capaz de estimular seus pacientes no sentido da expansão e criação de seu próprio psiquismo.

A escolha estratégica de produzir uma reflexão sobre a transferência se justifica por seu lugar central dentro do pensamento da clínica, ou seja, a forma como se concebe o que é transferência é o mesmo que refletir sobre a psicanálise como um todo (Kupermann, 2008). Logo, esmiuçar esse conceito recorrendo à sua historicização, balizada em um ponto

referencial nas pesquisas sobre os processos ocultos, dá a essa experiência uma profundidade particular.

No quarto tópico, procurou-se acompanhar a forma como Ferenczi conceitua a transferência e também como operacionaliza diversas modificações na conduta do analista, que reformularam a atmosfera clínica. Se a primeira técnica ativa foi realizada por Freud (1918[1914]/2006), esse foi apenas o primeiro passo na direção de toda uma reformulação da práxis, que detém um de seus eixos centrais na percepção de que outros tipos de pacientes se beneficiariam de uma metodologia clínica diferente daquela da técnica padrão. Investigando as inúmeras mudanças empreendidas no processo de misturar ouro e cobre, surge a questão central de como tratar os pacientes ditos difíceis.

A empatia, enquanto uma ética do analista, surge neste momento para assumir um lugar central em uma clínica da não neurose. Assim, “a virada de 1928” (Kupermann, 2017) se compôs como o momento em que os germes da empatia assumiram o lugar central, o que foi responsável pela promoção de um enquadre mais elástico e flexível, esse sim capaz de fazer emergir na transferência os elementos de hostilidade tão necessários à cura. Dito de outro modo, a atividade da técnica deixou de ser voltada a proibições e injunções, para se tornar algo promotor do princípio de autorização (Ferenczi, 1930/2011), único elemento capaz de produzir o incentivo necessário para a superação da sensação de irrealidade que invade o campo psíquico dos sujeitos traumatizados.

Dos desdobramentos da esfera clínica do começo dos anos 1920, surge a questão de como foi possível a Ferenczi introduzir a empatia na práxis. Para investigar esse resultado, procurei investigar, dentro da psicologia do desenvolvimento, a matriz imitativa que embasa a experiência empática. Esse foi meu quinto tópico e, da investigação sobre as formas de presença da alteridade na constituição humana, surgiu o material final do trabalho.

No último tópico, procurei aprofundar as consequências de se usar a empatia enquanto uma ferramenta de trabalho. A obra de Ferenczi possui uma forte orientação em prol do cuidado e da reparação do trauma. Assim, ao desamarar as limitações que bordaram a conceituação freudiana na teoria da técnica, procurei acompanhar a direção dada pelo pensamento de Ferenczi em sua proposta de uma conduta clínica balizada pelo princípio de empatia.

De modo geral, este trabalho procurou abarcar uma dimensão da experiência humana que me parece útil aos propósitos do fazer analítico. Em poucas palavras, este trabalho se

debruçou sobre a curiosa experiência em que um sujeito amplia o seu estado perceptivo e, abandonando provisoriamente uma concepção de realidade, passa a poder se sintonizar com a experiência alheia.

1.1 Uma herança maldita: a influência do ocultismo nos bastidores da Psicanálise

[estamos] diante de algo extraordinário, algo elementar, que ameaça não apenas a nós, mas talvez até mais nossos inimigos. (Freud, 1941[1921]/2006, p. 189)

A história da psicanálise é marcada por uma série de interesses controversos, plurais e muitas vezes paradoxais. No âmbito oficial, sua produção é marcada pelo rigor científico da época, com a busca incansável de provas empíricas que validassem todo um conjunto teórico de hipóteses sobre o funcionamento da consciência que vinham sendo investigadas desde o século XVIII pela filosofia alemã (Safranski, 2010). Mas, por trás da linha de frente em que Freud procurava afirmar sua ciência, encontram-se propostas ousadas a respeito de um tema controverso. O ocultismo certamente despertava o interesse da cultura europeia alemã no final do século XIX e o enamoramento tanto de Freud como o de quase todos os primeiros psicanalistas pelo tema (Rabeyron & Evrard, 2012) é um fato intrigante. O que fariam homens letrados, médicos e pessoas de prestígio se debruçarem sobre um tema de interesse duvidoso, muito comentado nas rodas sociais e nos ambientes informais, mas pouco levado a sério no âmbito científico? Melhor dizendo, o que Freud e seus colegas viam de importante e de ameaçador à Psicanálise?

Historicamente, sabe-se que, durante a famosa viagem aos Estados Unidos na qual participaram Freud, Ferenczi e Jung, o clima geral foi marcado pelo entusiasmo do encontro entre os três homens que tiveram a oportunidade de passar algumas semanas juntos, podendo realizar jantares e conversas animadas; neste período, vigorava um clima de admiração e de cortesia, fundamental a uma relação honesta capaz de inspirar tanto Freud como seus discípulos (Grosskurth, 1992). A oportunidade de uma “investigação psicanalítica mútua” entre os pares suscitou fascinantes conversas, e da exploração profunda de suas mentes surgiu o debate a respeito do ocultismo. Serão exploradas adiante, junto ao pensamento de Freud e de Ferenczi, as discussões que permitiram o desenvolvimento de uma teoria sobre a empatia; com esse objetivo em mente, as contribuições de Jung serão, propositalmente, deixadas de lado, pois acredita-se que sua teoria não desponta no campo desejado da empatia enquanto estratégia clínica.

O ocultismo é um assunto que emerge como fonte de interesse entre os autores porque todos possuem relações curiosas com a temática: Jung, cujo doutoramento foi sobre o tema, se

assume francamente como um praticante das artes ocultas e defensor de sua causa. Ferenczi já havia tido uma experiência prática de “escrita automática” aos 25 anos e dela despontou a inspiração para seu primeiro trabalho dentro do campo da Psicologia (Talarn, 2003). Finalmente, Freud, que, se por um lado igualmente havia tido um contato com o umbral místico, por outro, se mantinha um questionador cético dos fenômenos ocultos.

A postura de Freud é curiosa, suas opiniões oficiais mudam ao longo dos anos sem nunca abandonarem um caráter defensivo e de neutralidade frente ao tema. Todavia, no círculo pessoal, o autor se preocupa em manter resguardado apenas para seus íntimos colegas as verdadeiras opiniões a respeito da questão. Loureiro (2002) aponta como o ocultismo é um assunto privilegiado no que tange o caráter paradoxal da obra de Freud, pois ao tratar da telepatia, ou, como o autor prefere chamar em suas cartas, da “transferência de pensamentos”, observa-se a maneira como o fenômeno é trazido da dimensão do “além” para uma esfera psicológica, ao alcance da elucidação analítica.

Uma investigação minuciosa a respeito das cartas trocadas com Ferenczi será realizada a seguir com o objetivo de comparar como esta pesquisa dos bastidores foi conduzida de modo a influenciar na teorização da clínica. Também será exposta uma síntese das produções oficiais de Freud sobre ocultismo, pois pretende-se demonstrar como a sua opinião mudou ao longo dos anos, e atribui-se essa transformação ao lugar político ocupado pelo criador da psicanálise. Todo esse esforço objetiva demonstrar a tensão que o autor mantinha com o tema, perpetuando um clima paradoxal gritante. Por um lado, Freud era tão entusiasta como seus discípulos, por outro, o mestre tinha de manter um afastamento estratégico destes assuntos, pois lhe cabia a tarefa de mapear o terreno de investigação da psicanálise e, ao mesmo tempo, protegê-la de ataques.

As primeiras opiniões oficiais e a influência dos colegas

As marcas do positivismo prevalecem nas afirmações oficiais de Freud quando o assunto é os fenômenos ocultos da mente. Por exemplo, o autor afirma que ao relegar parte de nossas funções psíquicas como inexplicáveis estamos desconhecendo a extensão do determinismo na vida anímica, e ele diz taxativamente que “não existe no psiquismo nada que seja arbitrário ou indeterminado” (1901/2006, pp.238-40). Estas opiniões se afinam com

outras feitas anteriormente no trabalho *A interpretação dos sonhos* (1900/2006), em que o autor afirma não ser possível ter conhecimento do futuro mediante os sonhos.

Notoriamente, no período inicial de suas publicações, Freud revela tanto a coragem de falar sobre um tema de interesse cultural popular em uma publicação científica, como uma prudência relativa à interpretação de que seus desdobramentos são meras facetas do inconsciente se manifestando. Tal postura pode ser entendida como marca caracterológica do autor se forem observadas suas inspirações científicas e seu lugar no mundo científico da Europa *fin de siècle*. Quer dizer, lá onde existem sombras que ocultam modos de funcionamento da mente, Freud pretende iluminar e ver o determinismo que tanto valoriza. Denota-se daí uma possibilidade de compreensão do interesse de Freud pelos fenômenos ocultos: O criador da psicanálise estaria tomando para si a tarefa de explorar os confins marginais da mente para encontrar lá a confirmação de suas proposições teóricas.

O curioso das publicações oficiais de Freud sobre o ocultismo é a forma como o autor pendula entre uma aceitação estratégica desta temática e depois se movimenta no sentido da afirmação de sua não existência. Tal alternância se deve às contribuições passíveis de serem atribuídas ao ocultismo sobre as profundezas da alma humana, que iam além da explicação formal da realização de desejo. Ou seja, apesar das afirmações categóricas no sentido de uma impossibilidade de fenômenos ocultos existirem, Freud acatava suas influências literárias provenientes do Romantismo alemão, e concebia um pensamento místico capaz de fornecer um tipo de compreensão do mundo psíquico interessante aos seus propósitos, que só não era melhor acolhido, pois a psicanálise possuía grandes inimigos que atacavam seu estatuto de ciência aspirante e uma aproximação da mesma com a temática ocultista traria prejuízos à imagem tanto de Freud como a de sua criação.

Considera-se assim a existência em Freud de um mal-estar, talvez de uma incerteza, quanto à profundidade de suas afirmações sobre a origem do desejo no bojo dos fenômenos místicos. Certamente o autor é um pesquisador de fôlego, sempre disposto a abdicar de afirmações ultrapassadas em decorrência de novos fatos e assim buscar novas explicações para problemas teóricos e clínicos. Contudo, se for observada a relação de Freud com a telepatia, será percebido não apenas um mal-estar, o que poderia ser atribuído a uma errônea frustração do autor em pesquisar o tema. Na verdade, o que se percebe é um interesse de pesquisa profundo, mas extremamente perigoso; Freud preferia relegar este campo a outros teóricos sem deixar de ver grande valor nesta temática, inclusive definindo a telepatia como uma das formas de transferência (Roudinesco & Plon, 1998).

Retornando agora ao evento da viagem aos Estados Unidos, é intrigante saber como depois das conversas sobre o tema a volta para casa sofreu um desvio. Naquela ocasião, Ferenczi fez dois comentários pertinentes. Primeiro, o húngaro comentou sobre uma fofoca recorrente nos círculos que frequentava em Budapeste: corria o boato de que, em Berlim, uma certa “Frau Seidler” possuía a estarrecedora habilidade de fazer adivinhações olhando datas em cartas. O segundo comentário, referente à clínica, foi o relato de que um jovem homossexual teria uma particular habilidade sensitiva. Essa conversa promoveu um interesse investigativo em ambos os psicanalistas.

Cinco meses depois da viagem, Ferenczi recebeu uma carta branca de seu mestre para começar a investigar a tal madame. Na correspondência trocada entre Freud e Ferenczi, observa-se o trabalho intenso que durou pouco menos de um ano, no qual instruções são dadas por Freud que orienta as mais diversas experiências realizadas por Ferenczi com a sensitiva. Inicialmente, Freud não parece se deixar impressionar muito e qualifica a habilidade da vidente enquanto um “dom fisiológico” (Falzeder, Brabant & Giampieri, 1994). Ferenczi, provavelmente sob a influência de seu mestre, acompanha a sua atitude e assume para si uma posição defensivamente cética, bem diferente da sua verdadeira natural disposição para se animar com o assunto. Contudo, Frau Seidler adivinha diversas coisas, fato que leva os psicanalistas a, gradativamente, irem se convencendo não somente de seus dons particulares, mas sobre toda a possibilidade de fenômenos telepáticos serem fatos comuns e corriqueiros.

Como apontado por Rabeyron & Evrard (2012), a correspondência trocada entre os autores é surpreendente e desse evento se desenvolve toda uma linha de pesquisa que contém as premissas históricas fundamentais para a pesquisa da intersubjetividade em Psicanálise. Por exemplo, o conceito clínico de transferência será diretamente influenciado pelas investigações telepáticas; inclusive, como se lê em diversas passagens, Freud chama de “transferência de pensamentos” (*Gedankenübertragung*) esse elemento oculto. Já Ferenczi abraça a causa do ocultismo profundamente e desenvolve experimentos em que procura aprimorar suas faculdades sensíveis, além de fazer uma ponte teórica com seu conceito de introjeção. Para este autor, durante uma transferência de pensamentos, um dos participantes introjeta as palavras-estímulo através do próprio inconsciente enquanto o outro sujeito opera do mesmo modo com projeções. Contudo, a maior provocação para a clínica encontra-se em uma passagem na qual Ferenczi afirma, sobre seu paciente homossexual, que: “toda recepção estética é uma introjeção [como a empatia, a intuição]” (Falzeder, Brabant & Giampieri, 1994 p. 194).

Espaço de abertura e inovação em um ambiente de segredo e especulação

Convencidos de que o fenômeno telepático é uma evidência, os dois autores desenvolveram algumas reflexões e especulações surpreendentes que só foram possíveis devido ao seu lugar crepuscular nos bastidores da clínica. Além do já mencionado problema da associação da Psicanálise com o ocultismo e o consequente movimento defensivo de Freud em seus textos oficiais, merece destaque o tipo de relação que se criou entre os autores neste momento.

Monique Schneider (1988) propõe que o movimento de filiação que Freud deseja transmitir aos seus discípulos é paradoxal e contempla uma gama de diferentes facetas. Se há um medo de esquecimento e de devoração como única forma de apropriação pelos filhos da potência paterna, também existe uma faceta redentora em Freud vista no seu empreendimento terapêutico inaugurado no campo do trauma. Assim, fica em questão a dupla relação do autor enquanto “mestre” que nutre uma afinidade passional com seus discípulos e como aquele capaz de encarar seus colegas como pares, para deles buscar uma relação de partilha.

A relação teórico-textual entre Freud e Ferenczi se dá de forma codependente, ressonante e duplamente explicativa. Tal perspectiva eleva o texto ferencziano a muito mais do que simples respostas e continuidades das iscas jogadas por Freud; tratar-se-ia, verdadeiramente, de um estilo próprio de filiação na qual o eco das ideias originais de Freud ganha uma retranscrição adulta digna de uma “ajuda vinda do estrangeiro”, que trabalha na dupla tarefa de testemunha e de criação; uma perspectiva de herdeiro verdadeiramente original e singular é atribuída então a Ferenczi neste momento. Assim, Schneider (1988) dirá que Ferenczi “surge como um filho no texto freudiano, [uma] criança que não iria cortar radicalmente o cordão umbilical” (p. 131).

Sabe-se que Freud e Ferenczi tiveram uma relação muito intensa com um desfecho conturbado. Porém, ainda no começo dos anos 1910, o que se observa no tipo de pesquisa realizada pela dupla com relação ao tema do ocultismo é uma forma de “filiação por redenção” na qual Freud, percebendo a importância do assunto, assim como a sua impossibilidade de se debruçar sobre o mesmo, aposta nas capacidades criativas de seu discípulo para avançar em um território de difícil acesso. Desse modo, Ferenczi se tornou um dos principais esmiuçadores da teoria da clínica, fazendo-a se desenvolver por caminhos que,

sem sua ajuda, talvez não pudessem ser alcançados. Na temática do ocultismo – elemento que dá suporte para o desenvolvimento do conceito clínico da transferência –, vê-se não apenas uma autorização feita por Freud, mas também uma apreensão original e criadora.

Ferenczi efetivamente trouxe uma inovação para as propostas de Freud; ele foi capaz de realizar tal tarefa, pois produziu-se em seu texto um hiato entre a transmissão reivindicada pelo “mestre” e a efetiva realizada no intercâmbio teórico entre os autores. Pode-se atribuir à recusa de ruptura constantemente sustentada pelo húngaro sua possibilidade de criação mais original; acatando e aceitando seu lugar de discípulo e, ao mesmo tempo, exigindo um lugar de equivalência em sua escrita enquanto direito de existir, Ferenczi se impõe sem se contrapor ao seu “mestre”. É fundamental apontar este modo de relação entre os autores e suas obras, pois, assim, pode ser evitado qualquer erro rudimentar de compreender a oposição de suas obras através de uma dicotomia simples, na qual Freud seria caricaturado como um homem rígido da ciência positivista e Ferenczi como uma espécie de correspondente hipersensível preocupado em empreender uma redenção da Psicanálise.

Completamente diferente de uma postura rígida ou temerosa em relação às eventuais exigências de uma continuidade linear de seu trabalho, ou seja, de uma devoção às suas ideias, Freud mantém uma distância segura de Ferenczi, dando-lhe espaço tanto para investigar por conta própria seu material clínico, como acatando suas especulações e afirmando o valor das mesmas. A respeito da relação que vinha se estabelecendo nos anos 1910, Schneider (1988, p. 135) sugere que o desejo freudiano seria de não ferir Ferenczi e de não o colocar em posição de dissidente culpado de manifestar a sua própria criatividade. Todavia, pelo ponto de vista de Ferenczi, tal liberdade criativa lançava o húngaro em uma situação de incerteza perigosa; diante das reticências de seu “mestre”, que não eram senão autorizações ao seu trabalho, Ferenczi não se encontrava capaz de responder com uma separação, preferindo manter-se como um porta-voz do pensamento de seu mestre. Schneider frisa que a postura freudiana representava uma espécie de “cheque em branco” (p. 138), deixando claro como a relação estabelecida entre os autores não propagava qualquer expectativa de transmissão linear, ou seja, de uma reprodução indefinida do mesmo.

É no sentido de uma abertura para as inovações técnicas que se observa a maior riqueza presente na pesquisa sobre o ocultismo. Haynal (1998) comenta que o interesse de Freud pelos meios não verbais de comunicação levou o autor, junto com Ferenczi, a reexaminar suas opiniões relativas ao ocultismo, contidas nas publicações de 1900, que atribuíam todos os fatos ocultos a realizações de desejo. Como já foi dito, a telepatia será compreendida como uma “transferência de pensamentos” (*Gedankenübertragung*), ideia que

irá atualizar o conceito que opera no centro da clínica psicanalítica, dando-lhe uma amplitude não-verbal. Ressalta-se como a qualidade da presença de Ferenczi foi fundamental para essas inovações; Freud possuía uma inspiração tímida a respeito das manifestações místicas e de seus possíveis desdobramentos, que apareciam como elementos quase inaudíveis em sua teoria. Foi necessária uma reivindicação firme por parte de um contribuinte interessado. Ferenczi era justamente a presença capaz de afirmar e reverberar os elementos introvertidos que habitavam o pensamento de Freud (Schneider, 1988). Contudo, não se trata de imaginar que o húngaro seria um redentor da teoria de seu mestre, mas sim de um catalizador dos elementos já atuantes desde os primórdios da clínica.¹

Ao se entrar em contato com a opinião oficial de Freud a respeito dos fenômenos ocultos, observa-se a opinião de um homem da ciência; um médico buscando o reconhecimento de suas formulações através da refutação de ideias místicas que eram muito recorrentes nos círculos sociais da Europa. Deste ponto de vista, tem-se a impressão de que o único motivo pelo qual o autor toma para si a tarefa de abordar o ocultismo seria o de despojar tais fatos de qualquer possibilidade de verdade, clareando e jogando luzes sobre os cantos da alma.

Apesar de já ser possível desmentir a pretensão de um positivismo simplista ou de um iluminismo puro que estaria presente nos objetivos de Freud, ainda é relevante ressaltar que, em um tópico posterior, será feita uma investigação mais aprofundada das inspirações freudianas que o definem como um “iluminista sombrio”. Essa concepção será a chave para entender a complexidade do pensamento deste autor, que recebeu fortes influências do romantismo alemão assim como do iluminismo clássico. Ou seja, Freud se encontrava em uma espécie de “*vantage point*” da ciência; valorizando os pequenos detalhes do cotidiano, dando a magnitude devida às paixões e afetos, ele se tornou um homem disposto a trazer novas luzes às regiões sombrias da mente, mas sem jamais negá-las ou procurar extirpá-las com uma mera razão intelectualista estrita. A este respeito, não se pode negar a afirmação de um de seus mestres, no qual Freud encontrou grande inspiração, Charcot: “A teoria está muito bem, mas isso não impede que os fatos existam” (Gay, 1990, p. 247).

Certamente Ferenczi lidava com o assunto de forma mais desinibida. Diferentemente de seu mestre, não havia a necessidade de convencer a sociedade da validade científica da Psicanálise. Pelo contrário, depois de apresentado às publicações freudianas, Ferenczi já

¹ Será visto em seguida como nos “*Estudos sobre a histeria*” já se encontrava uma dimensão clínica relativa ao afeto que muito se parece com as teorizações sobre o ocultismo.

estava encantado e impactado pela contundência de seus argumentos. Consequentemente, as explorações feitas pelo autor possuíam um vigor próprio e suas contribuições também foram mais arrojadas e destemidas.

A exposição do interesse mútuo de Freud e de Ferenczi pelo Ocultismo traz grandes consequências para a clínica. Afinal, o que queria cada um dos autores ao se debruçar nesta temática? Freud certamente tinha o objetivo de desmistificar o ocultismo do mesmo jeito que o fizera com a formação dos sonhos e com os sintomas histéricos. Porém, o autor percebeu que sua explicação relativa à realização de desejos no bojo da temática não a esgotava completamente. Pelo contrário, graças a Ferenczi abriu-se uma dimensão clínica importante. O húngaro sempre considerou que a psicologia se veria enriquecida profundamente se pudesse se debruçar nas investigações místicas com o rigor científico que lhe é original (Ferenczi, 1899/1963). É com a inspiração de enriquecer e não de desmistificar que Ferenczi se aventura pelas profundezas da mente em suas investigações.

Explorando a transferência de pensamentos, seja com Frau Seidler, seja em seu caso clínico do “jovem homossexual”, Ferenczi se apropria da carta branca dada por Freud para levantar questões fundamentais para a clínica da Psicanálise. Como afirmado por Maia (1995), a telepatia é o assunto que mais condensa toda a rica e importante temática da participação dos afetos em um nível de troca psíquica além da linguagem. Desse modo, a importância e a participação dos afetos enquanto elementos clínicos ganham lugar central neste momento e, com elas, toda a problemática relativa à participação engajada dos analistas.

Certamente foi a partir do contato com Ferenczi que se tornou possível a temática de pesquisa em que há uma ideia de comunicação direta e não mediada entre dois inconscientes interagindo através da ressonância de afetos sem uma intermediação consciente. A telepatia se torna para Freud então a *transferência* de pensamentos sobre a qual um mecanismo de percepção arcaico não-verbal é capaz de captar afetos e ideias flutuantes, caracterizando uma troca psíquica essencialmente marcada pela ausência de controle (Maia, 1995).

A dupla e conflitante presença do ocultismo nos textos oficiais de Freud

Já foi visto como o interesse pelos fenômenos ocultos da mente já se apresentava como um importante ponto de investigação para Freud, que os considerava “intrigantes” e dignos de especulação (Gay, 1990). Depois de se convencer da validade destes fenômenos

junto à pesquisa de Ferenczi e de aceitar a possibilidade de comunicação entre mentes como um fato, Freud nunca mais abdicou da ideia de ser possível ao ser humano a transmissão de pensamento, consideradas pelo autor como o núcleo fundamental de todas as práticas ocultistas. No ambiente particular e junto de seus amigos íntimos, Freud chegara mesmo a dizer que sua filha Anna possuía uma particular sensibilidade e capacidade de domínio sobre esta esfera (Gay, 1990). Foi igualmente explicitado como, ao trazer à tona este assunto, o autor criava um ambiente de constrangimento diante da comunidade científica, produzindo um paradoxo que percorre toda a sua obra. Não se tratava apenas da dificuldade de pesquisa relativa ao campo do oculto que produzia mal-estar em Freud, havia uma problemática institucional em questão. Nos bastiões da criação de um movimento psicanalítico, alguns membros do famoso “comitê secreto” de Freud eram terminantemente contrários a estas pesquisas (Grosskurth, 1992).

Diante de todas as aberturas especulativas possibilitadas pelas investigações telepáticas, Roudinesco & Plon (1998) afirmam que era o ideal de cientificidade da psicanálise que sofreria os maiores danos caso fossem publicados os trabalhos feitos no começo dos anos de 1910 entre Frau Seidler e Ferenczi. Dentro do comitê secreto, Jones e Eitingon tentaram diversas vezes dissuadir Freud de seu interesse pelo ocultismo, argumentando sempre que a associação da psicanálise à telepatia alargaria as já altas resistências do mundo anglosaxônico, onde Freud já era acusado por seus opositores de ser um charlatão. Sabe-se que Freud concordou parcialmente com essa necessidade, pois impediu Ferenczi de apresentar, no congresso de Bad-Homburg em Hessen, sua comunicação sobre suas experiências com telepatia.

Porém, sua ambivalência era clara, contrariando as sugestões de Jones e Eitingon, em novembro de 1920, Freud decide formalizar ao seu comitê a seguinte questão: “se tivéssemos de aceitar o fenômeno resumido sob o termo ‘telepatia’, como ele influenciaria a teoria e a prática psicanalítica?” (Grosskurth, 1992). Diante dessa pergunta, Freud pretendia expor aos seus aliados as questões sombrias que haviam sido tema de pesquisa secreta com Ferenczi há mais de dez anos, pois considerava que o ocultismo era um fato tão elementar e extraordinário que seria capaz de ameaçar inclusive os inimigos da psicanálise².

² O inimigo a quem Freud se refere, nessa oportunidade, parece ser Jung. Seu ex-discípulo havia feito um doutoramento que versava sobre questões do ocultismo e Freud pretendia com suas afirmações psicanalíticas e céticas desmentir o seu antigo príncipe herdeiro.

O que se sabe de fato é que as investigações de Freud, de sua filha Anna e de Ferenczi sobre o oculto sempre produziram resultados duvidosos e cientificamente inconclusivos, apesar de servirem para o convencimento completo tanto de Freud, como de Ferenczi a respeito da validade deste fenômeno. Diante destes tipos de resultado, o autor vienense preferiu afirmar que existe uma diferença de natureza fundamental entre a Psicanálise e o ocultismo. Mas se Freud está formulando uma diferença epistemológica entre essas duas áreas, ele certamente não descarta a possibilidade de intercâmbio entre estes saberes. Portanto, é válido seguir a sua autorização e investigar um pouco mais a fundo, junto a Ferenczi, o que emergiu da convicção ocultista do húngaro. Logo, recorre-se a uma das experiências de Ferenczi para buscar uma inspiração especulativa a respeito dessa diferença e dela retirar o que foi sua contribuição à Psicanálise.

Em uma carta de 19 de dezembro de 1910, Ferenczi, que já estava convencido de suas habilidades mediúnicas, comenta como testava a transferência de pensamento:

Aqui e ali, até eu faço bem a coisa [...] para que o experimento dê certo, é preciso que o receptor esteja calmo, alegre, porém não demasiado agitado. Se estiver nervoso, serve mais para projetar emanções psíquicas. Impaciência atrapalha. O jogo lembra o esconde-esconde das crianças. Quem faz as perguntas controla, durante o processo de associação, se as associações são boas ou inadequadas, parece estar indicando constantemente a direção ao receptor. Às vezes, vemos claramente como o receptor inicia bem de longe com seus próprios complexos e pouco a pouco vai sendo levado para perto daquilo que deve adivinhar, damos a ele constantemente indicações mudas: frio ou quente. (Falzeder, Brabant, & Giampieri, 1994)

Esta passagem é fundamental para a compreensão de dois fatores. O primeiro é a presença de um tipo de racionalidade especial, vivida e sentida intensamente, tanto no diálogo entre Freud e Ferenczi, como nas experimentações telepáticas. Trata-se de uma “racionalidade sombria”, aquela que não se guia pelo desejo de domínio sobre um objeto, e que não apela à iluminação e ao esclarecimento (Aranha, 2003).

Essa qualidade da razão humana pode ser o ponto central das práticas ocultas que Freud e Ferenczi buscavam compreensão. Observar o interesse de Freud por esse tema seria como apontar uma inspiração romântica dentro do pensamento freudiano presentificada através da malha de seus conceitos científicos. Assim, não se nega a presença vitoriosa da Razão iluminista clássica na construção teórica de Freud, porém observa-se, em paralelo, a presença da força sedutora dos sentimentos como via de exploração e de elucidação de fatos observados.

A lição que se poderia tirar da pesquisa telepática de Ferenczi diz respeito, justamente, a este tipo de racionalidade capaz de assimilação ao invés de compreensão. Seria um modo de sintonia que se estabelece entre dois sujeitos que é descrita pelo húngaro com inúmeros adjetivos, que parece tanto regular a qualidade afetiva do encontro como estabelecer sua forma de contato. Dessa forma de comunicação particular é possível encontrar certa aproximação com o método de tratamento empregado e descrito por Freud em seus *Estudos sobre a Histeria*. Tratar-se-ia do recurso aos afetos enquanto elementos de sintonia e circulação entre os participantes, que estariam em jogo nas análises catárticas neste período. Dito de outro modo, entre a telepatia e a técnica psicanalítica haveria o solo comum de uma “imersão pelo afeto” (Schneider, 1994).

Da fina sensibilidade de Ferenczi em captar ou projetar ideias no momento de suas transferências de pensamento pode-se observar os efeitos do que seria uma “tomada de consciência” (*Annahme*) como elemento central de trabalho. Do mesmo modo, este elemento caracterizava o processo analítico feito por Freud nos anos em que trabalhou no hospital psiquiátrico, como aponta Schneider (1994). A autora, investigando as primeiras publicações de casos clínicos feitas pela dupla Freud e Breuer contidas no trabalho *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/2006), argumenta em recusa a uma gênese intelectualista contida nos processos catárticos e ab-reativos desenvolvidos na época.

Compreendendo que a ênfase na representação é fruto de leitura apressada dos textos de 1893-95, Schneider sugere que a linguagem empregada por Freud e suas pacientes estava marcada pela fluidez dos afetos em um tipo de exploração do psiquismo que se dava de forma emotiva, no qual a função sensível seria predominante. Isso é, existiria uma vontade de ser afetado e em afetar o outro no duplo movimento de sentir e se fazer sentir, tendo seu poder evocativo relacionado à possibilidade de sensibilizar e transformar o outro em sua via afetiva. Ao explicar de que se trata a *Annahme* a autora diz:

No momento em que Freud estudou o efeito perturbador da revelação feita a Elisabeth, designa assim esta consequência: ‘*Der effekt der Wiederaufnahme jeur verdrängten Vorstellung*’, o que a tradução francesa propõe como sendo: ‘o efeito da tomada de consciência de uma representação recalçada’. Todavia, uma expressão vizinha empregada por Freud, ‘*die Annahme*’, encontrará mais adiante uma tradução mais próxima de seu verdadeiro sentido: ‘os psicólogos admitem, geralmente, que a aceitação (*die Annahme*) de uma representação depende do gênero e da tendência das representações já reunidas no eu’. (Schneider, 1994, p. 70)

A ideia por trás da *Annahme* seria então a da aceitação, no sentido do “reconhecimento de uma realidade” própria, com a consequente libertação frente a mesma. Ou seja, estaria

implicada nessa aceitação uma proposta de autoconhecimento. Contudo, a autora ressalta que a noção freudiana não se aproxima da concepção reflexiva intelectual normalmente relacionada a essa experiência, e a produção de um “autoconhecimento” (p. 71) seria efeito de uma percepção afetiva que produziria uma relação de libertação diante de si-mesmo, ao invés de um controle.

Tendo observado que os sujeitos não tendem a se conhecer diretamente, Freud percebeu a dificuldade vivida cotidianamente nos processos de alavancagem da energia psíquica. Assim, a figura do analista entraria em cena para mediar uma mobilização das forças afetivas em uma espécie de jogo no qual ambos os participantes se influenciam durante o tempo do tratamento. Essa concepção estaria sutilmente presente nas elaborações clínicas da época de 1893-95. Assim, a *Annahme* freudiana não seria um movimento de um sujeito isolado que procura objetivamente ver algo, mas sim um movimento de engajamento do sujeito em contato com outro que acolhe em si um saber. Ao descrever essa experiência, Schneider (1994) aúfere a ela uma “conversão que torna repentinamente ilusória a bipartição sujeito-objeto que intervinha, sem dúvida, como defesa frente à nossa apreensão do mundo, que situaríamos à distância de nós como recusa de nos reconhecer imersos nele, participando dele” (p. 71).

Logo, seria a abolição da distância entre o sujeito e o objeto a responsável pela experiência de reconhecimento da própria realidade como movimento de tomada de consciência. A *Annahme* estaria assim no bojo de uma prática clínica contrária à necessidade de afirmação de um controle sobre o objeto, cujo propósito seria apenas a manutenção da ilusão de exterioridade.

Retornando à problemática institucional e política que pairava no movimento psicanalítico dos anos 1920, Freud se afetava com as afirmações de Jones e de Eitingon, e se encontrava preocupado com a penetrabilidade de suas ideias e com a ampliação das fronteiras de seu saber. Havia a explícita necessidade de abandonar as pesquisas relativas ao ocultismo para que a Psicanálise pudesse entrar oficialmente nos bastiões da ciência, ao menos até a virada de 1920.

Por motivos de penetrabilidade dentro do campo científico, Freud abdica de publicar suas investigações telepáticas deixando apenas algumas provocações nos meios oficiais. Porém, nunca é demais ressaltar como o mal-estar de Freud relativo ao problema do ocultismo promoveu frustrações: após o congresso de 1931, em conversa com Lou-Salomé, o vienense

expressa claramente: “se é mesmo necessário mergulhar nesse atoleiro, no interesse da pesquisa, desejo que isso não aconteça senão depois da minha morte” (Maia, 1995, p. 39). Logo, fica em evidência que, para se introduzir como uma ciência de respeito e para encerrar suas relações ultrapassadas com o velho mundo austro-húngaro, aos olhos de Freud Psicanálise precisava banir de seus debates oficiais as investigações sobre o ocultismo.

Deste “movimento de hesitação permanente entre sombra e luz, entre a paixão e a razão, entre o irracional e a ciência” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 753), Freud publicou alguns trabalhos de acentuado teor de reserva. A postura cética do autor é prevalente em todos os textos, mas uma progressão de sua abertura frente ao tema vai se formando ao longo dos anos até que Freud chega mais próximo de suas opiniões pessoais que compartilhava com seu círculo secreto de discípulos. Oficialmente são “apenas” seis trabalhos sobre o assunto³, nos quais, como já foi dito, o ocultismo é tratado como uma espécie de formação do inconsciente, encarada como um registro do irracional a ser combatido por Freud com seu poderoso Deus Logos.

Contudo, se observa as diversas “contradições” no registro oficial das obras psicanalíticas que tornam possível encontrar, em alguns momentos, a possibilidade de uma racionalidade animada não só pelo esclarecimento do lado oculto e sombrio do ser humano, mas também pela valorização desta dimensão enquanto um modo próprio de investigação, que seria mais flexível e passível de incluir o outro sem subjugar-lo, sem reduzi-lo à dimensão do mesmo. Verdadeiramente, pode-se dizer que Freud via no ocultismo um tipo de pesquisa capaz de destilar do psiquismo formas ricas de compreensão do si-mesmo. Desse modo, apesar de se manter filiado à lógica da ciência clássica, Freud não abre mão de uma escuta por uma outra forma de racionalidade.

A respeito dos três trabalhos sobre o ocultismo, emerge de forma sutil e nas entrelinhas a mesma lógica que já se podia vislumbrar desde os *Estudos sobre a histeria* e que foram relacionados com a dimensão de *Annahme*. Seria uma inspiração de ordem romântica em Freud que teria promovido uma aproximação com o desejo apaixonado de uma união direta e não mediada do espírito humano com o mundo, um certo panteísmo de forças atuantes de forma híbrida, que tornam o pensamento deste autor complexo e paradoxal.

³ São apenas seis trabalhos sobre o assunto (Freud, 1900/2006, 1905[1904]/2006, 1941[1921]/2006, 1922/2006, 1925/2006, 1933a/2006).

Uma breve revisão dos trabalhos sobre ocultismo publicados por Freud

A respeito do primeiro texto oficial e exclusivo de Freud sobre o ocultismo, intitulado *Psicanálise e Telepatia* (1941[1921]/2006), deve-se destacar como o mesmo, por ser fruto da tensão editorial já comentada que ocorreu com o comitê secreto em novembro de 1920, acabou não sendo lançado enquanto Freud ainda era vivo. A tensão presente entre a Psicanálise e a Ciência é o principal plano pelo qual Freud articula sua compreensão a respeito da telepatia: há um movimento de idas e vindas constantes ao tratar do tema, afinal Freud nunca escondeu seu desejo de elevar a Psicanálise ao status de uma ciência “dura”, como a Química e a Física; mas, ao mesmo tempo, o autor não se furta em investigar aquilo que a ciência oficial de sua época relegou a um segundo plano, pois, desde seus tempos pré-psicanalíticos, a complexa dimensão da transferência já se mostrava como um campo fundamental de investigação.

Vê-se a opinião de Freud sobre seus colegas a respeito deste ponto como um dado importante. Para ele, os membros de seu “comitê secreto” eram incapazes de suspender suas certezas preconcebidas; dizia Freud que seus pares eram “fundamentalmente mecanicistas e materialistas incorrigíveis” (Freud, 1941[1921]/2006, p. 191). E ainda a respeito da ambivalência freudiana contida nesta primeira publicação, nota-se, nas notas introdutórias de Strachey, que Freud não chegou nem a dar um título ao trabalho. Mais chocante ainda é o fato de que a conferência proferida a respeito deste tema deveria conter três casos, contudo, em um ato que depois foi assumidamente falho, o autor assume que um dos relatos foi esquecido. Apesar de não desenvolver as razões por traz de tal esquecimento, se forem usadas contra o mestre suas próprias ferramentas, não seria difícil afirmar como tal caso representa a realização de um desejo. Talvez, o desejo de que as afirmações contidas no trabalho não fossem refutadas com a apresentação de um caso real de telepatia.

O tom pesadamente cético encontrado no trabalho é fruto de uma escolha política que se justifica tanto pela questão mencionada acima – sobre os riscos de abalar a credibilidade da Psicanálise –, como também se trata de um posicionamento científico de Freud (Gay, 1990; Grosskourt, 1992). O autor recebera diversas represálias das ciências tradicionais durante a constituição das afirmações sobre o Inconsciente. Deste modo, Freud não queria reproduzir tais ataques simplificadores sobre um fenômeno bastante familiar e vivido por ele de forma

secreta. Assim, a descrença cética, contida em suas demoradas e desinteressantes análises, pode ser entendida como um apelo à imparcialidade do método investigativo, presente idealmente em qualquer cientista disposto a combater superstições sem fundamentos, investigando os fenômenos sem o abandono da razão (Gay, 1990).

A primeira oportunidade do público geral ler sobre o assunto foi com o artigo *Sonhos e a Telepatia* (1922/2006). Tentando ser imparcial e ao mesmo tempo inacessível ao seu público, Freud não confessa nada a respeito dos resultados das experiências de Ferenczi ou de suas certezas a respeito das vivências sobre as comunicações à distância, e sua publicação representa apenas um parcial abandono de prudência sobre o assunto Gay (1990).

Freud elege para seus textos uma postura diplomática, que segundo Gay (1990) é capaz de conciliar as investigações ocorridas nos bastidores dos anos 1910 e a necessidade de credibilidade científica do período que atormenta o autor até 1920. Quando Freud explica por que motivos se interessa em estudar os fenômenos do ocultismo, ele declara que se trata de uma compensação. Assim como a psicanálise recebeu críticas negativas ao longo de sua constituição por parte de inimigos descrentes de sua eficácia, verdadeiros porta-vozes cultos e esclarecidos do Saber comumente difundido, os fenômenos relativos ao Oculto também foram rejeitados, sendo tão marginais quanto a Psicanálise. Logo, a mesma não tinha motivos para reproduzir com desdém e arrogância a opinião pública.

No trabalho de 1922, Freud se esforça por explicar o *modus operandi* pelo qual os eventos de transferência de pensamentos se dariam. Diz Freud: “a própria concepção de sonho puramente ‘telepático’ reside em ser ele uma percepção de algo externo perante o qual a mente permanece passiva e receptiva” (Freud, 1922/2006, p. 220). A ideia de um receptor sensível à captação de pensamentos ou palavras se aproxima da famosa “metáfora do telefone”, empregada pelo autor no texto *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise* (1912a/2006). Freud emprega essa metáfora para explicar como o analista deve fazer pleno uso do que surge no encontro de uma análise, principalmente do material inconsciente oculto revelado através do funcionamento mental do paciente em suas associações; para tal, o analista deve assumir um papel de correspondência ao estado mental do outro, adquirindo uma suspensão de objeções e entrando em um modo de atenção definido pela capacidade de flutuação. A respeito deste estado mental, Figueira (1994) comenta como Freud remete o analista e seu *posicionamento subjetivo* como responsável pela criação do ambiente transferencial que configura uma terapêutica psicanalítica, “mostrando assim que é o psiquismo do analista quem faz a análise de seu paciente” (p. 21).

Há muitos anos Freud já havia enunciado o princípio técnico da comunicação inconsciente, dizendo que o analista não deve “tolerar quaisquer resistências em si próprio que ocultem de sua consciência o que foi percebido pelo inconsciente” (Freud, 1912a/2006, p. 129). Dessa passagem fica clara a percepção do autor de que o inconsciente é, ele mesmo, um instrumento de interpretação. Neste ponto, as investigações ferenczianas a respeito da forma como as representações carregadas de afeto seriam passíveis de transferência sem recurso verbal colocam-se em evidência, e entra em questão a condição de possibilidade para que se produza na análise tal dimensão de escuta. Afinal, como se livrar das censuras para melhor afinar o inconsciente de modo a *sintonizá-lo* como um instrumento da análise?

Possuir um aparelho inconsciente com capacidades perceptivas e tradutórias deste porte exige um processo de construção. Freud e Ferenczi concordavam a respeito da necessidade de que os analistas tenham se submetido a uma experiência de análise pessoal. Ou seja, é fundamental que se opere uma modificação do aparelho psíquico do analista via experiência própria de transferência e contato com o seu Inconsciente. Essa dimensão se tornou tão relevante na obra de Ferenczi, que ele chegou a propô-la como a “segunda regra fundamental da psicanálise”. Tal tema constitui a metapsicologia do analista e versa sobre as questões relativas à compreensão de seu próprio funcionamento.

Sem jamais abandonar o racionalismo positivista do iluminismo, mas também se permitindo pensar com uma lógica alternativa que aceita a presença de tendências distintas, Freud demonstra uma profunda matização em seu pensamento. O profundo paradoxo implicado nessa amplitude de pensamento, junto com as questões editoriais relacionadas à dimensão política que a Psicanálise enfrentava, produzia em Freud uma ressalva não encontrada em seu correspondente húngaro. Ferenczi foi então capaz de desenvolver a técnica psicanalítica justamente porque não se encontrava nesse embate. De forma bem menos tímida, o húngaro possuía uma sensibilidade ampliada diante dos fenômenos sutis e se permitia ao deslumbramento com as possibilidades de investigação dos fenômenos telepáticos. Dessa liberdade de pensamento e criação, avançaram as primeiras teorizações oficiais a respeito do conceito de transferência.

A telepatia e o conceito de transferência se relacionam de formas curiosas. A esse respeito, destaca-se a seguinte resposta de Freud para Ferenczi em 06/10/1909:

a única coisa que vejo por ora é: pode-se supor tranquilamente que a pessoa leia com os olhos o que colocamos à sua frente [...] não que a mulher possua particulares dons elevados. O Sr. realmente não precisa lamentar não ter perguntado pelo futuro. Ele se

renova constantemente, nem o bom Deus o conhece antecipadamente. Mas *a transmissão dos pensamentos (Übertragung) do Sr. por vias incompreensíveis é algo notável e talvez uma novidade possível*. Silencie a respeito, teremos de fazer outros experimentos. [itálicos nossos] (Falzeder, Brabant & Giampieri, 1994, p. 141)

Deste trecho, nota-se como a palavra ‘*Übertragung*’, que se traduz por transferência, se vincula diretamente à possibilidade de captação de afetos através de uma espécie de troca psíquica ocorrendo em um nível fora do controle consciente. Além de mais uma irrefutável prova sobre o interesse privado de Freud sobre os fenômenos ocultos, ocorre que ambos os psicanalistas percebiam nos afetos um veículo de estimulação das faculdades sensíveis da alma. Seguindo a investigação e recorrendo a mais uma correspondência trocada apenas dois meses depois, fica claro como as habilidades pitonísíacas da sensitiva madame obtinham elevada consideração por parte de ambos os psicanalistas, que debruçavam vivaz interesse em elucidar o modo como o fenômeno transcorria. Diz Ferenczi:

foi para mim também uma experiência de primeira ordem e, apesar do efeito abalador de uma manifestação psíquica aparentemente nova, fiquei contente por ter podido manter minha presença de espírito e comportar-me como um observador crítico [...] a transmissão de pensamento ocorria até agora por vias inexplicáveis, o despertar de impressões visuais por meus pensamentos (cs. ou ics.) em um psiquismo estranho ao meu. (Falzeder, Brabant & Giampieri, 1994, p. 144)

Essa possibilidade de comunicação entre duas mentes é resgatada por Freud ao longo de alguns de seus trabalhos, mas é em sua maturidade, no seu último trabalho relacionado ao tema, que ela demonstrará seu potencial clínico inerente. É então na *Conferência XXX–Sonhos e ocultismo* (1933a/2006) onde se encontra os mais reveladores pensamentos do autor, que estava finalmente tranquilizado quanto ao temor de as perspectivas científicas da psicanálise serem ameaçadas.

Ainda que a postura de neutralidade seja mantida, Freud assume a opinião de que: “os processos mentais numa pessoa podem ser transferidos para uma outra pessoa através do espaço vazio, sem o emprego dos métodos conhecidos de comunicação que usam palavras e sinais” (Freud, 1933a/2006, p. 46-7). Assim, a comunicação entre duas mentes pode ser realizada sem que haja um meio físico como o da fala, entrando em seu lugar não o vácuo, mas sim o Inconsciente. Dito de outro modo, alguns conceitos e elementos constitutivos da clínica psicanalítica são tributários das preocupações freudianas a respeito da ‘transmissão de pensamentos’ e receberam dela importantes especulações, como é o caso da “metáfora do telefone”, considerada a partir de então como a abertura mais ousada feita por Freud no

tocante à empatia, pois permite pensar o inconsciente do analista como aparelho de captação e reconstrução do inconsciente do paciente (Gondar, 2008).

Se a teoria da realização de desejos não é suficiente para dar conta do assunto e não convence nem mesmo Freud, deve-se investigar uma outra possibilidade que está contida de forma tímida nas obras oficiais. Ora, compreendendo a atividade mental inconsciente enquanto um “*apparatus*” capaz de interpretar e desfazer as deformações imputadas pelas pessoas aos seus próprios sentimentos, entra em cena a importância das emoções em sua dimensão de afetação neste aparelho psíquico.

Falar da implicação dos afetos para a obra freudiana mereceria um trabalho inteiro, já que esse tema constitui uma problemática profunda. No tocante à telepatia, observa-se a importância dada aos mesmos na seguinte passagem:

Um evento, que ocorre em um determinado tempo, aproximadamente no mesmo momento chega à consciência de alguém distante no espaço, desprezando as vias de comunicação conhecidas. Pressupõe-se implicitamente que tal evento *interessa a essa pessoa*, por quem a outra pessoa (o receptor da informação) tem um *intenso interesse afetivo*. [itálicos nossos] (Freud, 1933a/2006, p. 44)

Dessa definição, Maia (1995) observa como há uma participação importante relativa aos afetos. Diz a autora que Freud diferenciava a transmissão de pensamento e a telepatia justamente no tocante ao elemento afetivo; o primeiro se caracteriza pela transferência de ideias, afetos e imagens de um psiquismo para o outro através do espaço vazio, sem que se utilizem os meios verbais de comunicação.

Já no caso de uma telepatia, seria imprescindível a vinculação afetiva entre os pares. Seria o *laço afetivo* estreito entre as pessoas o elemento possibilitador da comunicação telepática e, assim, se tornaria possível que adivinhos pudessem dar expressão aos desejos secretos daqueles que os procuram. Logo, estaria no desejo de ter sua mente lida, que um sujeito se abria para a comunicação telepática e aí sim reside a telepatia enquanto realização de desejo, como Freud a preconizava.

Freud (1933a/2006) não só aproxima a telepatia de processos arcaicos de comunicação entre indivíduos, que evoluíram ao ponto de serem substituídos pelo uso de signos e de palavras para melhor serem captados pelos órgãos de sentido, como acrescenta que qualquer comunicação – seja ela telepática ou não – sempre decorre de um processo físico, pelo qual o meio mental se transforma em um dos extremos e se reconverte mais uma vez no mesmo processo mental no outro extremo.

As obscuras investigações de Helene Deutsch

Deutsch foi uma psicanalista pioneira no estudo da feminilidade, que esteve ao lado de Freud por alguns anos, inclusive fazendo parte de seu círculo íntimo de amigos nas quartas feiras, no período de 1916. Na conferência XXX, sobre os sonhos e o ocultismo, Freud (1933a/2006) chama a atenção para as pesquisas de Deutsch após afirmar que ele próprio está impedido de levar adiante suas especulações, indicando a seus leitores os trabalhos da polonesa como uma referência de consulta.

O trabalho recomendado diz respeito a uma interessada pesquisa sobre os fenômenos ocultos que se chama *Occult processes during Psychoanalysis* (Deutsch, 1926/1974), no qual a autora reafirma a postura de Freud, não negando a possibilidade destes fenômenos existirem, e indo ainda mais longe ao trazer considerações criativas que podem ser aproveitadas no tocante aos estudos da empatia, justamente por sua diferenciação quanto à telepatia.

Para a autora, a Psicanálise se relaciona diretamente com o ocultismo e estaria apta para desvendar estes fenômenos obscuros, pois sua metodologia de investigação faz uso do Inconsciente, que seria o elemento principal capaz de produzir insights sobre estas questões.

Afirmando o compromisso com a produção de saber pelas vias do não racional, Deutsch desloca o centro de gravidade de produção do conhecimento da psicanálise para essa área e investiga experiências individuais que não seriam explicáveis através de métodos da volição consciente. Sua riqueza de pesquisa reside, justamente, na valorização de uma noção freudiana importante, isto é, que o Inconsciente seria uma categoria original de onde se constitui o resto do aparelho psíquico. Assim, ao interpretar os eventos ocultos sem querer atribuir a eles explicações causais, Deutsch avança em sua mudança de atitude diante destas experiências. Dito de outro modo, a autora assume o referencial de nascimento do Inconsciente no mundo intrapsíquico do indivíduo e, com isso, propõe que a psicanálise pode dissecar através de sua técnica o ambiente em que tais processos – ditos místicos – começam.

Ao defender que lembranças fortemente marcadas emocionalmente poderiam ser transferidas sem muita dificuldade (Deutsch, 1926/1974), sem muito constrangimento, a autora desvela a opinião privada de Freud a respeito da possibilidade da percepção de processos mentais por vias sensoriais não relativas ao aparelho consciente (Cs). Tais

processos seriam a emergência de ideias provenientes do Inconsciente que seriam transmitidas por vias telepáticas e através do contato direto dos inconscientes das pessoas. Sabe-se que Freud não discute em detalhes sobre quais circunstâncias são necessárias para uma pessoa cujos pensamentos estão sendo transferidos receba essa carga emocional de ideias complexas, vindas do inconsciente. Então Deutsch levanta a suspeita de que se trataria de uma atividade *reativa* do Inconsciente que se manifesta sobre certas condições relativas à própria situação da transferência psicanalítica.

A descrição acima aponta topograficamente para o local onde ocorrem esses processos numa psicanálise. Estabelecido entre analista e analisando, o tipo de contato ao qual se aponta recebe o nome de fenômeno oculto, pois se passa fora da consciência; contudo, resgatando a metáfora telefônica de Freud, o que entra em questão é a capacidade de estimulação por uma via e de retranscrição por outra, ou seja, de uma primeira estimulação de sentidos via Inconsciente derivaria o subsequente processamento intelectual destes estímulos. Assim, a percepção Inconsciente do analista é a sua habilidade de revelar e utilizar intuitivamente esses pequenos elementos de percepção.

Deutsch chama de “empatia intuitiva” (p. 136) a capacidade que transcende a própria consciência porque floresce das fontes do Inconsciente. Para ela, trata-se de um estímulo inspirador, percebido inconscientemente pelo analista, que deve ser transformado em um insight para ser usado de forma sóbria na análise. Dito de outro modo, o conteúdo afetivo emergente do (no) analisando sai de seu inconsciente e se transfere para a experiência interna do analista, podendo ser percebido como pertencente ao analisando somente no curso do subsequente trabalho intelectual.

Assim seria possível estabelecer uma analogia entre o fenômeno telepático e o que foi chamado de “empatia intuitiva”, pois em ambos se observa a transformação de uma mensagem, emanando de um objeto externo para dentro de uma experiência interna, e a imediata atividade de reprojeção desta experiência para sua origem, através da atividade intelectual consciente.

Bolognini (2008) comenta sobre esta passagem, especificamente sobre a reprojeção intelectual, que Deutsch está falando da possibilidade regressiva do analista. Então, para empatizar com seu analisando e poder alcançar o “sentir com” empático, Bolognini, acompanhando Deutsch, sugere que é necessário se produzir um estado crepuscular de confusão entre eu e outro. Neste comentário, afirma-se como a empatia é um conceito que se

destaca dos estudos sobre a telepatia e se caracteriza aqui como um modo de funcionamento do analista no momento “intelectual” posterior ao da interpretação, consistindo em um esclarecimento para si dos afetos em circulação. Quando o analista se assombra com a sua identificação ao conteúdo do analisando e percebe que este conteúdo foi capturado por ele graças a um desejo do paciente de se fazer entender, pode-se dizer que houve empatia. Assim, Deutsch se refere à atitude interna do analista, relativa à sua metapsicologia particular: uma renúncia temporária de suas funções de controle psíquico consciente sobre si, decorrendo na possibilidade de experimentar introjetivamente a experiência alheia.

Observa-se como a atitude de uma “empatia intuitiva” coloca em questão a possibilidade de experimentar o conteúdo de uma situação analítica pela via de uma identificação parcial. Tal “dom” é permitido ao analista porque sua estrutura psíquica é o produto de um processo de desenvolvimento similar àquele que o analisando também experimentou. De fato, como propõe Deutsch (1926/1974), o Inconsciente de ambos, analista e analisando, contêm os mesmo impulsos e desejos infantis e, por esta via, estão conectados (p. 137).

Ao falar sobre o poder do estado crepuscular do analista de se identificar parcial e/ou complementarmente com o analisando, a autora alerta também para seus riscos. Como a comunicação se estabelece por via de desejos e impulsos infantis compartilhados, existe o perigo de que conflitos não resolvidos do analista o levem a se fixar em alguns elementos do paciente produzindo efeitos iatrogênicos relativos à contratransferência. Contudo, é necessário pormenorizar esta explicação, uma vez que a contratransferência é, para Deutsch, também o motor da atitude intuitiva que gera a empatia.

A autora aponta que os objetos infantis só são úteis ao analista caso sejam constituídos de traços mnêmicos decorrentes de tendências abandonadas, e, com isso, alerta para o fato de que a situação analítica produz a excitação dos mesmos impulsos em ambos os participantes, porém, no analisando eles devem ser da ordem de uma transferência, enquanto no analista não podem passar de uma atitude complementar, na forma de identificação parcial. Dito de outro modo, o analista recebe a libido infantil não gratificada do analisando na forma de desejos e deve se identificar com os objetos originais responsáveis pela produção destes impulsos; para isso, o analista é obrigado a renunciar sua personalidade real para poder se identificar com estas figuras. É justamente na atitude de abandono da própria personalidade que reside a chave para a atitude complementar que se afasta de uma perigosa identificação real e contratransferencial.

A ideia de uma aliada identificação parcial e complementar foi desenvolvida anos depois por Racker (1982), que denominou de “identificações concordantes” os casos em que o paciente suscita no analista conteúdos afetivos e representacionais semelhantes aos seus. As variantes dessa *modalidade de resposta contratransferencial* são, na visão deste autor, referências ao desejo do analista, que visa sempre à intenção de compreender seu analisando, criando uma determinada predisposição para se identificar com ele. Figueiredo (2003) aponta que os afetos e representações suscitados no analista são característicos da posição dos objetos do paciente e faz um testemunho sobre a experiência do analista que tende a ser capturado pela intensidade dos afetos e pela força das fantasias:

Uma outra particularidade da chamada contratransferência concordante é o fato de que o analista se ‘identifica’ com aspectos que o paciente exclui e não assume como seus: por exemplo, seu ódio, sua indignação, seu pânico, sua necessidade vital, etc. Ou seja, trata-se de uma identificação contratransferencial estranha que não só pode ser perturbadora para o analista, como pode ser totalmente repudiada pelo paciente, que não quer saber nada da experiência que ele mesmo gerou no analista. Para o analista, é como sentir uma profunda compaixão pelo mendigo orgulhoso que não pode admitir a própria pobreza. É de ficar louco: amedrontado, confuso, enfurecido, excitado, etc... sem saber muito bem por quê. (Figueiredo, 2003, p. 120)

Racker chama de *enactments* o momento em que o analista ocupa o lugar dos objetos do paciente e se comporta como eles. Este tipo de trabalho suscita no analista uma sensação inevitável e necessária de loucura. O analista “parece sentir e agir como se estivesse louco” (Figueiredo, 2003 p. 173). Nos termos que está sendo tratada a questão, o analista sente e pensa no lugar do paciente. O problema que se coloca em questão é o quanto o analista pode e deve se dispor às encenações, já que suas próprias fronteiras egoicas entram em jogo. De forma resumida, pode-se dizer que a proposta de Racker complementa a contribuição de Deutsch através de sua noção de identificação concordante: trata-se da possibilidade de uma relação identificatória, na qual as partes da personalidade do analista se conectam com as do analisando feitas com o objetivo de adquirir compreensão e de modo consciente; seriam através de mecanismos de introjeção e projeção dos objetos do paciente que ressonâncias no analista se produziram e, em última instância, comporiam um processo de equiparação entre o que é próprio de um com o alheio ao outro (Racker, 1982).

Certamente as investigações sobre a telepatia expõem a Psicanálise a muito mais do que um problema relativo à validação de sua cientificidade. O próprio termo, surgido em 1882, é concebido originalmente para explicar o fenômeno da influência de uma pessoa sobre a outra através de uma tele (longe) pathos (emoção), estabelecendo o tipo de problemática vivida no âmbito da clínica desde seu começo; desse modo, a Psicanálise se vê obrigada a

constituir para si um lugar próprio, com diferenças e semelhanças. É então a partir do jogo de luz e sombras, entre uma primazia demasiadamente racionalista em oposição à violenta maré negra de emoções que se recusam ao silêncio, que se estabelece um importante debate no qual Ferenczi ocupa um lugar central, como se verá a seguir.

Mas, afinal, o que Freud tiraria de proveitoso em um debate sobre a telepatia com Ferenczi? No período de 1910, a Psicanálise já havia feito importantes investigações no campo prático da clínica e buscava estabelecer uma teoria original de princípios formais. Freud foi o homem que, no final do século XIX, se abriu suficientemente a um campo de investigação marginalizado por sua sociedade.

Abrindo mão de parte do cartesianismo e do saber instituído pela medicina positivista, o vienense pôde investigar com hipóteses próprias os estranhos fenômenos relatados a ele em 1888 por Breuer, e assim fundou tanto uma explicação própria, como uma modificação original do método de sugestão hipnótica, usado em prol de investigar as partes não-conscientes da alma humana, que haviam sido observadas na Salpêtrière e em Nancy.

Já no começo do século XX, o autor se vê obrigado a estabelecer diretrizes operacionais e manipuláveis para consolidar os fenômenos que já haviam sido observados, contextualizados e provados. Com esse objetivo em mente, é possível dizer que Freud pretendia usar sua criação como os microscópios da época do laboratório de Brucke: a Psicanálise deveria ser capaz de solucionar os fenômenos ocultos. Assim, Freud decide deixar seu empolgado discípulo fazer levantamentos a respeito de estranhos fenômenos psíquicos para poder contestá-los. Dito de outro modo, as intenções do mestre eram provar, em todas as categorias possíveis, como a Psicanálise seria uma ciência capaz de explicar os mais vastos campos do humano; por outro lado, Ferenczi, que viu as descobertas provenientes das patologias histéricas constituírem as bases do novo saber, se animava com o potencial exploratório inaugurado por Freud.

O que se observa desse diálogo é a tentativa do mestre de Viena em provar como as transferências de pensamentos são elementos completamente explicáveis e manipuláveis pelo saber determinado e positivo da Psicanálise, constituindo um fenômeno meramente físico que se explica pela existência do Inconsciente. Todavia, do outro lado do império austro-húngaro, o paladino inquisidor da psicanálise pretendia encontrar nos fenômenos ocultos mais da verdade que habitava na alma humana. Nesse sentido, Ferenczi foi muito mais um provocador de Freud do que o seu reverso: não era mais o mestre, detentor do saber, que indicava ao

discípulo um caminho, e sim o contrário; Ferenczi produziu grandes articulações fundamentais ao saber clínico, como, por exemplo, a importância da participação dos afetos do analista diante do encontro com seu paciente.

Ferenczi era estimulado por uma cultura muito diferente. Esse autor circulava com mais liberdade e flexibilidade que seu mestre por diversas frentes de produção cultural. As descobertas da psicanálise foram para ele, sem dúvida, uma grande contribuição e um preenchimento existencial. Contudo, as mesmas eram afinadas a outros articuladores importantes, como por exemplo: a hipnose, a mística e os estudos sobre evolução. Doravante, as teorias de Freud compunham uma descoberta única, capaz de auxiliá-lo em seu grande desejo de pesquisar as profundezas da psicofisiologia⁴. Obcecado por essa possibilidade, a mente inquisidora de Ferenczi avança sobre as profundezas de fenômenos obscuros sem a cautela necessária do seu mestre, que tinha combates no campo político a travar.

Antes de seguir em frente, um último comentário. Apenas um ano após a morte de Ferenczi, em 1933, a opinião de recusa frente à telepatia, proferida por Freud, sofre uma importante virada e se converte em uma aceitação do fenômeno. Estaria aí explicitada a complexidade da relação desses dois homens; se Freud, treze anos antes, sugeriu que seus pares escrevessem sobre o tema do ocultismo, o mesmo autor teve de puxar as rédeas de seu discípulo húngaro quando o mesmo desejava expor seus trabalhos. Logo, se houve um parcial fechamento teórico de Freud sobre o tema do ocultismo esse processo foi uma necessidade política de afirmação teórica.

Pode-se então sugerir que Freud temia o ocultismo? Impossível dizer. Mas é aceitável imaginar como o autor tinha receios dos abalos que esse campo de estudo poderia provocar em sua disciplina. Como Ferenczi já estava convencido do potencial revolucionário da Psicanálise desde que leu pela primeira vez a *Interpretação dos Sonhos*⁵, a temática da telepatia compunha apenas mais um dos importantes assuntos da Psicologia. Cabe agora investigar qual era o meio ambiente em que se encontrava Ferenczi que permitia um debruçamento tão livre e profundo, trabalho a ser realizado no próximo tópico.

As ideias de Deutsch a respeito do estado de obnubilação da consciente do analista parecem ser uma das primeiras tentativas de se registrar uma práxis voltada tanto à

⁴ O termo psicofisiologia é usado por Freud em suas cartas trocadas com Ferenczi.

⁵ Sabe-se que antes de ler o livro, o primeiro contato do autor foi em 1893 quando o mesmo teve de resenhar para a revista *Gyógyászat* a teoria de Freud sobre o papel da sexualidade. Nessa oportunidade, Ferenczi disse não ver nada de interessante nas propostas do Vienense. Fato que muda radicalmente em 1900.

intersubjetividade como a um modo de funcionamento que não privilegia a consciência. Nesse sentido, tais considerações mereceram ser destacadas como um tipo de fazer psicanalítico que será continuado na contemporaneidade por outros autores, aos quais, infelizmente, não será possível contemplar no presente momento.

A importância do saber místico

Imagine que *eu sou um formidável vidente, ou melhor, leitor de pensamentos!* Leio (em minhas associações livres) os pensamentos de meus pacientes. A metodologia futura da ΨA deverá tirar proveito disto. (Falzeder, Brabant & Giampieri, 1994, p. 293)

Certamente, o ser humano jamais poderia caber em categorias estanques por muito tempo e, quando “Isso” se impõe, algo soa estranho. No antigo mundo grego, a noção de *physis* implica um movimento de expansão; a raiz terminológica *phyo*, original da palavra, significando “eclodir”, “brotar”. Essa raiz adjetiva a ideia de Natureza e dá a ela um correlato e inerente princípio de indeterminação.

Aquilo que está em constante movimento de expansão ficará para sempre fora dos limites da determinação. Por que para fora? Pois nas margens da *physis* encontra-se o *nomos* – representando a *regra* cultural –, a *techné* – o modo de fazer –, e o *logos* – a razão da linguagem. Consequentemente, certos filósofos gregos procuravam definir os limites da Natureza além das determinações e representações. Neste sentido, o brotar seria um retraimento por princípio, algo que, ao se mostrar, escapa. Dito de outro modo, e nas palavras de Heráclito, “a natureza gosta de ocultar-se” (Garcia-Roza, 1984).

Ainda na trilha das definições provenientes da etimologia, a palavra *Myo*, em grego, significa ‘esconder’, ‘calar’ ‘ocultar’. Tal palavra se encontra na raiz da *mysis*, cujo significado é “mística”. Logo, entre a Natureza dos gregos e a mística existiria uma relação particular de desvelamento e de ocultação. A observação desse movimento e a devida compreensão da integralidade do universo enquanto força única que percorre todos os elementos existentes conceberia uma apreensão monística estrutural da realidade.

O pensamento, quando leva em consideração a mística, pode ser compreendido para além da mera capacidade de produzir determinações especulativas ou filosóficas. A potência

adquirida pela atividade de pensar torna-se ato de consciência; ao se abrir mão de uma suposta possibilidade de plena objetividade na elucidação dos fatos, reestabelece-se para o pensamento a interconexão entre o psiquismo e a integralidade do universo e, assim, aquilo que teima em se ocultar pode ser desvelado. Estabelece-se tão logo um tipo específico de conhecimento das relações intersubjetivas, passível de ser nomeado como uma mística da Natureza – uma experiência marcada por outro tipo de entendimento que está além do racionalismo simples, que se distingue pela exploração da riqueza anímica das experiências humanas sem incorrer em qualquer atravessamento confuso pelo sobrenatural ou pelo contato com fenômenos supostamente transcendentais.

A originalidade de Ferenczi relativa aos assuntos do ocultismo

Apesar das ideias ferenczianas sobre um funcionamento telepático da mente não terem constituído teorias psicanalíticas próprias, elas podem ser relacionadas com as suas mais importantes inovações teóricas e técnicas (Gyimesi, 2012). Como foi demonstrado no tópico anterior, o tema da telepatia não recebia dos meios científicos oficiais um tratamento livre de preconceitos e, por isso, torna-se uma difícil tarefa avaliar as contribuições para a psicanálise provenientes dos experimentos telepáticos do autor. Contudo, é inquestionável que Ferenczi estava profundamente interessado pela transferência de pensamento e encorajou pesquisas sistemáticas neste campo.

Foi exposto como Freud e Helene Deutsch também conduziram movimentos especulativos de valor neste campo. Contudo, se Freud foi tímido em suas articulações porque possuía uma visão de ciência ambivalente e ocupava um lugar político delicado, Ferenczi seguramente pôde ser arrojado em suas pesquisas porque era um pensador mais livre das amarras do racionalismo. Não se está sugerindo, de forma alguma, que Freud desconsiderava a validade dos fatos sombrios, ou que era um pensador de segunda linha; pelo contrário, suas últimas considerações oficiais apenas serviram para validar nestes meios suas opiniões pessoais e foi justamente a possibilidade de uma colaboração de pesquisa, na qual a relação pessoal entre Freud e Ferenczi ocupa o lugar central, que um debruçamento vivo a respeito desses fenômenos pôde se tornar uma realidade.

Ferenczi possuía uma bagagem pessoal relevante. A Budapeste do final do século XIX era um ambiente favorável à abertura do pensamento romântico que pairava sobre a

Alemanha. Safranski (2010) aponta como o desenvolvimento do Romantismo neste período produzia uma crítica importante ao iluminismo, com a sua proposta de esclarecimento utilitarista dos fatos da vida. O iluminismo, como aponta o autor, tenderia a produzir um vazio existencial, ao dar predominância à racionalidade lógica. A luz das ciências naturais, com a sua tendência a nivelar tudo, representava uma visão tão bidimensional da alma humana, que inspirava em alguns um verdadeiro terror. Dirá Safranski a respeito do iluminismo: “quando pensa poder gerar uma verdadeira imagem do homem, quando finge saber o que é de interesse geral é quando estabelece um novo regime de opressão em nome desse bem comum” (p.36).

No mundo da ciência psicológica, muitas explicações diferentes foram dadas para o Ocultismo. Dentre essas, Ferenczi se conjugou aos pesquisadores que apontam para os processos subliminares ou inconscientes, sendo um autor que se destaca porque não procurava refutar a validade dos fenômenos místicos. Desde o início de sua empreitada na Psicanálise, o autor (Ferenczi, 1909/2011, 1912b/2011, 1913b/2011) já indica a possibilidade de tais fenômenos estarem relacionados com o psiquismo do indivíduo. Ferenczi (1928a/2011, 1988[1932], 1933/2011), em suas inovações técnicas e teóricas, concebe o dispositivo psicanalítico como uma prática intuitiva e investigativa, alicerçada na implicação emocional.

Ao pensar a respeito do desenvolvimento de um sujeito desde seus momentos mais precoces até os momentos de plena atividade de suas funções orgânicas e psíquicas, Ferenczi (1913b/2011) compreende o desenvolvimento do sentido de realidade como uma interconexão do interno com o externo. Sua reflexão sobre esse desenvolvimento é um desdobramento de suas ideias sobre a introjeção, e descreve como o psiquismo infantil origina a realidade exterior ao mesmo tempo em que a realidade externa constitui o psiquismo infantil. Tal leitura salienta a fluidez entre o Eu e o não-eu, na qual diferenças e fronteiras se perdem. Ou seja, ao conceituar o processo pelo qual o mundo, inicialmente monista, se transforma em dualista através de uma conquista do desenvolvimento e, conseqüentemente, na forma de uma continuidade, Ferenczi mantém em jogo a realidade dos fenômenos ditos mágicos.

Assim, o autor explicará que a interpretação psicológica da ‘magia’, que era compreendida como a mera realização de desejos, comporta apenas uma tentativa de explicar o fenômeno físico por trás da crença na magia. Ou seja, de forma sutil, Ferenczi está deixando em aberto a possibilidade de que os pressentimentos vividos diante de fenômenos ditos ocultos tenham uma relação com as fases do desenvolvimento pregressas, aquelas dos gestos mágicos (Ferenczi, 1913b/2011).

Ressalta-se dessa opinião como a visão de Ferenczi ficou profundamente marcada ao longo de toda a sua obra pelas investigações realizadas no começo de sua carreira psicanalítica com a transmissão de pensamentos. Em seus últimos trabalhos, o autor continua pensando em um horizonte de prática clínica, no qual a afetação implicada de dois sujeitos é um elemento fundamental para a realização da tarefa analítica (Ferenczi, 1928a/2011, 1988[1932], 1933/2011). As formulações para uma técnica cujo fundamento é a necessidade de um trabalho essencialmente empático, ou seja, de comunicação da experiência afetiva, estabelecem os pilares de toda uma matriz intersubjetiva para a Psicanálise.

Pensando sobre a teoria da técnica, os pensamentos de Ferenczi a respeito do ocultismo inauguram uma forma de pesquisa sobre o campo da contratransferência. Diferentemente de Freud que só usa a palavra contratransferência três vezes em toda a sua obra (Gondar, 2008) e, mesmo assim, mantém sobre ela uma visão de neutralidade do analista, Ferenczi, de outro ponto de vista, conjectura a participação direta e implicada dos complexos inconscientes do analista. Essa forma de implicação afetiva contribuiria na tendência para a introjeção/projeção, elemento fundamental que permite não só a constituição do psiquismo, como também a separação do sujeito com o mundo. Esta ideia permanece no coração da teoria ferencziana, recebendo nova menção mais de vinte anos depois, no *Diário clínico*:

o contato da personalidade infantil com o universo e assim, portanto, que a sua sensibilidade é muito maior do que a dos adultos [...] nesse estado precoce toda pessoa entra ainda em ressonância com o mundo circundante, e não apenas ao nível de certos pontos que permaneceram acessíveis, a saber, os órgãos dos sentidos. As chamadas capacidades supranormais, o fato de ser sensível a processos que se desenrolam fora das percepções sensoriais [...] poderiam muito bem ser processos cotidianos [...] os médiums espíritos, se é que realizam seja o que for, devem suas capacidades a uma regressão a essa suprema sabedoria e onisciência infantis. (Ferenczi, 1988[1932], pp. 117-8)

Ao considerar que é possível reagir ou ressoar diante de complexos inconscientes de outrem, Ferenczi defende que transferência e contratransferência são fenômenos produzidos a partir dos processos constitutivos de introjeção e projeção; neles, os conteúdos interiores e exteriores do psiquismo poderiam ser transmitidos e confundidos. Toda uma trama de conceitos psicanalíticos e de desenvolvimentos teóricos foram elaborados pelo autor em sua tentativa de abarcar, dentro da psicanálise, uma dimensão da alma humana que havia ficado, até então, excluída do campo científico. Certamente, essa empreitada não ocorreu de forma descautelada e seus resultados ora eram profícuos, ora arrefecidos.

A postura particular de Ferenczi: uma juventude em Budapeste

Aos vinte e cinco anos, Sándor trabalhava como médico geral com populações marginais no hospital de Rokus em Budapeste. Dessa época de sua vida, o então neuropsiquiatria relata o desprazer de estar longe de sua verdadeira vocação e impedido de entrar em contato com as situações psicológicas que deseja. Ele decide, então, fazer experimentos em si próprio. Assim, após um jantar, Sándor se dirige ao quarto dos internos e, depois da meia-noite, engata uma atividade de “escrita automática”. Desse evento dirá:

Janet tinha publicado observações interessantes a esse respeito. Pensei que a hora tardia, a fadiga e um pouco de emoção favoreceriam o ‘desdobramento psíquico’. Assim, peguei num lápis e, segurando-o levemente, coloquei a ponta numa folha de papel em branco; estava decidido a abandonar por completo o instrumento a si mesmo [...] Primeiro vieram garatujas sem qualquer significação, depois letras e algumas palavras (nas quais não tinha pensado) e, finalmente, frases coerentes. [...] O lápis fez-me então a seguinte proposta: ‘*Escreva um artigo sobre o espiritismo para a revista Gyógyászat, o seu redator ficará interessado*’. (Ferenczi, 1898/2011)

De fato, no ano seguinte, o artigo *On Spiritism* (1899/1963) é publicado e sua tese geral versa sobre um funcionamento ‘subconsciente’ e oculto da psique, desvelado quando eventos de ordem sobrenatural se expressam. Observa-se desse evento a sensibilidade de Ferenczi para a possibilidade de tais fenômenos e sua significação para os estudos da psicologia; não havia em seu espírito nenhuma dose de ceticismo capaz de poupá-lo da reflexão já realizada ao longo de todo o século anterior a respeito das divisões da mente e do automatismo mental.

A postura de Ferenczi é particularmente importante, pois o autor é um dos poucos de sua época a arriscar a reputação e o nome de cientista em uma cruzada investigativa que normalmente só era levada a sério pelas camadas populares.⁶ Sem temor diante da tenebrosidade do desconhecido, Ferenczi se apossa de seu desejo científico de iluminar os cantos ocultos da mente e assume uma credulidade estratégica que possibilita suas investigações. Anos depois, um grande amigo do autor, Georg Groddeck, chegou a definir Ferenczi como uma pessoa de “mente inquisidora” para explicitar a obsessão do autor em exorcizar da mente humana seus cantos sombrios. Retomando as palavras de Ferenczi, sua motivação é a seguinte:

⁶ Jule Eisenbud critica a conhecida tendência de recusa frente aos eventos místicos no artigo “Psychiatric contributions to Parapsychology: a review”. A Psiquiatra cita o importante caso de Janet que constatou uma série de dezesseis eventos supranormais de hipnose, e que, depois de publicar o resultado indicando futuras pesquisas, preferiu abandonar a investigação. Essa pesquisa merece ser citada, pois serviu de inspiração a Ferenczi, como bem se vê em sua carta. Para mais, ver Devereux (1953).

O movimento do espiritismo pode levar a achados semelhantes como os da alquimia (os que estavam decididos a fazer ouro fizeram descobertas químicas muito úteis.) A mesma coisa acontecerá aos espíritas como aos herdeiros de um camponês esperto que informou seus filhos, em seu leito de morte, que um tesouro estava escondido na terra. Como resultado, os filhos reviraram o solo de cima a baixo, sua recompensa foi a riqueza de uma colheita abundante. O ouro da alquimia, o tesouro escondido dos espíritas, pode trazer-nos uma rica colheita, além da antecipação de um pequeno campo cultivado da ciência, a psicologia da mente humana (Ferenczi, 1899/1963).

Embora os desenvolvimentos desse texto sejam apenas gerais e introdutórios, eles são úteis na medida em que situam o horizonte de expectativas de Ferenczi, comprovando como o autor se interessava pelos limites da ciência e pelas áreas sombrias da alma humana compreendidas como automáticas ou inconscientes (Gyimesi, 2016).

Ao se abrir para a aceitação de fatos de ordem não materialista enquanto possibilidade, Ferenczi pode acolher a realidade dos fenômenos espiritualistas. Com esse recurso, o autor aceita provisoriamente tais eventos e habilita interpretações de ordem psicológica para eles. Esse posicionamento coloca Ferenczi em um patamar de exploração diferente daquele atribuído a Freud, que desconecta a telepatia de qualquer fonte sobrenatural ou espiritual, mantendo com isso um registro apenas materialista, que incorre no descarte precipitado dos fenômenos, submetendo-os às explicações psicanalíticas.

Sem necessariamente remeter os fenômenos ocultos a uma relação causal com a realização de desejo, Ferenczi se mostra mais aberto a dignificar o ocultismo a uma lógica própria de investigação. E graças a essa atitude, foi possível ao autor auxiliar Freud a compreender como o fenômeno telepático se aproxima da relação implícita no tratamento psicanalítico. Tais afirmações só se tornaram possíveis graças às investigações de Ferenczi com Frau Seidler e outras médiuns, que demonstraram como a transferência de pensamentos era fruto de um estado anímico no qual um sujeito se torna o receptor sensível de complexos superinvestidos afetivamente por outro, tornando-se capaz de captar tais elementos do pré-consciente ou do inconsciente.

Estando a implicação afetiva no centro de gravidade da experiência analítica, permite-se uma aproximação com o funcionamento das mensagens telepáticas. Pois ambas são semelhantes enquanto formas de manifestação dos processos e conteúdos inconscientes. Assim, a postura particular de Ferenczi varia entre uma credulidade investigativa e uma desconfiança moderada. Seu tom, que por um lado é aventureiro e, por outro, busca exorcizar fraudes, encontra meio termo no desejo científico da busca pela verdade que é inerente ao autor.

Mais uma prova pouco conhecida dessa opinião de Ferenczi é dada por Gyimesi (2016), que comenta como, ao ser entrevistado por um jornalista chamado László Fényes (que escreveria o obituário de uma famosa vidente de Budapeste), Ferenczi fornece uma importante opinião pessoal. Ele dirá que “a aceitação contingente de tais fatos [a transferência de pensamentos] não significa que estamos lidando com fenômenos sobrenaturais, mas, na melhor das hipóteses, que estamos lidando com fenômenos naturais ainda desconhecidos”. (Fényes, 1912, citado por Gyimesi, 2016, p. 12). Logo, pode-se dizer que, ao retirar do vasto campo do Ocultismo o interesse pela transferência de pensamentos e aplicar a estes fenômenos uma credulidade investigativa e uma moderada desconfiança, o autor acabou colocando importantes questões para a técnica da Psicanálise relativas à comunicação entre inconscientes.

Ao procurar firmar a Psicanálise como uma ciência natural enfatizando o seu solo empírico, Freud procurava mantê-la afastada de qualquer anomalia que pudesse comprometer as suas teorias racionalmente embasadas. Todavia, apesar dos perigos relativos à assimilação científica da teoria, havia tanto em Freud, como em diversos outros psicanalistas, uma intuição para um outro tipo de razão. Mas se na Viena de Freud imperava uma luminosidade ofuscante à liberdade de pensamento – só superada pelo criador da psicanálise a duras penas –, por sua vez, na Hungria, a tenebrosidade de uma contracultura banhava o pensamento intelectual com uma riqueza de possíveis compreensões para a alma humana.

O pensamento romântico deixou por toda a Europa um ideal estético que viria substituir a certeza documentária praticada pela religiosidade cristã tradicional. As revelações da Bíblia não representavam mais a única fonte de verdade religiosa e abriu-se caminho para um novo tipo de contato com a experiência espiritual. A religião cristã ortodoxa não possuía mais o potencial de ação desejado para transformar o homem e seria mais justificado um caminho pela via da fantasia, algo que aproximasse o homem das “influências superiores”, de forma menos taxativa. Para se entender como o fenômeno ocultista ganhou tanta força naquele momento histórico, cabe um breve resgate dos ideais românticos.

Sendo um dos primeiros contribuintes do pensamento romântico, a crítica de Schlegel a respeito da religião cristã, contida em seu livro *Kritische Schriften*, arrisca um comentário sobre a perda de vigor da religião tradicional, assim como da ideia de Deus transcendente, retirando dessa consideração novos rumos de renovação via florescimento da liberdade de criação do homem (Safranski, 2010). Na passagem de um ideal moralizador da religião para um ideal estético de transformação via afetação sensível, o lugar do ser humano se

transforma. Tornado um *mediador* que percebe a divindade em si mesmo e destrutivamente proclama esse pensamento, o homem romântico vira um agente do mundo, que possui como base de valores a verdade singular de seu coração, devendo, por meio de suas obras, tornar conhecido aos outros homens seu entusiasmo e amor.

Todavia, essas ideias foram atribuídas a um “devaneio” ou a um “panteísmo afeminado” pelo próprio Schlegel, que as abandonou quando se converteu ao cristianismo em 1808, dez anos após seu manifesto religioso. As marcas deixadas na cultura por suas críticas reverberaram ainda, oitenta anos depois, na cultura popular e em diversos autointitulados médiuns, que se diziam capazes de todo tipo de atividade oculta, como principalmente a comunicação com os mortos.

Retornando à particularidade do contexto húngaro e da sua relação com a produção psicanalítica de Ferenczi, observa-se como o interesse popular pelas misteriosas ocorrências psicológicas e físicas produzidas pelos praticantes dessas artes fizeram surgir mais e mais perguntas a respeito do que eram os estados alterados de consciência, ou sobre o funcionamento mental inconsciente. Floresciam tentativas de resposta provenientes de investigações com a hipnose e a sugestão, que serviram à curiosidade geral da comunidade científica. Todavia, na Hungria, Ferenczi foi um dos poucos estudiosos que resistiam à tentação das explicações religiosas. Sua forma de aproximação com o tema contempla tanto um desejo de explicação científica, quanto uma aceitação perante a realidade do fenômeno, como pode ser observado em uma importante aproximação com as ideias místicas do romantismo contidas no *Diário clínico*, que, apesar de longa, merece ser citada:

Quando duas pessoas se encontram pela primeira vez, dizia eu então, produz-se uma permuta de movimentos de afetos não só conscientes, mas também inconscientes. Somente a análise poderia determinar em ambos por que razão se desenvolveu a simpatia e a antipatia que é inexplicável para eles próprios. Em definitivo, eu queria dizer que quando duas pessoas conversam, trata-se efetivamente de um diálogo não só do consciente, mas também dos dois inconscientes. Em outras palavras: paralelamente à conversação que retém a atenção, desenrola-se [...] também fenômenos psíquicos que não são explicáveis no estado atual de nossos conhecimentos sobre a fisiologia dos órgãos dos sentidos e no domínio da psicologia. Outros antes de mim mostraram com que surpreendente frequência os chamados fenômenos de transmissão de pensamentos acontecem entre médico e paciente, muitas vezes de uma maneira que ultrapassa e longe a probabilidade do acaso. Se essas coisas viessem um dia a ser verificadas, poderia parecer plausível, a nós analistas, que a relação de transferência favorecesse extraordinariamente a instauração de manifestações de receptividade mais afinadas. (Ferenczi, 1988[1932], pp. 121-2)

A definição de telepatia formulada pelo autor nesse momento remete, novamente, a um dos elementos fundamentais do Romantismo, isto é, o conceito de “sintonia”⁷ (*Stimmung*), usado para indicar a natureza musical presente nos movimentos que governam a alma. Gusdorf (1984), resgatando a intencionalidade dessa palavra, afirma que seu significado remete a todo e qualquer processo no qual, pela sensibilidade da alma, se afina um instrumento musical, sendo um fenômeno que só seria possível graças à interpenetração dos dois elementos em questão. Dito de outro modo, o processo de afinação seria um dado sensível derivado da qualidade anímica do encontro entre um sujeito e as notas emitidas pelo instrumento; seria mesmo a capacidade de produzir um acordo espontâneo com os objetos. Mais ainda, pode-se dizer que, via um contato misterioso da alma, a obtenção de uma harmonia musical não seria nada além do que uma demonstração do processo de regulação natural inerente à alma; um meio de investigação e conquista de contato na obtenção de um equilíbrio.

A qualidade acústica, que pode ser chamada de capacidade reverberativa, comportada na alma, seria um dos elementos fundamentais, presente no âmago dessa tentativa de antropologia feita pelos românticos. O uso da poesia, da música, enfim, toda a aposta na estética enquanto metodologia de produção romântica, estaria embasado na aposta dessa qualidade acústica. Ainda que remetida à física dos comprimentos de onda e das frequências sonoras, ou seja, a um ideal materialista do mundo, a ideia da *Stimmung* evoca a dimensão de ambiente espiritual e da sensibilidade. Seja interna ou externamente, para o indivíduo, os elementos capturados animicamente, em vez de constituírem contornos definidos, propõem um mundo de fluidez imaterial. Ora, se os elementos do mundo não possuem partículas nucleares elementares, sendo, na verdade, compostos por um borrão feito pela mistura não identificável de elementos, não existiria qualquer propósito em tentar separar em partes fundamentais um objeto composto.

Ferenczi se beneficia desses temas românticos, que tentam trabalhar conceitos como *correspondência* e *harmonia* em sua conformidade com a alma, para considerar, de forma original, as implicações na vida emocional dos seres humanos. Entendendo a vida emocional para além da fisiologia, sem reduzi-la a um subproduto desta, mas também sem excluir as dimensões físicas implicadas, Ferenczi valoriza de forma única o significado mais abrangente e penetrante contido na ideia de afetos. Ao mencionar, no trecho do *Diário clínico* citado

⁷ A palavra em questão é de difícil tradução, mas inexoravelmente se relaciona com a ideia de modulação de frequências.

acima, como a transmissão de pensamentos está relacionada à comunicação entre inconscientes, o autor questiona de forma contundente o conceito de transferência, pois a implicação do inconsciente do analista obriga a uma revisão do processo analítico, ou seja, a análise do analista e de seus afetos entra em jogo. Essas afirmações produzem um impacto inovador na Psicanálise, abrindo caminho para práticas de manejo menos rígidas, menos defensivas e menos hipócritas.

É extraordinário notar como as experiências com a telepatia produziram a problemática contida na ideia de um possível diálogo entre inconscientes. Mais contundente ainda é perceber que tenha sido esse o elemento inaugural da discussão que abriu as portas de diversas questões inerentes ao manejo transferencial na clínica psicanalítica; isto é, seja no debate sobre a análise mútua, nos problemas da contratransferência, ou na dificilmente crível possibilidade de uma transmissão de pensamentos, Ferenczi montou uma proposta de Psicanálise inovadora e diferente da originalmente concebida por Freud. Essa noção de mutualidade inerente ao encontro vigora sob a égide da capacidade de mistura de uma alma em outra, que pode ser condensada na noção ferencziana de empatia, como se verá adiante.

Ferenczi e o problema da comunicação entre Inconscientes

Ao final de quase um ano de investigação sobre o Ocultismo, já fazendo parte da ‘Society for Psychical Research’, e tendo desenvolvido seu conceito de introjeção, Ferenczi descreve a forma como compreende os fenômenos de transferência de pensamento:

Considero possível que certos complexos de representações fortemente investidos de afeto estejam em constante atividade, entre eles deveriam ser consideradas em primeira linha as determinações do próprio Eu. [...] Se se pudesse confirmar que é mesmo assim, seria preciso supor uma certa conexão entre esta constante atividade do complexo e a *tendência à projeção*. A suposição que ousei fazer certa vez na Itália, a saber, que o paranoico realmente descobre certas coisas com o auxílio da indução, deveria ser abandonada e modificada da seguinte forma: *o paranoico tende à projeção e à irradiação do complexo, o histérico tende à introjeção e à ressonância do complexo*. São duas grandes fantasias, mas que não devem ser rejeitadas enquanto possibilidades. [itálicos nossos] (Falzeder, Brabant & Giampieri, 1994, p. 334)

Seria então graças à constituição de ideias sobrecarregadas por afetos que uma transferência se tornaria possível. O aumento da ansiedade relacionada com a carga desses conteúdos tenciona seu conteúdo ao ponto de permitir a indução de mensagens telepáticas. Do lado do receptor, prevalece a tendência oposta: “O estado de calma, alegria e recolhimento

são os estados de espírito da mente responsáveis por alargar a capacidade de captação das mensagens telepáticas” (Falzeder, Brabant & Giampieri, 1994, p. 302). Mais ainda, o receptor reage inconscientemente a essa transmissão, ativando seus próprios complexos inconscientes que estão mais próximos aos complexos inconscientes do remetente.

É notório como o germinante conceito de contratransferência está sendo colocado em questão de forma sutil e ainda superficial. Neste contexto, não se fala diretamente de resistência pelo lado do analista ou da necessidade inerente de análise pessoal. Mas esses temas serão alvo de uma preocupação futura do autor, que por ora pensa apenas na soma de complexos pessoais e na tendência comunicante da mente como as responsáveis por criar os fenômenos transferenciais em questão. Estes variarão de direção à medida que predominem estados anímicos de forças introjetivas ou projetivas.

Em uma tentativa de continuidade da problemática contratransferencial, Nándor Fodor (1947/1974), também da escola de Budapeste, formula a ideia de que as comunicações telepáticas só podem ser feitas porque existe no Inconsciente do receptor um conteúdo psíquico que, no seu conteúdo latente, corresponde ao conteúdo manifesto da mensagem. Fodor, em uma continuidade direta com a proposta original de Ferenczi que versa sobre a centralidade dos afetos na comunicação inconsciente dos complexos de ideias altamente investidos, especula ainda como haveria uma faculdade perceptiva do Inconsciente filogeneticamente desenvolvida. Ou seja, “além da pressão do recaiado, a necessidade de companheirismo, de compartilhamento de acolhimento e afeto, assim como a necessidade de proteção e reassuramento nos casos de medo e ansiedade podem ser motivos suficientes para acionar o mecanismo telepático” (Fodor, 1947/1974, p. 73).

Das primeiras especulações a respeito da dimensão transferencial-contratransferencial implícita na proposta de comunicação dos inconscientes, surge um primeiro exemplo oficialmente publicado em um breve comentário contido no texto *Anomalias psicogênicas da fonação*, no qual Ferenczi (1915/2011) diz: “[o que tenho] costume de denominar ‘o diálogo dos inconscientes’ [é] quando os inconscientes de duas pessoas se compreendem perfeitamente, sem que a consciência de nenhuma delas tenha disso a menor suspeita” (p. 202). Gyimesi (2016) chama a atenção para o fato de Ferenczi relacionar essa sensibilidade particular do inconsciente, sua possibilidade de permeabilidade extrema, a uma dissolução da psique encontrada originalmente no começo da vida. Fato que pode ser encontrado na obra do autor, na já comentada nota de 7 de abril de 1932, na qual Ferenczi diz que:

A personalidade psicofísica de uma criança no ventre da mãe, e mesmo depois do nascimento, não terminou de se cristalizar, por assim dizer, mas ainda se encontra, de certa forma, num estado de dissolução. (A hipótese fantástica dessa comparação figurada seria a ideia de que antes da concepção a pessoa ainda estava, de alguma forma, dissolvida no universo.) [...] A ideia do estado (consistência) ainda meio dissolvido da personalidade infantil leva então a imaginação a supor que o contato da personalidade infantil com o universo e assim, portanto, que a sua sensibilidade é muito maior do que a dos adultos. (Ferenczi, 1988[1932], p. 117)

Se foi a partir do debate entre Freud e Ferenczi a respeito da telepatia que surgiu a palavra “transferência de pensamento”, essa herança freudiana será o único registro em que Ferenczi manterá a questão mística. Transpassando a problemática do ocultismo e evitando conclusões a respeito do sobrenatural, o autor húngaro se apropriará desse diálogo para aparelhar a psicanálise com uma série de conceitos e reflexões a respeito da comunicação entre Inconscientes, que enfatizam as diferentes formas de relação primitiva. Ou seja, ao sair da esfera mística sem abandoná-la, Ferenczi molda seu pensamento com suposições relativas à interligação nos moldes descritos pelos fenômenos naturais, como, por exemplo, a relação mãe-bebê ou a tendência à morte das crianças não acolhidas com ternura.

Seguindo o campo investigativo da mutualidade de influências na situação analítica inaugurado por Ferenczi, Gyimesi (2016) comenta como foi um dos discípulos de Ferenczi mais importantes, Michael Balint, que, em 1955⁸, discutindo sobre o funcionamento da percepção extra-sensorial durante a psicanálise, ratificou como, diante da impossibilidade de pensar do analista, ocorreriam fenômenos telepáticos. A consequência do bloqueio mental do analista levaria o paciente a um estado de regressão em que uma forma primitiva de comunicação se imporia através de mecanismos de defesa projetivos. Dito de outro modo, a riqueza particular inerente à consideração dos fatos telepáticos é a valorização da capacidade especial do paciente de se comunicar durante os momentos regredidos da análise.

Mas não foi apenas em sua juventude, que se pode observar as teorizações de Ferenczi sobre a telepatia e sua relação com a transferência. Como já visto, foi no final de sua vida, mais de vinte anos depois de fazer suas primeiras formulações, que o autor escreve no *Diário clínico* (Ferenczi, 1988[1932]) a respeito da dimensão não-verbal da libido, particularmente relevante no processo de cura, e que se baseia na intersubjetividade estabelecida entre os inconscientes. Restará como tarefa do analista a capacidade de ser honesto e simpático,

⁸ Cf. “Notes on parapsychology and parapsychological healing”.

oferecendo uma “amigabilidade” (*Freundlichkeit*)⁹ que é fundamental para a reparação do passado.

A especulação inicial de que seria a sensibilidade especial presente no âmago da cena transferencial a responsável não só pela transferência para o analista de atitudes e emoções inconscientes, mas também pela transferência de pensamentos se tornou uma fundamentação teórica viável. O interesse original proveniente de sua juventude pelos fenômenos ocultos e a Psicanálise se conjugam em um fôlego investigativo de grande porte; Ferenczi se debruça sobre o lado sombrio da alma humana com profundo respeito. Em suas teorizações finais, algumas de suas ideias sobre as causas da telepatia se referem a uma visão original a respeito tanto do trauma como da infância.

Para Ferenczi, a capacidade mediúnica de uma pessoa poderia estar relacionada com uma vivência traumática grave. Em um comentário do *Diário clínico* intitulado “Destino dos filhos de doentes mentais”, o autor dirá a respeito de uma paciente:

quando S.I tinha medo, fixava sua atenção no mundo que o circundava, sobretudo nos desejos e humores das pessoas que lhe eram importantes, e particularmente apavorantes. Parece que a hipersensibilidade dos órgãos dos sentidos, tal como é constatado em muitos médiuns, serviria originalmente a uma atitude de ‘guarda’ frente às pulsões de desejo de uma pessoa cruel. (Ferenczi, 1988[1932], p. 117)

A capacidade de vidência adquire aqui uma significação de manutenção e de restabelecimento do equilíbrio emocional perante experiências de violência que foram vividas e que criaram situações-limite. Nessas ocasiões, o sujeito buscava uma compensação de ordem regressiva que restitui a sensibilidade original infantil que foi comprometida diante da incorporação do agressor como meio de defesa. Maia (1995) considera que o mecanismo de transferência de pensamento, apresentado nessa situação, se mostra similar à dinâmica da díade mãe-bebê. Com isso, a autora pretende apontar como as relações fusionais dessa matriz, que se fundam em um mecanismo arcaico e primitivo de comunicação pré-verbal, servem de exemplo para explicar a interdependência sem contornos definidos, ou de qualquer diferenciação eu/não-eu, que o sujeito traumatizado estabelece com o seu entorno por ocasião da situação-limite.

Entra em questão uma qualidade particular da alma humana, na qual os limites entre o Eu e o corpo são porosos, indefinidos e confusos. Como já foi dito, ele conecta a sensibilidade

⁹ *Freundlichkeit* é traduzida no *Diário clínico* por “fria benevolência”. Tal expressão não parece, de modo algum, adequada para expressar o sentido inerente à ideia de uma “capacidade para a amizade”, contida na expressão alemã.

particular das crianças a um estado de "dissolução" inerente à sua condição de psique infantil; assumindo um ponto de vista monístico vitalista que lhe é familiar, esta forma da psique ressoa com mais facilidade no universo cósmico do que a sua versão adulta. Logo, as habilidades mediúnicas em geral poderiam ser resgatadas da sabedoria e do conhecimento infantil (Ferenczi, 1988[1932]; Hárs, 2015).

Se Freud foi o primeiro psicanalista a conceituar a alma humana na forma de um Inconsciente explorável via análise, e, com isso, o primeiro a delinear mapas dessas regiões que anteriormente foram ou menosprezadas ou negadas da psique; com absoluta certeza, Ferenczi foi quem pegou as indicações mais latentes desse pensamento para seguir as rotas propostas.

Mais que um paladino, como Freud costumava chama-lo, o húngaro fez seu próprio percurso pela alma humana enquanto um inquisidor obcecado; talvez suas investigações tenham ido longe demais, talvez ele tenha ultrapassado o ponto de não retorno e isso tenha assustado seu mestre, que preferiu negar grande parte das propostas mais inovadoras de seu discípulo, só sendo capaz de acolher oficialmente suas verdadeiras opiniões sobre a telepatia logo após a morte de Ferenczi. Tal fato levanta suspeitas quanto a ideia de que a Psicanálise deveria ser uma teoria asséptica, portanto, investigar-se-á no próximo tópico como Freud possuía em si mesmo uma inspiração sombria, que foi tão bem explorada por Ferenczi.

1.2 Freud e o iluminismo sombrio

O misticismo é a autopercepção obscura do reino fora do ego, do id.

(Freud, 1938/2006)

Foi visto nos tópicos anteriores a forma como o debate a respeito da transferência de pensamentos se deu para Freud e para Ferenczi, debate que ocorreu nos bastidores das discussões oficiais da psicanálise. Sabendo que, na época de tais investigações, o conceito de transferência ainda não havia sido oficialmente formalizado, pode-se dizer que a origem desse interesse remonta aos fenômenos da sugestão e da implicação dos afetos vividos nos processos de tratamento psicanalítico. A postura de empolgação otimista de Ferenczi e a respectiva suspeita e reserva praticada por Freud são as molas mestras dessa discussão, e se Freud buscava provar para o seu discípulo que o modo de trabalho da psicanálise era capaz de explicar todas as dimensões da alma humana, Ferenczi certamente via na teoria psicanalítica uma possibilidade de avançar profundamente em novas dimensões.

O pensamento de Freud é caracterizado por uma inerente multiplicidade e complexidade. Por mais que sentisse a necessidade de formalizar suas descobertas nos moldes de uma ciência natural, o autor não recua diante de explorações especulativas. Contudo, apesar do seu fôlego investigativo, pretende-se provar que houve um descompasso entre a clínica e a teoria praticadas pelo autor, ao menos até a virada de 1920. Para resumir e seguir adiante: Se é verdade que o criador da Psicanálise inicialmente se permitiu investigar fenômenos marginalizados pelo saber hegemônico e com isso produziu uma técnica que avançou a largos passos, é igualmente correto afirmar que suas elaborações teóricas foram perdendo força devido à necessidade interna de formalização científica, à qual Freud se submetia.

Se é verdade que o autor atesta, em seu trabalho clínico, a existência no inconsciente de afetos, de sentidos e de pensamentos, também é verdade que suas elaborações teóricas, ao menos até a virada de 1920, são feitas a partir de uma concepção teórica muito particular. Isto é, enquanto um sistema produzido pelo mecanismo do recalque. Logo, a instância Inconsciente se tornou uma consequência da consciência, perdendo particularidades fundamentais. Ora, observar a forma como o Inconsciente foi teorizado leva à prova de que

houve um apagamento gradual dos afetos na teoria de Freud. Assim, norteia-se a discussão atual pela seguinte questão: qual é a concepção de Inconsciente em jogo até a virada de 1920?

O papel da afetividade para Freud: primeiros desdobramentos

Observando o percurso de Freud na constituição de sua prática, destaca-se a atenção dada aos fatores emocionais, que são vistos como os principais articuladores da vida psíquica. Mesmo em suas primeiras elaborações teóricas, quando o conceito de inconsciente ainda não tinha sido estruturado e não era possível pensar em recalçamento, o autor já considerava a vida afetiva como responsável pela produção de divisões na alma humana e, portanto, como parte importante da cura. Como se observa no texto *O tratamento psíquico (anímico)* (Freud, 1905[1890]/2006), o autor atribuiu para as diferentes qualidades emocionais um importante papel de vinculação inerente ao trabalho clínico; os afetos de “espera angustiante” e “espera repleta de esperança e confiança” são fatores de influência no tratamento que dizem respeito aos aspectos positivos, mostrando-se, portanto, fundamentais à transformação da vida anímica desejada.

Mesmo nos períodos pré-psicanalíticos, Freud já imaginava que era um incremento no afeto que engatilhava o começo de um processo defensivo capaz de suprimir determinadas representações sobrecarregadas, e desse processo se promoveria a incapacidade de lembrança de eventos traumáticos. Ou seja, ao considerar a participação dos afetos no processo de adoecimento, Freud estabelece para esses elementos, de forma indireta, um lugar importante no motor do nascimento da psicanálise. Mas os afetos não serão vistos como um entrave neste momento da obra. Pelo contrário, ainda no texto *O tratamento psíquico (anímico)*, o que se pode observar é a radical importância da mobilização emocional do paciente em direção à cura.

No período em questão, Freud ainda fazia uso da hipnose como ferramenta clínica. O próprio autor atribui ao abandono desse instrumento a criação da Psicanálise, pois a sugestão exigia uma postura de autoridade e distanciamento que inviabilizava a observação dos mecanismos defensivos empregados pelos pacientes na reprodução dos sintomas. Aos olhos de Freud, a hipnose se limitava a um processo de submissão do paciente que acabava produzindo um enrijecimento da situação terapêutica, e somente uma postura de neutralidade por parte do analista permitiria o desdobramento da verdadeira relação terapêutica.

Tocado pelo possível entrave que a postura do analista impõe ao tratamento, anos mais tarde, Freud irá sustentar a necessidade de um imperativo de neutralidade nessa relação. Somente se sentindo desprendido de amarras afetivas, um paciente poderia verdadeiramente transferir suas escolhas emocionais do passado para o presente de uma relação terapêutica com seu analista, e reproduzir suas expectativas de amor ou frustração. Entretanto, dois comentários devem ser feitos a esse respeito: primeiramente, por mais que Freud desejasse distinguir claramente o seu procedimento dos demais, é possível observar uma herança positiva das publicações pré-psicanalíticas deste período; ao descrever como uma pessoa hipnotizada se mantém fechada ao mundo externo e completamente devotada ao hipnotizador, o autor (1905[1890]/2006) chamará de *rappport* o momento de equivalência entre a hipnose e o momento da amamentação. A esse respeito, Borgogno (2004) comenta sobre como a sugestão hipnótica se relaciona para além da submissão autoritária. Há uma dimensão onde a completa dedicação do paciente é fruto do amor e do cuidado de um hipnotizador capaz de se sintonizar com seus sofrimentos.

Nessa medida, a segunda consideração que precisa ser feita diz respeito à precisão conceitual formulada por Ferenczi no que se refere à sugestão hipnótica. Apesar de seguir seu mestre, o autor húngaro formula modificações importantes no que considera ser a neutralidade e também na relação da psicanálise com a atividade do analista. Ferenczi (1919a/2011, 1919b/2011, 1988[1932]), sem abrir mão do dispositivo da sugestão, atribui a ela um papel importante enquanto uma ferramenta que imputa coragem ao paciente¹⁰.

Ao valorizar a dimensão da afetividade no processo de constituição das patologias históricas, Freud acabou introduzindo uma rachadura no pensamento hegemônico de sua época, que concebia a ideia central do homem enquanto um *Ser da razão*. Porém, enquanto médico e cientista, o autor jamais ignorou a necessidade de explicações lógicas e formais para os fenômenos observados na clínica e sempre manteve bastante óbvias as suas pretensões de dar à Psicanálise um lugar junto à física e à química no hall das ciências naturais. Assim, Freud ocupa um lugar de difícil definição, que passou a ser entendido como o de herdeiro legítimo de legados incompatíveis.

¹⁰ Será um elemento fundamental da ética ferencziana criar as condições necessárias para que um paciente se sinta confiante para se expressar a si mesmo, e com isso possa, às vezes pela primeira vez, constituir seu próprio psiquismo a partir do encontro intersubjetivo. Esse processo será visto com rigor em momentos futuros do trabalho.

Freud e Breuer fizeram suas explorações iniciais na clínica junto às histéricas internadas na Salpêtrière. De lá obtiveram certos resultados que ainda nos dias de hoje poderiam ser considerados o ouro da Psicanálise, devido à sua importância capital para se pensar a clínica contemporânea. Dos desdobramentos decorrentes dessas investigações e teorizações inaugurais, surgiu uma certa hegemonia de pensamento a respeito do valor dos afetos em Freud que gradativamente precisa ser revisitada. Nessa empreitada, Monique Schneider (1994) foi uma das autoras que apontou uma delicada sutileza no modelo inaugural de Freud. Diz a autora que, ao cogitar a relação direta do sintoma à representação, o criador da psicanálise depositava um excesso intelectualista de leitura.

A advertência contida nesse comentário assinala como o modelo inaugural teorizado hierarquizava o papel dos representantes psíquicos, ao atribuir-lhes as causas do adoecimento, enquanto menosprezava as operações de descarga afetiva, que eram remetidas ao papel secundário de liquidação dos sintomas. Fato que mudará radicalmente anos mais tarde, quando Freud (1914/2006) atribuir à perlaboração o movimento fundamental da análise. Dito de outro modo, na forma inicial de teorizar a dinâmica clínica, sua ética estaria submetida ao imperativo racionalista, no qual os afetos cumprem papel secundário na cura, ao mesmo tempo em que são os responsáveis por grande parte do adoecimento. Paradoxalmente, a mesma lógica impõe uma orquestração emocional da vida em nome da saúde mental, que novamente ficaria atrelada ao discurso de inspiração intelectualista.

Seria uma simplificação rude assumir que Freud estaria de acordo com as afirmações feitas acima a respeito de sua concepção dos afetos. Pelo contrário, a noção de afeto está longe de ser unívoca neste autor, possuindo diversas nuances em sua obra. Por exemplo, nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/2006) os afetos adjetivavam a dimensão traumática dessa experiência assim levando a crer que seria o excedente de afeto o que estava incontestavelmente relacionado com o mal do adoecimento psíquico.

Seguindo uma analogia médica, uma forte emoção proveniente do exterior poderia perfurar o psiquismo e produzir um ferimento da ordem do trauma; atribui-se então à brutalidade de sua imposição a causa da neurose traumática. Sabe-se como a evolução dessas ideias implica na noção de que no interior do aparelho também existe uma força pulsional, cuja conjunção com o ataque externo seria, verdadeiramente, o causador do adoecimento. Porém, nos primeiros escritos, “o afeto não é apresentado como uma resultante de um crescimento endógeno de excitação que poderia fazê-lo aparecer como a expressão de uma busca partindo do próprio sujeito” (Schneider, 1994, p. 16). Dito de outro modo, a hipótese

traumática é o modelo pelo qual Freud primeiro assume a irrupção do afeto enquanto elemento de uma exterioridade insuportável, que se encontra no cruzamento entre o sujeito e a realidade, e é capaz de uma ablação de parte do psiquismo. Produzindo consequentemente manifestações mórbidas.

Resumindo o modelo dinâmico em jogo: haveria uma relação direta de causa e efeito entre o incidente motivador e o fenômeno de adoecimento no psiquismo. Soma-se a isso o papel de parasita atribuído ao afeto invasor, que represado dentro do psiquismo possuiria efeitos de manutenção da doença.

Afetos insuportáveis como invasores e parasitas, essa era a visão do modelo traumático, e a consequência direta dessa compreensão seria a necessidade de expulsão do mal invasor. Logo, a terapêutica que se desenvolve deveria proceder como uma drenagem, que expurga para fora aquilo que não pertence ao sujeito. Schneider (1994) aponta como essa visão inicial de doença psíquica se relacionava com uma luta entre o sujeito e o mundo, o interno e o externo; ou seja, o homem estaria doente do mundo e não dele mesmo. Por isso, as ferramentas propostas consistiam na liquidação de afetos via ab-reação levada a cabo por um processo de terapia catártica de rejeição e convencimento.

Uma certa hegemonia da exterioridade prevalece tanto nas compreensões sobre a patologia como na metodologia terapêutica da época, que sofrem suas primeiras frustrações e abalos quando a concepção de uma causa única para o traumatismo é questionada. O afeto continuará sendo uma ferramenta de expiação do sofrimento, porém Freud buscará pensar o psiquismo conjugando-o à dimensão corporal: assim haveria uma tendência ao equilíbrio, traduzida no modelo fisiológico do arco-reflexo. Esse conceito enfatiza a forma pela qual a regulação dos níveis de tensão é equilibrada via percepção e descarga de excitação. Ou seja, uma dada carga energética, que aumenta a tensão sentida pelo corpo, implica no reflexo reativo de descarga que visa reparar o estado anterior.

Usando esse modelo, Freud questiona por que razões o ataque externo proveniente de um afeto traumático não levou o indivíduo a ativar uma reação de contra-ataque. Contra-ataque este que teria a função de expulsar com violência o afeto invasor e impedir, desde o princípio, o desenvolvimento patológico. Ora, como o mecanismo do arco-reflexo não operou, seria impróprio dizer que o afeto traumatizante é resultante de fator único. Independentemente desse problema na teoria, o modelo clínico mantém certa eficácia, porém constitui-se uma mudança quanto ao papel da ab-reação.

Freud compreende que o traumatismo é fruto do reflexo inacabado; seria um bloqueio no esquema agressão-liquidação que operaria no adoecimento psíquico e no surgimento da histeria. Ou seja, o crescimento da excitação não encontraria nenhuma possibilidade de descarga, levando tanto a uma sobrecarga corporal com consequente paralisia nervosa como ao surgimento de afetos igualmente paralisados e inoperantes. Deste modelo teórico, Schneider (1994) observa que “o afeto é visto, antes de tudo, como perturbação a ser reduzida para que o aparelho reencontre o equilíbrio satisfatório” (p. 16). A comentadora explica que é o mesmo esquema do arco-reflexo que é o responsável pela teoria da clínica da ab-reação; assim, a cura estaria para a doença como a reação está para a excitação. Mais que isso, o afeto na histeria é visto como uma insistência pela qual a agressão se mantém dentro do corpo do sujeito, retroalimentando a doença e coabitando como um corpo estranho, que representa o eixo central da alienação histérica. Logo, o objetivo de uma descarga ab-reativa é a eliminação do afeto, e a cura é entendida como uma descarga retardada de uma cota afetivo-energética represada.

No tocante à terapêutica, é importante dimensionar o valor que a terapia catártica e sua correlativa descarga ab-reativa ocupam no pensamento de Freud. Para ele, o modelo do arco-reflexo é central tanto na constituição das primeiras definições da histeria como em todo o processo de tratamento. O arco-reflexo, por mais que represente um processo automático, mantém um caráter de atividade, ou seja, seja a descarga voluntária ou não, se há a supressão da excitação invasora, o afeto em questão não será vinculado a uma lembrança que ganharia as dimensões de um trauma. É graças à percepção de atividade desse modelo que a terapêutica da ab-reação é válida para Freud.

Nota-se a centralidade ocupada pelo afeto, no pensamento de Freud, enquanto o índice que articula o disparador do arco-reflexo, afeto compreendido como uma carga energética que promove uma excitação capaz de ser tanto um deflagrador de morbidez como uma solução sã. Eliminar afeto é o mesmo que recompor um circuito ou reparar uma ferida. Schneider (1994) comenta que “lá onde estava o afeto deve advir a representação para que os processos psíquicos parem de ser entravados” (p. 19), e com isso propõe que essa ideia de Freud de produzir um ambiente catártico onde palavras dão o colorido para afetos represados é como fazer cessar um perigo paralisante ao dar contornos e dimensões a cargas energéticas em livre movimento. Breuer e Freud, comentando sobre a forma como o tratamento catártico deve se desenrolar, diz:

verificamos, a princípio com grande surpresa, que *cada sintoma histérico individual desaparecia, de forma imediata e permanente, quando conseguíamos trazer à luz com clareza a lembrança do fato que o havia provocado e despertar o afeto que o acompanhara, e quando o paciente havia descrito esse fato com o maior número de detalhes possível e traduzido o afeto em palavras*. A lembrança sem afeto quase invariavelmente não produz nenhum resultado. O processo psíquico originalmente ocorrido deve ser repetido o mais nitidamente possível; deve ser levado de volta a seu *status nascendi* e então receber expressão verbal. [itálicos do autor] (Freud & Breuer, 1893-1895/2006, p. 42)

O método de cura da ab-reação exige do sujeito um movimento complexo de revivescência de uma lembrança sobrecarregada de afeto, para que essa energia seja liberada. A compreensão de Freud e de Breuer, nesse momento, remonta ao período de seu trabalho com a hipnose, no qual a possibilidade alucinatória inerente ao aparelho psíquico pode ser ativamente manipulada. Logo, a catarse proposta pelos autores leva em consideração a dimensão mais real da experiência de lembrança. Dito de outro modo, Freud acreditava que a presença dos afetos durante a sessão catártica tinha o poder de fazer o paciente reviver o evento traumático diante de si, do mesmo modo como na realidade original. Os autores (1893-1895/2006) chegam a enfatizar como o processo de rememoração ganha uma intensidade tão grande graças à presença do afeto que está na lembrança, o que equivale a reviver a experiência novamente.

Existe, portanto, uma correlação importante entre o afeto e a linguagem. Schneider (1994) aponta que, para Freud, a linguagem possui um papel duplo: ela pode ser evocadora de uma ação, situando o sujeito a uma distância do evento ao qual ela se remete; ou pode representar justamente o “equivalente do ato”. Ou seja, a palavra ganha contornos evocativos. Nas palavras de Freud:

a linguagem serve de substituta para a ação; com sua ajuda, um afeto pode ser ‘ab-reagido’ quase com a mesma eficácia. Em outros casos, o próprio falar é o reflexo adequado: quando, por exemplo, essa fala corresponde a um lamento ou é a enunciação de um segredo torturante, por exemplo, uma confissão. (Schneider, 1994 p. 44)

A palavra, quando abalizada pelo colorido das emoções, ultrapassa o registro da simples nomeação e passa a torcer a realidade, transformando-a em algo subjetivo. Freud não continua essa profícua exploração sobre o papel dos afetos na construção da realidade, tratando de forma indiferenciada afeto, emoção, carga e descarga afetiva.¹¹ Essa falta de precisão conceitual implica, nos *Estudos sobre a Histeria*, em uma miscelânea de compreensões sobredeterminadas, que acaba por desvalorizar a participação desses termos,

¹¹ Remeto o leitor aos comentários do tradutor da *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, contidos no volume I, pois são mais uma prova da dificuldade de definição do termo afeto.

deixando-os em segundo plano. O que se sabe nos dias de hoje é que Freud certamente observava, nesses elementos, a prevalência dos fatores quantitativos, sem, contudo, ignorar a dimensão qualitativa neles implicada (Green, 1982; Schneider, 1994).

Certamente a questão fica em aberto neste ponto para Freud, sendo Ferenczi o responsável por desenvolver a originalidade dessa concepção. Gondar (2010) aponta, a este respeito, que o húngaro possui uma teoria própria sobre a aquisição da linguagem capaz de enriquecer muito a sua compreensão do simbolismo. Essa linguagem teria, em Ferenczi, uma dimensão sensível, na qual se destaca a imagem sensorial da palavra, imagem que não pode ser assimilada nem ao significante linguístico, nem ao que é emitido por um aparelho fonador, caracterizando uma terceira via de contato. Todavia, esse assunto deverá ficar em aberto por ora, sendo discutido apenas adiante.

Um importante exemplo clínico

Nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895/2006), o caso clínico de Elizabeth von R ocupa lugar de destaque, por ter sido aquele que promoveu o abandono definitivo da técnica catártica hipnótica. Se, antes desse caso, Freud buscava a descarga ab-reativa creditando à palavra o meio pelo qual um sintoma poderia ter suas edificações desenterradas e com essa exposição prontificar uma melhora, com Elizabeth ocorreria uma virada fundamental. Nessa oportunidade, a questão da aceitação, isto é, da tomada de consciência das representações recalçadas, não mais dependeu exclusivamente da racionalização introspectiva, mas esteve dependente da "aceitação *no* eu" dos afetos (Schneider, 1994, p. 70). Esse uso particular da razão, que atua tanto pela desilusão do sujeito como pela tomada de consciência de seu modo de funcionamento particular é a característica mais importante do pensamento de Freud.

O modo de autoconhecimento em questão aponta para o que Monique Schneider em seu livro *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud* (1994) define como "*Annahme*". A autora acusa uma certa vertente da psicanálise de excessos intelectualistas e, em sua análise, afirma que tal grupo exclui a força dos afetos, que está presente no berço da tradição clínica de Freud. Como já foi dito, apesar da importância do afeto para a teoria psicanalítica, Freud nunca fez uma definição, nem dedicou mais do que poucos parágrafos de alguns textos, para esclarecer como pensava sua natureza e origem.

Todavia, é impossível negar que Freud descreve seus tratamentos dando grande importância ao fator da rememoração, e atribuindo grande parte da solução dos conflitos psicológicos ao momento em que seus pacientes se confrontam com as representações desagradáveis. A dimensão da racionalidade assume um lugar privilegiado nessas descrições, porque Freud se preocupava em validar, frente à comunidade médica, suas descobertas; por essa via, os afetos acabam se tornando uma problemática de difícil elaboração, processo que leva o autor a se defender da dimensão intersubjetiva inerente à dinâmica clínica imposta por eles.

A importância de observar o caso de Elizabeth está ligada, segundo Schneider, a forma como Freud deixa escapar a implicação dos afetos e sua relação com a função curativa. A via emocional é concebida por Freud como a chave do processo de passagem de uma “concepção reflexiva” até a tomada de consciência, que se traduz pela noção de *Annahme* de uma representação (Schneider, 1994). Esse momento marcante se torna possível e se impõe ao paciente que se situa diante do reconhecimento de uma experiência; uma conversão “que torna repentinamente ilusória a bipartição sujeito-objeto que intervinha, sem dúvida, como defesa frente à nossa apreensão do mundo, mundo que situaríamos à distância de nós como recusa de nos reconhecer imersos nele, participando dele” (Schneider, 1994, p. 71).

A tomada de consciência de uma representação, no sentido atribuído por Freud a *Annahme*, é uma decorrência que só é possível graças à ab-reação afetiva vivida no encontro clínico, independentemente de ser uma “cura pela fala” como o quer fazer entender Freud. No centro do problema do adoecimento neurótico, encontra-se a constatação, feita pelo autor, de que o homem pouco quer saber de si e, inclusive, luta contra a lida com extratos sombrios de sua alma. O autoconhecimento proposto pela *Annahme* vai de encontro a este movimento. Assim, adquirir um estado de consciência de si-mesmo é um processo árduo que desperta defesas e exige grande empenho.

Freud ocupou um lugar muito particular no campo das ciências. Esse autor já foi definido como um “Iluminista sombrio” por Yovel (1993), que o caracteriza, assim como alguns outros pensadores, como um homem de pensamento híbrido, capaz de misturar de forma particular a racionalidade positivista do iluminismo com as influências do Romantismo. Freud é um autor que produz uma obra rica, complexa, cheia de contornos e matizes. Seria justamente essa característica de comportar uma multiplicidade de ideias, por vezes contraditórias, que estaria no centro de gravidade da prática psicanalítica.

O núcleo da ideia de um iluminismo das sombras é a potencialidade inerente a alguns pensadores, que são capazes de usar os dispositivos da razão, nos mesmos moldes projetados pelo iluminismo, mas produzindo uma torção. Sem querer submeter as verdades da alma à razão lógica, autores como Freud procuram explorar, no império das sombras que existe na alma humana, razões outras para os desejos, os sonhos e as neuroses. Dito de outro modo, o iluminista sombrio não crê na capacidade de superação e paz de espírito que os iluministas clássicos buscam com o uso de sua razão. Os sombrios se submetem ao método de exploração racional, mas compreendem e se interessam pelo que há de torpe no ser humano, não visando sua erradicação pelas luzes, mas sua compreensão. Pode-se dizer que:

Freud pertence a um conjunto de judeus que na sua solidão, tendo perdido a sua fé religiosa e a maior parte dos laços que o ligavam à sua tradição, absorve muito da cultura gentílica que o rodeia [...] na qual se aperfeiçoa e frequentemente se supera, mas que, ao fazê-lo, frequentemente também provoca ou tenta revolucionar. (Yovel, 1993, p. 354)

Essa vertente herética do iluminismo, criada por Yovel, abrange os pensadores que desempenharam na história uma função de extermínio das autoimagens complacentes, constituídas sobre pilares ilusórios de Instituições consoladoras. Freud, certamente, deseja ser um membro desta comitiva quando fala a respeito da ferida narcísica imputada pela sua Psicanálise à humanidade. De acordo com o vienense, a sua teorização sobre o Inconsciente propôs mais um – o terceiro – descentramento do ser humano; Freud se auto-intitula, junto a Darwin e Copérnico como um dos membros da comitiva que fez ruir as esperanças narcísicas sustentadas pelas grandes Instituições culturais: o homem não só não está no centro do universo, como também é apenas um caso de evolução, que, ainda por cima, também não pode mais dizer possuir uma coesão capaz de regular toda a sua vida emocional através de um raciocínio lógico e moral.

Ao propor a existência de um Inconsciente, Freud abala as esperanças ultrarracionalistas de uma assepsia da mente, e desvela o submundo da vida emocional, íntima e familiar, como o verdadeiro palco onde se estabelecem as identificações, defesas, neuroses e toda sorte de elementos pouquíssimo controláveis e de alta volatilidade, que são os verdadeiros responsáveis pela constituição humana. No caso de Elizabeth, o momento da tomada de consciência, apesar de essencial à cura, constitui um evento abrupto, intenso e fatigante. É natural que um sujeito colocado no lugar de catalizador desse evento se sinta desgastado pelo processo; inclusive, levando em consideração a cultura proeminentemente vitoriana do período, que sempre aconselhava ao resguardo afetivo, torna-se ainda mais difícil acatar as necessidades implícitas à *Annahme*.

Justifica-se, então, em Freud, a observação de um distanciamento defensivo erigido em suas teorizações. Logo, se pode ser dito que a afetividade compreende uma ameaça devido à mobilização que ela implica, explica-se porque, em 1908, Freud se tornou receoso diante desse elemento, tornando-se impaciente e impessoal, e chegando mesmo a assumir, muitos anos depois, que em determinado ponto da vida, tinha ficado “*fed up*” da Psicanálise em sua vertente clínica (Sabourin, 1988). Se esse foi o destino do criador da psicanálise depois dos anos 1910, a justificativa para o desgaste pode ser encontrada em suas primeiras explorações com Elizabeth:

Para esta pobre criança o efeito da tomada de consciência (*Wiederaufnahme*) de uma representação recalcada foi confusa. Ela gritava alto quando em termos precisos [eu lhe] expunha os fatos, mostrando-lhe que, há muito tempo, estava apaixonada por seu cunhado. Neste instante, queixou-se de suas piores dores e fez ainda um esforço desesperado para rejeitar minhas explicações: ‘Não era verdade, a sugestão foi minha, é impossível, ele não seria capaz de tal vilania, seria imperdoável etc’. (Freud, citado por Schneider, 1994, p. 62)

A forte descarga afetiva, a presença da confusão mental e a virulência da rejeição das afirmações de Freud compõem o cenário de violência inerente ao processo da tomada de consciência. Esse fato clínico evidencia um momento marcante: o psicanalista não recua diante da necessidade de imergir no cenário clínico que lhe é imposto. Porém, como Gay (1990) explica, para Freud, a cientificidade está inerentemente relacionada ao domínio de si e, assim, intimamente ligada ao controle racional e à sobriedade do pensamento, algo muito diferente da *Annahme* que impõe outro tipo de percepção, aquela não submetida à soberania da consciência.

A tomada de consciência estabelece uma relação que não é de domínio e implica mais no abandono e na imersão, como explica Schneider (1994). Assim, encontra-se, em Freud, um paradoxo importante no tocante aos objetivos do processo analítico; de um lado, pensando na potência dos afetos, ele estaria mais relacionado à afirmação de uma relação entre a consciência e o inconsciente marcada pela porosidade, uma abertura entre os dois que não procura assimilação ou domínio de um sobre o outro (Aranha, 2003). De outro ponto de vista, este sendo o mais prevalente na obra, o enfoque dado ao recalçamento e sua relação com a representação implica na ideia de aquisição da consciência e ampliação do Eu racional. Mas o que permitiu a Freud desenvolver uma teoria como essa?

Sendo o projeto freudiano da Psicanálise um movimento de emancipação que se dá através do autoconhecimento, as revelações provocadas na exploração analítica revelam uma

natureza humana muito diferente daquela estabelecida pelas identidades culturais tradicionais da metafísica religiosa e de suas concepções transcendentais. Yovel (1993) propõe que Freud era um estanho em sua própria cultura, nem integrado nem separado. O hiato de pertencimento seria então a fonte de onde emergiria a capacidade do autor de ser imparcial sem ser indiferente, tornando-o uma criatura sombria, mas não cínica; desprovido de respeito servil e desfigurado de devoção ideológica.

Schorske (1988) aponta como no final do século XIX, na Áustria, em decorrência dos conflitos políticos desta época, e como resposta de uma burguesia ameaçada, surge um novo tipo de homem, fundado sobre o inconsciente, produtor e vivente de afetos e instintos. Trata-se de um desvio do sujeito antropologicamente constituído sob a égide da tradição iluminista: ser da razão, cujo controle científico sobre sua natureza e moralidade era o centro de sua constituição. De acordo com o autor (Schorske, 1988, p. 183), Freud pertence a uma parcela da comunidade vienense deixada à margem social. O psicanalista era de origem judaica e sua filiação liberal produzia, naquele contexto histórico, um isolamento intelectual, responsável por uma grande frustração. A grande diferença entre a burguesia de Viena e sua classe similar inglesa e francesa residia na incapacidade de destruir ou de se assimilar com a aristocracia, permanecendo frágil e dependente. Sua fragilidade residia na ameaça das revoltas populares socialistas e antisemitas, e na sua forma de relação conflituosa com a aristocracia, de tradição católica.

A cultura tradicional aristocrática da Áustria via, na natureza, uma presença do divino, merecendo a glorificação; já os burgueses, com sua herança iluminista, divergiam, propondo o domínio pela ordem das leis científicas. O ponto de tensionamento vivido na única esfera de contato entre a intelectualidade burguesa e a tradicional aristocracia provocava uma apropriação distorcida da sensibilidade estética (Schorske, 1988, p. 31). O burguês, ameaçado tanto pelas massas que buscavam acabar com seus privilégios, como pela falta de apoio e representatividade da aristocracia, acabou deslocando a arte de um lugar de ornamento para a essência de sua constituição subjetiva; de uma maneira a dar expressão à fonte de seus valores. Assim, o interesse pelo psiquismo, traduzido pelo debruçamento sobre o eu, é uma consequência da relação do burguês com a estética, mediado pelo seu individualismo. Dito de outro modo, a arte, com sua capacidade de produzir sentido, cria igualmente o sujeito psicológico –altamente individualizado, narcisista e com hipertrofia da vida dos sentimentos.

A emergência das problemáticas do instinto, definidas como o “âmbito do irracional”, são um fruto constitutivo da subjetividade a partir de então; será dessa profundidade dos

instintos, enquanto lugar de representação da “natureza em nós”, o espaço de ação estética eleito pela comunidade burguesa de Viena. Na afirmação de uma vida oculta, reconhecida através do irracional do homem, a classe artística de Viena acaba por produzir, através da estética de seus contos e personagens, a base de pesquisa para a Psicanálise. Os sujeitos que vivem neste feixe cultural percebem a sociedade com excesso de pluralidade; uma multiplicidade indeterminante, sem qualquer coesão ou direção, e sua tradição racional perde a eficácia, pois encontra solos escorregadios em valores não legitimados. O homem burguês vienense é um desterritorializado; logo, seria o isolamento profissional de Freud o responsável por alimentar a ousadia especulativa de suas ideias, produzindo o saber marginal e não ortodoxo da Psicanálise, capaz de denunciar as motivações inconscientes e as razões do coração.

A proposta do autor aponta para a unificação do homem aos seus instintos, através do reconhecimento da vida interior demoníaca. Diz Schorske (1988) que “as naturezas mais nobres teriam de se submeter à provação de interiorizar ‘uma massa totalmente irracional do não-homogêneo, que pode se tornar seu inimigo e tormento’” (p. 39). Com essa afirmativa surge a saída criativa para o problema da racionalidade iluminista desmerecida e, dessa forma, Freud fica aberto para pesquisar temas ignóbeis ao status quo, como o ocultismo, a telepatia e a empatia. Em outras palavras, a posição social de Freud permite-o “estar mais apto para a pesquisa das camadas ocultas da vida e da mente” (Yovel, 1993, p. 354).

O mundo iluminista que é alvo de crítica tanto de Freud como dos movimentos românticos ocorridos na Europa do século XIX é aquele do “espaço e do tempo geometrizados”. O primeiro levante do Romantismo caracteriza a cultura racionalista como monótona e responsável pela consciência do vazio, da desimportância e do nada, um tédio existencial que ameaça uma geração que não se submete à satisfação da razão clara e cinzenta (Safranski, 2010, p. 185). Como contraponto, o movimento romântico se inaugura pela valorização “do sentido elevado [dado] ao comum, ao dar ao usual uma aparência misteriosa, ao conhecido a nobreza do desconhecido, ao fugaz uma aparência de eterno” (Safranski, 2010, p. 17). Trata-se de um programa contra a monotonia e o tédio das linhas retas – o verdadeiro mal-estar da racionalidade enquanto justaposição ao mistério do universo. Diante do desconforto da claridade iluminista, os românticos estariam comprometidos com um ideal de ampliação do espírito humano e do mundo sensível. Sua crítica à razão vai em direção ao universalismo do pensamento, buscando valorizar o homem comum e suas razões do coração.

Esse primeiro movimento romântico, chamado *Sturm und Drang* (tempestade e ímpeto), foi concebido como uma resposta ao iluminismo radical que imperava sobre a cultura europeia, que na época era liderada pela França e sua elite intelectual burguesa. Neste período, o racionalismo, com seus pressupostos de objetivismo e lógica, se tornou não só o motor central da cultura como uma espécie de obsessão; imperativos de utilitarismo e propósitos de finalidade enquanto causa última de todas as produções marcaram um período que poderia ser descrito como “o terror da razão”. A crítica dos primeiros românticos contém uma denúncia dos maus usos da razão que atacam o universalismo do pensamento, buscando por outro lado valorizar o homem comum e suas razões do coração. A inspiração de Freud em tentar dar inteligibilidade ao inconsciente, por vias da escuta dos desesperos emocionais de inúmeros pacientes internados e solapados por um saber pretensamente universal, encontra nesse ponto do romantismo um ponto de apoio.

O predomínio da razão impõe uma estrutura de nivelamento entre todos os elementos. Esse efeito constitui uma dupla tirania sobre o homem. Primeiro, pois se impõe sobre outras formas de percepção da realidade; e, em segundo lugar, porque cria uma falsa régua de interesses, ao estabelecer supostos valores e desejos universais que acabam apenas por impor uma opressão em nome de um suposto bem comum (Safranski, 2010, p. 36). Essa primeira parte do movimento romântico coloca, no centro de seu ideal, a busca pelo potencial criador inerente ao homem. Observando os efeitos de fragmentação e perda de sentido que se produziram na alma humana graças ao utilitarismo, à pressa e à razão pura e intelectiva, a primeira geração romântica resgatava, através da afetação pela arte e pelo jogo, uma valorização do sentimento para além do regime das necessidades fundamentais; isto é, o ato de sentir se tornou um correlato direto do pensar – mais que interpretar o mundo, a valorização da emoção e dos sentimentos se colocou como um catalizador de transformação.

A sociedade erigida sob pilares de um racionalismo utilitarista produz um sujeito fechado aos propósitos instrumentais; o intelectualismo dessa época acabou promovendo uma fragmentação no interior dos homens que buscavam intencionalidade e objetivo em todas as suas ações. Freud acompanha esse raciocínio e afirma a existência de forças ocultas que atuam, motivam e determinam a alma humana de forma inconsciente. Todavia, diferentemente da casuística transcendental operacionalizada por alguns românticos, sua forma de investigação parte do princípio das causas naturais para todos os eventos. Desta forma, as paixões humanas ganham a dignidade da existência no mundo natural, tratando-se de assumir o determinismo como terapia (Yovel, 1993, p. 359). Em outras palavras, bem

como se viu na troca de correspondências com Ferenczi, Freud não nega qualquer tipo de fenômeno, contudo, submete-os obrigatoriamente a uma relação determinada por causas físicas, anímicas e não transcendentais.

O problema na metapsicologia

Em outro movimento que tanto aproxima como afasta Freud das ideias românticas, observa-se a teorização metapsicológica a respeito do afeto. O afeto só é definido metapsicologicamente em uma única oportunidade, nos artigos de 1915, e dessa definição se ressalta a aproximação às ciências naturais, que acaba por restringi-los à dimensão econômica da descarga e do acúmulo. Chama a atenção ter levado tanto tempo para que o autor tentasse formular conceitualmente um elemento tão fundamental ao tratamento desde seus primeiros escritos. Mas o mais impactante é que, anos mais tarde, de posse de reformulações profundas sobre o aparelho psíquico, Freud (1926[1925]/2006) não tenha retornado à problemática dos afetos, dizendo apenas nada saber sobre eles.

Se o afeto ocupava um lugar fundamental e de grande riqueza nos primeiros escritos, pouco se falou dele no restante de sua obra. Seu papel fundamental relacionado à grande parte da cura, como explicitado no caso de Elizabeth von R, passou a ser apontado como um perigo, comparado aos elementos explosivos da química, com os quais o psicanalista não podia se furtar de entrar em contato, mas dos quais se deveria manter distância segura e neutra:

O psicanalista sabe que está trabalhando com forças altamente explosivas e que precisa avançar com tanto cautela e escrúpulo quanto um químico. Mas quando foram os químicos proibidos, devido ao perigo, de manejar substâncias explosivas, que são indispensáveis, por causa de seus efeitos? É digno de nota que a psicanálise tenha de conquistar para a própria, de novo, todas as liberdades que há muito tempo foram concebidas a outras atividades médicas [...] na clínica médica sempre haverá lugar para o *'ferrum'* e para o *'ignis'*, lado a lado com as *'medicinas'*; e, da mesma maneira, nunca seremos capazes de passar sem uma psicanálise estritamente regular e forte, que não tenha medo de manejar os mais perigosos impulsos mentais e de obter domínio sobre eles, em benefício do paciente (Freud, 1915[1914]/2006, p. 188).

Dessa metáfora, observa-se como o trabalho em uma psicanálise remete a um tipo de perigo relativo à volatilidade dos afetos que é comparável com os materiais explosivos da química. Freud não recuava diante dessa característica, contudo, o autor se propunha a manipular, dominar e superar tais elementos e, justamente, dessa pretensão será feita uma

crítica no próximo tópico: o ideal de neutralidade e abstinência¹² quando proposto como uma proteção do analista diante dos perigos da transferência comporta uma parcela de hipocrisia e pode ser visto como uma limitação ao tratamento.

No plano teórico, o mesmo apagamento se observa antes da virada de 1920. Os afetos, que foram tratados como estados emotivos entre a ação e a percepção, merecedores de profundas especulações em 1890, no texto *O tratamento psíquico (ou anímico)* (1905 [1890]/2006), passam a ser compreendidos por meio de uma dimensão meramente quantitativa; se é possível dizer que há um lugar para os afetos quando eles são incorporados de forma implícita ao conceito de pulsão, não é possível aproveitar todo o seu potencial clínico na forma como esse elemento é tratado. Por outro lado, a angústia – que já ocupava um lugar importante nas preocupações do autor, passa a adquirir um lugar de primazia quando a dimensão afetiva for afunilada pela compreensão quantitativa.

A grande importância atribuída aos afetos, nos primeiros escritos, comporta uma ampla concepção de termos, que se, por um lado, admite grande operacionalização clínica, por outro, torna vaga e restrita a elaboração de uma teoria. O incômodo dessa afirmação não passa despercebido para Freud, que, de sua percepção dos afetos em correlação ao corpo, erigirá tanto o conceito de pulsão, como suas primeiras formulações conceituais de representação.

É no trabalho *As neuropsicoses de defesa* (1894a/2006) que algumas das primeiras considerações de Freud sobre as neuroses abordam os afetos como quantidades em operação no psiquismo, sendo definidas através da expressão “quantum”, “cota de afeto” ou “soma de excitação”. Esses termos designam uma intensidade no psiquismo que é correlata a uma produção somática, que, por sua vez, seria capaz de se destacar da representação originalmente atribuída, tendo uma série de diferentes destinos. Ou seja, a opinião de Freud indica a necessidade de diferenciar, nas funções psíquicas:

algo – uma carga de afeto ou soma de excitação – que possui todas as características de uma quantidade (embora não tenhamos meios de medi-la) passível de aumento, diminuição, deslocamento e descarga, e que se espalha sobre os traços mnêmicos das representações como uma carga elétrica espalhada pela superfície de um corpo. (Freud, 1894a/2006, p. 68)

Ao assumir que os afetos correspondem a processos de descarga, interpretados pelo aparelho psíquico na sua ponta consciente como sensações, Freud (1900/2006) assume uma diferença de tratamento para a representação e para o afeto. A dimensão de descarga que adjetiva os processos afetivos caracteriza-os de forma rebelde e ingovernável, representando

¹² Neutralidade e abstinência foram postas lado a lado nesta ocasião, pois ambas influem no narcisismo do analista e são alvo das críticas ferenczianas.

uma ameaça para o tratamento. De outro ponto de vista, a representação estaria do lado dos fatores coesos da mente e poderia ser um aliado do tratamento, que visa trazer à tona as manifestações de mal-estar da alma. Consequentemente, devido ao seu estatuto pouco apto a explicações, os afetos acabaram sendo gradualmente deixados de lado nas explicações teóricas do autor. Mais um impasse intransponível se apresenta para Freud neste momento, quando afetos e representações passam a ser vinculados a registros diferentes. Assim, neste período da metapsicologia, a problemática relativa à questão do afeto permanece suspensa na obra de Freud (Green, 1982).

Operar uma distinção de natureza para os dois elementos implica em um método dualista de pensar que agrada muito Freud. A objetividade desse meio de raciocínio já estava presente em suas observações clínicas ao longo dos primeiros quinze anos de teorização, e sempre auxiliaram na produção de afirmações teóricas graças à sua objetividade inerente. Um exemplo dessa afirmação está no caso de uma análise de fobia infantil, quando Freud diz que “a vida emocional do homem é, em geral, feita de pares de contrários como estes. De fato, se não fosse assim, as repressões e as neuroses talvez nunca ocorressem” (Freud, 1909/2006, p. 104). De tal modo que, como concebe o autor, a própria estruturação dos afetos seria regida por pares atrelados pela oposição.

A lógica por trás dessa afirmação reside na constatação da inversão ao oposto, operada pelo mecanismo de recalque. Afinal, para que se inverta um afeto, seria necessário que ele já fosse concebido, ao menos inicialmente, em seus dois polos. Ainda observando esse mecanismo da neurose, Freud remete ao afeto o papel de guia que justificará a busca pelo representante adequado que foi cindido via recalque. Perceber a inadequação da resposta afetiva diante de um representante aponta que este é um substitutivo de valor insignificante, colocado ali por movimento defensivo. Considerar uma inversão ao oposto enquanto característica inerente aos afetos é o que permite a André Green (1982) conceber a ambivalência como o aspecto qualitativo natural da visão quantitativa de Freud, contida em suas definições que vão até 1915.

Freud possui uma teoria de base que postula um princípio fundamental de redução de todas as quantidades ao mínimo possível para o funcionamento do psiquismo. Logo, com os objetivos de redução da quantidade, um corpo tomaria as devidas providências que consistem em reações motoras, interpretadas como descargas energéticas das quantidades livremente flutuantes. O autor está se referindo à reação proporcional de motilidade frente à quantidade

recebida; ele observa então outras duas formas de descarga além das musculares, que seriam: o processamento por palavras e o associativo.

Freud, em 21 de maio de 1894, troca sua décima oitava carta com Fliess (Freud, 1894b/2006) e, nessa oportunidade, propõe três destinos para o afeto¹³. Suas diferentes possibilidades são: a conversão [*Affektverwandlung*] corporal presente na histeria de conversão; o deslocamento [*Affektverschiebung*], que é característico das obsessões; e a torção [*Affektverstauchung*] do afeto ocorrida nos processos de melancolias e nas neuroses de angústia. Ao conceituar a angústia, Freud tanto comete uma redução limitadora, como também acaba produzindo um modelo importante. Em seu aspecto limitado, a leitura proposta pelo autor restringe a angústia como o afeto primordial do ser humano, fato possível graças à sua participação incondicional desde o momento inaugural da vida pós-nascimento. Essa compreensão, no entanto, como aponta Balint (1937), não leva em consideração a participação de momentos de tranquilidade e prazer como igualmente constituintes da subjetividade.

Os dois primeiros mecanismos – conversão e deslocamento – são amplamente desenvolvidos em períodos posteriores (Freud & Breuer, 1893-1895/2006), e seguem a lógica da descarga afetiva pelas vias da catarse e da associação. Já a torção do afeto está relacionada à neurose de angústia, o que implica na transformação de um afeto livre em outra coisa: uma angústia. Dito de outro modo, ressalta-se como, no processo de torção, um afeto qualquer pode sofrer uma mutação para a angústia, e daí aponta-se para uma dinâmica particular e não quantitativa do processo.

Ainda naquele ano de 1894, em junho, Freud (1894a/2006) procura entender como se origina a angústia. Começando pela diferenciação da neurose de angústia e do fenômeno histérico, o autor segue num detalhado processo de definição que o leva a caracterizar a angústia como um processo de “acumulação somática de excitação” (p. 237), que necessita de uma “reação específica” para ser descarregada. Caso isso não ocorra, ela sofre uma torção e se torna angústia. Dois pontos importantes a respeito dessa noção precisam ser comentados: primeiramente, Freud está apontando para a ação específica que uma outra pessoa deve executar, ou seja, o processo de constituição ou de extermínio da angústia está diretamente relacionado com as relações do sujeito com seu ambiente. Esse fato coloca a angústia como

¹³ Diga-se de passagem, todos articulados com as respectivas modalidades clínicas, fato que comprova novamente como a articulação teórica do período possuía um sólido embasamento empírico, gradualmente deixado de lado.

um afeto intermediário entre uma pessoa e o mundo. O segundo ponto, se refere à transformação que o termo “excitação sexual somática” sofrerá ao longo da teoria, dando lugar à noção de libido. Ou seja, a angústia será uma decorrência da energia livre da libido, não se restringindo mais apenas à interrupção do ato sexual e podendo abranger todas as esferas do desenvolvimento humano.

As ideias desenvolvidas nesse primeiro artigo sobre a angústia e sua relação com o afeto será oficialmente articulada, no plano econômico, com o conceito de recalque em 1915 (1915b/2006). Mas a definição mais interessante encontra-se na nota de rodapé, acrescentada, em 1920, ao trabalho *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905c/2006). Freud diz:

Um dos resultados mais importantes da pesquisa psicanalítica é essa descoberta de que a ansiedade neurótica se origina da libido, que é produto de uma transformação desta e que, assim, se relaciona com ela da mesma forma que o vinagre com o vinho. (Freud, 1905c/2006, p. 212)

O exemplo de Freud serve para atingir os propósitos de pensar modificações qualitativas inerentes aos fatores econômicos dos afetos. Se Freud tenta esclarecer com esse exemplo que a angústia neurótica se produz por uma transformação da libido, interessa ressaltar a opinião de Souza (2001), que aponta como pensar o aspecto quantitativo do afeto. Para o autor, não era a ideia original de Freud pensar o elemento econômico da pulsão como um fator produtor de sentido. Ainda seguindo esse comentário, a ortodoxia da psicanálise concebe o fator quantitativo em estreita relação com o princípio de prazer-desprazer; logo, ele está relacionado à exigência de descarga. Do outro ponto de vista, daquele caracterizado pela dimensão econômica implicada na circulação de afetos, entraria em jogo não a descarga de uma tensão pulsional, mas sim a busca por expressão. Então, retomando os propósitos de pensar a angústia como um afeto capaz de qualitativamente promover torções, pode-se dizer que vinagre e vinho até se constituem do mesmo elemento – uva –, porém, transformações químicas implicam em modificações específicas do elemento comum aos dois líquidos, que tornam seus usos e propriedades de tal forma particulares, que um não pode mais ser submetido ao outro.

Aos analistas que compreendem os afetos na dinâmica do sentido, Souza (2001) atribui o trabalho do manejo da transferência a uma atividade de mobilização das emoções, impedindo os escoamentos em circuitos defensivos ou em cristalizações sintomáticas. Dito de outro modo, a verdade do sujeito é uma consequência de sua vida sentimental. Freud certamente dava margens para esse pensamento, como se observou no exemplo clínico do

caso de Elizabeth von R. Porém, ao mesmo tempo, Freud também via nos afetos um motivo de desgaste ou de ilusão.

Independentemente de estar contida na afirmação de Freud a possibilidade acima defendida, o autor não a considera teoricamente, ao menos até a virada de 1920, quando a proposta de um inconsciente originário ocupará um lugar central em suas formulações. A problemática observada nos textos metapsicológicos é justamente relativa ao fator da localização do inconsciente. Na primeira tópica, cogitava-se o recalque como o constituidor do inconsciente; assim, esta instância seria um produto secundário, derivado da consciência. Nesse modelo problemático, sentimentos (*Gefühl*) inconscientes são incogitáveis, pois não poderia haver um afeto inconsciente, apenas moções potenciais do inconsciente. Do mesmo modo, a dimensão da qualidade dos afetos estava restrita apenas às descrições fenomênicas dos casos clínicos, que, ao serem transpostas para a abstração teórica, perdiam seu vigor.

Logo, pode-se dizer que, ao se manter fiel à ideia de que a natureza de uma emoção é ter consciência dela, Freud (1915a/2006) está excluindo a possibilidade de emoções, de sentimentos e de afetos serem atributos do inconsciente. Green (1982) considera que, nesse sentido, a primeira tópica fica com um problema deixado em aberto e não resolvido; uma imprecisão geradora de dificuldades aos instrumentos conceituais que não permitem considerar realmente o acontecimento afetivo.

Freud estabelece duas definições distintas de afeto ao longo de sua teoria. Existe aquela referida à biologia, que pensa o afeto enquanto uma moção, um quantum de energia exprimível na ideia de soma de excitação “capaz de aumento, de diminuição, deslocamento e descarga” (1894a/2006, p. 66). Trata-se de uma conceituação de afeto de ordem puramente energética, na qual o estado livre ou ligado estabelece regimes de funcionamento particulares. Essa definição não é abandonada ao longo da obra e, nos seus momentos de maturidade finais, será atribuída à ação de grupos pulsionais opostos, conhecidos como Eros e pulsão de destruição.

A patologia então seria desencadeada graças à suspensão do quantum de afeto, que geraria uma fixação deste afeto em outra representação inócua, tornando esta representação hiperinvestida, logo, patógena. Outra possibilidade seria o oposto da retenção do afeto, ou seja, um vazamento do quantum de afeto diretamente sobre as inervações somáticas. Assim, o processo terapêutico visava, através da ab-reação das quantidades fixadas ou vazadas, uma

descarga afetiva que ocorreria graças ao redirecionamento dos afetos às correspondentes representações (Freud & Breuer, 1893-1895/2006).

Nesta época pré-psicanalítica, Freud caracterizava os afetos pelas suas propriedades de torção, quantidade, deslocamento e descarga, sempre referindo-os a uma relação direta com o corpo. Dessa descrição operacional, não se explicava o fenômeno fundamental à clínica que era a modificação dos afetos de prazer em desprazer; por isso, novas considerações precisavam ser feitas. Foi no texto inaugural da psicanálise, *A interpretação dos Sonhos* (1900/2006), que o autor propôs um modelo de fronteiras bem definidas, fundamentado em um articulado sistema de memória, com categorias separadas de Inconsciente, Pré-consciente e Consciente, feitas de modo claro, graças ao papel das representações. Porém, nesse modelo, novamente, embora houvesse uma ‘energia psíquica’ em movimento atravessando os sistemas e investindo diferentes representações, sua localização tópica continuava impossível. Apesar dos problemas, o grande destaque teórico dessa obra está no fato de que Freud conseguiu, pela primeira vez, identificar um aspecto qualitativo nos afetos.

Os afetos seriam modulados e passariam a influenciar o sujeito de acordo com a forma como são percebidos, isto é, vindos do interior do corpo ou de fora. Ou seja, o modo como a representação se articula aos afetos no sistema da consciência parece estar no centro do problema de sua qualidade. Freud diz que:

Nossa discussão não pode ser levada adiante sem examinarmos o papel desempenhado pelos afetos nesses processos; neste contexto, porém, só podemos fazê-lo de modo imperfeito. Assim, presumamos que a supressão do *Ics.* seja necessária, acima de tudo, porque, se o curso das representações no *Ics.* ficasse por sua própria conta, geraria um afeto que foi originalmente de natureza prazerosa, mas tornou-se desprazeroso depois de ocorrido o processo de ‘recalcamento’. O propósito, bem como o resultado da supressão, é impedir essa liberação de desprazer. [...] Isso pressupõe uma suposição bastante específica quanto à natureza da geração do afeto. Ela é encarada como uma função motora ou secretória, a chave de cuja inervação reside nas representações do *Ics.* Graças à dominação exercida pelo *Pcs.*, essas representações são, por assim dizer, sufocadas e inibidas de enviar impulsos que gerariam afeto. Desse modo, quando cessa a catexia do *Pcs.*, o perigo é que as excitações inconscientes liberem um tipo de afeto que (em decorrência do recalcamento já ocorrido) só pode ser vivenciado como desprazer, como angústia. (Freud, 1900/2006, pp. 609-10)

Ou seja, para poder pensar como um afeto poderia circular pelos diferentes sistemas, Freud concebia-os através de uma redução ao seu modo quantitativo. As ‘energias psíquicas’ transitavam de um lugar a outro do aparelho e se referiam à forma como uma representação que tivesse chegado ao sistema consciente produzia prazer ou desprazer no indivíduo. Desse modo, Freud era capaz de apontar um aspecto qualitativo em jogo, desde que fosse relacionado à consciência. Contudo, como o autor ainda não havia feito sua importante

afirmação a respeito da existência de uma parte inconsciente do Ego, os desenvolvimentos teóricos que abordam a qualidade dos afetos, feitos em 1915, são elaborações teóricas prisioneiras de uma concepção deficiente do aparelho anímico, consideradas por Plastino (2001, 2008) como descompassadas com a experiência técnico-clínica.

Nas conferências introdutórias (Freud, 1916-1917/2006), a percepção qualitativa do afeto é atribuída à sua articulação às inervações motoras. Ou seja, será a percepção da dinâmica somática de ação, envolvida na descarga afetiva, que gerará o tom do afeto; o que aconteceu a um indivíduo e como isso se desenrolou decidirá a qualidade afetiva vivida pelo sujeito. Dito de outro modo, o afeto é entendido aqui como uma transformação ocorrida no corpo e no psiquismo, que depende da percepção no sistema pré-consciente/consciente para ganhar seu estatuto de qualidade. Essa afirmação é problemática na medida em que vai contra a experiência clínica, por não reconhecer nem a centralidade dos acontecimentos emocionais nem a primazia do inconsciente original.

Em continuidade a essa problemática, nos *Artigos Metapsicológicos*, escritos no período de 1915, Freud tenta construir uma enorme sistematização de seu conhecimento alcançado até aquele momento, fazendo uma síntese de suas descobertas e introduzindo diversos acréscimos que remetem a algumas consequências lógicas, modificadoras da teoria. Esse projeto é abandonado após serem produzidos alguns textos e o próprio autor admite que a empreitada foi feita cedo demais (Freud, 1927[1925]/2006). Destes trabalhos, diversas considerações importantes a respeito dos afetos são formuladas. No primeiro dos trabalhos, chamado de *Os instintos e suas vicissitudes* (1915c/2006), Freud conceitua a pulsão da seguinte forma:

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um ‘instinto’ [pulsão] nos aparecerá como sendo um conceito situado entre o mental e o somático, como representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (Freud, 1915c/2006, p. 127)

Desse trecho, o autor desenvolve uma descrição estabelecendo quatro elementos que merecem atenção: primeiro, a “pressão” da pulsão representa o “seu fator motor, quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa” (p. 127); em segundo lugar, a “finalidade”, que será sempre a satisfação e a eliminação da estimulação de sua fonte; em terceiro, a “fonte”, de onde se origina a pulsão, será compreendida como “o processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto” (p. 128); e por último, o “objeto” da pulsão que “é a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto [pulsão] é capaz de atingir a sua finalidade” (p. 128),

sendo também o que há de mais variável, podendo ser uma parte do próprio corpo do indivíduo e se modificar quantas vezes for necessário.

Logo em seguida, Freud investiga a questão das qualidades atuantes na vida anímica, tendo como ponto de partida as fontes pulsionais originárias do corpo. Daí se desdobram considerações vagas e não conclusivas: “seja como for, só numa relação ulterior seremos capazes de esclarecer o que significa o problema da qualidade” das pulsões (p. 129), e por “relação ulterior” não se sabe do que Freud estava falando. Green (1982, p. 50) comenta que, apesar do termo afeto não estar neste artigo, aparecendo apenas a partir do texto *O recalque*, o que potencialmente deixa a entender que, antes do recalque o afeto não poderia ser individualizado ao nível do funcionamento pulsional, onde representante e afeto estão confundidos. Assim, é uma consequência da nova síntese conceitual que o afeto passe a fazer parte da dimensão pulsional, sendo compreendido, a partir de então, como parte da dimensão pulsional, mas que o autor apenas se refere como montante ou quota de afeto.

André Green também comenta que Freud atribui à pulsão o papel de produção do afeto conjugado à representação, deixando ao recalque a função de separação desses elementos, recalque que atua proporcionando uma inibição afetiva indireta por vias da substituição de representantes. Parece ficar em evidência o lugar primordial dos representantes nesse modelo, afinal existe uma especificidade de ação do recalque sobre as representações muito diferente do destino dos afetos. Porém, Freud assume que o afeto não é uma quantidade negligenciável, merecendo um mesmo nível de dignidade e atenção. Mesmo porque será o destino do afeto que dará sentido a toda a operação inibitória empreendida pelo recalque.

Freud descreve que o processo de recalque atua através do impedimento do desenvolvimento do afeto, separando-o de sua representação original. Desse processo, o autor descreve diferentes destinos para ambas as categorias e, no que diz respeito à cota de afeto, serão três possibilidades: a supressão, a transformação em angústia, ou o aparecimento do afeto com um colorido qualitativamente diverso (uma inversão de polaridades). Fica claro, dessa leitura, como Freud privilegia uma correlação entre o afeto e o ponto de vista econômico, relativa ao seu deslocamento dentro da alma humana.

Neste período da metapsicologia, os conflitos psíquicos eram percebidos como uma oposição do indivíduo em relação à sociedade, em que o princípio de prazer era o principal dinamismo que influenciava o sujeito a procurar a descarga de suas pulsões sexuais, enquanto

uma outra força – atribuída a uma pulsão de autoconservação – realizava a tarefa de refrear tais investimentos. Essa era a ideia de conflito até a descoberta de que forças de investimento da libido no próprio ego caracterizavam um modo narcísico de produção de ambivalência afetiva.

No texto *O inconsciente* (1915a/2006), Freud defende o pressuposto de que é necessário aceitar a existência de uma instância inconsciente e, para sustentar esse imperativo, o autor aponta as inúmeras experiências acumuladas no campo da clínica. Fosse na constatação de lapsos, de atos falhos ou de sonhos, todos estariam remetidos à presença de uma vida inconsciente independente do controle consciente. O autor prossegue afirmando que, nessas produções usualmente descartadas, há um sentido que pode ser alcançado através de inferências, caso se respeitem certas regras de observação. Mais do que simplesmente fornecer coerência e sentido aos atos inconscientes, a devida interpretação deles permitiria, também, construir uma intervenção eficaz no decurso de tais processos, sendo mesmo capaz de alterar estados de adoecimento anímico decorrentes de emoções vividas de forma inadequada em períodos anteriores da vida.

O trabalho de síntese teórica, praticado em 1915 procura conjugar os desenvolvimentos observados no trabalho sobre os sonhos, que foi realizado em 1900, à nova concepção sobre o afeto realizada nos primeiros escritos. Ou seja, a concepção do inconsciente, elaborada neste artigo, se consolida através da base empírica acumulada do período pré-psicanalítico e formalizada no livro *A interpretação dos sonhos* (1900/2006). Porém, ao tentar provar com suas especulações metapsicológicas as afirmações de 1894 e de 1900 sobre os afetos, diversos mal-entendidos se produzem. Afinal, nesse período da atividade clínica, Freud ainda lidava com o pressuposto teórico de que seus pacientes ignoravam certas representações ativas em seus psiquismos por uma questão defensiva contra as emoções que seriam suscitadas caso tais elementos anímicos entrassem em contato direto com suas faculdades de julgamento, que lhes foram imputadas pela sociedade.

Como o autor ainda não havia formulado uma teoria organizadora a respeito da instância inconsciente, ele chamava de “não-conscientes” as representações que haviam sido separadas de suas vinculações originais às suas respectivas emoções. E para explicar a dinâmica que levava a separação entre tais representações de seus respectivos afetos, Freud recorria ao conteúdo do complexo representacional: eles eram núcleos de pensamentos que apresentavam uma ameaça à coesão geral do indivíduo, fosse pelo despertar da vergonha, da culpa ou de quaisquer outros sentimentos intoleráveis que levavam ao uso de uma defesa que

excluía do campo da consciência o elemento representativo, ostracizando-o em outras regiões da alma. Dito novamente e de forma resumida, pode-se dizer que a ideia central dessa teoria versava sobre a explicação da atitude defensiva pela qual o sujeito afasta de sua consciência uma ideia intolerável através de uma separação entre a representação e o afeto; essa representação, todavia, se mantinha rastreável, devido à permanência de sua atividade no psiquismo pela produção de sintomas a ela implicados.

Apesar da explicação dos movimentos anímicos de defesa ser minuciosamente detalhada neste trabalho, dando conta de elucidar de forma lógica e clara a dinâmica implicada em todo o processo, certos problemas surgem a partir do modo como Freud escolhe dar relevância a alguns elementos da teórica. Isto é, apesar de ter retirado de suas observações empíricas que o gatilho desencadeador do processo defensivo está relacionado à emergência de uma emoção qualificada (os afetos tristes de Espinosa: culpa, vergonha, asco, raiva, inveja, ódio), Freud, na hora de produzir uma teoria metapsicológica, dá preponderância ao elemento da representação, caracterizando os afetos como meras moções energéticas, ou seja, transformando a riqueza e profundidade de suas qualidades em meras quantidades. Desse ponto de vista, ao contrário das representações, os afetos não se tornariam “não-conscientes”; ao se separarem de suas representações de origem, eles manteriam a valência que lhes é característica e se ligariam a uma representação substituta ou ficariam em livre circulação na alma, produzindo um incremento da angústia.

No texto *O inconsciente*, assim como nas outras obras de metapsicologia de 1915, encontra-se um problema sem solução para a teorização da primeira tópica, isto é, ao estabelecer o recalque como mecanismo defensivo original, e com isso supor que o Inconsciente é uma instância fruto dele, valorizando o aspecto econômico-quantitativo desse processo, apaga-se o importante registro clínico do inconsciente original, do Ego inconsciente e das forças narcísicas. Propor que o objetivo do recalque é suprimir uma representação é seguir a tendência duvidosa de deixar em segundo plano o registro afetivo, responsável justamente pela dinâmica de sofrimento do sujeito. Dessa proposta, a resultante é a supervalorização do fator econômico e o esquecimento das propriedades qualitativas e inconscientes dos afetos.

De acordo com Plastino (2008), essa visão geral da dinâmica de defesa produtora de sofrimento e angústia caracteriza a primeira concepção do que se entende por “teoria da angústia”. Ao ser pensada enquanto uma *consequência* do processo de recalque, tal concepção se torna a base dos impasses teóricos desse período, que estabelecem diversos

problemas e paradoxos, como, por exemplo, a existência de afetos inconscientes ou de sentimentos inconscientes de culpa. Assim, o impasse a respeito da teoria dos afetos, e sua relação com a angústia, está no centro dos problemas dessa elaboração teórica.

Freud declara, no capítulo III do texto *O inconsciente*, algo extremamente polêmico dada a sua paradoxalidade. Isto é, que “os afetos e as emoções correspondem a processos de descarga, cujas manifestações finais são percebidas como sentimentos” (Freud, 1915a/2006, p. 183). Ora, se o afeto só aparece na consciência se ligado à representação, não seria possível, de acordo com o autor, existirem afetos inconscientes, já que deveria ser natural ao afeto a sua característica de ser sentido. Contudo, Freud não parece estar sendo honesto com sua própria experiência clínica nesse momento, pois já em 1894, através da experiência empírica, havia ficado clara a participação de sentimentos fora do plano consciente operando na produção patológica. Dito de outro modo, Freud já tinha constatado a presença de afetos e de sentimentos de culpa inconscientes, mas tais afirmações eram impossíveis nos parâmetros teóricos vigentes nesse período. Mais ainda, ao atribuir à pulsão o lugar de produção do afeto, e ao afirmar que a pulsão não pode ser objeto da consciência por ser um conceito limite entre corpo e psiquismo, Freud reduz o afeto aos seus aspectos quantitativos, negligenciando-o a um estatuto que não cabe na afirmação a respeito dos afetos inconscientes.

O criador da psicanálise, ao tentar justificar metapsicologicamente essa propriedade inconsciente dos afetos, no original, chama-os de “sentimentos inconscientes” – *unbewusste Gefühl*. Observa-se aqui uma suspeita falta de rigor na tradução, pois, por mais que Freud seja flexível com o uso das palavras relacionadas ao afeto – *Affekt*, *Affektbetrag* e *Gefühl* –, nesse momento parece oportuna a escolha por *Gefühl*, afinal o sentimento se difere da emoção justamente pela característica do primeiro ser um estado entre a percepção e a ação. Dito de outro modo, o sentimento é uma forma de sensibilidade íntima, uma intuição ou uma sensação, algo muito diferente das definições quantitativas feitas por Freud, que relacionam esse aspecto à agitação motora. A suspeita de que Freud concebe uma vida afetiva inconsciente ganha ainda mais um argumento através do exemplo de Gondar (2008), que comenta como, na tradução para o francês de *O tratamento psíquico (ou anímico)*, Freud define “*Affekt*” como “*état emotif*”.

O complexo paradoxo em que Freud se encontra diz respeito à sua concepção do recalque como algo que constitui o inconsciente, como um conjunto de elementos que tinham perdido a condição de se tornarem conscientes. Essa visão não correspondia às constatações clínicas que provavam a existência de conteúdos inconscientes complexos e organizados de

forma autônoma. Fazer tal afirmação é possível, pois, uma vez que a representação que foi recalçada permanece com seu poder de ação no inconsciente, Freud conclui que essa representação manteve com um afeto uma relação de investimento inconsciente, ou que, no próprio sistema inconsciente, encontrou outro afeto para se ligar. Doravante, torna-se impossível negar a presença desses elementos em todos os sistemas do aparelho. Dito de outro modo, o afeto não está excluído do inconsciente.

Um fato que se observa ao lermos as teorizações de Freud a respeito dos afetos é a grande diferença de tratamento que eles recebem em diferentes ocasiões. Quando Freud pensa a clínica, ele elabora conceitos que destacam a participação dos afetos; seja pesquisando o conteúdo dos sonhos, ou pensando no motor do tratamento que é a transferência, a dinâmica afetiva está sempre em jogo. Porém, ao desenvolver conceitos técnicos, o que se observa é a perda desse importante elemento no centro da experiência da Psicanálise.

Será somente a partir da virada teórica de 1920 que o autor poderá conceber um inconsciente originário, constituído através da diferenciação dos estímulos corporais mediada pela inserção do sujeito na cultura. Trata-se de conceber que, pela influência do mundo exterior, parte do Id se diferencia e dele surge um Ego parcialmente consciente e organizado. Em outras palavras, a instância inconsciente original é da ordem da natureza e as modificações que ocorrem devido às relações do corpo com os estímulos externos, mediados pela alteridade, veiculam uma constituição que molda o Ego.

Plastino (2008) afirma que o recalque só poderia conceber a separação entre afeto e representação no nível pré-consciente, não tendo efeitos no sistema inconsciente. Na instância inconsciente, o afeto continua a investir a representação. Essa teorização sobre o afeto introduz uma dinâmica particular, ou seja, há um inconsciente original com complexos afetivos presentes e atuantes. Para tentar explicar como poderiam existir afetos inconscientes que jamais surgiram no pré-consciente, Freud propõe a existência de contra-investimentos nessa segunda instância. Assim, o pré-consciente poderia acionar um mecanismo que, por uma via, provocaria o primeiro recalque e que, por outra via, ofereceria uma resistência ao retorno dos elementos recalcados secundariamente. Obviamente essa teoria provoca um impasse que diz respeito à origem do inconsciente, que obrigará a modificação de pontos de vista a esse respeito. Afinal, se o recalque original depende do pré-consciente para avaliar a qualidade de uma representação, mas esse mesmo elemento só se presentifica como um contra-investimento, como poderia o pré-consciente interditar acesso a algo que jamais foi objeto de investimento nessa instância? Problema sem solução nesse momento.

Como já visto, a definição quantitativa colocou uma série de problemas insolúveis para as formulações metapsicológicas do inconsciente feitas até o período de 1915. Fatos clínicos e mitos metapsicológicos se chocam; a reformulação da teoria da angústia e a possibilidade de afetos inconscientes são problemas que exigem novas conceituações do aparelho psíquico. Será graças à desvinculação dos pares desprazer-tensão e prazer-descarga que uma nova concepção do princípio de prazer permitirá uma conceituação qualitativa do prazer e do desprazer, desatrelada da dimensão energética atribuída aos afetos. Green (1982) salienta que a centralidade dessa discussão será o motor da reforma respectiva ao lugar dos afetos em Freud, e que permitirá uma segunda definição desse conceito relacionada à experiência corporal.

Será no texto *Além do princípio do prazer* (1920/2006) que Freud modificará sua formulação sobre os dois tipos de pulsões fundamentais. Até então conceituadas como pulsões do ego e pulsões sexuais, na virada executada nos anos 1920, seu lugar será ocupado pela oposição entre pulsões de vida e de morte. Para estabelecer um princípio como a morte no seio da alma humana, Freud procurou justificativas, principalmente, em dois elementos: nos casos de análise de sonhos traumáticos em soldados que voltaram da guerra, e na constatação da compulsão à repetição enquanto fator negativo privilegiado que fazia as análises fracassarem. Esses elementos não comportam as explicações anteriores baseadas nos princípios de prazer-desprazer e de realidade, e o resultado das constatações clínicas tanto obriga Freud a reformular a sua sistematização geral da “geografia da mente”, como impõe a ele uma reformulação da teoria da angústia. Afirmação feita com todas as letras em seu estudo autobiográfico (1927[1925]/2006).

É então em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926[1925]/2006) que se encontra um estudo aprofundado sobre a angústia. Nesse texto, ela é qualificada pela sua *indefinição* e *falta de objeto*; uma energia “pura”, desvinculada de qualquer representação, que brota diretamente do id. A angústia é definida como “um estado afetivo e como tal, naturalmente, só pode ser sentida pelo ego” (p. 139), que seria a “sede real da angústia”. Deste trabalho, ainda se distinguem duas modalidades de surgimento para a angústia. A primeira delas é uma forma involuntária da angústia, chamada de “automática”; ela se faz presente quando um indivíduo não é capaz de controlar o afluxo da soma de excitação presente em si, caracterizando uma situação traumática. Como exemplo, Freud usa o caso do recém-nascido, que, para o autor, é o protótipo de todas as situações posteriores de perigo. Freud diz:

Assim, o perigo de desamparo psíquico é apropriado ao perigo de vida quando o ego do indivíduo é imaturo; o perigo da perda de objeto, até a primeira infância, quando ele ainda se acha na dependência de outros; o perigo de castração, até a fase fálica; e o medo do superego, até o período de latência. Não obstante, todas essas situações de perigo e determinantes de ansiedade podem persistir lado a lado e fazer com que o ego a elas reaja com ansiedade num período ulterior ao apropriado; ou, além disso, várias delas podem entrar em ação ao mesmo tempo. (Freud, 1926[1925]/2006, p. 140)

O bebê é incapaz de gerir as descargas corporais provenientes de tensões internas e está assim impossibilitado de satisfazer suas necessidades, dependendo dos cuidados maternos permanentemente e sendo um desamparado por natureza. O segundo exemplo se caracteriza pela angústia sinal, definida através da reação do ego diante de uma situação de perigo, que agiria como um sinal.

De acordo com Green (1982), ao reconceituar o afeto enquanto uma atividade introspectiva psicofisiológica, que produz a auto-observação de modificações corporais, Freud o estaria definindo como uma experiência reveladora de um sentimento de existência do corpo. Nesse sentido, o corpo não será um veículo de ação, um sujeito, e sim um objeto da paixão. Mais do que isso, a atestação da vivência corporal, permitida através dessa introspecção, coloca o afeto enquanto uma propriedade perceptiva sobre o corpo de mesma dignidade que o olhar; a separação entre modificações internas ao corpo e a tomada de consciência sobre elas impõe a questão da leitura dessas transformações, quer seja pela própria pessoa, ou por outro sujeito. Assim, entra em jogo uma experiência que implica o sujeito, seja ele o próprio da sensação ou outro, que sente aquele corpo como se fosse o seu.

Sabe-se que um afeto pode ser aceito ou recusado pelo Ego sem que disso surja qualquer saber sobre o mesmo. É necessário um trabalho de síntese entre as modificações corporais produzidas pelo afeto e a sua associação à qualidade da experiência, para tornar possível que a essência do afeto seja devidamente percebida. Logo, essa definição implica o Ego em uma relação particular com o corpo e com a consciência. Assim, Green (1982) entende o afeto como um canal de comunicação das instâncias: por ele, “o inconsciente se manifesta, enquanto este se apodera do ego, interpela-o, questiona-o, subjuga-o” (p. 196).

Há uma indissociabilidade fundamental entre a dimensão quantitativa e qualitativa dos afetos. Seu surgimento no interior do corpo é proveniente do aumento dos investimentos que independem de representações; isto é, o afeto, na segunda tópica, será indistinto da representação, ele será um englobado de moções pulsionais contraditórias, que se caracteriza por ser irrepresentável. Dito de outro modo, as moções pulsionais em questão comportam, em

si mesmas, conteúdos indistintos que impedem a divisão feita em 1915; esses elementos estão em busca de representação e produzem descargas percebidas como angústia pelo Ego. Assim, o que foi chamado de “afetos inconscientes”, na primeira tópica, será redefinido por Green (1982) na forma de “afetos a-representativos” (p. 221), capazes de oferecer uma conotação fundamentalmente perigosa à organização egoica. Impassíveis de análise, tais elementos demandam por sustentação, para que seja tolerável uma tensão mínima capaz de permitir ao sujeito operar significações provenientes de uma apreensão direta e imediata desse contato, que está fora do campo superficial das palavras.

Como foi observado, o papel da afetividade é uma questão central à problemática clínica de Freud e sua manipulação constitui peça chave para todos os procedimentos de tratamento desde a época pré-psicanalítica. Contudo, espera-se ter sido possível demonstrar, igualmente, como o posicionamento social-cultural-científico do autor criou um clima paradoxal, que produziu implicações diversas em suas elaborações. Aos afetos é possível atribuir o adoecimento, a cura e até mesmo a emergência da subjetividade. Neste campo de relações, entra em jogo uma compreensão da subjetividade que emerge da intersubjetividade; são as qualidades afetivas que se transmitem pelas palavras – ou além delas – que Freud observou. Mas, graças às prerrogativas científicas do autor, essa concepção fundamental acabou ficando fora dos limites de compreensão da teoria metapsicológica de 1915, produzindo um descompasso perigoso (Plastino, 2001, 2008).

O desvelamento das causas ocultas da mente, como proposto por Freud, assusta pelo seu caráter visceral. O projeto da Psicanálise é compreendido então como um movimento de emancipação, que se dá através de um tipo específico de autoconhecimento. Contudo, as revelações, provocadas na exploração analítica, apresentam uma natureza humana muito diferente daquela estabelecida pelas identidades culturais tradicionais da metafísica religiosa e de suas concepções transcendentais. Sua aposta é na libertação do sujeito pela lucidez proporcionada, e daí se explica a particularidade dessa ciência, que pode ser vista na afirmação de Yovel (1993) de “trazer para a luz algo profundo e revolucionário – e muitas vezes interpretado como negro e assustador” (p. 353).

Freud seria então um continuador racional da filosofia da imanência (Yovel, 1993). Com esta afirmação, coloca-se em questão os efeitos do pensamento do psicanalista, que provocariam o ríspido despertar das ilusões religiosas e metafísicas, assim como a demolição da autoimagem estabelecida sob os pilares de identidades culturais. Em um movimento emancipatório de um tipo de indivíduo afinado com seu mundo afetivo, Freud se tornou o

inaugurador de um tipo de pesquisa científica sobre o autoconhecimento através das vias afetivas, pretendendo provocar um autoconhecimento mais lúcido. Porém, é no tratamento concedido ao elemento sombrio que se observa a maior diferença em relação a Ferenczi. O autor húngaro torna explícito seu interesse pelos fenômenos ocultos e jamais abre mão deles, seja enquanto articuladores, ou mesmo como propriedades naturais da alma humana. Deste ponto de vista, o tipo de panteísmo proposto por Ferenczi é muito mais arrojado que o de Freud, panteísmo que permite ao húngaro especulações mais radicais e formulações conceituais mais afinadas com os registros da prática clínica, como se demonstrará a seguir no debate feito em torno da conceituação da transferência.

As heranças do romantismo alemão e do iluminismo francês estão capitalmente presentes no centro do pensamento de Freud, mantendo o autor em uma dimensão paradoxal entre a investigação dos afetos e a necessidade de sistematização e explicação dos conteúdos. Seja avançando as ideias de alguns românticos a respeito de uma dimensão do Eu oculto e misterioso, capaz de dinamicamente ser causa e efeito do mundo, e assim formulando o conceito de inconsciente, seja explorando essa região através de uma inspiração de ideal iluminista, que, com ferramentas mecanicistas, tenta pela empiria prever e revelar a experiência inconsciente.

Todavia, é justamente a respeito do lado sombrio da alma humana que se vê, em Freud, uma dificuldade de sistematização, no período de 1915. Para o autor, o aparato conceitual foi uma limitação temporária que produziu dificuldades na compreensão da clínica; dificuldades exploradas e avançadas pelo trabalho de Ferenczi.

1.3 A transferência e seus limites

Se sentimos, porém, a necessidade de nos tranquilizarmos é que uma angústia pesa constantemente sobre nosso pensamento; se delegamos à técnica, mágica ou positiva, a tarefa de restaurar na norma desejada o organismo afetado pela doença, é porque nada esperamos de bom da natureza por si própria. (Canguilhem, 2009, p. 4)

Tendo havido um arrefecimento gradual do lugar dos afetos na teorização freudiana da metapsicologia em 1915, a proposta que se segue é a de verificar a forma particular como esse movimento se fez presente também na prática clínica. Por mais que o conceito de transferência seja a mola mestra do tratamento psicanalítico, observa-se como, desde os debates iniciais entre Freud e Ferenczi, diversas compreensões dela apontam para rumos clínicos de manejo diferentes. É possível que a origem dessa amplitude se relacione tanto com o próprio fenômeno, como também possua uma razão histórica, e o que se verá a seguir é uma tentativa de demonstrar tais fatores.

A existência da transferência não pode ser atribuída exclusivamente à Psicanálise e pode ser comprovada em diversas outras áreas humanas compondo muito mais um fenômeno anímico do que apenas um conceito teórico ou uma ferramenta de trabalho. É nesse sentido que se observa a razão do debate a respeito da telepatia ocorrido entre Freud e Ferenczi nos anos 1910. Porém, bem antes dessa oportunidade, quando Freud ainda era um jovem adulto de trinta anos, seu interesse se voltou aos quadros clínicos tratados via hipnose, e dessa investigação surgiram importantes considerações sobre o que seria um método de investigação da alma realmente eficaz.

Indo de Paris a Nancy, firmou-se uma possibilidade de debruçamento sobre o método hipnótico que foi fundamental nas discussões futuras feitas com seu importante contribuinte, o professor Breuer. Então, por mais que Freud se considerasse um mau hipnotizador e seus sucessos terapêuticos nesse território tenham sido vagos e precários, suas elaborações sobre a teoria da hipnose e o papel da sugestão tiveram grande implicação nos desdobramentos de sua técnica.

De Charcot, Freud obteve a convicção de que a histeria era um fenômeno passível de ser estudado com dignidade. As experiências realizadas na Salpêtrière mostraram ao vienense como a fuga de determinações anatômicas para o adoecimento em questão era possível graças

à descoberta de que havia uma relação particular entre o “operador” e a pessoa hipnotizada. Todavia, a aproximação do vienense à escola de Nancy aconteceu, precisamente, porque Bernheim tentou restituir à hipnose seu valor original no tratamento de doentes – fato que se deu, porque esse médico era discípulo não de outro médico e sim de um curandeiro chamado Liébeault. Era graças aos propósitos curativos da sugestão que a escola de Nancy se diferenciava da Salpêtrière, mais presa às perspectivas experimentais e vinculada à tradição anatomopatológica.

Breuer, alguns anos antes, em 1882, já havia descoberto as implicações dessa afirmação ao tratar do caso de uma paciente que ficou conhecida como “Anna O.¹⁴”. Na situação de seu tratamento, a jovem de dezoito anos foi capaz de uma autossugestão hipnótica desveladora das motivações inconscientes de seu adoecimento, fato que, subsequentemente, levou ao desaparecimento de tais sintomas. A partir daí, diversas sessões de sugestão hipnótica foram praticadas, levando à criação de um método de tratamento pré-psicanalítico; dessas sessões, no entanto, decorreu o aparecimento de uma complicada dimensão amorosa paralisadora do tratamento. Apesar do desfecho negativo, em 1889, o evento será resgatado enquanto caso princeps para as elaborações teóricas da dupla Freud-Breuer, que passou a aplicar a sugestão hipnótica com propósitos de investigação – uma variação da ideia original de Bernheim, que a utilizava apenas como implantação de ideias.

Do caso de Anna O., observou-se, de forma infalível, o poder da capacidade de autossugestão na gênese e no extermínio de sintomas histéricos. Quando a paciente, por amor ao seu médico, foi capaz de investigar os recantos de sua alma e de confessar o que julgava ser um conteúdo lá escondido, produziu-se uma breve cura. Hoje se sabe como a relação estabelecida à época desse tratamento era uma simples transferência, e que, em decorrência disso, a teorização sobre a sugestão foi definida como aquilo que na verdade foi uma transferência. Apesar de parecer simples a associação entre esses elementos, o lugar que a sugestão ocupa para Freud é uma problemática merecedora de atenção.

Anos depois, ao comentar sobre as características próprias da Psicanálise, Freud (1905[1904]/2006) conjuga a sugestão e a hipnose em uma mesma explanação, para diferenciar delas a sua técnica. Ao distinguir – através da distração, do exercício e da provocação de afetos mais oportunos – a psicoterapia e a técnica de sugestão hipnótica, Freud faz um duplo movimento de, primeiramente, condensar a sugestão e a hipnose como se

¹⁴ Bertha Pappenheim.

fossem a mesma coisa e, no segundo momento, afastar seu próprio método de base transferencial dos primeiros. Porém, qual seria essa especificidade tão distinta entre a autoridade do hipnoterapeuta e a do psicanalista?

Pode-se recorrer a outro momento de teorização pré-psicanalítica – a do texto *O tratamento psíquico (ou anímico)* (1905[1890]/2006) –, para se estimar o que está em jogo na definição de Freud. Por mais que a hipnose, enquanto técnica, tenha ocupado um período breve nas elaborações freudianas – terminando, mais ou menos em 1896 –, o interesse do autor pela teoria e pelo fenômeno hipnótico não deixou de estar dentro do quadro geral de suas reflexões, compondo mais um elemento na problemática da comunicação inconsciente.

O artigo se dedica a alguns desenvolvimentos a respeito da sugestão hipnótica, sendo que o seguinte trecho: “A hipnose dota o médico de uma autoridade da qual os sacerdotes ou os milagreiros provavelmente nunca foram possuidores, pois concentra todos os interesses anímicos do hipnotizado na pessoa do médico” (p. 284) representa uma impactante afirmação a respeito da crença freudiana nos poderes da sugestão, que, todavia, se constitui uma força ilusória. Pois, igualmente presente no texto, está a descoberta de que os pacientes jamais vão contra suas próprias tendências autoconservadoras, ou seja, não estão dispostos a abdicar de um sintoma que lhes causa uma economia de sofrimento.

Freud procura constituir sua compreensão dos fatores sugestivos no contato entre as almas, dizendo que o “tratamento anímico quer dizer, antes, tratamento que parte da alma, tratamento – seja de perturbações anímicas ou físicas – por meio que atuam (sic) em primeiro lugar de maneira direta, sobre o que é anímico no ser humano” (Freud, 1905[1890]/2006, p. 271). Nessa definição, o autor, ao se referir às palavras como formas de afetação da alma, resgata uma dimensão de cuidado que é original da Antiguidade e, além disso, demonstra, também, o seu lugar particular de iluminista das sombras, ao apontar como os avanços da ciência por ele chamada de moderna “superaram” as teorias românticas de Schelling. Mas, mantendo seu lugar preponderantemente paradoxal, logo em seguida, aponta como as novas tecnologias modernas também produziram a compreensão de submissão do anímico ao físico; a postura do autor é que “a relação entre o físico e o anímico (tanto nos animais quanto no ser humano) é recíproca”, e Freud denuncia o que seria um medo neurótico dos cientistas em assumir a autonomia da vida anímica, “como se com isso fossem abandonar o terreno da cientificidade” (p. 272).

Ao definir quais são os tipos de adoecimentos típicos da vida anímica, Freud sugere que eles não provêm “de outra coisa senão uma *influência modificada da vida anímica sobre seu corpo*” (p. 274). Seria então uma afetação das qualidades anímicas do sujeito as responsáveis pelo adoecimento. Dessa excitação, Freud reporta a “expressão das emoções” como o elemento de tensionamento da alma e conjuga tais elementos com o corpo físico na forma de uma mútua afetação:

Quase todos os estados anímicos de um homem exteriorizam-se nas tensões e relaxamentos de seus músculos faciais, na focalização de seus olhos, no afluxo de sangue para sua pele, no emprego [variável] de seu aparelho vocal e na postura de seus membros, sobretudo as mãos. Essas modificações físicas concomitantes em geral não trazem nenhum benefício à pessoa em questão. (Freud, 1905[1890]/2006, p. 274)

Será esse estado de mutualidade e correspondência que o autor chamará de afetos nesse texto e alertará para um excesso interpretativo feito por alguns estudiosos – os quais, infelizmente, Freud não cita –, para dizer que “a participação do corpo é tão evidente e intensa que alguns estudiosos da alma chegaram até a pensar que a essência do afeto consistiria apenas nessas suas exteriorizações físicas” (p. 274). Dessa compreensão, Freud propõe uma distinção mais rigorosa. Aceitando que:

a rigor, todos os estados anímicos, inclusive aqueles que estamos acostumados a considerar como ‘processos de pensamento’ são ‘afetivos’ numa certa medida e nenhum desses carece de manifestações físicas e da capacidade de modificar os processos corporais. Mesmo enquanto se está tranquilamente pensando por meio de ‘representações’, correspondem ao conteúdo dessas representações várias excitações constantes [...] estas, mediante o reforço apropriado, podem tornar-se claras e fornecer a elucidação de muitos fenômenos estranhos e até supostamente ‘sobrenaturais’. Assim, por exemplo, a chamada ‘adivinhação do pensamento’ [*Gedanken erraten*] se esclarece por pequeninos movimentos musculares. (Freud, 1905[1890]/2006, p. 275)

À sugestão atribui-se o poder de despertar a “expectativa confiante”, que atuaria como um catalizador dos sentimentos. Seria através da intensificação das forças pulsionais, mobilizadas pela esperança, que certos estados anímicos seriam suscetíveis, podendo promover uma “cura milagrosa”. Para promover esse estado, seria necessário conjugar a ânsia de se ver curado e a confiança na figura do médico com o domínio da terapêutica por parte deste; e da soma desses fatores poderia se estabelecer uma espécie de “pura simpatia” (p. 279). Logo, na definição da forma como se mobiliza a expectativa confiante, Freud atribui à qualidade da presença do hipnotizador um importante papel.

O tratamento do psiquismo deverá respeitar, então, ao menos em parte, um fator de sugestão no que concerne ao esforço do psicanalista em despertar as condições anímicas mais

favoráveis à cura. É de suma importância perceber como Freud, ainda em 1890, remete seus leitores à Antiguidade, ao tratar do tema da “magia” que está presente nas palavras e nos tratamentos que pretendem provocar tais modificações. Novamente a postura particular de Freud chama a atenção; buscando iluminar com a ciência do esclarecimento racional os recantos sombrios da alma humana que atravessam o uso das curas religiosas, os povos da antiguidade, as fórmulas mágicas e os banhos purificadores, Freud insiste na presença de um tipo particular de racionalidade que tanto pretende desbancar os curandeiros, como dignifica seu saber intuitivo sobre a alma humana.

Ao falar sobre o poder da mobilização de afetos, Freud (Freud, 1905[1890]/2006) diz que “as palavras são um bom meio de provocar modificações anímicas naqueles a quem são dirigidas” (p. 279). Com isso o autor atribui à magia das palavras o importante lugar de mediação do encontro entre duas pessoas, sendo essa magia a responsável pelo exercício da influência de um sujeito sobre o outro, compondo a própria ponte de contato entre as almas. Ao mesmo tempo, ao falar sobre a sugestão, Freud ressalta como a conjuração das forças afetivas, volitivas ou esperançosas jamais é confiável no longo prazo, pois depende universalmente do fator inconsciente no âmago dos sujeitos.

Seriam mediante certas ações sutis que o analista poderia transportar seu paciente para estados anímicos favoráveis ao tratamento. Freud recorre então às suas experiências de suscitação de afetos intensos com a hipnose, para exemplificar como ocorrem diversas modificações da percepção e da ação em seus pacientes. Ao propor que o sujeito hipnotizado cria um estado de transferência capaz de sintonizar suas forças anímicas tornando-as disponíveis para o tratamento, Freud extrai o que caracterizaria de fato uma palavra mágica, a saber, a capacidade de imbuir em uma representação uma força afetiva que tome conta de todo o conteúdo dessa representação.

Assim, seria através de um aumento da *convicção* que um comando hipnótico poderia ser produzido. Para tal, é necessário que o hipnotizador seja uma pessoa a quem se destina uma dedicação particular, ou seja, alguém em quem se depositam fortes expectativas amorosas. O registro do amor se torna de fundamental importância para essa explicação, na medida em que a capacidade de suscitar estados afetivos é atribuída a uma relação de dedicação, devoção e credulidade, análoga a que se encontra *nos filhos perante os pais amados*.

Se, alguns anos depois, Freud passou a se preocupar intensamente com a diferenciação de seu método psicanalítico daquele da sugestão hipnótica, o seu interesse de escrita voltou-se ao seu oposto. Pegando, então, justamente a possibilidade alquímica contida na proposta de se pensar junto à sugestão o trabalho desenrolado a seguir visa misturar e matizar tais saberes. Pois, com Ferenczi, observa-se uma particular concepção do vínculo entre analista e paciente em um campo transferencial que contém, desde suas primeiras contribuições, os germes de uma relação empaticamente guiada. Logo, se o movimento de produção criativa vinculado à clínica tendeu ao engessamento de certas definições, encontrar-se-á em Ferenczi uma outra possibilidade.

A parte final do texto *Introjeção e transferência* de Ferenczi (1909/2011) é dedicada ao estudo psicanalítico dos processos sugestivos e hipnóticos. Ferenczi segue a linha de raciocínio já encontrada em Freud anteriormente, e derivada de seus estudos com Bernheim, atribuindo o potencial de afetação da sugestão hipnótica a partir da relação do sujeito consigo mesmo. Isto é, não seria o hipnotizador aquele que detém o poder de hipnotizar, na verdade é o próprio sujeito quem se deixa influenciar pelo método.

Logo, toda a eficácia da hipnose se deve à capacidade de uma pessoa se permitir ser suscetível à influência de outra. Essa descoberta não comporta em si nada de novo. A contribuição feita por Ferenczi é a correlação desse fator com seu conceito de introjeção. Seria, então, a capacidade introjetiva do sujeito que deveria ser o alvo de atenção do hipnotizador. Ao indicar essa relação de fatores, Ferenczi está atribuindo ao psiquismo o lugar central de gerenciamento das relações de interesse com o mundo externo, cabendo ao hipnotizador apenas o manejo e a estimulação dessa instância. Para Ferenczi, o inconsciente está povoado de afetos insatisfeitos e ávidos por excitação; tais afetos inconscientes possuem grande valência e facilmente podem ser introjetados pelo psiquismo, caso uma transferência se estabeleça e esses afetos se associem a fatores do mundo externo (Ferenczi, 1909/2011, p. 104).

Ora, se há uma tendência ou impulso (*Süchtigkeit*) introjetivo inerente a todo psiquismo (Ferenczi, 1909/2011, p. 95), cabe exclusivamente a essa instância a atribuição de modificar o curso das associações. Logo, a afirmação anterior de que a autossugestão estaria no centro de qualquer hipnose modifica as posições gerais dessa teoria, fornecendo um argumento a mais de validação, que, por sua vez, terá implicações na conceituação da transferência. Diz o autor que:

Segundo essa nova concepção, são as forças psíquicas inconscientes do médium que representam o elemento ativo, ao passo que o papel do hipnotizador, que se julgava ser onipotente, reduz-se ao do objeto que o médium aparentemente impotente utiliza ou rejeita, segundo as necessidades do momento. (Ferenczi, 1909/2011, p. 104)

Ao atribuir ao inconsciente do médium o verdadeiro trabalho de hipnose, Ferenczi está sugerindo que é a comunicação entre os inconscientes a responsável pela influência de uma pessoa sobre a outra, causando a situação hipnótica. Dito de outra forma, para que um sujeito se abandone ao estado mental hipnótico, seria preciso que o inconsciente do hipnotizador influencie os afetos inconscientes do sujeito em questão, estimulando, por via da suspensão da insatisfação, suas tendências naturais à introjeção, derivando disso, no sujeito, uma liberdade que remete à autossugestão hipnótica.

A forma pela qual o hipnotizador aproxima o seu inconsciente do inconsciente do paciente é via a adoção de uma postura particular que remete o sujeito em questão a atribuir ao hipnotizador os mesmos lugares libidinais conferidos às figuras importantes de seu desenvolvimento. Dito de outro modo, o hipnotizador favorece a emergência de vínculos transferenciais no paciente, de maneira que esse último atribui ao primeiro grande poder sobre sua vida.

Os complexos fixados no decorrer da infância serão, doravante, os elementos fundamentais atribuídos a qualquer processo hipnótico. Como a possibilidade de ser hipnotizado depende da capacidade de transferência, Ferenczi apontará uma importante tarefa ao médium, a de adotar em relação ao sujeito uma postura sexual inconsciente, pois toda relação transferencial e todo amor objetal provêm de complexos parentais. Assim, o autor diferenciará duas categorias para esses complexos de representações capazes de produzir o estado hipnótico de fé cega e obediência incondicional. A primeira seria aquela em que o hipnotizador age de forma severa e através de sua imponente física é capaz de intimidar com assertividade. A outra forma faria uso da ternura, que por vias de suavidade e apaziguamento, provocaria uma monótona calma, capaz de maternar o sujeito.

Independentemente da postura, para Ferenczi, ambas as formas são eficazes na condução do estado transferencial que leva à hipnose, pois nas duas o sujeito pode ser cooptado por situações que remetem ao passado infantil. Seja pela “hipnose paterna”, que traduz sempre sensações de assertividade e onipotência; ou pela contrapartida da “hipnose materna”, que remete o sujeito aos vínculos afetivos mais acalentadores e confortadores,

presentes nas relações infantis com a figura de sua mãe, a sugestão hipnótica se redefine diretamente relacionada à situação transferencial.

De acordo com Ferenczi, a possibilidade de sugestão hipnótica está garantida, afinal, há em todos os sujeitos uma raiz constitutiva de imagos parentais. Cabe ao hipnotizador perceber qual dos dois complexos é prevalentemente dominante em cada constituição. Logo, apesar das garantias de hipnose, tal trabalho é extremamente complexo devido à maior ou menor influência libidinal de uma ou de outra relação parental, e também à flutuação de papéis entre essas figuras.

No texto *Adestramento de um cavalo selvagem* (1913a/2011), Ferenczi continua desenvolvendo essas afirmações e oportunamente comenta que é na “história dos quatro primeiros anos, em particular a maneira como se constrói a relação com os pais, o que determinou se um indivíduo ficará toda a sua vida receptivo a uma, à outra ou às duas formas de influência” (p. 16). Dito de outro modo, Ferenczi atribui ao amor inconsciente pelos pais o fator que decidirá sobre o funcionamento do próprio processo hipnótico. Ferenczi conclui seu texto sobre a introjeção e a transferência pronunciando que:

a sugestão e a hipnose correspondem à criação artificial de condições onde a tendência universal (geralmente recalcada) para a obediência cega e a confiança incondicional, sobrevivência do amor e do ódio infantil-erótico pelos pais, é transferida do complexo parental para a pessoa do hipnotizador ou suggestionador. (Ferenczi, 1909/2011, p. 123)

Contudo, apesar de estabelecer uma correlação profunda entre a transferência e a sugestão hipnótica, Ferenczi radicaliza suas opiniões devido à influência de Freud. O autor vienense comenta em seu trabalho *A dinâmica da transferência* (1912b/2006), em tom de concordância com seu discípulo, que:

até este ponto admitimos prontamente que os resultados da psicanálise baseiam-se na sugestão; por esta, contudo, devemos entender, como o faz Ferenczi (1909), a influência [sic] de uma pessoa por meio dos fenômenos transferenciais possíveis em seu caso. Cuidamos da independência final do paciente pelo emprego da sugestão, a fim de fazê-lo realizar um trabalho psíquico que resulta necessariamente numa melhora constante de sua situação psíquica. (Freud, 1912b/2006, p. 117)

Ou seja, de acordo com Freud, que concorda com a construção ferencziana de 1909, o médico pode usar a sugestão enquanto um elemento de aliança com seu paciente para ajudá-lo a despertar o seu próprio poder introjetivo. Mas, em um ato aparentemente ambivalente, Ferenczi parece não se satisfazer com o acolhimento de seu mestre e, no mesmo ano, produz um trabalho em que tenta afastar radicalmente a terapêutica psicanalítica de quaisquer práticas sugestivas e hipnóticas, como se vê em *Sugestão e psicanálise* (1912c/2011).

Trata-se de uma mudança de postura tão radical, contida nesse movimento de tentar extirpar da Psicanálise qualquer relação com a sugestão, que uma confusão se estabelece ao leitor desavisado. Inicialmente, Ferenczi tenta definir o modo de operação da sugestão, atribuindo a ela a predominância no que se definiu por “hipnose paterna”, ou seja, o seu aspecto impositivo e subjugador; o que estaria em jogo nessa definição seria mesmo uma atividade, por parte de um hipnotizador, que introduz voluntariamente sensações no psiquismo do paciente.

Todavia, a hipnose materna também está em jogo na sugestão, mas ela seria melhor observada nos fenômenos ditos mediúnicos. Maia (1995) aponta como Ferenczi tende, ao longo de sua obra, a apontar a díade mãe-bebê como a matriz das experiências telepáticas; de acordo com a autora, seria um fracasso dessa fusão inaugural que instauraria o sentimento inconsciente de medo, responsável por um incremento da sensibilidade não-verbal de certos sujeitos, que passam, doravante, a experimentar fenômenos telepáticos. A já comentada opinião pessoal de Ferenczi (1988[1932]) é “que a hipersensibilidade dos órgãos dos sentidos, tal como é constatado em muitos médiuns, serviria originalmente a uma atitude de ‘guarda’ frente às pulsões de desejo de uma pessoa cruel” (p. 118).

A crítica principal do autor aos métodos sugestivos e hipnóticos recai sobre a revelação da submissão do sujeito frente ao hipnotizador; nesse processo, não se permitiria que os afetos entrassem em verdadeira circulação de maneira livre. De fato, nas práticas hipnóticas realizadas tanto em Paris como em Nancy, os pacientes eram alvo de ordens que os impediam de sentir determinados afetos, e eram obrigados a abandonar todas as suas atitudes subjetivas diante de plateias de médicos. Certamente, em decorrência desse uso do método, a sugestão se limita em seus efeitos, que passam a durar apenas enquanto vigorar a autoridade do hipnotizador e o desejo de subjugação dos pacientes.

Freud, que em *Sobre a psicoterapia* (1905[1904]/2006) faz uma exposição aos médicos sobre em que consiste o tratamento, sugere uma importante referência a um outro homem da ciência, justamente para abdicar da correlação entre a sugestão hipnótica e a Psicanálise. Trata-se da fortuita distinção que Leonardo Da Vinci fez entre a arte de pintar e a de esculpir; diz Freud que, ao se trabalhar “*per via di levare*”, retira-se da pedra tudo aquilo que soterra a estátua que está ali por baixo. Já diante de uma tela em branco o pintor procede “*per via di porre*”, colocando sobre ela uma substância. Contudo, quando se leva em consideração o que foi exposto em 1890 a respeito do tratamento anímico – isto é, que a concepção da sugestão hipnótica implicava em uma mobilização afetiva, possível graças à

autoridade que o hipnotizador despertava em outro sujeito, sendo esse amor um correlato daquele produzido, por sua vez, nas relações entre pais e filhos –, fica em questão a dificuldade de se estabelecer uma distinção tão clara entre as práticas, como Freud parece pretender.

Em defesa das motivações de Freud, sabe-se que, no período dessa publicação, não se havia ainda a formalização da obrigatoriedade da análise pessoal dos analistas, assim como é clara a preocupação do autor com a pureza da prática por ele inventada, que já necessitava da devida proteção ante alguns entusiastas afoitos. Afora essa ressalva, merece atenção, também, a distinção pretendida pelo autor no que diz respeito à sua criação: influenciado por Bernheim, que concebia a sugestão como uma “substância-ideia-sugestão”, Freud define a sugestão como uma influência psíquica que desperta no cérebro de outra pessoa uma ideia que não é examinada quanto à sua origem, mas que é aceita como originada espontaneamente (Freud, 1888/2006). Assim, tomado por essa definição, Freud está certo em assumir que o hipnotizador não estava preocupado com a origem e a significação do sintoma, atuando de forma cega, apenas guiado pela eficácia de seus resultados imediatos.

Para tentar distanciar a prática da Psicanálise desses métodos, Ferenczi recorre ao mesmo percurso que seu mestre Freud. Ressaltando a distinta qualidade do fenômeno neurótico da resistência, Ferenczi assume que somente a plena vivência e compreensão das resistências seria capaz de fazê-las perder sua intensidade afetiva. Apontando a diferença entre a atividade hipnótica de implantar elementos e a passividade psicanalítica de nada prometer, Ferenczi está trabalhando com uma conceituação muito próxima da de Freud (1919[1918]/2006), que atribui à Psicanálise o mesmo trabalho de um escultor que, “*per via de levare*”, apenas retira da pedra tudo aquilo que não é estátua. Infelizmente, nessa oportunidade, Ferenczi está tentando ser mais real que o próprio Rei e abre mão de forma taxativa do elemento da sugestão apressadamente, enquanto Freud, no texto de 1919, comenta sobre a necessidade de mistura correta do ouro da Psicanálise com o cobre da sugestão.

Apesar da assertividade potencialmente exagerada, a tentativa de Ferenczi de distanciar a Psicanálise da prática sugestiva aponta uma diferença importante entre as duas. Das frustrações impostas pelo método de Freud, que não propicia um conforto rápido através de sugestões, emerge um tipo de relação capaz de levar o sujeito à real perlaboração de suas vivências afetivas. Seria na manutenção de um espaço capaz de suportar tanto as críticas, desapontamentos e desilusões de um sujeito, quanto suas aspirações e desejos, que o método psicanalítico comportaria a dimensão negativa da relação transferencial. Dito de outro modo,

a sugestão hipnótica só viabiliza uma relação transferencial positiva, na qual o analista é um superior ungido de total autoridade. Já a metodologia terapêutica da Psicanálise obriga o paciente a se confrontar com os aspectos negativos existentes em seus afetos inconscientes atualizados na figura do analista.

A mistura correta entre cobre e ouro é pensada desde 1905, quando Freud (1905[1890]/2006) se debruça a pensar nas formas de se inclinar sobre o sofrimento humano. Com essa modalidade de trabalho, o autor trouxe para o campo da medicina de sua época a radicalidade de uma afirmação. São as formas em que um sujeito se cria que o permitem adoecer. Curar implica tão somente uma violência particular, um ato de combater as forças radicais operativas no bojo de constituição de verdades profundas que habitam a alma de alguém que sofre.

O que parece ter sido deixado de lado na descoberta freudiana e vivido somente de forma paradoxal é a radicalidade do encontro que se opera numa sessão de análise. Trata-se da particularidade dos afetos, que vividos sob transferência dão a verdadeira originalidade do inconsciente, fenômeno que somente depois de uma importante virada teórica pôde ser pensado na forma de um inconsciente original, dimensão do irrepresentável capaz de reformular toda a compreensão clínica.

Um dos motivos que levou Freud a adiar suas publicações sobre a técnica pode ser explicado justamente porque o autor sentia a precocidade de seu momento teórico no ano de 1915. O que se vê na conceituação do inconsciente veiculado até então é a diminuição do real papel dos afetos, que não abarcam seu potencial inerente de criação subjetiva. De um ponto de vista capaz de ser vislumbrado teoricamente apenas anos depois, observa-se como não haveria no começo da vida qualquer índice de representação dentro do aparelho psíquico. Logo a comunicação não-verbal seria o instrumento verdadeiramente ativo nas comunicações basais do ser humano.

A lógica da transferência muda radicalmente de foco nessa perspectiva; não será mais ela a condição de uma análise, o afeto não precisa da representação para mediar sua comunicação, e esse parece ser o ponto nuclear da Psicanálise. Em outros termos, compreender a transferência como uma atualização do inconsciente ou como uma experiência de sentido modifica radicalmente a forma como um tratamento se desenrolará.

A transferência como atualização do inconsciente: a atenção sobre a resistência

A nota de Strachey no começo dos artigos sobre a técnica revela que Freud desejava, desde 1908, escrever uma exposição geral da técnica psicanalítica. Fato que foi sucessivamente adiado por vários anos, sendo a primeira publicação uma produção que ocorreu durante a troca de cartas com Ferenczi a respeito da telepatia.

Dessa hesitação pode-se interrogar o que Freud tinha em mente quando sugeria ao seu interlocutor a pesquisa em questão. Já se indicou anteriormente neste trabalho que as pretensões do vienense eram de colocar os fenômenos ocultos sob as lentes do microscópio da psicanálise para dar-lhes uma explicação científica, e com isso não somente superá-las, como comprovar, em mais um território, a superioridade do poderio da Psicanálise. Em outra perspectiva, o húngaro via nessa oportunidade uma abertura para aperfeiçoar a própria ferramenta psicanalítica.

Fechamento e abertura, convencimento ou dissuasão, não seria possível fugir dessa dicotomia no que se refere às finalidades daquela investigação, se não fosse o seu resultado. Seu desfecho não levou a cabo nenhuma das duas possibilidades, por mais que as expectativas de Freud, que se viu convencido de suas suspeitas não confessadas a respeito da veracidade de certos fenômenos, tenha ocorrido. No final das contas, a provocação imposta pela telepatia vigorou em outro âmbito, isto é, em uma articulação profícua com o conceito de transferência. A inovação freudiana a respeito desse fenômeno humano consistiu em reconhecer seu estatuto central à prática clínica. Mais do que um mero reconhecimento, uma gradual demonstração e esmiuçamento de suas particularidades se impuseram no cenário teórico.

Apesar de não receber o nome de transferência, a ideia está presente desde o começo da clínica, como se observa em *Estudos sobre a histeria* (Freud & Breuer, 1893-1895/2006). Neste texto, a transferência é compreendida como uma conexão falsa, “*mésalliance*”, proveniente de um desejo “compulsivo de associação”, ou seja, uma formação de compromisso produzida pelos fenômenos histéricos, quando a eles se impõe a regra de relembrar fatos (associações). A regra deste princípio é que um complexo de representações “subconscientes” (p. 113) cumpre uma compulsão para se associar a um grupo de ideias conscientes. Desse modo, o conjunto de sentimentos é resultante de uma ligação ilegítima promovida a partir do afeto, que associa a figura do analista a uma outra pessoa. Como se trataria de uma produção alucinatória, a função do clínico enquanto “representante de uma

visão mais livre ou superior do mundo – ali onde a ignorância deu origem ao medo” (Freud & Breuer, 1893-1895/2006, p. 296) seria a de esclarecer, nos mesmos moldes que um professor ou um padre, as falsas conexões. Todavia, tal explicação deveria ser feita de modo a considerar a simpatia¹⁵.

A visão de uma diferença íngreme entre a posição do analista e o lugar do paciente prevalecia naqueles primeiros momentos. Será justamente com a superação do lugar ocupado pelo analista enquanto um padre ou professor, que a psicanálise passará a ocupar um lugar original enquanto uma terapêutica da alma. Abordada novamente em *A interpretação dos sonhos* (1900/2006), a noção de transferência reaparece figurando um “*deslocamento de intensidade psíquicas* no processo de formação do sonho” (p. 333). Ainda não atribuída à prática clínica, mas inegavelmente correlacionada a essa, o sentido da noção em questão se refere ao processo de deslocamento entre intensidades, aqui comparadas à forma como os restos diurnos se associam através de um aparelho de memória hipotetizado por Freud como o “esquema pente”.

No processo do sonho, as representações pré-conscientes são utilizadas para fazer emergir na consciência o desejo inconsciente. Ao modo de qualquer outro resíduo diurno, elas “*oferecem* ao inconsciente algo de indispensável - ou seja, o ponto de ligação necessário a uma transferência” (Freud, 1900/2006, p. 601), e este trabalho de ligação será realizado pela “transferência de intensidade” (p. 599) de uma representação à outra.

Será diante do caso clínico de Dora¹⁶ – precisamente em seu posfácio –, que a transferência começará a ter seus efeitos e alcances recortados em forma de teoria. Uma importante virada conceitual se mostra nesse momento, pois a “falsa ligação”, outrora vislumbrada como uma cruz que necessita ser superada, aqui se afigura como uma “exigência indispensável”, um fato inevitável. Dito de outro modo, a transferência que, outrora, estava “destinada a constituir o maior obstáculo à psicanálise, converte-se em sua mais poderosa aliada quando se consegue detectá-la a cada surgimento e traduzi-la para o paciente” (Freud, 1905b/2006, p. 112). Todavia, por mais que estivesse imperiosamente relacionada à evolução do tratamento, a transferência de Dora imputou ao autor uma dificuldade considerável a ser sobrepujada, isto é, os sentimentos hostis que foram consequência da raiz inconsciente de seu amor de transferência.

¹⁵ “*das Maß von Sympathie*” (Freud, 1895/1943, p. 285).

¹⁶ Ida Bauer.

Apesar de mais gritante, a questão acima não é o único elemento problemático da conceituação freudiana. A posição do analista ainda é devedora da época da parceria com Breuer; ou seja, o modo de atuação do analista ainda respondia a uma relação hierarquizada e distante. A mencionada “compulsão à associação” é imposta pelo analista graças à relação estabelecida de “cuidado e submissão” (Freud, 1905[1890]/2006). As heranças da hipnose se afiguram nesse modo de relação, e a teorização, feita no período de 1900, propõe que a reedição e reimpressão da vida afetiva do paciente deslocada para o analista é um processo mnêmico. Ao pensar seu aparelho de memória como constituído pelo recalque, Freud compreende que o tratamento se viabiliza pelo resgate dos traços mnêmicos atualizados no analista via resistência. O analista deve explicitar esses traços verbalmente, fazendo-os conscientes e então habilitando a correção da percepção; somente assim seria possível destruir tais falsas impressões, que constituem modos de relação fantasiosos e distantes da realidade. A transferência será uma aliada, na medida em que puder conjugar uma recordação por vias da interpretação de conteúdo.

O analista é, nesse caso, um cirurgião cujo bisturi amolado é sua interpretação, capaz de cortar os encadeamentos mnêmicos. Opera-se, assim, uma oposição à repetição inconsciente pela via da explicação consciente. Processo último capaz de curar. O problema que se fazia presente nesse período em que os autores fizeram essas análises, e que precisou receber indicações precisas de correção, diz respeito à confusão praticada por alguns analistas, que se ativeram muito detalhadamente ao caráter professoral e autoritário dos primeiríssimos tempos da técnica.

Assim, quando Freud fala sobre explicações, muitos não compreendiam a fundamental participação do processo afetivo que se associava ao reviver atual, em transferência, dos complexos inconscientes. Como já foi explicitado em momentos anteriores, as recordações possuem extremo poder, pois são “transferências de conteúdos” dos complexos inconscientes, ou seja, elementos potencializados pelas quantidades afetivas capazes de atribuir a essas recordações o sentimento de uma convicção (Ferenczi & Rank, 1924/2011).

Anos depois do caso Dora, ocorre a secreta troca de correspondências sobre a telepatia e, nesse mesmo ano, Ferenczi publica seu primeiro texto psicanalítico chamado *Introjção e transferência* (1909/2011)¹⁷. Para fazer sua explicação, o autor elege dois tipos de psiquismo

¹⁷ Na edição brasileira, assim como em diversas outras, se observa uma inversão dos termos, que, contudo, não respeita a originalidade do autor. Ferenczi, no original, intitulou esse trabalho de *Introjção e transferência*.

patológicos para comparação, o neurótico e o paranoico. A partir dessa comparação, constata a predominância hegemônica de mecanismos projetivos na paranoia, caracterizando esse fenômeno como uma expulsão para o exterior de emoções indesejadas, ou, como ele mesmo diz: “quando um conteúdo psíquico puramente subjetivo se converte em puramente objetivo” (Ferenczi, 1912a/2011, p. 210). De outro extremo, o neurótico inclui em sua esfera de interesses a maior parcela possível do mundo externo, através da sua transformação em objetos de fantasias conscientes ou inconscientes. Ambos os psiquismos procuram atenuar insatisfações com seus respectivos mecanismos, contudo, Ferenczi caracteriza o procedimento neurótico de introjetivo. Ou seja, o neurótico, em sua busca incessante por objetos capazes de aplacar a angústia, acaba por estender seu Ego. Ferenczi conclui que a introjeção neurótica nada mais é que uma exageração de uma tendência (*Süchtigkeit*) deste processo de introjeção, “cujos elementos se encontram em todo homem normal” (p. 95).

A potência da introjeção, enquanto uma capacidade para se “fundir no outro” (Haynal, 1995), é explicada por Ferenczi através da expressão “*Süchtigkeit*”, um impulso relativo ao mecanismo de sobrevivência. Trata-se de um recurso amplo e disponível ao psiquismo humano, observável nos fenômenos ocultos de modo geral: seja na hipnose, na transferência ou na transmissão de pensamento. Isto posto, ao enfatizar o elemento primitivo que é o exigência (*Sucht*), Ferenczi está apreendendo o aspecto mais regressivo da experiência introjetiva que se manifesta na transferência. Neste trabalho inaugural de 1908, já se encontram as bases do que será desenvolvido em diversos outros trabalhos (1913b/2011, 1919/2011) a respeito da relação entre os participantes da análise.

O conceito de introjeção coloca em debate a forma como Ferenczi e Freud conceituam de modo diverso o Ego. O autor húngaro atribui a essa estrutura uma dimensão de porosidade natural, chegando a chamar todo o psiquismo de “Ego” em seus primeiros trabalhos. Visando tanto o corpo como a mente, o Ego ferencziano está em comunhão com o mundo externo através de um monismo dos primeiros momentos de vida, do qual só se afastará com o tempo e através de suas próprias “exigências” (*Sucht*). Nota-se nessa conceituação como Ferenczi pesa em sua pena uma caracterização egoica original e diferente do de seu mestre.

Freud, apesar de atribuir grande relevância ao conceito e aceitá-lo amplamente, prefere compreender a introjeção (1913a/2006, 1939[1934-38]/2006) como um mecanismo canibalesco mais relacionado com a capacidade de colocar de fora para dentro,

Preferiu-se manter como no original, pois, além de respeitar a vontade do autor, também se dá o devido destaque à magnitude de cada fenômeno.

simbolicamente, os objetos de amor. Outra diferença marcante da compreensão da introjeção é a percepção de Freud do Ego enquanto uma estrutura que busca coesão e síntese de forma automática.

Poucos anos mais tarde, em *Dinâmica da transferência* (1912b/2006), Freud acompanha seu discípulo e se apropria – ao seu modo – do conceito, para formular as bases teóricas de sustentação do método operatório da clínica. O artigo freudiano apresenta um quadro geral e amplo da forma como se produz uma análise. A transferência é inaugurada enquanto um elemento clínico e é definida como um clichê estereotípico, um desvio dos investimentos libidinais parcialmente insatisfeitos para a figura do analista, ou seja, “essa transferência foi precisamente estabelecida não apenas pelas ideias antecipadas conscientes, mas também por aquelas que foram retidas ou que não inconscientes” (p. 112). Seguindo as bases de 1893-1895, a transferência possui alta versatilidade, sendo apresentada como uma forma de repetição e resistência, que se torna útil aos propósitos do tratamento:

Se acompanharmos agora um complexo patogênico desde sua representação no consciente (seja ele óbvio, sob a forma de um sintoma, ou algo inteiramente indiscernível) até sua raiz no inconsciente, logo ingressaremos numa região em que a resistência se faz sentir tão claramente que a associação seguinte tem de levá-la em conta e aparecer como uma conciliação entre suas exigências e as do trabalho de investigação. É neste ponto, segundo prova nossa experiência, que a transferência entra em cena. (Freud, 1912b/2006, p. 115)

A continuação das ideias de 1905 está presente agora na consideração da transferência como uma forte aliada do tratamento e como a mais poderosa resistência a ele. Ao transferir ao analista seus sentimentos, na verdade, o paciente está sendo dominado por associações relacionadas ao analista, que “na consciência à frente de quaisquer outras associações possíveis” (p. 115) porque elas satisfazem a resistência. A resistência ao tratamento é explicada pela própria constituição da situação neurótica. Um sujeito diante de frustrações de satisfação retira do mundo seus investimentos libidinais, investindo-os na forma de fantasias. Freud chama esse processo de regressão, e o caracteriza como um importante fator patogênico que necessita ser superado.

Para tal, a análise rastreia a libido por meio da transferência e da observação das fantasias, buscando superá-las, e restabelecendo o contato do sujeito com a realidade, que se produz pelo desfazimento do processo de introversão da libido regredida. Para Freud, neste período, a libido à disposição do neurótico está sob o controle de forças de atração

provenientes dos seus complexos inconscientes; ela está, portanto, em curso regressivo devido à perda de interesse pela realidade.

O trabalho analítico se configura, então, pelo manejo dessas resistências e pelo resgate do sujeito preso em uma posição de regressão. Cada fala, cada gesto e cada associação devem receber a atenção do analista, que procura observar o jogo de forças entre a resistência e a conciliação com a realidade. O paciente transfere para a figura do analista a parte patogênica do complexo inconsciente que melhor satisfaz a sua resistência, sendo esta transferência a arma mais forte de que o paciente dispõe para resistir. Por outro lado, Freud também admite que o estabelecimento dessa relação produz uma espécie de amor particular, capaz de facilitar o processo de entrar em contato com os elementos nocivos inconscientes.

Contudo, apesar da regressão adquirir um caráter defensivo mediante o estabelecimento de uma neurose, ela também é, para Freud, uma função natural do aparelho anímico. Porém, essa observação clínica só será redimensionada seis anos depois em *Além do princípio do prazer* (1920/2006). A transferência enquanto uma forma de resistência, será então atribuído a uma “compulsão à repetição” e ganhará rudimentos de uma explicação. Ao considerar o caráter natural da regressão e sua manifestação como uma constância absoluta, passível de se opor mesmo à própria conservação, Freud é capaz de pensar em uma tendência chamada pulsão de morte.

Mas se Freud não abre mão de observar o aspecto de resistência implicado na transferência, ele também verá nela uma utilidade. Freud considerou necessário decompor esse elemento em seu aspecto positivo – útil ao tratamento – e em uma parte hostil e negativa, que apenas protege o paciente. A dimensão positiva da transferência é vista pelo autor como a transposição de sentimentos amistosos e afetuosos, passíveis de emergir na consciência, mediante seus devidos prolongamentos inconscientes. Mas é justamente essa ramificação inconsciente que pode levar a um novo problema, isto é, a base erótica de todo impulso amistoso é vista pelo autor como uma outra possibilidade de resistência ao tratamento, caso o paciente as desenvolva. Assim, Freud é muito cauteloso em sua forma de trabalhar, ele seleciona um leque restrito de emoções úteis a seus propósitos clínicos, deixando de fora a participação do que há de hostil ou erótico.

Mas, afinal, resistência de quem? A transferência e a contratransferência

A possibilidade de mobilizar afetos sempre deixou Freud cauteloso e até desconfortável. Inclusive, a elaboração teórica desse assunto condensada na palavra contratransferência é raríssima, tendo apenas três menções oficiais ao longo dos 23 volumes de sua obra. Em decorrência do antiético relacionamento praticado entre Jung e Sabina Spilhein, em *As perspectivas futuras da terapia psicanalítica* (1910b/2006), Freud sente a necessidade de tornar pública a constatação, já vista desde os tempos de Breuer, a respeito de uma modificação nos sentimentos do analista, que “surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes” (p. 150). Já em *Observações sobre o amor transferencial* (1915[1914]/2006), a contratransferência será definida como algo cujos sinais os analistas devem estar atentos, e como algo a ser controlado para, em seguida, ser sobrepujado. Pois é importante ressaltar que, para Freud, a contratransferência seria um efeito provocado por alguns pacientes.

Para fazer frente à capacidade dos pacientes de mobilizar os afetos do analista¹⁸, Freud apresenta o elixir da neutralidade. O analista deveria se purificar de suas ligações com a vida real, evitando ao máximo comunicações pessoais que o tornem mais um personagem do cotidiano; mantendo-se, assim, neutro quanto às manifestações transferenciais e insensível frente à mobilização afetiva estimulada pelos pacientes, que é vista como um obstáculo ao tratamento (Chertok & Stengers, 1990; Gondar, 2008; Laplanche & Pontalis, 2000).

Se Freud manteve uma concepção negativa do fenômeno da contratransferência, o mesmo não se observa em seu discípulo. Pensar nesse conceito com Ferenczi é muito mais do que apenas refletir sobre aquele conjunto de complexos que deve ser sobrepujado. Neste autor, entram em jogo os fatores invisíveis (Figueira, 1994) que estão por trás do reestabelecimento de um paciente, ou seja, de sua cura. Então, se Freud constituiu um dispositivo elaborado em torno de como funciona o mundo anímico do paciente, foi Ferenczi que ponderou em como esse dispositivo é eficaz, na medida em que considera o funcionamento anímico do analista no encontro com seu paciente; assim, o termo contratransferência adquire para o húngaro uma significação ampla, abarcando tudo o que se passa na mente do analista. Se tornando um instrumento da análise, a contratransferência

¹⁸ Cf. McGuire (1976), a carta é de Freud e data 7 de junho de 1909 sendo dirigida a Jung a respeito de seu caso com Sabina.

ocupa um lugar princeps no tratamento, como se vê na segunda metade de suas produções teóricas, que foi escrita próximo à época dos anos 1920.

Preocupado com a dimensão afetiva que ronda o analista, será no trabalho *A técnica Psicanalítica* (1919b/2011) que Ferenczi pontuará como, durante a sessão, ser afável, compassível, rude ou grosseiro não é algo que o psicanalista possa se dar ao luxo de forma livre, esperando que seu paciente se adapte. De outro modo, compete ao profissional saber dosar sua simpatia e mesmo não se deixar dominar internamente pelos afetos ou paixões que o habitam. Pois, se assim procedesse, tal postura subjetiva contribuiria de forma negativa ao tratamento. A capacidade de atenção igualmente flutuante ficaria prejudicada e a assimilação dos elementos provenientes da associação livre do paciente, impedida.

Certamente, Ferenczi não é um autor que trabalha apenas com binômios ou pares antitéticos. Logo, não é por oposição que o autor vai se contrapor à necessidade de neutralidade dos afetos ; pelo contrário, os afetos do analista são as ferramentas mais profícuas à sua disposição para se aproximar empaticamente do sofrimento alheio. Usar seus próprios complexos é, inclusive, a forma mais natural à disposição de Ferenczi para se aproximar da experiência afetiva de seus pacientes e com eles poder chorar, se assim for necessário (1928a/2011, 1988[1932]).

Mas o que o autor pontua ainda no texto *A técnica psicanalítica* é a necessidade de uma dupla tarefa: por um lado, o analista deve observar o paciente e examinar suas falas, construindo com ele o seu inconsciente através das experiências trazidas conscientemente por ele e por seu comportamento. Ao mesmo tempo, o analista deve dominar firmemente a sua própria expectativa a respeito do paciente. Ferenczi está seguindo as indicações de Freud à risca nesse momento. Ele não discorda em momento algum da importância da neutralidade na clínica, inclusive explicando-a em associação com a necessidade de *dominação e superação da contratransferência*, que está em jogo para ambos os autores.

Um ponto de diferenciação entre os autores é justamente a amplitude e a impregnação do fenômeno da contratransferência no encontro analítico. Diferentemente de Freud, Ferenczi atribuía a esses elementos mais do que apenas indicadores de pontos cegos ou de aspectos não trabalhados na análise pessoal do analista. A contratransferência, na verdade, diz respeito a todos os processos decorridos na vida anímica do analista durante o contato com seu paciente. De tal modo, seja como obstáculos ou como instrumentos, os afetos do analista são partes constituintes do tratamento, necessitando de exame e compreensão analítica. Para sustentar

seu argumento, Ferenczi se apoia tanto na denúncia feita por Freud em *Análise selvagem* (1910a/2006), como relembra os eventos ocorridos nos prelúdios da psicanálise, com Breuer e Anna O.:

É difícil dizer de um modo geral como deve efetuar-se o controle da contratransferência [...] No começo da prática psicanalítica, suspeitava-se muito pouco, evidentemente, dos perigos que pairam *deste lado*. Está-se na euforia do primeiro contato com o inconsciente; o entusiasmo do médico comunica-se ao paciente e o psicanalista deve a essa alegre segurança alguns êxitos terapêuticos *surpreendentes*. Sem dúvida, o papel da análise nesses êxitos é um tanto fraco e o da pura sugestão imenso, em outras palavras, são êxitos resultantes da transferência. (Ferenczi, 1919b/2011, p. 417)

Neste ponto, Ferenczi está apontando os riscos e os efeitos decorrentes da comunicação entre os inconscientes em um plano de afetação, que é aproximável ao da sugestão. Quando um analista faz seus todos os interesses do paciente, ele se aproxima de tal maneira do mundo interno de um sujeito em sofrimento, que este não pode evitar se sentir compreendido, sendo *induzido* para a transferência. Se em *A dinâmica da transferência* (1912b/2006) Freud apontou como essa postura seria um elemento da transferência positiva que produzia bons resultados na análise, agora Ferenczi está ressaltando como o elemento da sugestão, contido nesse aspecto da transferência positiva, acarretará no despertar de “*vãs esperanças*” e de “*exigências apaixonadas*” por parte dos pacientes, que, na verdade, estão desvendando o inconsciente não analisado do analista.

Aquilo que Freud alertava ser um perigo, em suas *Observações sobre o amor de transferência* (1915[1914]/2006), Ferenczi (1919a/2011) complementa, apontando que se trata da comunicação entre os inconscientes. Assim, o analista induz seu paciente ao apaixonamento na mesma medida em que se filia desavisada e indiscriminadamente à transferência positiva. Nota-se como os debates a respeito da telepatia foram profícuos nessa discussão, pois permitiram aos autores conceber um lugar importante para os complexos sobrecarregados de afetos que não podiam ser verbalizados e, desse modo, acabavam sendo “transferidos” telepaticamente. Se Ferenczi chegou a essas conclusões de modo claro, Freud não deixou de acatar suas observações, que acabaram sendo refletidas em uma comunicação importante cujo objetivo era fornecer pequenos conselhos – “*Ratschläge*” – àqueles que se aventurassem no território perigoso dos explosivos afetos constitutivos da clínica psicanalítica.

O paradoxo inerente ao conceito de transferência e uma proposta de atualização

No texto *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912a/2006), Freud alterna condutas de autoridade e de flexibilidade na hora de dar conselhos sobre a postura do analista e seu modo de trabalho. Trata-se de uma postura de Freud, nesse texto, que é tanto burocrática, com a codificação de regras, quanto uma atitude humilde, proveniente de um colega de profissão que dá dicas sobre o controle mental do analista e seus modos operatórios, autorizando uma abertura para a singularidade de cada analista em sua própria “equação pessoal”. Ao acompanhar esse trabalho, pode-se observar a presença de três metáforas importantes, que são potencialmente contraditórias e continentes de diversos desdobramentos; são elas: “O cirurgião”, “O espelho” e “O telefone”. Analisar-se-á seus conteúdos a seguir.

Primeiramente, a do cirurgião é compreendida como uma metáfora de controle: ela afirma que o envolvimento emocional e a ambição terapêutica de curar são afetos do analista perigosos ao tratamento. Freud diz:

Não posso aconselhar insistentemente demais os meus colegas a tomarem como modelo, durante o tratamento psicanalítico, o cirurgião, que põe de lado todos os sentimentos, até mesmo a solidariedade humana, e concentra suas forças mentais no objetivo único de realizar a operação tão competentemente quanto possível [...]. A justificativa para exigir essa frieza emocional no analista é que ela cria condições mais vantajosas para ambas as partes: para o médico, uma proteção desejável para sua própria vida emocional, e, para o paciente, o maior auxílio que lhe podemos hoje dar. (Freud, 1912b/2006, pp. 128-9)

Figueira (1994) lembra os leitores de Freud que um cirurgião opera um paciente que está dormindo, ou seja, que não tem possibilidade de interação afetiva. Logo, tendo em vista a impossibilidade de seguir o modelo proposto pela metáfora, o comentador aconselha que, somente relativizando o seu valor, poderia ser evitado o seu descarte completo. Segue-se a sugestão de que a postura de neutralidade, suscitada pela metáfora, deve guiar a frieza do analista não aos sentimentos do paciente – já que ele não se encontra adormecido afetivamente –, mas ao próprio analista e ao seu desejo de evitar erros e acertar com suas interpretações. Neste sentido, a proposta do cirurgião é a disjunção entre ato e resultado, explicada por Coelho Junior e Figueiredo nos seguintes termos:

Esta frieza, contudo, poderia ser mais bem entendida em termos de uma profunda *indiferença* que se conjuga, entretanto, com uma extrema capacidade de se colocar a serviço de quem sofre, com uma discreta solicitude e capacidade de acolhimento do sofrimento e do sofredor. É da conjugação da indiferença com a solicitude inespecífica que se forma o lugar no qual se pode enraizar a atenção/desatenção flutuante. [itálicos dos autores] (Coelho Junior & Figueiredo, 2000, p. 43)

A indicação técnica da neutralidade (indiferença) tem por fundamento proporcionar ao paciente a possibilidade de transferir ao analista sentimentos, emoções e ideias que dizem respeito às suas primeiras formações de subjetividade. Logo, sua função é evitar que haja uma participação da pessoa real do analista na situação terapêutica, pois tal atitude – na visão de Freud – implicaria em uma contaminação do espaço da sessão e acarretaria na deturpação do material apresentado. Com a modificação proposta por Figueira (1994) e por Coelho Junior e Figueiredo (2000), entra em cena a possibilidade de conceber que os sentimentos do analista deveriam ser deixados de lado, para que as forças mentais se concentrem no objetivo de operar de forma competente, sendo isso o mesmo que dispor de forma equânime de seu próprio estado anímico para permitir a emergência de uma experiência de mistura.

Mais ainda, após o estudo realizado a respeito da leitura psicanalítica dos fenômenos ocultos, pode-se arriscar um movimento especulativo próprio: se a obnubilação da própria consciência foi uma recomendação de Deutsch (1974[1926])¹⁹ para tornar o analista permeável à invasão dos afetos sobrecarregados que não podem ser expressos por efeitos do recalque, pode-se dizer que a metáfora do cirurgião não precisa mais ser vista como uma antítese à clínica do afeto; pelo contrário, a necessidade de silenciar os próprios afetos é qualidade fundamental para que se possa receber a transmissão de pensamentos telepática.

A metáfora do espelho é outro elemento que merece uma atenção pormenorizada. Este é outro método de controle do funcionamento do analista, e diz respeito à reciprocidade e à autorrevelação. Freud (1912a/2006) diz: “O médico deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o que lhe é mostrado” (p. 131). Na ideia de opacidade está contida a noção de que o analista deve esconder completamente sua vontade e personalidade, não fazendo nada além de refletir o que o paciente transmite. Ponderando-se sobre o questionamento de um solipsismo operado dentro da psicanálise pelo ortodoxismo escolástico, tal forma de atuação precisa levar em consideração a necessidade de um espelhamento vivo que tome em conta a sinceridade do analista. Porém, esse modo de funcionamento ficará mais claro quando for abordada a temática da imitação.

Curiosamente, na continuação do texto freudiano, o telefone surge como uma metáfora para tentar eliminar as resistências intrapsíquicas do analista, uma ideia de que “ele [analista]

¹⁹ Uma investigação mais profunda dessa forma de interação certamente deveria ser realizada, porém isso é impossível neste momento. Conferir Devereux (1953), *Psychoanalysis and the occult*, para uma introdução do que poderia compor esse campo de exploração.

deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. Deve ajustar-se ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor” (Freud, 1912a/2006, p. 129). Nesta passagem, observa-se como Freud considera possível uma abertura para a comunicação direta e não mediada, através do órgão receptor inconsciente. Não é a única vez que o autor se manifesta a favor dessa modalidade de comunicação. Sabe-se que, no trabalho *Disposição à neurose obsessiva* (1913b/2006), Freud fala que tem “boas razões para asseverar que todos possuem, em seu próprio inconsciente, um instrumento com que podem interpretar as elocuições do inconsciente das outras pessoas” (p. 402). E é nesse sentido que é possível afirmar a capacidade do sistema inconsciente como um órgão de escuta.

Se Freud retirou dos diversos eventos clínicos que analisou uma indicação pela necessidade de neutralidade do analista diante das demonstrações afetivas de seus pacientes, sendo essa postura a melhor forma de uma superação da contratransferência, Ferenczi (1928a/2011), nesse caso, foi mais longe. Superar a contratransferência também era para ele um objetivo fundamental, porém, esse objetivo só poderia ser alcançado quando o analista é capaz de ter seus próprios sentimentos analisados.

O analista, ao brincar imaginativamente com as associações livres que recebe do paciente, acaba fazendo seus os problemas do outro. Nesse processo de “sentir com” ele, ao mesmo tempo em que usa de sua função de auto-observação, também julga os movimentos ocorridos dentro de seu psiquismo, elegendo o momento correto para uma interpretação. Dito de outro modo, através de um tipo particular de elasticidade, Ferenczi sugere que se deve poder usar as próprias impressões adquiridas no contato e na vivência com o paciente, para – em comparação com as antigas e novas tendências de outros momentos da análise, vez por outra, como em um impulso dentro do analista – deixar fluir uma comunicação espontânea. Fruto do julgamento que avalia todos os componentes citados, surge o que Ferenczi chama de comunicação feita com tato.

Pensar no modo de funcionamento do analista é uma das principais preocupações de Ferenczi, que acha fundamental que esse trabalho não seja uma atividade guiada por motivações inconscientes. Assim, saber conscientemente o que se está fazendo, *por que* se está fazendo e *até quando* se deve fazê-lo é fundamental para o trabalho e, caso isso seja descumprido, corre-se o risco de que uma relação complementar entre os sintomas se estabeleça e, com isso, uma contaminação iatrogênica da atmosfera analítica.

Ao propor uma neutralidade do analista, Freud tinha em mente impedir que os germes da vida real do analista interferissem nas produções do paciente. Ao tentar eliminar tudo o que pudesse atrapalhar o processo associativo, o autor pretendia não só favorecer o desenvolvimento do processo, como também podia se poupar de se misturar com os elementos incontroláveis e perigosos desse encontro. Em termos de recomendação, tratava-se de deixar o inconsciente do analista livre, para se poder sintonizar às frequências de seus pacientes. Para isso, era necessária uma condição particular da consciência; o analista não poderia tolerar em si nenhum tipo de resistência, pois isso seria capaz de produzir uma seleção de percepções impeditivas de um verdadeiro contato. Freud formula, assim, a prerrogativa da atenção igualmente flutuante.

Se o elemento que obscurece o livre trânsito de representações é justamente a neurose e o recalçamento, é imprescindível que o analista possa se purificar desses elementos. Identificar e sobrepujar a contratransferência se torna indispensável para Freud. Todavia, ao assumir que os afetos do analista são produtores de deformações do cenário, o vienense acaba direcionando o ideal terapêutico para a figura de um sujeito asséptico, padronizado e purificado. Um verdadeiro instrumento técnico, capaz de responder sem implicação afetiva. Tem-se aí um sério problema, se não uma limitação de atuação.

Ferenczi (1988[1932]) denuncia essa postura nomeando-a como “hipócrita”. Numa nota de seu *Diário clínico* datada de 7/1/1932, a explicação do que seria uma *insensibilidade do psicanalista* é definida como: “maneira afetada de cumprimentar, exigência formal de ‘contar tudo’, a atenção flutuante que, afinal não o é e certamente não é a apropriada para as comunicações dos analisandos, impregnadas que estão de sentimentos e frequentemente trazidas com grandes dificuldades” (p. 31). Se a neutralidade não deve ser abandonada, como bem sinalizou Figueira (1994), a abstinência que se impunha aos pacientes talvez necessite de revisão mediante o tipo de caso. Ferenczi, em sua crítica, afirma que essa abstinência se tornou uma forma de poder, uma defesa de tons obsessivos, esquizoides ou mesmo perversos dos analistas, que hipocritamente recusavam ser afetados pelo contato.

Os limites do conceito de transferência na técnica padrão

Ainda no período das produções de 1915, Freud escreve *Recordar, repetir e elaborar* (1914/2006), texto que impõe uma importante afirmação sobre o manejo clínico.

Durcharbeiten é o termo escolhido pelo autor e que recebe uma feliz tradução para o inglês na forma de *working-through*. Essa expressão transmite com clareza o processo pelo qual a solução de um enigma demanda um trabalho (no gerúndio). Sendo um conceito radical e inerente à proposta psicanalítica, se tornou necessário criar um termo específico que transmitisse o sentido desejado por Freud. Na França, Laplanche e Pontalis (2000) escolheram o termo *perlaboration*, que passou a ser definido nos seguintes termos: “seria uma espécie de trabalho psíquico que permitiria ao sujeito aceitar certos elementos recalçados e libertar-se da influência dos mecanismos repetitivos” (p. 334). Acrescentando ainda que “[a perlaboração] permite passar da recusa ou da aceitação puramente intelectual para uma convicção fundada na experiência vivida” (p. 334).

O conceito em questão é muito relevante aos propósitos de pensar uma clínica fundada na dimensão empática. Pois a perlaboração coloca em xeque o papel fundamental do ritmo e do tempo que as interpretações levam para se tornarem experiências reais, e não meros convencimentos de autoridade, exigindo do analista a capacidade de não interpretar a transferência negativa, acolhendo seu paciente através da aceitação de uma grande dose de não-saber.

Essa atitude aceita os inúmeros momentos, em análise, de repetição de movimentos de hostilidade, que são absorvidos pelo testemunho do analista com sua presença sensível, fator esse que condensa a dimensão estética da clínica (Kupermann, 2009, 2010). Como já visto anteriormente, nos primeiros momentos de Freud com Elizabeth von N, somente os afetos vividos em uma sessão produzem o caráter de convicção necessário para uma produção de sentido. Será nesse jogo de força que a perlaboração exercerá seus efeitos e, nessa medida, pode-se afirmar a existência da presença silenciosa do termo ab-reação contido nessa noção.

A perlaboração promove uma sutil conceituação do trabalho proposto por Freud, que procura distinguir seu projeto de todas as terapias anteriores, tentando se diferenciar pelo esmiuçamento do manejo clínico particular em sua obra, que leva em consideração o amor de transferência como uma resistência, como no texto técnico *Observações sobre o amor de transferência*. Já em *Recordar, repetir e elaborar*, outro trabalho de 1914, o que se vê, é a presença de momentos distintos ocorrendo durante a transferência; um primeiro momento de repetição e de recordação deve pavimentar o campo de onde poderá se desdobrar uma possível perlaboração. É somente diante da postura correta do analista, que a tendência natural em repetir modos de existência será aproveitada enquanto uma transferência.

Muitas vezes, as recordações podem ser evocadas sem necessárias repetições, mas exclusivamente em análise tais elementos proporcionam a perlaboração, conceito que foi usado por Freud nesse contexto para delinear a situação clínica da eficácia da interpretação. O autor aponta como, diante do trabalho interpretativo do analista, frequentemente segue-se uma atividade do paciente de novas repetições, que pode ser vista pelo analista como uma nova resistência. Todavia, ao alertar para o fato de que, na verdade, daí se desenrola a perlaboração, Freud impõe duas importantes ressalvas.

A primeira que, se antes do estabelecimento da prática psicanalítica a expectativa do método catártico era ver a imediata diluição das defesas diante da apresentação das motivações inconscientes, e, em 1912 com *A dinâmica da transferência*, as resistências eram a própria definição da relação estabelecida com o psicanalista, agora Freud assume como a extinção dos sintomas exige um processo gradual. Dito de outro modo, a resistência continua presente no contato analítico enquanto um elemento defensivo importante, visto como parte da transferência. Porém, há muito tempo não mais se atribui a ela o lugar de cruz, ou de efeito indesejável e inevitável no processo de cura; na verdade, o que antes era entendido como uma ausência de mudança será agora o momento da perlaboração (Freud, 1914/2006).

Em segundo lugar, se nos períodos com Breuer a relação do analista com seu paciente era vista como uma falsa ligação, proveniente de um desejo compulsivo de associação que é resultante de uma ligação ilegítima promovida a partir do afeto que associa a figura do médico com uma outra pessoa, agora será essa mesma ligação a responsável por toda a mudança verdadeira. A virada operada na clínica questiona a máxima de 1900 que afirmava categoricamente que “tudo que interrompe o progresso do trabalho analítico é uma resistência”, máxima que teve uma ressalva feita em 1925, na forma de nota de rodapé: “naturalmente, só se deve tomar como uma regra técnica, uma advertência aos analistas. [...] podem ocorrer diversos acontecimentos pelos quais não é possível responsabilizar as intenções do paciente” (Freud, 1900/2006, p. 548).

Com a centralidade da perlaboração, Freud afirma a justa medida da distância entre analista e paciente, reconfigurando qual é o principal problema a ser enfrentado. Mediante um cenário de associação livre e escuta igualmente flutuante, o analista em situação de neutralidade submete seu paciente à rigidez da abstinência, para observar que tipo de relação este lhe atribui, amor ou submissão; daí se produz uma interpretação do conteúdo recalcado. Esse movimento produzirá um levantamento de resistências, as quais deverão ser paulatinamente desbastadas para, com isso, se promover a cura psicanalítica. Dito de outro

modo, a investigação deve enfrentar um modo de relação atualizado sobre o analista, e a partir desse modo de relação produzir uma interpretação.

Porém, o modelo de tratamento da técnica padrão estava sustentado sob os pilares de um tipo particular de subjetividade, o que implica em uma compreensão de tom paradoxal em suas formulações. Avançando na questão relativa à história da técnica psicanalítica, e tendo como objeto de investigação o elemento clínico da transferência, avalia-se agora um texto produzido alguns anos depois do estabelecimento do conceito propriamente dito, trata-se de *Linhas de progresso na terapia psicanalítica* (Freud, 1919[1918]/2006). Sendo uma conferência realizada em Budapeste, em setembro de 1918, a fala de Freud possui um componente político importante. O autor irá abrir caminho para um retorno da sugestão na forma de atividade, ferramenta que foi desenvolvida por Ferenczi.

Do texto observa-se que a atualização do lugar da sugestão é uma convocatória aos analistas para se manterem atentos ao que seria o verdadeiro “ouro da Psicanálise”. A interpretação, enquanto ferramenta que traduz o inconsciente, se mantém como o pilar central da prática clínica, porém o cobre da sugestão será referido como um meio de influenciar o paciente a abandonar os benefícios de sua neurose, após a ele serem reveladas as causas de seu adoecimento. Logo, a sugestão pode passar a fazer parte de uma atividade do analista que visa colocar o paciente em uma situação anímica mais adequada para provocar a desejada destruição do conflito; desse modo, a sugestão ganha um lugar operatório ao lado da transferência.

Se é com a associação livre que se produz a investigação do mundo interno de um sujeito, caberá à sugestão em conjunto com a transferência influenciar seus resultados; elas serão o próprio bisturi que o analista dispõe como um modo de superação das resistências levantadas pelo paciente, no momento posterior à interpretação. Assim, Freud (1919[1918]/2006) dirá que “a nossa esperança é atingir [a superação das resistências] explorando a transferência do paciente para a pessoa do médico, de modo a *induzi-lo a adotar a nossa* convicção quanto à inconveniência do processo repressivo” [itálicos nossos] (p. 173).

Outro elemento importante e problemático encontrado neste texto é a consideração da abstinência enquanto uma imposição fundamental ao tratamento. Na medida em que as “satisfações substitutivas” (p. 176) do adoecimento neurótico comportam uma resistência à melhora, a regra de frustrar foi conjurada por Freud para fazer frente à satisfação das exigências de amor de seus pacientes, que acabariam servindo de substitutos apaziguadores

(Freud, 1915[1914]/2006). Freud alerta que ceder a tais benefícios seria o mesmo que atualizar constantemente pela transferência os clichês estereotípicos dos pacientes, devendo o analista, portanto, se abster de promover qualquer compensação, mantendo a frustração necessária para que o tratamento prossiga.

No lugar de fornecer tal anseio, o autor fixou um princípio fundamental de permitir que as necessidades persistam, com o objetivo de usar tais forças para o trabalho e para a efetuação das mudanças devidas. Nessa medida, a atividade sugestiva também retorna como uma ferramenta útil, pois servirá para impedir que o paciente se entregue em atividades de compensação que o afastem dos propósitos da cura analítica. Porém, ao formular um método cujo eixo articulador da melhora é a abstinência em consonância com a sugestão, Freud faz uma aposta delicada. Se poucos anos antes o autor havia reportado à perlaboração o lugar fundamental de verdadeira evolução do tratamento, cabendo a ela a diluição gradual das quantidades de energia investidas nos sintomas, como poderia uma sugestão acelerar esse processo, ou mesmo contorná-lo?

O aspecto fundamental do tratamento psicanalítico, seu ouro, como proposto nesse momento, se refere ao que Freud atribui ser o elemento “mais estrito e não tendencioso da técnica”. O autor recorre a uma metáfora química para explicar o núcleo de sua teoria:

Chamamos de psicanálise o processo pelo qual trazemos o material mental reprimido para a consciência do paciente. Por que ‘análise’ – que significa dividir ou separar, e sugere uma analogia com o trabalho, levado a efeito pelos químicos, com substâncias que encontram na natureza e trazem para os seus laboratórios? Porque, em um importante aspecto, existe realmente uma analogia entre os dois trabalhos. Os sintomas e as manifestações patológicas do paciente, como todas as suas atividades mentais, são de natureza altamente complexa [...] O paciente, contudo, nada sabe a respeito desses motivos elementares, ou não os conhece com intimidade suficiente. Ensina-lo a compreender a maneira pela qual essas formações mentais altamente complicadas são compostas; remetemos os sintomas aos impulsos instintuais que os motivaram; assinalamos ao paciente esses motivos instintuais, que estão presentes em seus sintomas, e dos quais até então não tinha consciência – como o químico que isola a substância fundamental. (Freud, 1919[1918]/2006, pp.173-4)

Descartando a necessidade de meios pedagógicos, como a sugestão, fazerem parte do conjunto técnico da Psicanálise, Freud está elegendo um tipo de paciente particular como seu modelo ideal de trabalho; para esses pacientes, o trabalho de síntese pode ser delegado sem nenhum tipo de prejuízo. Trata-se de uma aposta muito grande nas qualidades do ego, que seriam capazes de suportar as abstinências graças à inerente possibilidade de reconfigurar os elementos postos em suspensão pelo processo interpretativo. Dito de outro modo, o que está

em vigor nessa recomendação de abandono a uma “psicossíntese”, enquanto parte do trabalho, é a aposta feita em uma dinâmica anímica particular. Mas seriam todos os pacientes constituídos de organizações egoicas tão sólidas, ou estes seriam apenas um grupo nosológico específico? E como proceder nos casos diversos aos comportados pela análise padrão?

Assume-se, então, que Freud (1919[1918]/2006), apesar de ter atendido uma gama vasta de tipos de caráter, escolhe a nosologia da histeria como o modelo padrão para transmitir seu saber sobre o método. Caracterizada pelo pleno estabelecimento das funções egoicas, tais sujeitos se apresentam com uma “dilaceração da mente” proveniente apenas das resistências. Então, à medida que se analisem e se eliminem tais resistências, o psiquismo se unificará, automaticamente; pois a organização egoica tem por característica se adequar a todas as moções pulsionais que se encontravam separadas dela. Ainda assim, parece que a expectativa de Freud a respeito da qualidade sintética do Ego é uma aposta otimista, na medida em que o autor assume para a Psicanálise um ouro relacionado ao poder de corte que as interpretações têm para um tipo particular de resistência.

Como explicado anos mais tarde em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926[1925]/2006), o fator de manutenção de uma resistência está associado à capacidade de sua fonte em prover de força o recalque necessário. A origem decide o destino. Assim, Freud atribui a potência da defesa às instancias psíquicas da segunda tópica, e não à qualidade de ser consciente ou inconsciente. Desse modo, a transferência e os benefícios secundários da doença serão atribuídos ao Ego, que, mesmo depois de interpretado, terá dificuldades em desfazer as repressões devido ao seu contato com o Id, cujas resistências necessitarão de um outro tipo de trabalho: a perlaboração²⁰.

No plano da técnica, se uma interpretação é eficaz em cortar uma ligação patológica que foi exposta via associação livre, a energia libidinal que se torna livre irá, automaticamente, usar de todos os meios possíveis para captar esses elementos isolados e alheios, aglutinando-os na organização egoica. Ao redescrever a correlação entre transferência e resistência, Freud pôde apontar a diferença de natureza da experiência para cada um dos participantes:

O conhecimento do médico não é o mesmo que o do paciente, e não pode causar os mesmos efeitos. Se o médico transferir seus conhecimentos ao paciente, na forma de informação, não se produz nenhum resultado. Não, seria incorreto dizer isso. Não resulta

²⁰ As outras resistências são: resistência do recalque (Ego); sentimento de culpa e necessidade de punição (superego).

em remoção do sintoma mas tem um outro resultado – o de pôr em movimento a análise, do que um dos primeiros sinais, frequentemente, são as expressões de rechaço. O paciente sabe, depois disso, aquilo que antes não sabia – o sentido dos seus sintomas; porém, sabe tanto quanto sabia. Com isso aprendemos que existe mais de uma espécie de ignorância. (Freud, 1916-1917/2006, p. 289)

Com a definição de manejo clínico produzida então, Freud deixa claro como o paciente precisa empreender uma atividade particular que está bem além da simples recordação das causas de seu sofrimento e da localização das resistências. Perlaborar significa o verdadeiro efeito de convencimento que está presente em todas as análises, e que difere sutilmente (mas radicalmente) das terapias sugestivas, pois pretende superar a resistência relativa à compulsão à repetição.

É graças à virada, contida em *Recordar, repetir e elaborar*, que os caminhos para uma conjugação entre o ouro e o cobre podem ser propostos em *Linhas de progresso da terapia psicanalítica*. No entanto, Freud também alerta para o fato de que a perlaboração, graças ao seu modo particular de diluição das forças compulsivas à repetição, faz uma exigência de tempo que não pode ser menosprezada. O autor dirá que “deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para *elaborá-la*, para superá-la, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico segundo a regra fundamental da análise” (Freud, 1914/2006, p. 170).

O trabalho de uma análise será então o de transformar as repetições atualizadas em sucessivas descargas motoras de ações sintomáticas, em uma atividade de autoconsciência (Schneider, 1994). Aqui fica exposta a bifurcação teórica que se exprime como um paradoxo fundamental da prática clínica, tal como proposta por Freud. A práxis tanto pode se desenrolar majoritariamente pelo alcance da recordação, como defende o autor em inúmeros momentos, como também pode estar vinculada à encenação e à perlaboração que ocorre na relação com o analista. De modo ideal, a segunda opção supera a primeira e deveria ter atualizado todo o dispositivo clínico, porém não foi isso o que se viu.

Observa-se como as indicações de *Linhas de progresso da terapia psicanalítica* propõem um caminho inverso ao indicado pelas considerações sobre a perlaboração. No final da sua conferência, como foi mencionado, Freud faz uma ressalva à prática clínica com gêneros de doenças totalmente diferentes do que era habitualmente tratado. Os pacientes com Egos cindidos, ou com uma constituição defensiva diversa daquela da histeria, necessitariam de um tipo de atividade particular do analista. Mas, se esses pacientes não seriam possuidores de uma organização de Ego capaz de sínteses automáticas, como o autor foi capaz de manter

sua aposta na prática “estrita e não tendenciosa”, que versa, justamente, sobre a capacidade natural de organização do ego?

Pensar nos fatores econômicos que entram em jogo graças à perlaboração é colocar em questão o peso do imperativo da abstinência. Freud impõe um perigoso limite à situação transferencial quando, na época de sua conferência (1919[1918]/2006), incumbe à abstinência um papel majoritário no tratamento. Dito de outro modo, diante das frustrações impostas pelo tratamento, o sujeito deve ser capaz de se apegar à única defesa que coloca o processo em movimento, isto é, ele deve se convencer de que a transferência é a sua última tentativa de recuo. Consequentemente, a transferência será uma resistência atuada pela perlaboração e, como em um cabo de guerra, em que vetores opostos tensionam uma corda, o autor aposta que as transferências positivas deverão ser maiores do que as negativas, tornando a abstinência suportável. Assim, na lógica de Freud, será essa tensão que produzirá uma conciliação do paciente, submetido à continuidade do tratamento por amor de transferência ao seu analista.

Se os “casos graves” dirigem a atenção para um retorno das configurações traumáticas e apontam, inequivocamente, para uma perspectiva de auxílio à síntese, parece um erro buscar um incremento de seu sofrimento, mais ainda se Freud, em 1914, já havia indicado que a compreensão do analista não é a mesma que a do paciente. Assim, a interpretação de conteúdo deveria ocorrer *após* um momento de aproximação com a vida anímica do paciente e a partir dessa consideração, se supõe que a empatia possa ocupar o lugar de uma ferramenta capaz de capacitar o analista a diferenciar o que seria resistência e o que seria perlaboração.

2.1 O laboratório químico da Psicanálise: catalisando afetos

A naturalidade e a honestidade do comportamento constituem o clima mais adequado e mais favorável à situação analítica: a atitude que consiste em aferrar-se desesperadamente a uma posição baseada na teoria será rapidamente reconhecida pelo que é pelos próprios pacientes. (Ferenczi, 1988[1932], p. 32)

Freud (1914/2006) já havia reconhecido como, em determinado ponto do tratamento, a capacidade de recordar é posta de lado diante de uma outra forma de experiência mais afinada com a realidade psíquica vivida no momento da transferência. Repetir, seja depositando no analista o conjunto de afetos anteriormente investidos em uma figura de cuidado importante para o paciente, em atos (*actings*), ou através de um processo verbal de justificações, chamado de “compulsão à associação” (1893-1895/2006), foi o elemento que se presentificou no cenário clínico do começo do século XX. Admite-se, assim, como a conduta na técnica padrão poderia induzir um modo de relação que leva à regressão, isto é, a uma atividade alucinatória capaz de produzir os mesmos modos de experiência dos sonhos. Freud compreendeu a profundidade dessa afirmação e cautelosamente indicou como o analista deve atuar por via da interpretação de conteúdo, para desbastar e superar os afetos promovidos por esse encontro.

Logo, ao se pensar que a transferência atualiza, no aqui e agora de uma sessão e sobre a figura do analista os diversos “clichês estereotípicos”, produzindo no paciente uma repetição inconsciente de seus modos de existência anteriores, está em questão a noção de que uma falsa ligação vincula o analista à realidade psíquica do paciente. Por sua vez, essa consideração sobre a realidade psíquica permite pensar a figura do analista como um “mediador” (Latour, 1994): o analista não é uma simples ligação entre o passado e o presente, que explica por comparação as diferenças; na verdade, o analista-mediador tem uma competência original, ele é um representante intermediário do passado do paciente, dotado da capacidade de redefinir os elementos a ele endereçados. Ao invés de meramente reproduzi-los ou transportá-los – como ocorre em situações transferenciais fora da análise –, o mediador não aplica apenas um método sobre uma realidade procurando explicá-la, ele é sensivelmente afetado e cria uma realidade nova a partir da mistura que produz no encontro que o afeta (Reis, 2004).

Trata-se de uma dimensão coparticipante que está em jogo no processo da transferência. Nesse sentido, os expedientes criados para lidar com essa área intermediária devem ser definidos tendo em vista a ambiguidade inerente ao processo. Freud, por mais que tenha observado a força dos mecanismos de influência e de sugestão inerentes à prática clínica, preferiu se comparar ao cientista de jaleco, luvas e óculos, metaforizando a operação realizada, através da imagem de um laboratório químico. De modo um pouco diverso, contudo complementar, Ferenczi não se furtou do “corpo-a-corpo” da prática, preferindo chamar de “hipocrisia” a insistência pela purificação da escuta, fundada em uma suposta neutralidade.

Diante do dispositivo criado pela psicanálise, diversos pacientes regrediam profundamente, porém as interpretações pensadas objetivando produzir verdadeiras separações (análises) dos complexos egoicos em seus diversos elementos componentes não estavam fazendo esses pacientes estabelecer as esperadas novas ligações, trazendo o consequente reestabelecimento psíquico, livre da relação transferencial. Aí residia, como afirma Mihály Balint (1993), o começo da grande divergência entre Freud e Ferenczi: a saber, o enigma específico à técnica de quais seriam as condutas clínicas a serem tomadas diante de tais pacientes que desenvolveram transferências intensas com seus analistas e que pareciam não se recuperar.

Como exposto anteriormente, regressão em Freud é um processo tanto defensivo (1900/2006) como patologizante (1895a/2006). Contudo, o seu desenvolvimento também ocorre por vias de uma indução na situação terapêutica, isto é, em uma pessoa posta no estado mental de reserva, que é colocada diante da regra de associar livremente, a transferência se atualiza e ganha espaço para alcançar sua máxima potência regressiva.

O conceito de transferência foi produzido para comportar e limitar as problemáticas observadas desde os tempos prematuros da psicanálise. Sabe-se que a crença do hipnotizador em ocupar o lugar neutro de um observador-manipulador – despreocupado das origens e significações – comportava, justamente, o principal problema. Pois, o tratamento hipnótico não equipava o analista de meios de compreensão de sua própria ação; isto é, a dimensão afetiva do vínculo ficava escamoteada por trás da figura de autoridade que o médico deveria representar. Portanto, foi em 1914 que Freud revelou de forma clara a dimensão problemática da falsa neutralidade por trás do método hipnótico e do seu sucessor, o catártico. Em comparação aos dois métodos, dirá:

O recordar, tal como era induzido pela hipnose, só podia dar a impressão de um experimento realizado em laboratório. O repetir, tal como é induzido no tratamento analítico, segundo a técnica mais recente, implica, por outro lado, evocar um fragmento da vida real; e, por essa razão, não pode ser sempre inócuo e irrepreensível. (Freud, 1914/2006, p. 167)

Diante do cenário clínico, Freud (1915a/2006) indicou a postura de abstinência como o modo de relação do analista com os conteúdos projetados sobre si, sendo a interpretação a única forma de manipulação desses elementos. Porém, alguns anos depois, diante de certas configurações psíquicas, o autor propõe o incremento da situação de abstinência como conduta clínica, caracterizando uma outra forma de manipulação da transferência. A criação de uma situação, definida por Balint, como “frustração” seria possível graças à presença do ego confiável e inteligente do paciente, capaz de suportar as tensões intensas de um trabalho que impõe privações e frustrações, cuja marca central é a influência do analista através de suas palavras. Trata-se de um processo caracterizado pela primazia de uma modalidade de trabalho guiada pela interpretação de conteúdo (Freud, 1919[1918]/2006) – ou seja, uma prática, fundamentalmente, intelectual.

Ferenczi e a sua visão sobre a transferência

Em diálogo com a produção teórica de Freud até então, Ferenczi possui uma compreensão a respeito da definição do conceito de transferência que merece ser destacada. Para o húngaro, *a transferência* é um conjunto de pensamentos, a maior parte inconsciente, capaz de produzir sintomas. Trata-se de um fenômeno humano de ordem geral; *um movimento de comunicação* capaz de produzir doença e também constituir a subjetividade. Dito de outro modo, o ser humano possui, intrínseco a ele, a capacidade de captar e produzir ideias inconscientes.

Tendo em vista a centralidade deste fenômeno nos processos de um tratamento, a direção ferencziana para a condução da transferência é elaborada logo no começo de sua relação com a prática psicanalítica, e sua visão geral não parece mudar ao longo de seu percurso de mais de mais de vinte anos de clínica. Assim, seguindo sua tradição médica, o autor escolhe metáforas naturalistas para explicar como uma análise corretamente administrada deve levar em consideração o caráter “químico” das combinações entre os afetos suscitados; a comparação à química serve para dar relevo ao aspecto transitório da

terapêutica, que deve conduzir o “paciente” às “fontes primitivas escondidas, criando uma combinação estável com os complexos até então inconscientes” (Landa, 1999, p. 27).

A introjeção é a contribuição primária de Ferenczi à Psicanálise, e pode-se afirmar com segurança que este conceito ocupa um lugar de proeminência no pensamento do autor, reverberando por toda a sua compreensão da transferência enquanto a capacidade de reeditar o mundo interno do sujeito através de atualizações em figuras selecionadas. Definida por Maia (2001) como “o processo em que o Eu traz para si grande parte do mundo exterior” (p. 269), a introjeção marca o modo estrutural pelo qual uma relação de constituição e diferenciação se estabelece originalmente de modo intersubjetivo. Perceber como é a dimensão do encontro que produz transferência, não sendo ela um fenômeno apenas neurótico, permitiu ao autor um debruçamento sobre casos outrora impossíveis à Psicanálise.

Assim, todos os neuróticos *transferem* seus sentimentos e afetos inconscientes como uma forma de se furtar ao seu próprio mundo interno. A transferência tem por função deslocar a energia dos afetos, de fantasias inconscientes produto de acontecimentos esquecidos para representações atuais. Exageros de intensidade (seja de ódio, amor, compaixão, etc.) marcam este processo, demonstrando um desperdício gratuito dos afetos nos neuróticos; e a universalidade deste fenômeno se observa pela capacidade de reeditar o mundo interno do sujeito através de atualizações em figuras selecionadas.

Como aponta Sabourin (1988), fundamentalmente a ideia de introjeção diz respeito à dimensão intersubjetiva do ser humano. Ferenczi (1909/2011, 1912a/2011) deixa claro que um ser humano só é capaz de amar ele próprio, sendo que o amor ao outro deriva de uma integração deste outro ao seu próprio eu. Desta forma, seria possível “sentirmos como nossas as dores ou as mágoas que atingem aqueles a quem amamos” (Ferenczi, 1912a/2011, p. 210). Assim, a introjeção é uma ferramenta egoica que opera em prol de sua extensão em direção ao mundo. Ao falar da transferência de afetos inconscientes, o autor aponta que:

essa mesma identificação histórica explica a sensibilidade bem conhecida dos neuróticos, sua faculdade de se comover intensamente com o que acontece aos outros, de *se colocar no lugar deles*. Suas manifestações impulsivas de generosidade e de caridade são reações desses movimentos afetivos inconscientes [transferência], portanto, atos egoístas que obedecem [ao princípio de prazer]. (Ferenczi, 1909/2011, pp. 88-9)

O deslocamento de afetos penosos ocorre graças ao princípio de prazer. O indivíduo deseja evitar desprazer e dissimula seus verdadeiros impulsos (pulsões) através dos mecanismos da transferência; ao invés de sentir o afeto proibido, que produziria desprazer, o

sujeito ou muda a polaridade do afeto e transfere para outra pessoa, ou realiza desejos egoístas através de afetos de compaixão. Sendo exageradamente dilatado, o ego neurótico possui uma excessiva quantidade de excitações “residuais” em livre flutuação, o que acaba por constituir sua disposição para a transferência.

Ao colocar em diálogo estes dois elementos, o autor centraliza o aspecto afetivo como articulador maior do conceito de transferência, modificando – ou ao menos colocando em paralelo – a compreensão freudiana da transferência como atualização de imagos parentais via fantasia. Pensando o processo analítico como uma catalisação de afetos, fica em evidência a estratégia ferencziana de tratamento anímico: os afetos são tratados na forma de vivências fundamentais e de primeiro plano. Eles são elementos necessários para o desdobramento de todo o processo.

O papel do analista é o de ocupar um lugar transitório no processo, sendo tanto um elemento externo e ausente do desenvolvimento e da vida do paciente, como também um componente que participa ativamente no processo, pois sem sua presença o desenvolvimento da análise não ocorreria. A já mencionada função de mediação (Latour, 1994) fica em ampla evidência para Ferenczi, que, se colocando entre o ego e o inconsciente do paciente, participa de ou mobiliza uma reação para depois desaparecer.

À moda do movimento das marés, o analista atua similarmente à força das ondas que avançam sobre um território para, imediatamente depois, retornar, desvelando um fundo com conteúdo muitas vezes inédito. O aspecto fundamental que se destaca desse tipo de atuação é a força geral de apropriação que o analista desperta; ao associar a transferência ao efeito específico da introjeção, Ferenczi valoriza a catalisação de afetos como forma de assimilação de uma parcela nova do inconsciente pelo paciente, através da criação de novos sentidos.

Em mais uma metáfora, o analista poderia ser comparado com uma enzima, que entra em contato direto com as substâncias, ocupando lugares específicos de ligação, para, depois da reação desejada, ser descartada sem se modificar, podendo ser utilizada novamente. Deixando no centro da problemática clínica a ampliação do Ego através da introjeção de pulsões, mediada pelo contato com o ambiente. Dito de outro modo, a inspiração clínica posta em questão é a possibilidade de acolher e dar sentido aos próprios sentimentos e desejos nascentes.

De fato, Ferenczi fazia uma forte aliança com o sofrimento de seus pacientes, reverberando tal dimensão. A transferência que ocorre em uma análise será então uma

consequência da introjeção do analista que deve entrar no mundo interno de seu paciente para provocar seus sentimentos, mas que deve, em seguida, sair e remeter estes sentimentos para situações primárias. Logo, em um processo bem conduzido, o interesse do paciente deve ser encaminhado para as fontes primitivas escondidas, ou seja, os afetos ligados aos primeiros modelos introjetivos devem ser trabalhados. Portanto, pode-se dizer que há uma distinção entre dois tipos de transferência, uma paterna e outra materna. A primeira implica numa autoridade do analista, numa posição paternal que é o modelo da análise padrão. Já na situação transferencial materna, uma atmosfera de flexibilidade remeteria ao acolhimento afetivo por parte do analista.

Notoriamente, o centro da explicação ferencziana articula o processo de deslocamento de afetos transferidos de um grupo de representações para outro. Tal afirmação encontra correspondência em Freud, como pôde ser visto na primeira parte do trabalho, quando se expôs os primeiros trabalhos clínicos desse autor. Todavia, Ferenczi procura caracterizar com precisão esse tipo de deslocamento não enquanto uma simples defesa, mas como um empreendimento de constituição do próprio psiquismo.

Fazendo uma apropriação da definição de afetos como tudo aquilo pelo que o sujeito costuma ser afetado que ocorre na interseção entre o Eu e os objetos externos, o afeto aponta para uma dimensão de relação, que produz emoções, humores, sentimentos, sensações, paixões (Pacheco-Ferreira & Vertzman, 2008). Na dimensão da clínica, afeto é o que se produz no encontro, e possui uma dimensão de verdade que é própria a seu aspecto sensório.

Por se constituir na interseção do par analítico, o afeto aparece como fato empírico de alto valor. Neste sentido, pode-se dizer que ele é tratado por Ferenczi como uma propriedade dos sujeitos decorrente do contexto relacional. Apesar de se manter a compreensão de que afetos produzem aumentos ou diminuições energéticas (aspecto quantitativo) dentro do aparelho psíquico, o valorizado por Ferenczi é o aspecto qualitativo do afeto, ou seja, o tipo de afeto produto do encontro. Em decorrência desta compreensão, o foco da atenção sobre os afetos aponta para o tipo de produção fora do campo representacional. Logo, abre-se a possibilidade de observar os fenômenos não verbais (isto é, silêncios, choros, movimentos do corpo, expressões faciais, tiques, eructações, etc.) e compreendê-los diante do contexto relacional, ao invés de se debruçar sobre as produções internas do aparelho psíquico.

Para justificar tanto o movimento de expansão dos interesses do Eu como o de sua retração, Ferenczi vai em busca da ontogênese humana. O bebê experimenta um mundo

monista, no qual todos os estímulos (internos e externos) são vividos, segundo Sabourin (1988), sem qualquer distinção entre ego e não ego, por uma alternância de auto-erotismo e de saciedade. Será com o deslocamento das sensações entre os momentos autoeróticos e os de contato com objetos, que a criança começará a compartilhar com o mundo seus afetos e, amando-se a si mesma em primeiro lugar, ela poderá passar a compartilhar essa sensação com o mundo.

É nesse sentido que a transferência funciona como uma continuação da introjeção, o que permite a Ferenczi afirmar como o amor objetual nada mais é que transferência produzida pela extensão dos interesses do ego ao mundo. Segundo Renato Mezan (1996), a introjeção ‘dilata’ o Eu, que tem aqui o mesmo sentido de psiquismo. Não se tratando de “simplesmente pôr para dentro, incorporar em si”, ela não é um movimento que vem de fora para dentro, mas sim um movimento de dentro para fora, “uma espécie de ‘abraço’ que o ego da criança faz com os objetos” (p. 101).

Retornando à conceituação de Ferenczi sobre a transferência, acompanha-se a observação de Landa (1999) sobre uma correspondência deste termo com o de *deslocamento de afetos*. A indiferenciação, como aponta o comentador, parece ser proposital e não fruto de uma confusão, caracterizando um posicionamento teórico. A propensão à transferência dos neuróticos se desencadeia com facilidade através do que Ferenczi chama de pequenas apresentações – “*Darstellung durch ein kleinstes*”.

Isto é, o elemento próprio que dá suporte à transferência de afetos inconscientes é decorrente das marcas feitas no psiquismo, não de representações, mas sim de pequenas realidades, ou seja, de traços mínimos de semelhança entre o analista – e toda a situação analítica – com objetos vividos e experimentados pelo paciente. Dessa concepção, desdobra-se um ligeiro desvio da compreensão freudiana, que é cheio de efeitos. Como visto, Freud vê a transferência galgada na possibilidade de deslocamento de tendências de fantasias, ou seja, em elementos deformados por processos defensivos e fundamentalmente não reais, articulados à realização do desejo inconsciente; produções relativas a um modo próprio de formulação responsivo a um roteiro imaginário. Já em Ferenczi, se observa a presença de um tipo particular de realidade – *Wirklichkeit*²¹ – muito mais concreta e material, apesar de igualmente inacessível.

²¹ Essa realidade será explicada no próximo tópico, quando for tratada a temática da carta 52, pela leitura de Laplanche.

Da sutil distinção entre Freud e Ferenczi no tocante aos elementos que compõem a transferência, deriva-se uma modificação do procedimento terapêutico. O autor húngaro dá prevalência ao fator econômico do tratamento; isto é, a figura do médico será receptáculo majoritário dos deslocamentos de afeto oriundos da transferência, e tais afetos correspondem não somente a desvios perceptivos provenientes de fantasias inconscientes, mas também a uma granulação afetiva produzida durante a relação com o analista.

Deste elemento de saturação – o quantum de afeto experimentado na sessão – emergirá o material de trabalho. Fica em primeiro plano a relação que se estabelece na circulação afetiva, entre os participantes da cena analítica, para algo maior do que uma manifestação simples da “tendência geral dos neuróticos a transferir”. Dito de outro modo, o sofrimento colocado no centro da gravidade pela lente ferencziana é, fundamentalmente, uma má adaptação entre os diversos territórios desconhecidos do psiquismo do paciente e um ambiente pouco receptivo.

A problemática da clínica que culmina em 1920

Foi no período de 1910 até 1914, ou seja, bem à época da elaboração do texto *Recordar, repetir e elaborar*, que Freud atendeu o caso de Serguei Pankejeff (Freud, 1918[1914]/2006). Esse homem foi tratado, no período, como um caso de neurose infantil fóbica que se desenrolava pela vida adulta. Diante da presença do analista, a transferência estabelecida fazia Serguei se apresentar com uma postura de “indiferente simpatia”²², somada a uma admiração superficial capaz de arrefecer quaisquer interpretações e, conseqüentemente, prolongar seu tratamento indefinidamente. Verdadeiramente, ao concordar tacitamente com Freud, Serguei se defendia reassegurando ao seu analista apenas as suas próprias teorias (Kupermann, 2011). Em decorrência da grande guerra que eclodia na Europa, sua análise precisou ser interrompida. Freud, que do outro lado do front transferencial, sonhava com Serguei baleando seu filho Martin (Gay, 1990), decidiu indicar uma data fixa para o término do tratamento independentemente do resultado alcançado.

As explicações teóricas feitas pelo autor para justificar tal medida se fundamentam no solo motriz do tratamento psicanalítico como um todo. A análise se diferencia dos tratamentos

²² “Indiferente simpatia” ou “amável apatia” foram os termos encontrados para explicar a postura de Serguei. Cada expressão remete o leitor a uma imagem diferente da postura de Serguei, portanto, deixa-se ao gosto de cada um usar a que melhor orne sua imaginação.

sugestivos pelo seu caráter que não se baseia em um processo de ajuda e reafirmação; com efeito, ela é um expediente de produção de subjetividade inequivocamente relacionado à angústia. Até então a nosologia da histeria não havia imposto a postulação de qualquer suplemento técnico, porém a diretiva da atividade deveria ser considerada diante de encontros anímicos diversos: seriam as fobias e as neuroses obsessivas graves que, devido a sua prevalência pela estagnação, imporiam essa manobra ao analista. Com Serguei, o que eclodiu foi o avanço do tratamento em larga escala, deixando o psicanalista muito impressionado.

Contudo, é interessante notar como, ao mesmo tempo em que Freud escreve suas considerações que relativizam a transferência como uma resistência, pontuando a necessidade de tempo durante uma análise para que as interpretações possam gerar seus efeitos, a postura do autor com esse paciente vai em direção oposta. Definir uma data para o fim da análise foi o primeiro passo em uma sucessão de desenvolvimentos técnicos que tiveram por objetivo aumentar o peso da abstinência, e até mesmo da transferência negativa, definidos e esmiuçados por Ferenczi na forma da técnica ativa. Absorto com as necessidades de modificação do método clínico diante de encontros com subjetividades regredidas, é no Quinto Congresso Psicanalítico Internacional que Freud convoca seus pares para pensar como seriam tais medidas.

Birman (2014) afirma que Freud, poucos anos depois do congresso, aponta um novo paradigma para a psicanálise. Em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2006), a compulsão à repetição será associada à pulsão de morte e será vista como um dos elementos da tendência geral à regressão. Freud notou que as repetições dessa ordem bordejam o registro corporal e estão nos confins do psiquismo, não adiantando um trabalho intelectual de decifração. Todavia, seu trabalho se mantém privilegiando uma atuação clínica mais voltada para as interpretações de conteúdo, uma atuação que não se aventura além da faixa de segurança. Nesse sentido, por mais que tenha atendido casos de não neurose, Freud acaba elegendo como referencial as demonstrações clínicas que estão articuladas dentro de uma conduta mais conservadora; se tornando um autor mais próximo das psicopatologias clássicas, que se debruça na compreensão do limite do analisável (Freud, 1937/2006).

A abertura da técnica ativa

Ao longo da obra freudiana, a flexibilidade quanto aos elementos de sua configuração é uma característica louvável a ser observada. Isto é, Freud é taxativo a respeito de suas propostas unicamente para fazer avançar o seu raciocínio, podendo descartá-las à medida que novos fatos se imponham. Assim, o caráter de empiria prevalece sobre qualquer afirmação categórica e dimensiona a Psicanálise como uma ciência aberta, capaz de atualizações em praticamente todas as suas frentes. Na conferência realizada na Budapeste de 1918, essa abertura indicou para novos rumos da prática clínica, apontados por Freud na forma de percursos de pesquisa.

Nessa oportunidade, o autor diz que “os progressos em nossa terapia, portanto, sem dúvida prosseguirão ao longo de outras linhas; antes de mais nada, ao longo daquela que Ferenczi, em seu artigo ‘Dificuldades Técnicas de Uma Análise de Histeria’” (Freud, 1919[1918]/2006, p.175), apontou. A direção dada por Freud é clara: a conduta praticada pela Psicanálise não é uma obra acabada; novas diretrizes devem ser formalizadas diante de enquadres clínicos particulares, o que permite pensar a transferência de dois modos. Seja como um elemento caracterológico da própria Psicanálise²³; seja como um produto emergente a partir do caso clínico, que deve variar de acordo com o que se apresenta. No segundo caso, trata-se de pensar a transferência como uma resultante do encontro ou, melhor dizendo, como um tipo específico tanto de relação terapêutica, como para um tipo de tratamento, que, nessa medida, permite conjecturar se estaríamos falando da Transferência ou de transferências.

Propor a medida de uma atividade era o mesmo que pensar como proceder diante do incremento de certas resistências, imbatíveis até o momento pela técnica padrão. Caberia ao analista, diante de configurações específicas de retenção da libido em benefícios secundários, auxiliar o paciente a vencer suas resistências, valendo-se de injunções e proibições que apontassem para uma atividade do paciente. O que entraria em jogo nessas situações seria o princípio de abstinência levado às últimas consequências, até a uma nova forma conhecida como “frustração”. A provocação do aumento da resistência imposta a sujeitos que estão profundamente vinculados ao tratamento pela figura do clínico proporcionaria uma situação

²³ Ressalta-se a herança da hipnose e da sugestão, a observação do inconsciente e a nosografia da histeria como o caldo primevo de onde emerge a originalidade do um método psicanalítico.

de conflito intolerável, que, em última instância, guiaria o sujeito em direção à cura graças ao bom uso da transferência.

Em *Prolongamentos da 'técnica ativa' em psicanálise* (1921/2011), Ferenczi expõe à comunidade analítica de modo sistemático de que forma empreende o uso da atividade. Pegando a regra da associação livre como o elemento fundamental da técnica, o autor afirma que a atividade jamais estará ao lado do analista e em hipótese alguma irá substituir a premissa associativa. Na verdade, recorrer à conduta clínica que pensa a atividade como uma medida extrema a ser empregada com cautela. Apenas nos casos excepcionais de uma estagnação no processo associativo o analista poderia cogitar uma rápida mudança de função; abandonando sua postura de espera para logo depois reaver-se com ela.

A proposta de um tratamento nesses moldes corresponde ao resgate da situação catártica e ab-reativa dos primórdios da Psicanálise. Ferenczi convoca a figura de Breuer enquanto personagem essencial ao desenvolvimento da clínica, do qual a forma com que exigia que os pacientes confessassem suas cadeias associativas se aproximava rudimentarmente da postura do analista no método ativo agora em questão. Novamente, o analista deveria alcançar o lugar de uma autoridade, fosse ela benevolente e materna, ou austera e paterna (Ferenczi, 1913a/2011), para que a frustração possa se impor como o motor de continuidade do tratamento que se encontra estancado devido à satisfação substituta, usada pelo neurótico enquanto uma continuidade da morbidez de seus sintomas atualizados na transferência com o analista.

Entendendo que os pacientes regredidos e em constante repetição sintomática estariam na verdade realizando desvios da libido que os permitiriam evitar o contato com o sofrimento inevitavelmente necessário ao seu reestabelecimento, nos mesmos moldes da metáfora química, tratar-se-ia de manter a temperatura em estado ótimo, para que se mantenha a ebulição dos conflitos e daí se possa aparecer as resistências passíveis de análise. Dito de outro modo, é fundamental para o tratamento que haja um quantum de afetos (o fator econômico do tratamento) disponível para motivar o paciente a voltar a associar livremente, ou a parar de fazê-lo de modo defensivo.

Diante da estagnação da análise que pode ser percebida de várias formas, inclusive com o excesso de associações verbais infrutíferas, Ferenczi buscou um modo de trabalho alternativo. Sensível aos elementos não verbais emergentes ao longo da sessão, como por exemplo, mudanças no rosto, forma de deitar, o tom de voz, etc., Ferenczi, tendo a regra da abstinência em mente, fazia exigências que intervinham diretamente em tais elementos

corporais. Movia-se, assim, um afluxo de libido estagnada, gerando um consequente aumento de frustração no paciente, colocando-o de volta ao trabalho. É importante frisar como os afetos nessa técnica estão em primeiro plano: Ferenczi fazia-os eclodir de seu estado de latência com a proibição de uma satisfação compensatória ou com a injunção de uma atividade inibida no paciente, para, a partir da emergência do afeto e da liberação deste prazer, retornar ao trabalho analítico clássico com a interpretação de conteúdo.

São notórios a presença de dois tempos no trabalho da técnica ativa, bem como o papel do analista neste processo. No primeiro tempo, ele faz emergir os afetos recalcados e testemunha a sua emergência; sua função de estar presente sensivelmente faz tais experiências vividas pelo par analítico adquirirem o direito de existir. No segundo tempo, após a proibição da realização do prazer, o paciente adquire a *consciência total*, ou seja, uma unificação entre o saber intelectual e a encenação emocional, conjugando estes elementos na experiência do vivido. Com isso, logo em seguida, o paciente é remetido à abstinência e pode retornar ao trabalho analítico.

Afastando-se de uma prerrogativa de neutralidade, pode-se entender que o autor não concebe a postura do analista nos mesmos moldes que Freud. Para Ferenczi, o processo analítico é uma situação particular que se instala entre duas pessoas. A transferência não deve, então, ser compreendida como pura e simplesmente uma atualização do inconsciente. Na verdade, exige-se do analista uma postura particular que favorece o estabelecimento de uma relação propícia ao trabalho. Dito de outro modo, toda situação analítica precisará ser produzida, levando o paciente para a neurose de transferência; momento este em que a interpretação viria para reeducar o ego do paciente, tendo por objetivo um bom encontro dele com suas pulsões.

Reeducação do Ego é um termo fortíssimo que é escolhido pelo autor para caracterizar a relação estabelecida entre a sugestão e a interpretação no processo analítico. Ferenczi propõe que a neurose de transferência fornece ao analista um lugar estratégico, de onde suas afirmativas teriam o poder de influenciar o paciente, dando-lhe a convicção necessária para fazê-lo sentir-se capaz de lutar contra as suas próprias resistências provenientes do Id e de realizar as modificações fundamentais ao seu próprio reestabelecimento. Ferenczi (1921/2011) diz:

A educação do ego, em contrapartida, é uma intervenção francamente ativa ao alcance do médico em virtude de sua autoridade aumentada pela transferência. Freud não teme chamar ‘sugestão’ a esse modo de influência, embora tendo o cuidado de indicar as

características essenciais que diferenciam a sugestão psicanalítica daquela que não é. (p. 119)

Assumir um lugar para a sugestão enquanto elemento de intervenção clínica difere de adotá-la como um objetivo final. Na verdade, como já foi demonstrado, a sugestão está na própria genética da Psicanálise junto à transferência, tal como concebida por Freud. Ferenczi está apenas resgatando o seu lugar de direito, para moldar seu uso em situações específicas. Em outras palavras, a interpretação é como uma faca, cujo lingote é composto da mistura precisa entre o cobre e o ouro. Compreendendo dessa forma tanto o processo relacional que se constitui entre analista e paciente, como a função interpretativa da transferência, estabelece-se os rudimentos do que será um pensamento clínico voltado para compreender o inconsciente enquanto um produto do encontro, ou seja, enquanto uma produção de sentido compartilhada.

Ainda tendo em mente o trecho citado acima, nota-se uma mudança de postura de Ferenczi em relação ao lugar da sugestão. Como foi comentado, em seu trabalho *Sugestão e psicanálise* (Ferenczi, 1912b/2011), o autor procurou diferenciar radicalmente as duas práticas, atribuindo à sugestão um papel anti-analítico, fato que foi comparado com o restante de suas concepções e em que se demonstrou ser um paradoxo de pensamento naquele momento. Fato atribuído à influência de Freud, esse sim, realmente interessado em constituir um campo de saber distinto e original.

Questões de filiação

Para explicar esse paradoxo, Schneider (1988) pondera, em seu livro *Le trauma et la filiation paradoxale*, diferentes tipos de movimentos de inscrição circulando entre os autores. Ela aponta que haveria uma “característica vampírica” (p. 23) inerente ao texto freudiano, definida como um movimento defensivo de Freud diante do receio do “risco de inovação”. Para o criador da psicanálise, o seu saber precisaria ser transmitido com alta adesão e todos os movimentos criativos eram compreendidos como traições. Sendo um expediente latente em Freud, seu texto se apresentaria de forma fascinante, buscando identificações.

Schneider sugere que o texto freudiano possui a marca do trauma, devido ao seu apoio em mitologias canibalescas²⁴, possuindo uma forte veia paternal como forma de transmissão. As questões da identidade, da identificação e da fidelidade gravitam em seu centro. Assim, a

²⁴ Conferir *Totem e tabu* (Freud, 1913c/2006).

temática da filiação em Freud possuiria a geometria da linearidade, que, de acordo com Schneider, produz uma enunciação dessubjetivante, fazendo exigências de anulações ou interditos de memória. Ora, se está em jogo a memória, esquecer pareceria ser um risco profundo ao edifício teórico da psicanálise; seria necessário então uma postura de mestria de Freud para se evitar a deturpação, o esquecimento ou a perda das qualidades fundamentais da sua obra.

O que está em jogo na transmissão psicanalítica é a problemática da fidelidade. Estabeleceu-se, então, um modelo teórico de transmissão psicanalítica de lógica identitária, com a figura de Freud associando-se ao lugar de um “mestre”. Finalmente, entre a fidelidade e a traição entra em cena a problemática paradoxal relativa à própria condição da filiação humana: a faculdade que permite a irrupção de algo novo é uma receptividade incondicional que deve ser inalterável, pois caso contrário perder-se-ia a tal abertura. Deste modo, a própria ideia de estar aberto ao novo significa ser estruturalmente infiel a tudo o que já foi conquistado. Logo, a autora sugere que a melhor forma de pensar em transmissão seria junto ao termo alemão “*umsetzen*”, traduzível por decompor/transpor.

Diante do novo, a psicanálise se confronta com um risco particular. Ela deve articular questões relativas à memória – se lembrar do que já foi produzido –, bem como abrir espaço para algo de absolutamente novo. Ainda mais complexo é o fato de que, em termos de saber psicanalítico, Freud encarnava a própria constituição do campo; logo, o novo não representa uma pura abstração, mas ele encarna o embate com a figura de Freud. Assim, com este mapeamento de motivações e problemáticas, Schneider aponta que Freud se situa, no que diz respeito à exigência de fidelidade, em uma posição paradoxal.

É do complexo jogo vivido nas questões de filiação e de transmissão que a figura de Ferenczi se torna uma peça chave. Seu grande empenho intelectual, sua devoção ao “mestre” Freud, e seu utópico projeto de reparação traumática tornaram o autor húngaro um receptáculo de expectativas de continuidade e desenvolvimento de ideias germinais do pensamento freudiano. Neste cruzamento de perspectivas de continuidade – seja através de uma profunda fidelidade ou de uma herança –, cria-se uma temporalidade particular na qual a tão fundamental questão da transmissão em linearidade se torna frágil. Protestar contra a sucessão linear da transmissão é o mesmo que ir de encontro ao valor dos elementos que compõem uma obra; desse modo, o bom herdeiro corre o risco de se tornar um herege ao negar ou abdicar de certos pressupostos de seus espólios. É justamente esse o drama vivido entre Freud-Ferenczi.

A nova perspectiva que se desdobra a partir de uma ideia de filiação existente entre os autores desvela uma problemática específica desta relação. Ferenczi ocupava o lugar de um tipo de herdeiro assombrado pela posição de coautor da empreitada psicanalítica, anteriormente sustentada por Fliess – este sim, o grande amigo de Freud, o que o abandonou devido às suas dificuldades particulares de convívio. Schneider recupera da relação entre Freud e Fliess seu substrato traumático e aponta que Ferenczi foi destinado ao lugar impossível de se ocupar, caracterizado por ser um solo fértil de desenvolvimentos teóricos e em que se é um herdeiro original e criador. ; contudo, seria impossível compreender a esperança de Ferenczi de ocupar o lugar de discípulo de Freud, se não fosse levada em consideração a sua própria inspiração particular de reparação traumática.

O fim da técnica ativa

Apesar de inicialmente bem aceitas por Freud enquanto modificações possíveis à Psicanálise, a técnica ativa recebeu fortes críticas da comunidade. Acolhidas e ponderações levaram o próprio desenvolvedor da técnica a remodelá-la. Em *Contraindicações da técnica ativa* (1926/2011), Ferenczi não só avalia, como também critica os efeitos da atividade sobre a relação estabelecida na transferência. Para ele, devido ao incremento da abstinência ao ponto de torná-la uma frustração, nos mesmos moldes de um efeito colateral, a atividade perturba o ego, e, em consequência, poderia ser estabelecida uma oposição inconsciente entre paciente e analista que levaria ou ao fim precoce da análise ou a uma submissão profunda e exagerada.

Verdadeiramente, Ferenczi faz essa ressalva, tendo em mente alertar seus pares quanto ao uso da técnica. O que pode ser usado como argumento para pensar que o autor não pretende descartá-la completamente, pelo contrário, que o autor faz uma calibragem do tipo de atividade a ser realizada, assumindo que, em seus primeiros tempos, as injunções eram demasiadamente rígidas, levando o analista a impor à força a sua vontade. Assim, em uma nova roupagem, o caráter sugestivo da técnica não se aproxima de verdadeiras instruções, sendo mais um aconselhamento brando que visa encorajar o analisando a transpor suas inibições.

Logo, a crítica ferencziana sobre a atividade se trata mais de uma recomendação, que pondera quanto ao abuso desse método por analistas com tendências sádicas não analisadas,

que encaminhariam a técnica de volta para o período pré-psicanalítico, no qual imperava a autoridade do médico sobre o paciente.

Inegavelmente, o autor estava ciente de como as proibições e injunções produziram uma repetição dos momentos traumáticos vividos pelos pacientes na época de sua infância (Ferenczi, 1926/2011). Contudo, a expectativa de Ferenczi não era evitar a compulsão à repetição, e sim fornecer uma oportunidade de encaminhamento saudável do que outrora ocorreu no sentido de “privar a criança do prazer, enquanto que, na análise, essa primeira educação excessivamente bem-sucedida é substituída por uma outra que deixa ao erotismo a margem que lhe cabe direito” (p. 408). De modo que possa criar um ambiente favorável à análise, isto é, que permita uma repetição das situações de privação dos pacientes para corrigi-las (reeducá-las), Ferenczi não abre mão da necessidade de frustrar os desejos amorosos de seus pacientes nem de manter a contratransferência sob observação e análise.

Mas a principal crítica vem de Freud e recai sobre o desejo incondicional de Ferenczi de curar seus pacientes a qualquer custo. Seu desejo de fazer frente à compulsão à repetição não deixa de ser uma atitude admirável, mas o recurso técnico empregado acabava sendo uma medida de violência que ignorava os limites possíveis da clínica. Bem menos otimista, Freud (1937/2006) criticou a postura de manejo da resistência praticada por Ferenczi, argumentando contra ela o seu famoso ponto de vista econômico. Como explicado anteriormente, do ponto de vista de Freud, a situação analítica se estabelece nos moldes de um cabo de guerra, em que os vetores opostos da transferência positiva e negativa tencionam uma corda delicada, ou seja:

Mais uma vez nos confrontamos com a importância do fator quantitativo e mais uma vez somos lembrados de que a análise só pode valer-se de quantidades de energia definidas e limitadas que têm de ser medidas contra as forças hostis. E aparece como se a vitória, de fato, via de regra esteja do lado dos grandes batalhões. (Freud, 1937/2006, p. 256)

Sabe-se que a discordância entre os autores, nesse ponto, vai além de problemas apenas referentes à técnica e aos limites do analisável que são impostos pela pulsão de morte. No aspecto histórico, Ferenczi acusou seu analista, Freud, de não ter trabalhado a sua transferência negativa; ao que Freud respondeu dizendo não a ter visto durante o tratamento. Assim, o criador da psicanálise pondera, em prol de se prevenir futuros conflitos, sobre como não se deve forçar os pacientes, seja aumentando suas resistências ou promovendo reflexões sobre assuntos não presentes em análise. Mais ainda, Freud assume, nesse momento, que nem tudo o que acontece em uma análise está sob a espada da transferência; Já Ferenczi (1988[1932]) pensa que esse argumento encobre a resistência do analista, não sendo mais do

que mera hipocrisia defensiva o fato de um analista não se sentir envolvido pessoalmente no processo analítico.

Ferenczi tentou produzir, na experiência clínica, as consequências metodológicas propostas em *Além do princípio do prazer*, que são definidas por Birman (2014) como uma atenção especial ao manejo da compulsão à repetição. Sua prerrogativa de que o tratamento analítico deveria ponderar o peso das repetições se torna finalmente o centro de toda a problemática vigente no período. Todavia, as consequências de suas articulações apontavam para rumos muito diversos dos de Freud e sua originalidade foi tomada como insubordinação. Se no plano clínico a já apontada divergência quanto à repetição gerou problemas, no plano teórico o problema foi ainda maior.

Entrava em cena a suspensão da neutralidade, colocando o analista em um perigoso jogo com seu paciente, o que exigia uma constante auto-observação. Da autocrítica referente ao emprego da técnica ativa, germina oficialmente uma complexa formulação sobre a intersubjetividade. Coelho Junior (2004) alude que, em 1926, Ferenczi oficialmente recusa o primado da comunicação mediada pelos processos conscientes e se filia ao plano da experiência emocional como única fonte capaz de proporcionar ao paciente a sensação de existência na realidade. Para alcançar um grau de integração no paciente digno de ser chamado de uma vivência de uma experiência de consciência total, Ferenczi usa os afetos que se produzem numa sessão como fatos empíricos, verdadeiros descritores da realidade.

Por consequência de suas reflexões, o autor húngaro produz seu magistral trabalho conhecido como *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1928a/2011), no qual resume o mais capital de suas reflexões, conjugando-as com sua visão particular sobre a centralidade do trauma. Para o autor, se torna inadmissível aceitar qualquer tipo de relação transferencial que contenha o germe de um caráter sádico-educativo (Ferenczi, 1930/2011), entrando em seu lugar uma necessidade de *laissez-faire* enquanto possibilidade de relaxamento (Ferenczi, 1929/2011).

Primum nil nocere²⁵: O retorno a uma teoria mais antiga

Ferenczi ficou conhecido nos meios psicanalíticos como o *enfant terrible*. Nos mesmos moldes da criança que angustia os adultos por uma suposta má-educação, Ferenczi

²⁵ Primeiro não prejudicar.

proferiu um discurso direcionado aos limites do saber psicanalítico, cuja boa parte desse conteúdo dizia respeito à concepção de trauma. A grande divergência entre mestre e discípulo eclode com intensidade a partir dos anos 1920, quando o embate começa a apontar diferenças sobre a conceituação do fenômeno. A amplitude de suas marcas e a possibilidade de sua aquiescência com um método de tratamento via catarse e regressão terapêutica são as pautas fundamentais.

Com Freud, observa-se duas oportunidades de teorização sobre o trauma. O que se viu em seus primeiros trabalhos foi um debruçamento amplo sobre as experiências traumáticas, que conceberam uma teoria da sedução (1896/2006). Nessa compreensão, a criança que teve seu corpo violado pelo desejo de um adulto ressignificará o evento *a posteriori*, quando estiver de posse de uma integração maior da personalidade, que ocorre graças à integração pulsional decorrente do seu desenvolvimento. Dito de outro modo, será apenas na puberdade que a vítima alcançará a convicção necessária para formalizar o teor traumático da experiência.

Sua segunda indagação (Freud, 1920/2006) ocorre muito depois do abandono da teoria da sedução, quando o autor passa a ter exemplos clínicos provenientes da guerra. Agora, balizado pela teoria da fantasia, é impossível a Freud, por mais que mantenha uma explicação fenomenológica respeitosa da arquitetura médica – que vê o trauma como uma perfuração de tecidos, capaz de produzir ablações –, conceber o trauma de outra forma que não a econômica. O fenômeno caracterizado como traumático será então um excesso pulsional que supera a capacidade de resistência do escudo protetor do psiquismo e a sua capacidade elaborativa. Essa hipótese acompanha o anúncio da pulsão de morte enquanto fenômeno regressivo por excelência, que busca fazer a vida retornar ao estado inorgânico original. Há aí uma concepção predominantemente intrapsíquica. Logo, observa-se um declínio nítido da participação da alteridade como principal gatilho causador do trauma.

Ainda em *Além do princípio do prazer* (1920/2006), Freud faz sua famosa alegoria do jogo do carretel (*Fort-da*) para demonstrar como o psiquismo humano, através de uma passagem da passividade à atividade, é capaz de elaborar uma situação de grande angústia caracterizada pela ausência da figura materna, promovendo as modificações internas necessárias para aplacar as forças internas descontroladas. Freud narra como um bebê joga seu carretel e com isso cria a oportunidade de puxá-lo de volta, obtendo grande prazer com o controle que passou a exercitar sobre a situação. Ainda nesse movimento, essa criança

também balbucia os rudimentos de algumas palavras (*Ó* e *Dá*) e com isso começa a constituir uma linguagem atravessada pelo afeto.

György Péter Hárs (2015) comenta, resgatando a compreensão de Ferenczi sobre o estado fluido que caracteriza o estado de espírito do bebê, que nele não existem mecanismos de defesa em operação, o que permite uma superfície de contato mais extensa com o mundo, criadora de um contato mais imediato e não direto com os objetos. Sem conhecer suas fronteiras, o modo de relação com o mundo estabelecido nos primeiros anos de vida é feito com uma grande dose de mimetismo, capaz de criar sentidos com palavras através das experiências. Trata-se mesmo de uma oportunidade de autoplastia do psiquismo que não é feita por privações ou marcada pela violência; a criança cria os objetos do mundo e os nomeia em um processo que decorre da sua natural potência de simbolização das intensidades afetivas (Kupermann, 2016).

O processo em questão ocorre de forma repetitiva e constitui a forma princeps de elaborar o implacável fato da realidade de separação, tornando-o, inclusive, a matriz pela qual todos os processos futuros de castração se desenrolarão. Vê-se, aqui, como é pela repetição de uma modalidade de relação específica – a inversão da passividade pela atividade –, que o trauma pode ser elaborado. Dito de outro modo, regredir para um jogo em que o controle onipotente articula a ilusão e a desilusão é a forma universal da elaboração das situações que promovem incrementos de angústia qualitativamente articulados com o trauma de separação.

Todavia, também se observa que, ao considerar os fatores exógenos articulados ao trauma, Freud privilegia uma explicação submetida à ideia de fantasia (realidade psíquica), não atribuindo grande importância aos lugares de encontro que se articulam nessa dinâmica. De forma absolutamente oposta, Ferenczi responde a esse modelo com uma visão intersubjetiva. Schneider propõe que a relação estabelecida entre Freud e Ferenczi promoveu um tipo de filiação de tons paradoxais. Se há, em Freud, o já mencionado desejo de uma transmissão linear e todo um movimento defensivo diante da possibilidade de que algo de sua teorização seja esquecido, também vigoraria uma fantasia de incorporação nessa transmissão. Nos mesmos moldes da mitologia de *Totem e tabu* (1913c/2006), vigoraria em Freud um medo do parricídio e da transmissão pela incorporação canibal. Assim, a autora observa um duplo movimento na economia psíquica de Freud. Diz Schneider:

O que é quase inaudível em Freud vai ser firmemente reivindicado por Ferenczi – o educador infantil. Ele emite o que poderia ser chamado, em alguns aspectos, de ‘palavra de autoridade’. Mas, novamente, a diferença é cada vez maior entre o mundo habitado

pelo mestre e pelo discípulo: Freud alude nos contos de crianças a figuras que são acompanhadas de insolência e júbilo. De forma diferente, Ferenczi postula que o acesso ao conhecimento reservado à criança é da ordem da ameaça, isto é, é uma tentativa de sobreviver. Tentativa de traçar um caminho para escapar da destruição traumática que surge do saber. [tradução nossa] (Schneider, 1988, p. 172)

Foi no período mais profícuo e no qual se pode observar as suas maiores contestações, que Ferenczi se encontra isolado de seus pares e publicando cada vez menos, preferindo fazer notas pessoais e se dedicar quase exclusivamente à clínica. Suas investigações sobre o trauma constituíram uma modificação fundamental justamente no ponto que Freud deixava de lado, isto é, na articulação entre alteridade e trauma. Como um continuador daquilo que é proibido de eclodir no mestre, Ferenczi pondera sobre o efeito da violência proveniente da alteridade como um “choque” (*Erschütterung*). Algo que, no aspecto intrapsíquico, é de uma grandeza equivalente a uma comoção capaz de abalar todas as enervações. “*Schutt*” se refere a restos, destroços e engloba a ideia de um desmoronamento capaz de promover uma destruição da forma própria, à moda de um saco de farinha (Ferenczi, 1934/2011). Trata-se de uma condição psíquica em que a repetição compulsiva, desprovida de reflexão, caracteriza uma anestesia dos modos de vida e de uma amorfia observável na perda da espontaneidade e em uma maleabilidade negativa, marcada pelo seu acentuado caráter de dissociação. Sua produção dependerá de alguns fatores, como a intensidade, a duração, o efeito de surpresa e a capacidade para resistência inerente ao aparelho psíquico (Dal Molin, 2016), e promoverá uma “aniquilação do sentimento de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do si mesmo” (Ferenczi, 1934/2011, p. 125).

O choque promove formas de defesa particulares, dado seu caráter colonizador. Nos mesmos moldes de uma lagartixa, capaz de produzir a ablação de uma parte de seu corpo para sobreviver a um ataque do predador, o psiquismo decomporia a coesão interna de sua estrutura para se proteger; “o que aconteceu comigo, na verdade, aconteceu a um outro”, essa seria a lógica dessa defesa e sua consequência seria a inerente perda da função sintética do ego. Essa forma autotômica (Ferenczi, 1924/2011) de defesa será uma das possibilidades diante da desorientação psíquica, e sua consequência será a autodestruição da grande unidade egoica. Após o choque, o modo de defesa do psiquismo consiste em erigir uma interrupção sensorial, que se observa na forma de uma aceitação sem resistências dos estímulos mecânicos e psíquicos (Ferenczi, 1933/2011). O objetivo dessa estratégia é evitar que traços mnêmicos se formem a partir das impressões experimentadas, o que caracteriza uma dissociação chamada por Ferenczi de autoclivagem narcísica.

Todo esse processo ocorre no chamado primeiro tempo do trauma, que devido à imposição do ambiente é inevitável. Contudo, Ferenczi não atribui a ele o momento da real instauração traumática, depositando apenas em sua sequência o momento decisivo. A criança em estado de *confusão* recorrerá ao ambiente para fornecer uma explicação do evento e o comportamento dos adultos será, este sim, o modo de ação psíquico do trauma (1933/2011); se a figura de confiança é capaz de se sensibilizar e agir no sentido de uma afirmação da realidade, o momento do choque pode ser superado sem sequelas neuróticas nem amnésias. Trata-se da reação do adulto capaz de ternura e sinceridade (Ferenczi, 1931/2011).

Não obstante, as costumeiras reações dos adultos desautorizam a criança. Eles costumam reagir com demonstrações de incompreensão, com punições, com exigências de provas de força que a criança é ainda incapaz de dar, ou com um silêncio anestesiado. Assim, ao buscar alguém de confiança para dar seu testemunho do evento desorganizador, o encontro é marcado por uma presença indiferente, e o trauma se instaura devido à falta de sensibilidade capaz de testemunhar o sofrimento. Ferenczi diz que:

O pior é realmente a negação [desautorização] “*Verleugnung*”, a afirmação de que não aconteceu nada, de que não houve sofrimento ou até mesmo ser espancado e repreendido quando se manifesta a paralisia traumática dos pensamentos ou dos movimentos; é isso, sobretudo, o que torna o traumatismo patogênico. (Ferenczi, 1931/2011, p. 91)

O ato apontado por Ferenczi incide sobre a área intermediária entre a verdade e mentira, sua violência específica reside na tentativa de negar algo afirmado ou admitido anteriormente, o que deslegitima uma percepção da realidade. Kupermann (2016) frisa como esse é o momento em que um sujeito, vulnerabilizado em decorrência do evento potencialmente traumático, sofrerá verdadeiramente a desapropriação subjetiva. Sua decorrência será a cisão de uma parte fundamental do “si-mesmo”, causando gravíssimos efeitos, como um tipo de perda de contato com a realidade, que se caracteriza pela ausência de convicção das próprias percepções e pela anestesia da afetividade, a única capaz de promover, no âmbito intrapsíquico, uma cura.

Tal efeito de ruptura com a realidade é uma decorrência da confiança cega que as crianças sentem pelos adultos (Pinheiro, 1995). A criança só se permite ter uma palavra própria quando esta é intermediada pela sua relação com o adulto. A princípio, ela toma palavras emprestadas do adulto e dirige a ele sua palavra para obter uma confirmação. Logo, a desautorização promoverá a suspensão tanto da capacidade da criança poder constituir uma

opinião própria sobre o assunto, como da história factual (Ferenczi, 1934/2011, Sabourin, 1988), sendo essa desautorização a real formadora do trauma.

De acordo com Pacheco-Ferreira e Vertzman (2008), a violência traumática que Ferenczi está ressaltando é aquela resultante da interpretação confusa dos dois níveis eróticos entre o adulto e a criança, decorrente da desautorização pelo segundo adulto que não pode crer no relato da vítima. Deste modo, o real fator traumatizante não é a linguagem da paixão propriamente, mas a falta de testemunho do segundo adulto, que reafirma a negação do primeiro, lançando a criança em uma espiral de autodesconfiança perceptiva. *Irrealidade e perplexidade* são as percepções do sujeito no plano afetivo, que tem seu aparelho psíquico cindido.

Por sua vez, a criança aprende no plano intelectual, através de um processo de indução, que deve adequar-se ao mundo sem poder transformá-lo. Decorre dessa construção afetiva e intelectual uma nova consequência para a vida psíquica: experiências de *impotência e agonia* são vividas a cada vez que o sujeito tem que se defrontar com a imposição de sentidos provindos do mundo externo. Em outras palavras, o trauma não se limita ao evento específico, mas ele se reedita e se atualiza na forma de contato do sujeito com o mundo. Pois o trauma se constitui justamente na falta de mediação entre objeto externo e mundo interno. Assim, a noção forjada por Ferenczi coloca no centro da questão do trauma o afeto de *aniquilamento*.

Diante das considerações feitas pelo autor na década de 1930, Freud acusa-o de “distanciamento” e de “inacessibilidade”. Porém, pode-se dizer que o ponto de vista ferencziano sobre o trauma reorienta o modo de observação sobre o evento e retira a ênfase sobre os aspectos intrapsíquicos envolvidos. Neste sentido, Ferenczi não retorna aos momentos pré-psicanalíticos, como acusado por Freud, pois sua observação recai, sobretudo, na violação psíquica pelo excesso de demanda ou de privação de amor parental (Pacheco-Ferreira & Vertzman, 2008).

Enfatizando uma problemática sobre o trauma enquanto um evento da realidade concreta e não o de uma fantasia, Ferenczi (1933/2011) considera que a confusão de línguas entre os adultos e as crianças é o fator responsável pelo abuso sexual, e ilustra o que usualmente se passa nessa situação, opondo as fantasias lúdicas da criança, que “deseja desempenhar um papel maternal em relação ao adulto” (p. 116) com uma *confusão* por parte deste, que interpreta tais expressões como manifestações “de uma pessoa que atingiu a

maturidade sexual [deixando-se] arrastar para a prática de atos sexuais sem pensar nas consequências” (p. 116). Logo, está em questão uma diferença radical entre a paixão e a ternura.

Hárs (2015) aponta como a paixão recebe no *Diário clínico* uma explicação complementar que é fundamental para diferenciá-la da ternura. De acordo com o autor, Ferenczi recorre a Descartes para definir a paixão como “provisões (ideias) da natureza para a proteção da unidade da alma e do corpo” (Ferenczi, (1988[1932]), pp. 192-3), para logo em seguida aproximar e conjugar essa concepção com a de “*paixão como emoção forte e incontrolável*”. Assim, em Ferenczi, há a aproximação entre emoções intensas e ideias, que formam um binômio próprio, e este sim se opõe à ternura. Dito de outro modo, não é a razão que se opõe à paixão, mas deve-se à ternura essa função (Hárs, 2015). Com Ferenczi, lemos que:

se conseguirmos ter acesso à vida psíquica da criança ainda poupada pelas dores e sofrimentos, chegamos finalmente à hipótese de que foi unicamente o sofrimento que tornou o homem apaixonado e desconsiderado. Se a criança vive ainda numa atmosfera ótima quanto ao meio, terá a tendência (a) para repartir seu prazer com o seu meio ambiente, (b) para encontrar um prazer ainda desprovido de inveja. (Ferenczi, 1988[1932], p. 194)

Dessa conceituação, pode-se diferenciar a qualidade desse elemento em Ferenczi e em Freud. Para o criador da psicanálise (Freud, 1950[1895]/2006), a ternura é uma relação amorosa que se realiza mediante o apoio²⁶ no fator sensual do encontro dos corpos (isto é, a amamentação como processo de libidinização da mucosa da boca enquanto região erótica), e que satisfaz as pulsões de autopreservação. Já em Ferenczi a ternura jamais fará exigências desse tipo ou separações categóricas. A ternura apontará sempre para a adaptação, para o relaxamento e para a flexibilidade e, nesse sentido, a prática clínica deveria seguir o mesmo percurso. Logo, quando uma criança comete um delito qualquer, tal evento só passa a ter um caráter de realidade a partir da punição passional praticada pelo adulto furioso, e somente aí aparece o sentimento de culpa, algo que não pertence ao mundo infantil e que é implantado pelo adulto (Ferenczi, 1933/2011).

A confusão de línguas é então o momento em que ocorre um desacordo na compreensão de linguagens, dado o seu caráter distinto. Como demonstrado acima, Ferenczi vê a causa desse desencontro na diferença qualitativa entre as linguagens, que imporia uma

²⁶ Apoio é uma função com designação particular e específica. Ver a esse respeito o *Dicionário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis.

experiência de mundo distinta para os participantes do diálogo; sendo que na ponta máxima do desacordo estaria um colapso de mundos, ocorrendo quando a ternura infantil se manifesta com sua qualidade erótica maternal própria e é interpretada pelo adulto dentro do modelo do desejo e do amor sensual. O adulto apaixonado é tomado por uma onipotência narcísica própria, na qual Pinheiro (1995) comenta que entraria em cena um exagero ou abuso, tratando-se, nesse sentido, de “um comportamento efetivo, de fato apaixonado, desmesurado, louco” (p. 71).

Na contrapartida desse movimento, está a ternura com seu fator lúdico, na qual não haveria essas qualidades de tudo ou nada. Seu lugar na história do desenvolvimento sexual é junto à parcialidade da pulsão, anterior ao primado genital. Assim, a ternura é um modo de existência caracterizado pela experiência de mundo no seguinte sentido descrito por Ferenczi (1930/2011): “O que a criança deseja, de fato, mesmo no que diz respeito às coisas sexuais, é somente o jogo e a ternura, e não a manifestação violenta da paixão” (p. 64).

Ferenczi estava mesmo decidido a criar uma atmosfera livre da paixão e voltada para a “amigabilidade”²⁷. Em suas palavras: “benevolente e desapaixonada, própria para fazer desabrochar até mesmo o que estava escondido” (Ferenczi, 1988[1932], p. 34). Isto é, o analista deveria saber transformar paixão em ternura, fato possível graças ao conhecimento relativo à teoria do trauma, e a suas descobertas que versam sobre as formas de adaptação e o papel da sensibilidade no testemunho. A realidade do trauma não é promovida por qualquer fantasia dentro da mente do sujeito, sendo uma imposição do mundo externo sobre ele, fator que invade e coloniza o cenário psíquico. O mal-estar imposto pela concepção ferencziana de trauma diz respeito ao resgate da necessidade de se acreditar nos pacientes exclusivamente por meio dos métodos observacionais (Coelho Junior, 2016), e de sentir com eles o sofrimento promovido por essa experiência. Diante dessa árdua tarefa, impõem-se algumas considerações.

²⁷ Freundlichkeit é o termo original usado pelo autor e a melhor forma de expressar o que essa palavra significa foi arriscada por mim na forma do neologismo amigabilidade. O leitor deve entender que me refiro a capacidade de ser amigo, mas para informações adicionais a respeito do que está em jogo nessa dimensão recomendo a leitura de Vedovato (2017): *Amizade em psicanálise: o cuidado de si no encontro com o outro*.

A abertura para um outro tipo de clínica

Ferenczi opera dois movimentos importantes de modificação da técnica psicanalítica no final de sua vida. O primeiro é a remodelação da situação analítica – como se verá, a abstinência passa a ser vista como uma reafirmação do trauma e a frieza das interpretações de conteúdo como reedições de atitudes perversas; em segundo lugar, ocorre o retorno de uma teoria mais antiga, ou seja, daquela desenvolvida por Breuer no hospital psiquiátrico de Viena. Mais do que uma outra metapsicologia, Ferenczi oferece uma oportunidade de compreensão do trauma que vai além do intrapsíquico e do quantitativo. O autor aborda uma série de fenômenos que ocorrem nas invaginações dos mundos anímicos, pensando tanto as motivações internas causadoras de confusões entre adultos e crianças, como as transformações que decorrem do contato recíproco e intersubjetivo desses mundos.

Objetivando introduzir uma modificação radical na técnica, Ferenczi, em *Princípio de relaxamento e neocatarse*, denuncia como as direções tomadas pela técnica padrão encaminharam à prática clínica para um abandono da questão dos afetos, e como, conseqüentemente, essa prática se tornou cega à força traumática imposta pela violência dos excessos pulsionais. Ferenczi realiza um resgate dos primeiríssimos momentos da técnica, quando ela ainda era praticada pelo desavisado Breuer, que foi incapaz de observar a dinâmica do encontro estabelecido com Bertha. Esse mau encontro se caracterizou pela impossibilidade de escuta dos fatores emocionais que carregaram para uma conduta clínica medida puramente por fatores intelectuais, sobrepujantes de belas deduções teóricas, que não operacionalizavam mudanças.

Ferenczi diz que, fazendo uma curva apenas mais longa e menos sinuosa, Freud teria sido levado ao mesmo erro. Ao abandonar em 27 de agosto de 1896 o fundo traumático das neuroses, colocando em seu lugar a fantasia como uma realidade psíquica, que opera através da mentira, o autor vienense teria se voltado para uma prática limitada²⁸. Indo ainda mais longe com sua crítica, Ferenczi chega a relativizar a forma como a associação livre acabou enfraquecendo a dimensão afetiva que estava nas origens do tratamento, como se via em 1890. Diz Ferenczi que “a relação intensamente emocional, de tipo hipnótico-sugestiva, que existia entre o médico e seu paciente, esfriou progressivamente, um processo essencialmente intelectual” (Nasio, 1995, p. 95). Dito de outro modo, apesar de não negar que a adoção do

²⁸ Certamente essa crítica de Ferenczi é questionável diante do que já se demonstrou com o caso de Elizabeth.

método associativo permitiu todo o desbravamento do funcionamento inconsciente, o autor critica a secundarização do plano econômico.

Como foi dito anteriormente, a principal defesa diante do trauma é impedir que a impressão perceptiva se torne um traço mnêmico, criando uma espécie de duplo dentro do sujeito que sobrevive e se esforça por se manifestar (Ferenczi, 1930/2011). György Hidas (2015) comenta que a formação dessa estrutura interna se caracteriza aos moldes de um *teratoma*, que pode ser definido tanto como um fragmento isolado do psiquismo, impedido de se desenvolver, como se refere também à parte da mente que deve ser acessada pelo trabalho analítico, mas que só eclode espontaneamente como uma personalidade bem adaptada.

A dimensão do teratoma bem adaptado à realidade é definida por Ferenczi (1931/2011) como uma espécie de simulação daquilo que a criança necessitava quando estava fragilizada ainda no primeiro tempo do trauma. Em um trabalho desgastante de amparo de si mesma, a criança simulará o pai e a mãe que não puderam se fazer presentes no momento apropriado, e será constituída, através dessa mutação do psiquismo, uma instância responsável pela autopercepção e ajuda. Por outro lado, sendo constituída à custa da convicção na realidade e pela usurpação dos afetos, o teratoma se produz pela autoclivagem do narcisismo, o que necessariamente destrói a sensibilidade do sujeito; conseqüentemente, erige-se uma personalidade total que tudo sabe, mas nada sente (Ferenczi, 1931/2011).

Diante desse tipo de paciente, não há dúvidas quanto à necessidade de uma modificação da técnica analítica. Se Freud (1919[1918]/2006) supunha uma coesão egoica fundamental ao processo interpretativo de uma análise, torna-se imprescindível modificar esse dispositivo; tarefa possível graças ao retorno às indicações contidas em *Recordar, repetir e elaborar* (1914/2006), que apontam os novos caminhos da conduta psicanalítica. Assim, se Freud intuiu que seria necessária uma remodelação estética para a clínica, isto é, um acolhimento da hostilidade presente na transferência negativa, coube a Ferenczi com sua neocatarse a montagem da atmosfera certa: a espera sensível que acompanha o ritmo da circulação de afetos e a participação do analista como um elemento capaz de se sensibilizar com seu paciente.

Como visto, Ferenczi procurou dar conta dessas dificuldades com sua técnica ativa, que foi sistematicamente testada ao nível do exagero para, posteriormente, ser relativizada. Em paralelo a esse processo e devido à síncope da sociedade moderna diante do horror da guerra, ocorreu também uma reformulação e um resgate da questão do trauma. Assim, ao escrever *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte*, o autor húngaro buscou dar mais um

passo no sentido de incluir o silencioso *Thanatos*, com todo o seu poder de destruição, em suas articulações clínicas.

Usando a alegoria do nascimento de uma criança e da consequente necessidade do ambiente familiar em acolhê-la, pois caso contrário ela morreria, Ferenczi reflete sobre os efeitos nefastos da pulsão de morte. Articulando essa afirmação com sua clínica, o analista enquanto o ambiente favorecedor dos processos expansivos provenientes da introjeção realizada pelo paciente deve ser capaz de não reincidir quaisquer efeitos traumáticos; e, nesse sentido, as injunções e proibições viriam apenas reforçar a relação de sofrimento imposta ao paciente. Logo, Ferenczi sugere ao clínico uma postura de hospitalidade particular, definida como um “acolhimento caloroso em preparação da análise propriamente dita das resistências” (1930/2011, p. 75).

Ao pensar sobre o nascimento, Ferenczi (1929/2011) imagina como a morte seria o destino das crianças que não receberam o amor verdadeiro. Sendo hóspedes não bem-vindos, ou, melhor dizendo, sujeitos que não tiveram suas pulsões acolhidas e devidamente conduzidas, prevalecerá nesses casos uma forte tendência autodestrutiva. Reis (2004) define o a incapacidade dos pais em acolher a estranheza infantil como uma forma de violação da alma da criança capaz de barrar sua capacidade natural de introjeção; esse fator traumático seria o resultado de um mau encontro entre adultos e suas crianças, promotor de um engessamento da capacidade para a polissemia de sentidos que está na base da linguagem da ternura.

Mas se a força regressiva ao inorgânico é uma articulação possível, é importante definir também os termos dessa equação para Ferenczi: suas observações foram feitas nos chamados pacientes “graves”; pessoas que conjugavam seus sofrimentos anímicos expressando-os em fortes manifestações corporais, compreendidas pelo autor como expressões da pulsão de morte através de tendências inconscientes para autodestruição. Esses seriam os casos de crianças mal acolhidas.

A disposição para a morte realizada através de manifestações corporais pode ser compreendida como o reflexo da capacidade empática dessas crianças em perceber no ambiente uma inerente e sutil hostilidade. Ferenczi aponta que “todos os indícios confirmam que essas crianças registraram bem os sinais conscientes e inconscientes de aversão ou de impaciência da mãe, e que sua vontade de viver viu-se então quebrada” (Ferenczi, 1929/2011, p. 57). Os pacientes do psicanalista, de fato, se apresentavam com uma compulsão por repetir situações de invalidez através de desorganizações violentas. Tendo em vista que a conclusão do autor vai na direção de pensar que, para esses pacientes, faltou um ambiente com tato (contato), sua indicação de trabalho não poderia seguir pelo viés da frustração.

Propondo uma nova conduta terapêutica, a análise deveria ser capaz de operar fornecendo um cuidado relativo às figuras dos pais. A análise necessitaria sustentar um ambiente favorável ao desenvolvimento do Ego através de construções, e não pelo apontamento da necessidade de responsividade. Em outras palavras, trata-se de criar uma atmosfera psicológica favorável ao desenvolvimento natural que está bloqueado pelo excesso das forças autodestrutivas, que não foram corretamente conduzidas; as crianças que não foram bem-vindas sofreram traumas que marcaram seu desenvolvimento com autoritarismo, falta de amabilidade e ambivalência afetiva grave. Essas crianças jamais estiveram em um encontro com um adulto capaz de ser um mediador (Latour, 1994); elas não precisaram sofrer traumas em vida, pois a sua própria chegada já se constituiu como um trauma, pois faltou-lhes alguém que filtrasse o excesso proveniente do mundo externo.

Se Ferenczi, ao entrar no movimento psicanalítico, já apresenta seu cartão de visitas constituindo um conceito como o de introjeção, isso só deixa claro como o autor era capaz de observar, admirar e valorizar o trabalho de Freud na dimensão que mais lhe parecia importante. Contudo, foi somente em sua maturidade que o autor se tornou capaz de uma certa dose de liberdade para criar uma prática regida pela ética da empatia, o que produziu uma recentralização da importância capital dos afetos.

Então, se em 1930 foi necessário resgatar a trajetória feita desde Breuer, tal empreitada objetivou rediscutir a presença da catarse nos processos clínicos. Na visão do autor, pensar o lugar da catarse não era um retrocesso e sim uma necessidade proveniente da demanda de seus pacientes, acometidos justamente pelos excessos energéticos. Tendo sempre em mente os modos de agir do analista, Ferenczi já havia observado como a atitude de rigidez atualiza uma autoridade que submete os pacientes, sufocando quaisquer possibilidades de manifestações afetivas espontâneas. Mais ainda, impondo-se frustrações conseguem-se associações, mas isso também aumenta as resistências de tipo traumáticas, que impelem os pacientes em direção às repetições marcadamente mortíferas.

Torna-se necessário uma outra perspectiva. Junto à possibilidade de frustrar é importante saber fazer emergir um estado de relaxamento que liberte o paciente para exprimir seus afetos. Assim, admite-se que a psicanálise atua por meio de dois meios que se opõem mutuamente: ela tanto aumenta a tensão por vias da frustração, como produz um relaxamento que decorre da autorização para certas liberdades (Ferenczi, 1930/2011). Novamente entra em questão a repetição, mas nesse plano sua manifestação conduzirá à cura e não à desesperança.

Ferenczi postula, então, uma pedagogia dos inconscientes no sentido de pensar a figura do analista enquanto um outro provedor de amor e ternura no encontro com a criança não bem-vinda, que sempre viveu escondida e sob renúncia, tendo apenas que sobreviver. Vê-se aí uma necessária capacidade de pendulação e conjugação de funções paternas e maternas, na tentativa de recrutar as forças pulsionais em excesso, de modo útil ao tratamento.

No contexto do trabalho de 1930, a dimensão acolhedora e materna da transferência será articulada com o relaxamento, que deve auxiliar o analista diante das situações traumáticas. Para esses pacientes gravemente traumatizados, seria necessária uma regressão estratégica que os permitissem vivenciar, pela primeira vez, as experiências que lhes foram impedidas. E assim, segundo Ferenczi, “a tendência espontânea para crescer instaura-se *quando o lúdico já não basta* ao quantum de energia presente” [itálicos nossos] (Ferenczi, 1988[1932], p. 272).

Diante desse tipo de quadro, cabe ao analista uma análise minuciosa das forças em jogo para que se estabeleça uma conduta condizente para o caso. Suas intervenções não podem tomar a forma de injunções ou proibições que apenas o fariam se aproximar transferencialmente do mesmo lugar hostil dos outros objetos do mundo; a direção a ser tomada deve seguir um outro tipo de atividade, uma atividade passiva, capaz de favorecer ao paciente a segurança necessária para que o aspecto que deseja expressar de seu teratoma possa se manifestar. Segundo Ferenczi (1930/2011), a transferência nesses casos seria composta de amabilidade e reassseguramento, e as interpretações exigiriam um maior uso da empatia para que fossem proferidas com o devido tato.

Se antes a convicção era alcançada pela experiência proveniente das liberações de libido feitas a partir do método ativo, agora ela será proporcionada pela atmosfera de compreensão e tato, que procura eliminar (ou ao menos arrefecer) os imperativos superegóticos. Logo, a hospitalidade criada no cenário se refere a “deixar o paciente agir como uma criança”, para, talvez pela primeira vez, ser irresponsável sem ser repreendido.

Tratando-se de um preparatório para a análise, a técnica de relaxamento criada pelo “*laissez-faire*” surge como um lugar importante na técnica. O paciente precisa adquirir a sensação de liberdade para poder se deixar conduzir pelos próprios pensamentos e emoções, fato que só é alcançado quando o livre curso dos afetos é permitido. Certamente, esse momento inaugural durará o tempo que for preciso e não mais; seu objetivo é claro: introduzir impulsos positivos que servem para incutir a vontade de continuar existindo. Portanto, essas

análises não devem objetivar nada diferente do modelo padrão: eliminar as resistências que serão inevitavelmente despertadas pela transferência; adaptar a realidade o paciente, tornando-o capaz de poder se avir com as frustrações naturais da existência, e capaz de desfrutar da felicidade onde realmente pode-se encontrá-la (Ferenczi, 1930/2011).

Ferenczi tem em mente proporcionar aos seus pacientes a oportunidade de viver uma relação de verdadeira sinceridade, compreendida aqui como a aceitação da polissemia natural das experiências (Pinheiro, 1995); isto é, ao permitir que o paciente tenha “the utmost regression²⁹” (Ferenczi, 1988[1932]), ele poderá entrar em contato com uma vivência real de acolhimento, que não procura *impor* sentidos unívocos.

Em prol de não produzir uma iatrogenia, ou seja, de não retraumatizar o indivíduo por fazê-lo experimentar novamente as descargas excessivas, o analista deve modular suas reações guiado pelo relaxamento e pelas distinções entre a ternura e a paixão, criando uma atmosfera de amistosa benevolência (Ferenczi, 1930/2011), e sendo capaz de conjugar a análise do material transferencial com a evitação de uma frieza, que por certo é inócua. A sinceridade se define então pelo acolhimento da dura realidade, em que “taking everything for nothing³⁰” (1988[1932]) deixa de ter um caráter desintegrador e pode ser introjetado, levando à adaptação saudável.

Nesse sentido de uma adaptação saudável, entraria em jogo a capacidade do analista de empatia com seu paciente. Exige-se do analista uma postura de credulidade diante das forças em jogo dentro do paciente, para que possa exercer sua função de cuidado. Trata-se mesmo de ser capaz de um engajamento pulsional da ordem de se tornar tanto intérprete (no sentido de ser marcado pela linguagem da ternura, e de valorizar a pluralidade e a polissemia), como também objeto, ou seja, como estando implicado numa atualização de ordem repetitiva. Funcionando “como um duplo, como um outro Eu” (Reis, 2004, p.70), o analista poderia sustentar um encontro que caracteriza uma verdadeira experiência, capaz de produzir a convicção necessária para propor um movimento de cura, baseado estritamente nesse encontro anímico.

²⁹ Como no original do *Diário clínico*. Traduz-se como “as mais extremas regressões”.

³⁰ Como no original do *Diário clínico*. Traduz-se por “considerar tudo como nada”.

Indicações para o encontro empático

Segundo Osmo & Kupermann (2012), o ponto mais relevante do manejo da transferência se refere ao encontro de linguagens ocorrido entre cuidador e paciente. Os autores comentam que diante do sofrimento daqueles que buscam uma psicanálise, deve-se ter sempre em mente qual é o regime linguageiro capaz de aferir àquele encontro uma qualidade estruturante e não traumática. Concebendo essa dimensão do encontro como uma busca pelo aumento da potência para ambos os sujeitos e aceitando uma dimensão inevitável de renúncias impostas aos participantes, cabe questionar como é possível favorecer uma escuta que produza convicção e acolhimento.

Kupermann (2016) afirma que o projeto clínico de Ferenczi encontra no texto *Elasticidade da técnica psicanalítica* (1928a/2011) o marco inaugural. Neste trabalho, a crítica formalizada em 1930 será proposta quando o autor anuncia a proeminência de um primado da afetividade, ao mesmo tempo em que critica a hipocrisia dos analistas que fazem usos traumatizantes da ferramenta clínica da interpretação.

Afirma Kupermann, então, que “a interpretação, ao invés de ser considerada o instrumento privilegiado do qual dispõe o psicanalista para o exercício do seu ato, tornou-se subordinada à qualidade dos afetos que circulam entre o par terapêutico” (Kupermann, 2016, p. 4). Desse modo, resta saber o que está na base do processo de contato humano que permite a disposição de um encontro empático. E a seguir, ver-se-á como o processo não-verbal da dimensão de uma *Einfühlung* se sustenta através de uma matriz intersubjetiva.

2.2 A imitação e suas vicissitudes

A invenção, devo modestamente admiti-lo, não consiste em criar disciplinadamente, mas sim em criar a partir do caos. (Mary Shelley – Frankenstein)

O originário é um tema que, devido à sua riqueza, foi insuficientemente explorado na obra de Freud. Ao falar sobre a imitação, por exemplo, o autor se restringe à patoplastia dos sintomas histéricos, que foram incorporados ao fenômeno mais amplo da identificação (Salem, 2012). Isto é, o conceito psicanalítico de identificação seria a forma como Freud foi capaz de pensar o laço emocional primitivo e original pelo qual um sujeito assimila propriedades alheias. Esse elemento volta a aparecer em seu trabalho sobre a psicologia de grupos e a análise do eu (1921/2006), quando o autor reflete sobre as formas como o ego é capaz de copiar os atributos do objeto, e recorda, nessa ocasião, como Dora “imitava” as tosses de seu pai. Todavia, esse assunto possui indicações férteis que receberam importantes continuações por parte da grande maioria dos seus seguidores. Ferenczi certamente é um deles, e suas elaborações a respeito de um estágio inicial de vida de absoluta passividade são importantes no que concerne ao objetivo de responder uma questão fundamental sobre qual é a base matricial que permite pensar uma relação empática entre dois sujeitos.

Retornar a um estudo sobre o desenvolvimento nos momentos inaugurais da constituição é útil aos propósitos de compreender o caráter arcaico dos movimentos transferenciais atualizados no trabalho clínico. Com esse propósito em vista, cabe investigar em que medida a identificação se desdobra em outros elementos que melhor explicam o surgimento da subjetividade. Para isso, recorrer-se-á a um elemento perdido dessa história que foi resgatado no momento contemporâneo da psicanálise: trata-se da imitação, compreendida aqui como uma forma de ressonância de contato capaz de ser o verdadeiro elemento inaugural da constituição subjetiva (Ribeiro, 2011).

A problemática do originário

Originário será tomado aqui no sentido daquilo que é o inaugural na constituição do psiquismo. Apenas para situar o leitor, deve-se indicar a existência de uma divergência

importante que diz respeito à questão referente à existência (ou não) de algum elemento nuclear do sujeito desde seu nascimento. Havendo uma divergência entre uma corrente de pensamento “inatista” e uma “construtivista”, pode-se dizer que a primeira admite a situação de uma intersubjetividade primária na qual o bebê já possui – desde sempre – recursos perceptuais e capacidades inerentes de inferência que o tornam apto a identificar estados de intenções, sentimentos e anseios diversos. Já a corrente divergente, faz uma oposição à primeira negando sua afirmação a respeito de um *self* inatamente composto de circuitos neurais preestabelecidos, e propondo em seu lugar imaginar que o bebê humano possui uma espécie de consciência primária incapaz de introspecção e autorrepresentação no começo de sua vida; nessa compreensão, seria apenas por via de reações retro-alimentativas que se tornaria possível “perceber os estados mentais internos e reconhecê-los como próprios” (Ribeiro, 2012, p. 203).

Dentro da corrente inatista, por exemplo, encontra-se a noção laplancheana (1992) de original, que nada mais é do que uma tentativa de retorno à teoria da sedução de Freud. Nesse movimento de retorno, o autor francês propõe como, no encontro entre um adulto e um bebê, no momento específico do contato entre os corpos, ocorre uma estimulação sexual de sedução precoce, que é responsável pela instalação da ordem sexual no psiquismo. Esse seria um evento efetivo e verdadeiro; algo na ordem da realidade, chamado por Laplanche, em resgate a Freud, de realidade “*Wirklichkeit*”. Ou, em outras palavras, seria um nível de realidade diferente daquela do factual, que era narrada, à época do hospital geral de Viena, pelos pacientes adultos que se diziam seduzidos por seus pais. Desse modo, a proposta de Laplanche vai na direção de afirmar como essa dimensão do encontro – a sedução original – é produtora de uma situação antropológica fundamental capaz de produzir um recalçamento original, instaurador no psiquismo humano de um “estrangeiro”, verdadeira marca do inconsciente.

Junto à lactação se acompanhariam uma série de conotações inconscientes para a mãe, que seriam transmitidas para o infans. Essa outra zona de realidade, diferente da factual também se difere da mítica – aquela que Laplanche aponta como a realidade produtora dos contra-investimentos fundadores do inconsciente original –; trata-se de uma terceira realidade que seria fundada em uma troca de mensagens de caráter essencialmente enigmático. Enigmático, pois a criança não possui ainda um inconsciente capaz de simbolização. Mais ainda, para a criança, tratar-se-ia de um momento traumático por excelência, que, contudo, é estruturante pois permite a ela usar sua introjeção para se apropriar das mensagens

enigmáticas do adulto. Sendo então uma confusão de línguas, Laplanche explica esse encontro da seguinte forma:

A situação antropológica fundamental confere ao diálogo, que é simétrico e assimétrico, um adulto possuidor de um inconsciente sexual (essencialmente pré-genital) e um infans que ainda não possui um inconsciente estruturado, igualmente sem uma oposição inconsciente/pré-consciente. O inconsciente sexual desse adulto é reativado pela relação com o recém-nascido. [A partir daí] as mensagens do adulto se tornam mensagens pré-conscientes-conscientes, necessariamente ‘comprometidas’ (no sentido do recalcado) pela presença da ‘neblina’ inconsciente. Essas mensagens são, portanto, *enigmáticas*, tanto para o emissor adulto, quanto para o receptor infans. [tradução nossa e itálicos nossos] (Laplanche, 2007, p. 200)

A compreensão sobre a confusão de línguas que está sendo proposta por Laplanche segue a diretriz ferencziana que leva em consideração a radicalidade da diferença entre a situação do adulto e a do infans, e também proporciona a execução do potencial introjetivo inerente ao infans. Ferenczi (1928b/2011) comenta que haveria nessa dimensão do encontro uma característica fundamental de sedução, isto é, de ambivalência e polissemia de sentidos que estão condensados nessa dimensão de realidade “*Wirklichkeit*”. Sendo traumatogênica por excelência, ela marca uma exigência por interpretação que acaba sendo exercida pelo adulto, mas que captura o universo infantil em dispersão e transforma-o através de processos de identificação. Em outras palavras, quando a mãe dá o seio ao seu bebê, ela instala certos modos de relação, processo necessariamente traumático devido à marca da linguagem da paixão da mãe, que constitui uma marca erógena transformadora.

Usando a carta 52 (Freud, 1896/2006), Laplanche faz a sua leitura do que seria uma “linguagem da ternura”, sugerindo que estaria em questão o estabelecimento de um tipo de “memória sem paredes” (Laplanche, 1993) na criança; isto é, os “signos de percepção” seriam as impressões caracterizadas pelo estatuto de depósitos de percepção segundo um caráter de simultaneidade. Fundamentalmente inacessíveis e facilmente deslocáveis, esses registros mnêmicos, originais e não languageiros, estão limitados pela organização interior do organismo, mas igualmente submetidos a um tipo de balanceamento altamente volátil devido à situação precária do infans. A carta 52 apresenta um primeiro esboço de Freud em compreender um modo múltiplo de memória, feito através de um sistema de retranscrições, que se reorganiza constantemente a partir dos aspectos mais sensórios. Os elementos provenientes dessa dimensão mais corporal do sujeito se relacionam, igualmente, com partes mais elevadas que estão ligadas aos sistemas organizadores de sentido, caracterizando um tipo de percepção que correlaciona corpo e mente.

A mensagem-enigma que se inscreve no interior do corpo possuiria um caráter de estranheza fundamental que exigiria tradução, possível à criança no momento em que ela se torna possuinte de elementos simbólicos (Laplanche, 1993). A metabolização desses conteúdos geraria (na situação normal) dois resultados: o primeiro deles seria a produção do pré-consciente graças à transcrição de partes dos traços mnêmicos dos signos de percepção; e a segunda resultante seria a sedimentação das partes hipotônicas dos mesmos signos, constituinte da base inconsciente da pulsão sexual, que, no entanto, jamais será uma mera cópia do inconsciente dos pais.

Freud falará de “signos de percepção” para caracterizar os primeiros sistemas dos registros de percepção. Compreendendo a memória como um sistema complexo – composto de diversos elementos –, os signos de percepção estão na ponta do aparelho que é esboçado na carta. Eles não podem ser traduzidos diretamente nas representações inconscientes e equivalem às impressões sensíveis diretas com as experiências, que, em razão de seu estatuto de imediato, respondem a uma lógica além das possibilidades de representação. Apesar das contribuições da carta 52 poderem ser sentidas muitos anos mais tarde, como por exemplo, em 1920, quando Freud alcança a ideia do inconsciente original, o modelo de 1896 acabou sendo oficialmente abandonado. Sendo substituído pelo modelo do “esquema pente” (Freud, 1900/2006), que é uma versão simplificada e linearizada do mesmo, desaparecem os registros dos signos de percepção e o percebido passa a poder ser inscrito diretamente enquanto um traço mnêmico do inconsciente. Reis (2004) aponta como essa mudança faz Freud abandonar a ideia “de um registro de memória que não é uma representação do percebido” (p.93); ou seja, o aparelho psíquico, a partir de 1900, recebe a expectativa de ser sempre capaz de associar e recordar em cima de quaisquer tipos de traços.

A problemática do inatismo e sua superação

Afirmações como as de Laplanche (1993) sobre um bebê decifrador e as de Freud (1950[1895]/2006), que apontam para necessidades de ações específicas para conter as angústias de desamparo, apesar de importantes possuem um problema fundamental relativo às condições de percepção do bebê. Ribeiro (2011) comenta que, ao conceber o bebê como um tradutor das mensagens enigmáticas, diversos psicanalistas se aproximam de uma compreensão inatista do psiquismo, isto é, necessariamente partem do pressuposto de que nos

bebês já opera, desde sempre, uma instância capaz de estados mentais complexos, apta a sentir alegrias, tristezas e toda sorte de afetos, mesmo que em estados rudimentares.

Recorrendo a diversos autores, como Roussillon, Gaddini e Ferenczi, Ribeiro (2011, 2012) investiga a hipótese de que haja, no começo da vida, um tipo de narcisismo anterior à consciência, na qual um duplo de si-mesmo constituiria a forma mais rudimentar de personalidade. Nessa situação, coloca-se em discussão quais são as formas de percepção que estão ao alcance do bebê no começo de sua vida.

Indo em uma direção radicalmente oposta a ideia de um inatismo inicial, o autor sugere que a passividade absoluta seria a qualidade primordial dos bebês. Esse estado se distingue pela total ausência de quaisquer faculdades organizadas. Não haveria então, qualquer tipo de organização que permitisse uma iniciativa por parte do infans, cabendo, a ele, como única atividade a “imitação precoce generalizada” (Ribeiro, 2011, p. 209), esta é a condição que “assegura a participação decisiva do outro na constituição psíquica” (p. 209). Dito de outro modo, o autor inverte a famosa equação psicanalítica sobre a presença da alteridade como um espelho de estados mentais do bebê, para afirmar que, na constituição do Eu, a imitação é a única capacidade inata do psiquismo.

A posição adotada aqui diz respeito a uma recusa da intersubjetividade primária. Trata-se de supor que o bebê humano não possui, desde seu nascimento, qualquer recurso perceptual capaz de produzir inferências; não há, então, qualquer possibilidade de estados mentais comparáveis aos dos adultos, com intenções, sentimentos ou anseios (Ribeiro, 2012). De uma forma oposta, a atividade motora e cognitiva realizada pelo infans seria uma experiência de perceber estímulos e, através de automatismos, imitar tais comportamentos. Essa habilidade estaria ligada à existência de circuitos neurais estabelecidos na vida intrauterina, existência esta que não acarreta em qualquer validação da existência de uma vida subjetiva dentro do bebê.

Ribeiro (2011) afirma que a única forma de existência do bebê é aquela da passividade constitutiva. Assim, torna-se imperativo admitir que a imitação realizada pelo infans desde o começo de sua vida constitui seu único modo de experimentar o mundo, o que leva o autor a afirmar que a consciência primária é, na verdade, uma contribuição do psiquismo adulto; um elemento disponível à criança para imitar e introjetar.

Como dito anteriormente, no início da constituição humana estaria em jogo uma espécie de passividade absoluta caracterizada por ser um momento anterior à própria

capacidade de percepção. Afinal, não havendo qualquer distinção entre o externo e o interno seria inviável ao bebê, que ainda é indistinto, diferenciar sua experiência individual; essa condição monista da existência seria o ponto inaugural da completa onipotência em que não existe nem falta nem angústia. A ideia central de Ferenczi a esse respeito parte do princípio de que a onipotência desse período é o ponto de partida e motor do processo de introjeção. Assim, em *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913b/2011), Ferenczi situará a introjeção como um modelo de funcionamento psíquico fundamental e constituinte do desenvolvimento do Eu. Ao se questionar sobre o que é a onipotência, Ferenczi afirma que “é a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter nada a desejar” (p. 42), ao que Landa (1999) comenta: “é essa marca, paradoxalmente, que conduz definitivamente a voluptuosidade de um processo, já que nada a desejar pressupõe saciedade – e não falta – e o processo de introjeção se alimenta do amor à saciedade” (p. 16). Assim, sendo uma *impressão* de ter tudo e nada desejar, nota-se como o processo de introjeção se dá no campo dos afetos de amor; desta forma, experimentando a ilusão de saciedade é que se produz desejo, logo, jamais se poderá articular desejo com falta.

Pegando essa perspectiva ferencziana da onipotência, afirma-se que o humano nasceria a partir de uma situação de plenitude intrauterina. Sendo um fato da realidade, a marca deixada sobre o psiquismo como signo de percepção, paradoxalmente, une o princípio de realidade com o princípio de prazer de modo determinante. Assim, estará em jogo, desde o nascimento, o que Ferenczi chama “de uma corrente progrediente que vai em direção à realidade e uma corrente regrediente que vai em direção à realização da onipotência incondicional” (Landa, 1999, p. 72). Cabe ressaltar ainda que, por mais que seja um processo direcionado à conquista da realidade indo na corrente progressiva, seu movimento não será linear. Diversos mecanismos mágicos são usados como recursos, muitas vezes regressivos, para restaurar o sentimento de onipotência capaz de encorajar a corrente progrediente. Trata-se do movimento observado nas lagartas, que em determinado ponto se recolhem a um estado de semimorte, para em seguida emergirem para uma continuação natural de suas existências.

De acordo com o autor, os primeiros investimentos pulsionais se fazem em um ato de sensualidade. Esta é a ideia do autoerotismo como forma de lidar com o mundo; a primeira pulsão é ato expansivo que busca permanentemente objetos para investimento (mesmo sem saber que estes objetos existem no exterior), o que implica num voltar-se para fora e encontrar objetos para se ligar e se ocupar. É um movimento que demonstra a existência de um constante excesso pulsional, fundamental para investir e criar objetos de investimento.

No texto de Ferenczi sobre o sentido de realidade, observa-se historicamente como se tenta explicar (pela primeira vez) a constituição subjetiva de um ponto de vista não solipsista, ou seja, articulado com o ambiente. Já se encontra nele a noção de cisão, assim como a proposta de que a faculdade intelectual que se constitui no Eu é um movimento dependente de uma apropriação da percepção de emanção rítmica do universo. Dito de outro modo, Ferenczi manifesta seu desejo por uma harmonia emocional que seria produtora de saúde; para adquiri-la, seria necessária uma fusão do sujeito com o universo e com suas leis mediante a introjeção. O resultado desse processo seria a metabolização de um tipo de conhecimento dentro do sujeito, numa espécie de panteísmo autoconstruído (Gay, 1990). Dito em outras palavras, a onipotência jamais é abandonada completamente, ela e o princípio de prazer se relacionam de forma direta e em paralelo. Pois quando foi vivenciada, ela possuía um dado de realidade. A onipotência constitui uma reserva permanente no sujeito, que é capaz de fazer movimentos regressivos, capazes de promover uma forma de cuidado de si mesmo através de gestos ou palavras mágicas (Ferenczi, 1913b/2011).

Ferenczi mostrou com o desenvolvimento do sentido de realidade que a percepção do mundo externo é uma conquista gradativa da criança feita através de renúncias de algumas fantasias, mas somente possível pela manutenção de outras, articuladas à própria noção da criança sobre si. O húngaro supõe que a mente busca se proteger da percepção de sua própria fragilidade – “*defencelessness*” – diante da presença de sensações avassaladoras do mundo interno disruptivo, atribuindo a si-mesmo o que de fato é estrangeiro e projetando para o mundo externo partes desagradáveis da sua experiência (Rickman, 1933).

Imitar para Ser

Existiria em Ferenczi a presença de um pensamento referente tanto à corrente inatista como à construtivista. Sua concepção de introjeção, após as contribuições de 1913, passou a contemplar uma dimensão da constituição que pode ser mais bem explicada a partir do que foi escrito no dia 30 de junho de 1932, em seu *Diário clínico* (1988[1932]). Lá, Ferenczi coloca uma nota importante, na qual discorda fundamentalmente da opinião de Freud a respeito de qualquer possibilidade de que exista no começo da vida uma instância de igual valor ao Eu. A questão posta nesta indicação é se há, desde o começo, uma força de individuação, ou melhor, se existe no começo da vida alguma coisa passível de ser chamada de um Eu precoce.

Ferenczi (1988[1932]), na nota chamada “Projeção da psicologia dos adultos sobre as crianças”, nega qualquer forma de inatismo constitutivo. Afirmando como é inadequado colocar na base dos “processos vitais primordiais os modos de razão dos adultos” (p. 189), Ferenczi refuta o desamparo e o conseqüente afeto de angústia como estando na base das relações humanas. Indo ainda mais longe, o autor recusa qualquer possibilidade de que a alucinação seja o método princeps de relação do infans com o mundo e com seu sofrimento, colocando em seu lugar um período de “mimetismo puro”, caracterizado por “uma forma de comunicação com o mundo circundante através de uma superfície muito mais extensa” (p. 190).

Dessa afirmação algumas considerações importantes podem ser derivadas, como por exemplo, o fato de não haver qualquer percepção de falta nos momentos inaugurais pós-nascimento; pelo contrário, nesse período, a forma de existência da substância viva se daria, exclusivamente, por um processo de adaptação irrestrita de sua matéria às condições impostas. A passividade primeva do bebê nada mais é que uma indiferenciação inaugural capaz de permitir que impressões originais sejam impostas em seu psiquismo, levando a imitações. Dito de outro modo, a imitação é um processo anterior à percepção, fato que diferencia Freud – cuja concepção de psiquismo é ativa desde o princípio – e Ferenczi, cuja passividade inicial é a forma de existência tranquila na qual o psiquismo não vai em busca de nada.

No momento inicial da constituição psíquica, concebe-se a imitação como uma situação de recebimento de uma marca. Nela, os registros pré-representacionais entram em cena na forma de memórias corporais, caracterizando este momento como anterior à percepção-representação; trata-se, para Ferenczi, de imitar para poder perceber. Estamos falando de um modelo de indiferenciação originária e pré-subjetiva, sem reconhecimento do objeto. Ferenczi concebe a existência de um “proto-eu”, que é capaz de reconhecer algo diferente dele sem que haja individualidade desde o começo; não há sujeito-objeto e sim uma indiferenciação originária em que ocorre o modelo de funcionamento da imitação.

Dentro dessa lógica, pode-se localizar o pensamento de Ferenczi referido a um campo teórico que compreendem a realidade como um aspecto da adaptação da família à criança, o que enquadra o autor no que Coelho Junior e Figueiredo (2012) concebem como a matriz transubjetiva: um campo da realidade que prevê um solo de acolhimento e sustentação capaz de permitir a emergência da alteridade como continuidade e não como fruto de um confronto. Dito de outro modo, está-se falando de uma indiferenciação total entre eu e outro observada

na questão da imitação. Sendo assim, a alteridade é concebida como inaugural e anterior a um Eu que possa se opor ou mesmo se relacionar.

Como já visto com Hárs (2015), essa falta de qualquer possibilidade de autoproteção implica em um modo de existência autoplástico por definição, ou seja, o bebê se percebe à medida que se modifica e assim se constitui. Nesse sentido, pode-se diferenciar um processo constitutivo natural de um marcado pela não adaptação da família. Há, então, em Ferenczi, a compreensão da constituição psíquica como uma situação na qual a subjetividade despontará via imitação e não pela angústia de um desamparo inaugural.

Pensar em termos de uma passividade primária e da consequente negação de uma intersubjetividade original, nos moldes clássicos desse termo, produz uma inversão de sentido para as teorias psicanalíticas que tratam da questão da constituição psíquica. Normalmente, compreende-se um caminho constitutivo no qual a consciência se origina no infante em relação com o adulto e seu meio, porém, com a ideia explorada aqui, inverte-se essa lógica. A imitação é um mecanismo automático e sem intencionalidade, que, contudo, possui a capacidade de constituir um psiquismo, não sendo, portanto, apenas um reflexo.

Nesse fenômeno, o bebê apenas reflete de forma especular o que percebe do mundo e somente em um momento posterior é capaz de fazer uso desses efeitos, conferindo-lhes um caráter autorreflexivo e autorrepresentativo; ou seja, a consciência de si e o narcisismo são aportes vindo do adulto e apropriados pelo bebê apenas em um momento posterior. Dito de outro modo, ao se considerar que ‘imita-se para ser’, a teoria subjacente é a inversão da lógica do espelhamento em que o objeto espelhava os estados internos do sujeito, passando para uma compreensão oposta: através da imitação precoce, o bebê imita os estados mentais do objeto, tornando-se tais objetos, para poder ser ele mesmo depois. Assim, o inato não é o *Self* ou algo que a ele se assemelha, mas o mecanismo que assegura a participação decisiva do outro; a própria imitação seria o núcleo do Self (Ribeiro, 2012).

De forma sintética, pode-se dizer que todas as sensações são incluídas no sentimento de um Ego-corporal, não havendo limites com os objetos. Trata-se da plena vigência de um modelo de relação imitativa com o mundo, sendo essa relação imitativa a própria precursora da constituição do Psiquismo. Nas palavras de Gaddini (1969), “[a imitação] representa, de uma forma alucinatória, algo que está faltando no Eu; ela proclama magicamente ‘o ser’, usando uma parte pelo todo; ela é autoplástica no sentido atribuído por Ferenczi, que é uma característica da imitação primitiva” [tradução nossa] (p. 479). Sendo uma forma de

percepção primitiva, na qual o bebê imita para perceber, o mundo será para ele uma modificação de seu corpo em adequação ao mundo. Assim, para Gaddini, a imitação é uma forma de percepção primitiva, na qual o bebê percebe o mundo e modifica seu corpo em adequação a ele. A virada para a autopercepção está justamente no fato de que o bebê não percebe o estímulo, mas as modificações de seu próprio corpo. Imita-se para perceber.

Trata-se da raiz da linguagem da ternura, de uma relação que se caracteriza como um espaço intermediário – “*Zwischending*” (Ferenczi, 1928b/2011), e cuja característica principal é a acentuada relação entre o corpo e o mundo externo. Sendo o corpo um continuum de experiências sensoriais, as imitações produzidas pelo bebê não devem ser consideradas como reações; pelo contrário, a constituição da subjetividade individual é um processo decorrente de uma falha imitativa; trata-se de um momento traumático que não será autotomizante³¹, pois não é produtor de angústia. De outra forma, será visto como uma ruptura constitutiva de um novo, surpreendente e original psiquismo individual.

O princípio por trás das ideias de Ferenczi é o de pensar a passividade como condição para o ser. Trata-se de uma proposta radical fundamentada na hipótese de que é no corpo que ocorre uma marca resultante da atividade de um agente externo. A alteridade é compreendida inicialmente sem tal diferenciação, que, justamente por isso, acaba constituindo o psiquismo do sujeito. Essa imitação passiva é pensada em termos de uma relação mundo-sujeito, colocada desde o início, em que a percepção é o que gera a possibilidade de existir um sujeito e um mundo. Logo, o Eu é um outro na medida em que o próprio agente externo é aquele que de início consolida as fronteiras do Eu.

Em termos da técnica psicanalítica, era com essa concepção de subjetividade que Ferenczi veio propor sua técnica de relaxamento. Em oposição à técnica clássica, imputadora de renúncias à satisfação visando a um consequente aumento de angústia nos pacientes, a postura do relaxamento implicava uma exigência quase nula de tensão interna dentro dos pacientes. Ferenczi era sensível aos efeitos nefastos de atitudes frustrantes diante dos quadros clínicos emergentes em seu consultório. Para ele, o incremento da tensão pela via da frustração seria uma postura capaz de produzir um favorecimento do modo de funcionamento

³¹ Adentrar o fantástico mundo de *Thalassa* (1924/2011) exigiria um desvio de percurso muito grande neste momento do trabalho. Logo, de forma sucinta, define-se a autotomia como a amputação de uma parte de si-mesmo; recurso comum de alguns répteis e usado por Ferenczi, na ocasião de seu trabalho metabiológico, para explicar um processo defensivo executado pelo psiquismo como uma “fuga psíquica diante dos acontecimentos demasiado intensos de desprazer” (p. 37).

cindido da personalidade do doente, no qual era possível “tudo saber e nada sentir” (Ferenczi, 1923/2011).

A verdadeira sutileza dessa modificação de postura na posição do analista se encontra no fato de que ele não deve se eximir de se colocar exatamente no lugar a que a transferência do paciente o direciona. Novamente retornando à passagem do *Diário clínico* posta em questão, observa-se como a imitação, à qual Ferenczi se refere, diz respeito ao recebimento de uma marca no corpo pelo contato com o ambiente; os registros pré-representacionais em cena constituem memórias corporais anteriores ao momento de uma percepção. Trata-se, verdadeiramente, de uma capacidade imitativa possível graças à indiferenciação originária e pré-subjetiva. Dito de outro modo, Ferenczi considera a existência de um “proto-eu”, capaz de reconhecer estímulos, sem se diferenciar individualmente desde o começo. Portanto, a emergência da alteridade ocorre como continuidade e não como fruto de um confronto.

Em sua proposta que nega um *Self* constituído desde o princípio, não é mais possível pensar em processos de defesa alucinatórios e identificatórios a priori. Diferentemente da proposta freudiana, na qual é através de um contra-investimento, decorrente de uma autoproteção ou de uma defesa, que se produziriam marcas no psiquismo do bebê, Ferenczi cogita que, numa situação ideal de adaptação, o objeto é capaz de produzir uma impressão no psiquismo do bebê sem que haja necessidade de defesa. Nesta situação particular, há uma passividade absoluta por parte do bebê, que faz uma imitação daquilo que recebe do ambiente, constituindo seu próprio aparelho psíquico através das marcas vindas do exterior.

Nessa concepção, a imitação será o processo fundamental pelo qual um ser humano poderá constituir suas próprias experiências. Eugenio Gaddini (1916-1985) é o autor italiano que pesquisou sistematicamente tal noção, chegando a propor, metapsicologicamente, que seria ela o momento fundante na constituição das identificações. O autor localiza essa modalidade de funcionamento psíquico nas relações do indivíduo (se é assim que se poderia chamá-lo) com a sensorialidade. Dito de outro modo, para Gaddini, a relação do corpo com as sensações vem antes do pensamento e é orientadora da construção do psiquismo. Logo, a capacidade para imitar não pressupõe que o bebê possa inferir estados emocionais em outras pessoas. Pelo contrário, aqui está sendo feita uma oposição a qualquer postura psicanalítica que advoga em prol de teorias sobre um narcisismo primário anterior à consciência. Ou seja, não seria possível haver qualquer estado de narcisismo primário a-objetal, em que um rosto materno seria capaz de espelhar estados internos do infante.

Em suas observações clínicas, Gaddini constata a presença de regressões imitativas nos bebês, seguidas de fortes fantasias onipotentes. Diz Gaddini que, ao longo da obra freudiana e pós-freudiana, privilegiou-se desenvolver o conceito de identificação através dos conceitos de incorporação e de introjeção, sendo eles as bases que definiriam a forma dinâmica pela qual se estabelecem o solo da identidade, que é fundado na identificação. Contudo, ao retornar a *A interpretação dos sonhos* (1900/2006), texto freudiano inaugurador oficial da Psicanálise, Gaddini reconhece na seguinte passagem – “a identificação não constitui uma simples imitação, mas uma *assimilação* baseada numa alegação etiológica semelhante; ela expressa uma semelhança e decorre de um elemento comum que permanece no inconsciente” (Freud, 1900/2006, p. 153) – a prova de que precisa para afirmar como a identificação não é um processo oposto ou excludente da imitação, sendo apenas um movimento de maior complexidade.

O italiano procura localizar o fenômeno da imitação associando-o aos mecanismos biológicos mais primitivos. Para ele, há um momento inicial de um Eu corporal desprovido de fronteiras, no qual se situa uma situação limite em que as experiências do mundo externo são vividas de forma absolutamente passiva, sendo sentidas como algo integrante do próprio Eu. Os estímulos externos derivados do exterior seriam capazes de produzir modificações corporais, que, experimentadas pelos bebês, produziriam processos mentais correspondentes. Assim, a percepção de estímulos, pelo bebê, é um processo inerente à imitação, pois desencadeia reações involuntárias, sendo o substrato físico dos processos psíquicos iniciais. Nas palavras do autor:

Pode-se compreender o significado dessa imitação psíquica primordial. De agora em diante, o modelo biológico ‘imitando para perceber’ transforma-se no modelo psíquico paralelo, no qual perceber se torna ‘ser’. ‘Imitando para ser’. Ou melhor, perceber é ainda, como antes, ‘ser’, mas enquanto isso ocorreu anteriormente em um nível predominantemente físico, agora o faz em um que tende para o psíquico. (Gaddini, 1969, p. 476)

Como salienta Ribeiro (2012), pensar em termos de uma passividade primária e de uma consequente negação de uma intersubjetividade original, nos moldes clássicos desse termo, produz uma inversão de sentido para as teorias psicanalíticas que tratam da questão da constituição psíquica. O comentário do autor diz respeito ao posicionamento de Gaddini que atribui às imitações um caráter tanto passivo como paradoxal. Durante esse fenômeno, ocorre uma modificação constitutiva importante que seria a transição de um momento cuja percepção é destituída de instância subjetiva para aquele do surgimento de um agente capaz de representação consciente e de autorrepresentação.

De acordo com Gaddini, ao longo de toda a vida, podem ocorrer imitações e introjeções sem que delas decorram identificações. Mas é somente quando este último processo se dá, que os fenômenos sensoriais se fundem e se integram com os orais. Assim, para o italiano, a introjeção e a incorporação são um mesmo processo, e apenas se diferenciam porque a primeira se refere a uma relação de metáfora com o mundo, enquanto a segunda está sedimentada nas bases fisiológicas da nutrição. Mais ainda, introjeção e incorporação se somam à imitação para compor a forma mais primitiva de identificação (Ribeiro, 2011). Ao acolher uma definição que conjuga uma dimensão psicofísica ao modelo da imitação e, com isso, propor um distanciamento temporal-evolutivo à identificação, Gaddini desenvolve a seguinte ideia: pode-se dizer, que, na base dos processos psíquicos do Eu, estaria em curso uma sobredeterminação de formas de contato com o meio externo; tem-se tanto o registro oral, completamente apoiado sobre a fisiologia, como a sensorialidade, sendo esta um modo de relação conjugado. Assim, os modos de relação objetal vividos nos primórdios obedeceriam a uma certa (con)fusão, cujo traslado entre o polo físico e o psíquico se realiza através da psicossensorialidade e da psico-oralidade.

Ao definir dois registros e, consequentemente, dois modelos, Gaddini não pretende criar delimitações exclusivas nas formas de relação com o mundo. Na verdade, sendo registros sobredeterminados, eles caracterizam formas de fantasia de fusão objetal diferentes. Na origem delas, norteando as formas de relação, estaria o que Freud (1921/2006) distingue como “o que se gostaria de ter” e “o que se gostaria de ser”. O que cabe aqui ressaltar é a simultaneidade destas duas formas nas fases mais primitivas da existência, as quais Freud localiza no narcisismo e na identificação primária. Já Gaddini (1969) resgata tal conceituação freudiana concordando que “no nível infantil, ‘ser’ e ‘ter’ são vividos no âmbito da única realidade possível” e acrescentando como essa dualidade é experimentada “no próprio corpo” [tradução nossa] (p. 479).

Sobre “ser” e “ter”, Ribeiro (2011) pontua que a sensorialidade perceptiva seria capaz de representar melhor as relações de contenção impostas pelo objeto, e a imitação teria o papel de antecipá-las e reproduzi-las. Já a oralidade seria mais apta a representar as relações intrusivas do objeto externo, e nortear as dimensões conflitivas com o objeto externo. Logo, na opinião do comentador, os bebês nascem desprovidos de uma instância psíquica capaz de assegurar qualquer forma de iniciativa própria. Ou seja, colocando-se na mesma esfera de raciocínio de Gaddini, ambos vão contra as teorias inatistas, que preconizam a existência de formas larvares de subjetividade presentes desde sempre na constituição do bebê.

A imitação como base para a empatia

Freud (1900/2006, 1921/2006) afirma que a identificação não é uma simples imitação, e pode-se ler, neste momento, a opinião do autor de que imitar se relaciona mais ao fenômeno da sugestão, sendo subordinada a ela, e não chegando a representar um conceito propriamente psicanalítico. Contudo, novamente recorrendo à *Carta 52* (1896/2006) e também ao *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/2006), pode-se encontrar melhores formulações a respeito da imitação.

Ribeiro (2011) comenta que o termo “pensar recognitivo ou judicativo” é um bom índice para se abordar, através de um panorama metapsicológico, a questão da imitação na obra freudiana. O comentador afirma que o pensar recognitivo poderia ser considerado como ponto de partida do processo de pensamento. Afinal, este elemento representa o ato de diferenciação que se promove no interior da vida psíquica do sujeito ao notar uma discordância entre a imagem recordada de um objeto de desejo e a presença do que viria a ser este mesmo objeto, captado pela sua percepção. Tal movimento decorre da busca por satisfação inerente a todo processo de pensamento.

É importante frisar que tanto Freud como Gaddini localizam na experiência corporal a orientação desse mecanismo recognitivo (Ribeiro, 2011). São as vivências do corpo, através de sensações e de imagens de movimento, que darão ao bebê as direções e os caminhos do processo de pensar. Como afirma Freud:

Suponhamos, por exemplo, que uma imagem mnêmica desejada [pela criança] seja a do seio materno com o mamilo, vistos de frente, e que a primeira percepção obtida seja uma visão lateral do mesmo objeto, sem o mamilo. Na memória da criança há uma experiência, casualmente adquirida no ato de mamar, segundo a qual a imagem frontal se converte em lateral mediante determinado movimento da cabeça. A imagem lateral agora percebida conduz [à imagem do] movimento da cabeça; um teste experimental mostra que o equivalente desse movimento deve ser executado para se obter a percepção da imagem frontal. (Freud, 1950[1895]/2006, p. 381)

Neste exemplo, observa-se como um objeto de percepção é composto de um elemento constante (o seio) e uma série de partes variáveis, constituídas pelas diversas experiências de amamentação. Será então no processo de decompor e recompor a imagem complexa e relacionar com suas partes que o processo de pensamento se estabelece pela primeira vez na vida do indivíduo. Freud ainda complementa esse raciocínio assumindo que o ato de

percepção é composto pela imagem do movimento de um objeto somado ao seu núcleo, para dizer como o ato de perceber está imbuído da atividade de imitar a própria imagem.

Dessa afirmação, Ribeiro (2012) afirma que a imitação tem por função reestabelecer uma experiência de satisfação, afinal ela está presente nos processos de alimentação desde os primórdios da vida do infans. Mais ainda, o próprio ato de pensar nasce através da possibilidade de sentir e perceber. Desse modo, “imitar faz parte do julgar primário, sendo ele o ponto de partida da constituição do pensamento que, por sua vez, é correlativo da constituição do processo secundário e do Eu” (pp. 182-3).

Não é novidade para a Psicanálise o fato de que a alteridade tem grande papel na constituição humana. Já se observava no *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/2006) uma teoria sobre a forma como essa alteridade tinha importância na mediação e constituição das experiências humanas enquanto prazer ou desprazer. Nesse texto, essa dimensão é chamada de “complexo do próximo” (Ribeiro, 2011, p. 184), e diz respeito à capacidade de estabelecer circuitos de eliminação da excitação feitos através do cuidado materno. Conjugando essa afirmação com o que foi descrito sobre a imitação, isto é, sobre seu papel angular na construção da capacidade de pensar através da busca de identidade entre o objeto de percepção total e suas partes, nota-se como é na imitação que se firmará uma percepção do objeto enquanto algo desejado ou hostil.

O texto do *Projeto* é, certamente, uma tentativa de explicação do psiquismo pelas vias autocentradas do desenvolvimento endógeno. Contudo, pode-se destacar em que medida Freud atribuía valor à participação da alteridade no processo de constituição. Ribeiro (2011) aponta, no trecho abaixo, a presença do que chama de “complexo do próximo”:

Suponhamos que o objeto que compõe a percepção se pareça com o sujeito – *um outro ser humano*. Nesse caso, o interesse teórico [que lhe é dedicado] também se explica pelo fato de que um objeto *semelhante* foi, ao mesmo tempo, o primeiro objeto hostil, além de sua única força auxiliar. Por esse motivo, é em relação a seus semelhantes que o ser humano aprende a conhecer. (Freud, 1950[1895]/2006, p. 382)

Ao fazer essa importante advertência sobre o lugar da alteridade, Freud dá sinais de uma compreensão que, como já foi dito, não é a predominante em seu texto, mas que merece atenção, pois torna central a participação do adulto devidamente interessado e observador; um adulto capaz de supor e investir desejos nas expressões de uma criança alvo de sua atenção. De acordo com o comentador, esse investimento será o elemento capaz de tornar o ato imitativo um ato de constituição do Eu.

Fundamentalmente, no processo da imitação, o que Freud chama de “o próximo” é aquela pessoa a quem se atribui o lugar de desejo, devido à sua relação com a satisfação das necessidades. Na mesma medida e de forma paradoxal, o próximo também é um objeto hostil na experiência de dor. Seu estatuto privilegiado de único poder auxiliar também lhe garante a capacidade de dar destino às excitações, promovendo um caminho singularizado e não natural às demandas biológicas. Do ponto de vista do bebê, estar atento aos movimentos desse próximo é a forma mais fundamental de reconhecer suas intenções. A imitação precoce é então uma forma de conhecer a alteridade e se comunicar, mas também se torna o germe da identificação graças ao laço de investimento promovido pelo outro através de seu desejo maciçamente projetado sobre o corpo da criança.

A ideia de uma imitação precoce é cara aos olhos de Gaddini e representa a oportunidade de articular a noção de uma passividade inicial como o único expoente de uma condição inata ao ser humano. Esta noção especula a possibilidade de um processo de pura passividade, no qual existiria uma imposição do exterior e que o bebê apenas refletiria de forma especular e automática, não intencional; mas trata-se de um processo que não está apenas na dimensão de um reflexo motor. Há algo mesmo de misterioso nessa capacidade humana que conjuga o ato de imitar e de constituir um Eu, algo ainda não compreendido e que resta como dúvida. Todavia, o bebê capaz de uma pura percepção, destituída de qualquer agente subjetivo, passa à autorrepresentação. Dito de outro modo, ao propor uma ‘imitação precoce’ como uma capacidade automática e inata de *espelhamento ou imitação dos estados mentais da mãe pelo bebê*, nega-se qualquer possibilidade de um *Self* nuclear e original.

Não se deseja atualmente superar a afirmação freudiana (1920/2006) de uma percepção unificada do próprio corpo como condição inicial do Eu. Porém, foi possível com a afirmação ferencziana da “passividade original” abrir caminho para uma compreensão paralela do desenvolvimento a partir de um outro ponto de vista, que ganhou valor através das pesquisas realizadas por Gaddini. A imitação, como se está sugerindo, é um processo ocorrido desde os primórdios da vida de um indivíduo, no qual não existe uma necessidade por apreensão de sentido daquilo que é imitado. Mas que por repetições de processos imitativos passa a ser capaz de derivar sentidos. Ao que Ferenczi (1988[1932], p. 127) poderia adicionar “*nihil est in intellectu quod prius non fuerit in sensu*”³² A relevância de um estudo sobre a imitação para a técnica da psicanálise está no fato de que as bases da compreensão das formas

³² Exatamente como consta no *Diário clínico* e se traduz por “Nada existe no intelecto que não estivesse primeiramente nos sentidos”.

de comunicação inconsciente e de confusão entre sentimentos do analista e analisando se enriquecem ao serem concebidas como um fenômeno inspirado pela lógica da imitação.

A proposta que foi brevemente desenhada nas páginas acima é aquela que inverte a lógica de um rosto materno capaz de espelhar estados emocionais dos bebês (Winnicott, 1975), assim como a que nega a possibilidade de um *Self* nuclear e original (Stern, 1992). O que se pretendeu destacar aqui foi, justamente, a inversão dessas lógicas; o argumento de uma ‘imitação precoce’ conjectura uma capacidade automática e inata de *espelhamento ou imitação dos estados mentais da mãe pelo bebê*.

Ainda a respeito da relevância das reflexões a respeito da imitação como contribuinte para um campo de estudos sobre a função da empatia na técnica psicanalítica, está o fato de que se pode especificar o fenômeno empático e atribuir-lhe o importante papel de “complexo do próximo” na dinâmica transferencial. Resta ver, no próximo tópico, como a imitação se articula na dimensão da clínica nos casos de sujeitos altamente traumatizados.

2.3 As vicissitudes da técnica

evidentemente, os iniciantes têm, sem dúvida, a necessidade de um mínimo de princípios técnicos para começar [...] mas devem sobretudo aprender a desenvolver suas técnicas pessoais. (Blanton, 1971, citado por Haynal, 1988, p. 2)

Ferenczi é um dos mais importantes contribuintes da psicanálise, pois suas investigações marcaram essa nova ciência em diversos registros. Aos interesses desta pesquisa, destaca-se a sua participação no registro da teoria da clínica, ou seja, interessa pensar como a empatia é um elemento chave na criação de um pensamento que compreende tanto a gênese do psíquico e de seu sofrimento, como um meio para o seu tratamento.

Assim, como foi visto, as contribuições ferenczianas são fundadas sob a égide de uma concepção psicanalítica da subjetividade emergida das experiências sensoriais através do corpo, e de sua relação com os subsequentes afetos despertados nesta rica experiência de contato com a alteridade. Esse processo foi operacionalizado pelo autor através de diversas conceituações clínicas, e delas destacou-se o conceito de introjeção. Tal realce foi selecionado, pois desse conceito inaugural surge todo um estilo clínico “marcado pelo acolhimento empático e pela *presença sensível* do psicanalista” (Kupermann, 2017, p. 18).

A possibilidade de uma clínica empática se funda desde a conceituação inicial da introjeção e, a partir dela, já se pode cogitar a presença de um pensamento original do húngaro. Quer-se dizer com isso que, apesar de discípulo, Ferenczi foi também um criador da psicanálise, possuinte de uma visão própria, existente desde o começo de suas conceituações teóricas. As sementes de seu pensamento, originalmente plantadas em 1909, despontaram vinte anos depois em um pensamento capaz de ser considerado como a virada teórica de 1928.

Nessa oportunidade, o autor não procura mais se debruçar com exclusividade sobre as vicissitudes da pulsão, experimentadas pelos sujeitos de forma individual. De outro ponto de vista, a prática ferencziana se volta à percepção romântica da indiscernibilidade inicial entre o sujeito e o mundo externo. Como dito ao longo das primeiras partes dessa investigação, a ênfase transubjetiva (Coelho Junior & Figueiredo, 2012; Kupermann, 2017) é o marco de Ferenczi, que particulariza a sua visão da experiência humana e que o diferencia de uma outra psicanálise.

Com essa afirmação, não se procura negar que Freud tivesse um pensamento a respeito da presença da alteridade; apenas procura-se destacar como, na visão do criador da psicanálise, tal interação era marcada pela angústia proveniente do desamparo inicial, que concebe o bebê enquanto uma figura totalmente dependente do outro. Já Ferenczi (1928a/2011), sem negar tal dimensão, prefere enfatizar como “o nascimento é um verdadeiro triunfo” (p. 4), dando para seus leitores a riqueza de um pensamento que concebe a indiferenciação inicial.

Ao colocar a introjeção na base de todos os processos de vitais, Ferenczi (1909/2011, 1912a/2011) afirma a potência do humano. Diferente de uma visão marcada pela falta, em que apenas um gesto específico é capaz de apaziguar uma experiência de despedaçamento, o húngaro prefere enfatizar a onipotência vivida pelo bebê, que alimenta as capacidades mágicas da experiência. Isto é, gestos, palavras e pensamentos mágicos (Ferenczi, 1913b/2011) são os elementos que se encadeiam no processo de constituição para formar um sujeito que vive a alegria da criação (seja ela de si-mesmo, do outro, ou do intermediário).

Não seria possível pensar hoje em intersubjetividade sem Freud. Apesar do autor possuir uma teoria do psiquismo fundamentada em teses pulsionais e intrapsíquicas, não se deve tratar suas elaborações como de uma teoria solipsista. Pois, como se observa na virada operada na segunda tópica, Freud introduz seus leitores, inevitavelmente, ao problema das identificações, da constituição do Eu e do superego, passando constantemente pela experiência com o outro. Fato que apenas corrobora a visão do autor enquanto um psicanalista capaz de enxergar o papel dos encontros. Logo, com essas considerações feitas, descarta-se uma visão estereotipada da conjuntura teórica tanto de Freud como de Ferenczi assim como uma compreensão apresada de diferenças paradigmáticas entre os dois autores.

Apesar de matizáveis, o tipo de sensibilidade que está em jogo na ideia de empatia descrita por Ferenczi leva em consideração uma leitura mais abrangente do fenômeno, que pode ser vista com clareza no *Diário clínico*, desde sua primeira entrada. Assumindo um tom combativo, Ferenczi pede por “uma outra sensibilidade” (Kupermann, 2008). Sua reivindicação acusa à terapêutica de sua época de ser hipócrita devido à frieza e distância com que trata os afetos negativos dos pacientes e todo e qualquer afeto do analista. Mais do que uma crítica virulenta ao método e se aproximando de um possível rompimento, o que Ferenczi clama, verdadeiramente, é por manter os analistas vivos e com capacidade de afetar e de ser afetado pela escuta de seus pacientes.

Mais ainda, a denúncia feita pelo autor vai em direção ao rígido apego à técnica e à teoria, elemento capaz de produzir um contato insosso e intelectualizado com a realidade clínica. A contramedida dessa forma de encontro será pensada pelo autor na forma de um complemento à escuta clínica, que deveria levar em consideração a capacidade de afetar e de ser afetado, inerente ao contato humano; seria somente através de um verdadeiro princípio de empatia, cuja principal característica é o enfoque na mistura, no trauma e na capacidade de se afetar, que analista e paciente teriam um tipo de encontro na análise capaz de ser considerado como um diálogo de inconscientes.

Se Freud não negava a dimensão de um tipo de contato empático e Ferenczi se esforçou no sentido de ampliar a potência dessa dimensão, pois foi capaz de enxergar uma causalidade da neurose marcada pelo trauma, cabe investigar a seguir quais eram as peculiaridades de cada autor diante do fenômeno empático.

Freud, a empatia e o tato: uma questão de princípio

Muito cedo em sua obra, Freud percebeu a importância do que é o contato profundo e afetivo entre as pessoas, depositando nas descargas energéticas um modo de relação articulado com a cura. No plano teórico, pode-se observar uma tentativa de justificação dessa metodologia por via de seus estudos sobre a estética. Assim, no livro em que articula a relação dos *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (Freud, 1905a/2006), o autor explica como o riso é produto da exposição de uma pessoa em situação desconfortável. Freud diz:

tomamos em consideração o estado psíquico da pessoa produtora, e nos introduzimos nele, tentando compreendê-lo por comparação [...] Tais processos de ‘se colocar no lugar de alguém’ [sich hineinversetzen] e de comparação resultam na economia de despesas que descarregam o riso. [tradução nossa] (Freud, 1905/1943, p. 212)

Neste trecho, fica demonstrado como a empatia, enquanto capacidade de se colocar no lugar de alguém, é tratada como um processo interno e individual, e não como uma dimensão compartilhada ou intersubjetiva. Nesta acepção, imitações e ressonâncias são realizadas por um determinado sujeito, que pode fazer construções mentais em si mesmo, fruto do contato com a alteridade (Kahn, 2014). Freud descreve o fenômeno empático entrelaçando-o com o de “mimética ideacional”, definido na ocasião como um impulso inibido em sua fonte, natural aos seres humanos, em que se repetem os movimentos observados e percebidos de outrem. Mais do que isso, essa condição seria uma forma primitiva e ativa do percebedor penetrar no

percebido, através de um jogo de excitações sensitivas e motoras que está a serviço da apreensão da alteridade.

A “mimética ideacional” é o termo escolhido por Freud e que é restringido ao sentido de uma forma de imitação simplista, usado naquele contexto para explicar como haveria uma capacidade humana de “imitação inconsciente”. Remetido à estética, Freud (Freud, 1905a/2006) aponta como a observação do movimento muscular de uma imagem facial inclui a experimentação deste estado afetivo e responde à questão fundamental de como é possível entender os outros. Tratando-se de uma faculdade subordinada à percepção sensorial, que possibilita conjugar tanto o impulso para a expressão de experiências psíquicas como o impulso para a imitação, a “imitação inconsciente” de Freud seria capaz de suscitar em um sujeito o afeto correspondente de seu interlocutor, sem fazê-lo repetir conscientemente aquele afeto.

Tal ideia é pega de empréstimo de outro autor que pensa a estética, isto é, de Leibniz (Kupermann, 2003b). Para o filósofo do século XVII, haveria um *princípio de harmonia preestabelecida entre alma e corpo*, capaz de produzir uma ligação entre o corpo orgânico e a alma; porém, é necessário discernir que, para o autor, essa ligação não produz qualquer implicação de uma influência direta entre os dois elementos. Na verdade, existiria uma espécie de correspondência em paralelo entre os eventos sensoriais do corpo e os movimentos anímicos.

Contudo, o que está em questão não se trata de uma projeção do objeto sobre a alma. Pelo contrário, para Leibniz, diante de uma afetação sensível no corpo, emergiria da alma um correspondente que já estaria lá desde sempre. O filósofo está afirmando que as almas humanas percebem constantemente as ideias por traz dos objetos, pois cada marca externa é capaz de produzir na alma um resgate de sua dimensão eterna. Dito de outro modo, existira um estado de sensibilidade no ser humano capaz de produzir os objetos inatos do entendimento puro, que estão presentes na alma enquanto inclinações e instintos naturais e eternos, sempre imediatos ao entendimento. A esse respeito, Leibniz enquanto um homem de seu tempo, só foi capaz de atribuí-los ao intelecto de Deus, caracterizando-os como ideias relativas às verdades eternas.

Retornando ao pensamento de Freud, menos de uma década depois de sua publicação sobre os chistes, o autor escreve o texto que é considerado o precursor dos artigos que debatem o modo de trabalho do analista (Kupermann, 2003b). Em *Psicanálise Selvagem*

(1910a/2006), o autor demonstra sua preocupação com as atitudes interventivas de médicos que, empolgados com as descobertas sobre o funcionamento mental inconsciente, mas desprovidos de tato, exerciam sua influência de forma precipitada. Aqui se inaugura, de forma paradoxal, a categoria de “tato médico” dentro da obra psicanalítica; ela é tanto uma função extremamente especializada e específica, articulada à noção de vínculo afetivo, como também significa, tal como explica o seu sentido abrangente e coloquial, a capacidade de fazer uma comunicação carregada de discernimento e de sensibilidade para não ferir os sentimentos de outrem. Dito de outro modo, qualquer interpretação feita sem o estabelecimento de uma transferência seria fria e intelectualizada, não levaria em consideração a dinâmica dos afetos projetados sobre o analista, e produziria os mesmos resultados que a distribuição de cardápios durante a escassez de comida (Kupermann, 2008).

Sendo uma habilidade indispensável e indefinível para o trabalho clínico, a faculdade de tato médico era também “um dom especial” (Freud, 1910a/2006, p. 238) e tornou-se um grande problema emergente a partir da popularização das conquistas da psicanálise. Doravante, foi necessário escrever um conjunto de *pequenos conselhos* – “*Ratschläge*”, para que esse elemento subjetivo fosse substituído por elementos técnicos capazes de fazer os neófitos da clínica passarem a ter uma prática que provesse de segurança os pacientes.

É a partir de *Sobre o início do tratamento* (1913a/2006) que Freud reafirma como grande parte do sucesso inicial do processo analítico se baseia em uma postura de compreensão empática por parte do analista. Para ele, a experiência da *Einfühlung* garante o momento correto de fazer as afirmações interpretativas, sendo mesmo a peça central do tratamento, que jamais avançará sem ela. Em suas palavras:

Qual é o momento para revelar-lhe o significado oculto das ideias que lhe ocorrem, e para iniciá-los nos postulados, e procedimentos técnicos da análise? [...] somente após uma transferência eficaz ter-se estabelecido no paciente, um *rapport* apropriado com ele. Permanece sendo o primeiro objetivo do tratamento ligar o paciente a ele e à pessoa do médico. Para assegurar isto, nada precisa ser feito, exceto conceder-lhe tempo. Se se demonstra um interesse sério nele, se cuidadosamente se dissipam as resistências que vêm à tona no início e se evita cometer certos equívocos, o paciente por si próprio fará essa ligação e vinculará o médico a uma das imagos das pessoas por quem estava acostumado a ser tratado com afeição. É certamente possível sermos privados deste primeiro sucesso se, desde o início, assumirmos outro ponto de vista que não o da compreensão simpática (*Einfühlung*). (Freud, 1913a/2006, p. 154)³³

³³ Segundo nota de rodapé da edição brasileira das obras de Ferenczi, *Mitgefühl* se traduziria por “sentir com”. Contudo, já na Enciclopédia Britânica encontra-se o verbete empatia como *Einfühlung*. Desse modo, para simplificar a problemática em questão segue-se a indicação de Mautner de que empatia é o ato de compartilhar sensações, enquanto que simpatia seria compartilhar sentimentos. Nessa direção, a autora aponta como a empatia

Observa-se como o autor atribui à empatia o próprio estabelecimento da situação transferencial, quando propõe que o analista suspenda a sua faculdade de julgar e fique ao lado de seu paciente. Além disso, resgatando sua afirmação de 1910 a respeito da necessidade de fazer interpretações com tato, também se pode dizer que o autor incumbe à empatia a eficácia da interpretação; pois sem ela, um paciente não seria capaz de usufruir do comentário que recebe de seu analista. Logo, segundo Cano & Kupermann (2013), o criador da psicanálise estaria deixando claro como a empatia seria o elemento fundante, capaz de criar e sustentar a transferência. Tal linha argumentativa é corroborada por outros pesquisadores, como é o caso de Pigman (1995), que também atribui à empatia freudiana o mesmo lugar central. Diz o comentador:

Compreensão simpática é uma tradução enganadora para *Einfühlung*, obscurecendo não apenas a importância da empatia como também a concepção freudiana do conceito. Freud indica que a empatia é algo *sine qua non* da análise: se o analista não puder adotar uma postura empática, a transferência positiva necessária para permitir que o paciente se beneficie da interpretação não ocorrerá. [tradução nossa] (Pigman, 1995, p. 246)

Mais do que apenas dar tempo ao paciente, a postura empática é algo capaz de produzir convicção no paciente. Diferente da simples e habitual atitude médica de anunciar uma tradução dos sintomas de forma cuidadosa assim que os mesmos são identificados, Freud estaria atribuindo à sensibilidade do analista uma dimensão estética central ao seu trabalho; isto é, a forma (tempo, duração e intensidade) como uma comunicação é feita daria ao paciente os plenos poderes de se convencer de sua realidade anímica.

O problema do dom subjetivo do “tato médico” nunca abandona Freud e se torna um fardo complexo, recebendo destaque novamente em duas entradas feitas em textos de 1925. Em *Prefácio a Juventude Desorientada de Aichhorn* (1925/2006) o autor declara que a postura de “cálida simpatia” de Aichhorn se deve à “*percepção [Einfühlung] intuitiva* de suas necessidades mentais” (p. 307), atribuindo à Psicanálise apenas o poder de prover justificativas teóricas e uma compreensão interna sobre o modo de agir de uma pessoa. Em outras palavras, a psicanálise providenciaria explicações técnicas para um modo de agir naturalmente guiado pela empatia, que está vinculada à intuição. Com essa afirmação fica clara a opinião do autor a respeito da questão do tato e da empatia: para Freud, essas faculdades, que são elementos fundamentais para a criação e manutenção da transferência,

é uma condição para a simpatia, que é uma etapa posterior. Na empatia, o analista é capaz de captar os afetos, enquanto que a digestão e a elaboração seriam fenômenos simpáticos. Dessa rápida digressão, propõe-se que, pela empatia, um ser humano é capaz de captar algo de humano no outro, imaginar e reproduzir em si algo de seu semelhante, e que essa experiência é faculdade integral do “sentir com”.

não são passíveis de serem ensinadas, estando resguardadas como recurso apenas a algumas pessoas.

Ainda naquele ano, em *Um estudo autobiográfico* (1927[1925]/2006b), o autor fala de forma menos taxativa ao afirmar como “o trabalho de análise implica uma arte de interpretação, cujo manuseio bem-sucedido pode exigir tato e prática, que não é difícil de adquirir” (p. 46). Assim, se o tato é faculdade subjetiva e intuitiva, restaria ao manejo da técnica produzir um modelo eficiente no controle da geometria do trabalho clínico. Isto é, trata-se de pensar a respeito de qual é a distância justa para os analistas estarem de seus pacientes e não errarem em suas interpretações por excesso de frieza, ou pior, por proximidade indevida.

Se muito já foi dito a respeito da distância exagerada, ainda resta explicitar o que representa para Freud o maior perigo da empatia, que é, justamente, a proximidade indevida. Em *Totem e tabu* (1913c/2006), livro escrito no mesmo período das recomendações técnicas, o autor demonstra como a noção psicanalítica de identificação se confunde perigosamente com a de empatia. Freud diz:

Uma mãe, à medida que envelhece, se salva disso colocando-se a si própria no lugar dos filhos [*durch die Einfühlung in ihre Kinder*], identificando-se com eles [*Identifizierung mit ihnen*]; e isso ela o faz tornando suas as experiências emocionais deles. [...] A identificação simpática da mãe com a filha [*diese Einfühlung in die Tochter*] pode ir tão longe que ela própria se apaixone pelo homem que a filha ama. (Freud, 1913c/2006, pp. 33-4; 1913[1912]/1943, p. 22)

Pigman (1995) acredita que Freud, de fato, confunde a *Einfühlung* com a identificação a partir deste momento, esquecendo-se de suas considerações a respeito da imitação feitas em 1905. Compreendendo a identificação como a assimilação de conteúdo inconsciente proveniente de outro sujeito por via de inferências (Freud, 1900/2006), pode-se dizer que, neste caso, a mãe desloca para dentro de seu psiquismo as experiências emocionais da filha, penetrando na sua consciência graças à justaposição de representações de igual valor no inconsciente de ambas. Mas se, no período da década de 1910, Freud deixou de considerar a gradação existente entre a imitação e a identificação, este fato não se repete no período seguinte. Em *Psicologia de grupo e análise do eu* (1921/2006), o autor compreende que a *Einfühlung* é “um caminho, por via da imitação, [que] conduz da identificação à empatia, isto

é, à compreensão do mecanismo pelo qual *ficamos capacitados para assumir ‘qualquer’ (überhaupt)*³⁴ *atitude* em relação a outra vida mental” (p. 120).

Cano e Kupermann (2013) comentam como Freud mantém grande fluidez em sua definição, não chegando a ser conclusivo nem mesmo com sua acepção mais precisa, isto é, quando o autor diz que “[*Einfühlung*] desempenha o maior papel em nosso entendimento do que é inerentemente estranho ao nosso ego nas outras pessoas” (Freud, 1921/2006, p. 118). Ele deixa, assim, aberta uma possibilidade de compreender a empatia como o processo capaz de incluir não só o que é alheio ao próprio Self (entendido aqui como a parte inconsciente do Ego) como de fazê-lo com os Selves alheios.

Apesar de não buscar uma precisão conceitual neste momento, com as informações disponíveis já é possível fazer um primeiro esboço da diferença entre a compreensão da *Einfühlung* entre Freud e Ferenczi. O criador da psicanálise, ao menos no período de mais maturidade de sua obra, atribui à empatia o perigo das reproduções identificatórias, associando parte desse fenômeno ao modo histérico de funcionamento. Por outro lado, como se tornará mais claro no próximo ponto, tal como preconizada por Ferenczi, a empatia não se aproxima da forma como Freud compreende os processos identificatórios ou projetivos (Kupermann, 2009). Para o húngaro a empatia não é um fenômeno tão unidimensional: sem negar o elemento identificatório de sua composição, Ferenczi aponta sua dimensão parcial para valorizar o aspecto de ressonância implicado na escuta clínica. Trata-se de ser afetado e de afetar. Logo, de forma esquemática, parte da diferença está na crença de Ferenczi em ser capaz de articular pela via empática os afetos do paciente de forma terapêutica.

Essas afirmações corroboram a hipótese de uma capacidade comunicacional entre inconscientes, que foi sugerida em alguns textos oficialmente e mais amplamente discutida à época da troca de correspondências sobre a realidade telepática. Apesar disso, Freud limita as possibilidades da empatia quando decide tomar cautela sobre seus usos; seja reduzindo-a aos processos identificatórios, seja ao referi-la à dimensão mais intelectual do processo clínico. Ou seja, ao ser cauteloso diante da possibilidade de afetação do analista, Freud insistia em tentar evitar que o encontro entre o desavisado Breuer e Anna O. fosse repetido inesgotavelmente.

³⁴A *ESB* transmite a ideia de que Freud está apontando a empatia como ferramenta para atribuir *qualquer atitude* que se precise ou queira sobre a vida mental alheia. No entanto, a ideia é exatamente a oposta: a opinião de Freud neste momento diz que o elemento pelo qual se empatiza é invariável. Conferir Basch (1983) para uma orientação detalhada a esse respeito.

No dia quatro de janeiro de 1928, respondendo à leitura de *Elasticidade da técnica psicanalítica* (Ferenczi, 1928a/2011), Freud manifesta como seu discípulo havia introjetado e explicado bem o conceito de tato, provendo o que pode ser considerado como a virada de 1928. Freud diz:

O título (Elasticidade) é excelente (...) e mereceria maior destaque, já que minhas recomendações sobre a técnica, naquela época, eram essencialmente negativas. Considerava que o mais importante era enfatizar o que não se deveria fazer [...]. Deixei para o “tato”, que você introduziu, quase tudo o que se deveria fazer de maneira positiva. O que consegui, assim, foi que o obediente se submetesse a estas advertências como se fossem tabus e não observasse sua elasticidade. (Ferenczi, 1928a/2011, p. 41)

Nesse documento, Freud autoriza Ferenczi em suas experiências e descrições a respeito do tato e da empatia. Por mais que o criador da psicanálise continue preocupado com os riscos de arbitrariedade inerentes à entrada de tais elementos enquanto parte da clínica, ele não abdica de sua importância, deixando para seu discípulo desenvolver a questão. De um ponto de vista diverso, Ferenczi abriu caminho para uma compreensão da dinâmica clínica que procura analisar a contratransferência, pois entende que a verdadeira comunicação inconsciente ocorrida entre a dupla analítica se articula com esse elemento. Assim, a empatia passa a ocupar um lugar central para o autor húngaro, que privilegia analisar a relação constituída pela circulação de afetos entre os participantes da cena analítica.

A elasticidade da técnica, tal como proposta por Ferenczi, é o conjunto de atitudes mentais do analista que tem como conduta clínica o resgate da dimensão sensível do encontro terapêutico (Kupermann, 2017). Trata-se de retirar a interpretação do lugar central de produção do analista para dar lugar a uma conduta mais vinculada à circulação afetiva; é, positivamente, uma clínica que valoriza a capacidade de colocar os participantes em um mesmo diapasão. Ou seja, uma clínica que dá ao analista as condições de saber os bons momentos de interpretar, quais são os elementos associativos mais indicados, quando o seu silêncio será benéfico ou maléfico, etc.

Logo, ao propor um princípio de elasticidade, Ferenczi está recorrendo a uma categoria estética e se preocupando com a criação da atmosfera psicológica correta para o tratamento. Dito de outro modo, em sua proposição ética por uma clínica empática, o autor coloca no centro nevralgico do processo a “capacidade de se deixar afetar pelo sofrimento do analisando, e também a capacidade de afetá-lo, a partir do sentido produzido pela *ressonância* estabelecida entre o seu corpo pulsional e o corpo pulsional daquele” [itálicos nossos] (Kupermann, 2016).

A já explicitada necessidade de atuar como um diapasão com sua função de ressonância encontra-se no primeiro plano da clínica. Nesse sentido, aponta-se como a base da empatia pode ser comparada à *Stimmung* de Gusdorf (1984). Isto é, trata-se de uma atividade de sintonia similar à de um instrumento musical, que é explicada pelo alemão como um fato possível graças à disposição anímica de junção de duas direções e mesmo de sua interpenetração. A *Stimmung* é um fenômeno descrito como um acordo espontâneo entre a alma e o objeto, tal conexão é descrita por alguns autores do movimento Romântico³⁵ como um tipo de contato misterioso, em que a harmonia ressonante é um fenômeno intuitivo e imediato, que nada tem a ver com uma busca proposital por equilíbrio. Dessa definição, ressalta-se a valorização de uma espécie de espontaneidade de contato entre inconscientes em detrimento de qualquer processo de ajuste perseguido objetivamente.

Ao se levar em consideração a possibilidade de instauração da empatia nos moldes ferenczianos se torna urgente abandonar qualquer pretensão ingênua de neutralidade e considerar com seriedade o fator contratransferencial em sua dimensão real. Estaria em jogo dentro da situação analítica um campo de forças composto de manifestações afetivas do paciente e de derivados naturais dos “próprios investimentos transferenciais do psicanalista” (Kupermann, 2003b, p. 50), que provocariam uma mistura de afetos capaz de impactar o analista, produzindo tanto pontos cegos, como uma série de afetos inéditos desencadeados pelo encontro analítico. A problemática do saber do psicanalista será diretamente confrontada pelo húngaro. Reafirmando sua visão contrária à concepção vigente até então de transferência e de contratransferência como fenômenos naturais, que se produzem espontaneamente e que são destinados somente ao desembaraço e ao sobrepujamento, Ferenczi assume a herança bastarda da hipnose para afirmar a participação direta do analista na instauração da atmosfera propícia para o tratamento.

Nos rastros da *Einfühlung* em Ferenczi: em busca de um princípio da empatia

Os caminhos pelos quais o autor húngaro pensava a empatia seguiram, inicialmente, o mesmo solo de seu mestre. Contudo, Ferenczi (1919b/2011), ao se pronunciar na conferência de Budapeste, demonstra como sua técnica do “por exemplo” abarca o desejo de domínio da

³⁵ Falar em período Romântico é um grande problema. O movimento é de grande vastidão e cerca diversas conjunturas impossíveis de serem abordadas nesse momento. Para mais, cf. Safranski (2010).

contratransferência, elemento que Freud apenas pretendia sobrepujar e que Ferenczi deseja conquistar. A este respeito, Ferenczi diz:

[o analista] não tem mais o direito de ser, à sua moda, afável e compassivo ou rude e grosseiro na expectativa de que o psiquismo do paciente se adapte ao caráter do médico [...] Mas sendo o médico, não obstante, um ser humano e, como tal, suscetível de humores, simpatias e antipatias e também de ímpetos pulsionais — sem uma tal sensibilidade não poderia mesmo compreender as lutas psíquicas do paciente — é obrigado, ao longo da análise, a realizar uma dupla tarefa: deve por um lado observar o paciente, examinar suas falas, construir seu inconsciente a partir de suas proposições e de seu comportamento [o do paciente]; por outro lado, deve controlar constantemente sua própria atitude a respeito do paciente e, se necessário, *retificá-la*, ou seja, dominar a *contratransferência*. (Ferenczi, 1919b/2011, p. 416)

Neste trecho, Ferenczi leva em consideração a *sensibilidade* do analista enquanto ferramenta de investigação. Abrindo desde então e para sempre a porta de uma pesquisa sobre o complexo campo das experiências intersubjetivas que existem no interior das relações analíticas, Ferenczi pontua como o analista deve articular o livre jogo de sua imaginação, conjugando-o ao exame crítico. Assim, o autor leva às últimas consequências o recorte paradoxal da função do analista. Pois, se é somente através das associações e das fantasias que se escuta o inconsciente, também se exige “um exame metódico do material fornecido, tanto pelo paciente, quanto por ele próprio [o analista], e só esse trabalho intelectual deve guiá-lo, em seguida, em suas falas e em suas ações” (Ferenczi, 1919b/2011, p. 418).

Atribuindo a uma sentinela a função de articular essa pendulação, Ferenczi faz um avanço profundo no campo da técnica relativo à liberdade imaginativa da mente do analista, que se torna exequível graças à sua capacidade de *oscilação* entre um debruçamento profundo para dentro da experiência do analisando e o retorno para si, consequência do exame crítico de sua sensibilidade. Pois bem, antes de serem esmiuçadas tais capacidade de jogo, deve-se formular a que tipo de relação terapêutica esta capacidade técnica se destina.

Ao conceber a postura empática como uma função da escuta sensível, Ferenczi está propondo uma metapsicologia dos processos anímicos do analista. Reconhecer e nomear o que é sentido no campo da contratransferência passam a ser produto da regra de associação livre que ocorre dentro da mente do analista, capaz de colocar em conexão as percepções e os conteúdos representacionais que estão sendo vividos pelo paciente de forma cindida. Trata-se de uma ampliação do fenômeno da comunicação humana, que leva em consideração o campo da intersubjetividade vivida como indiferenciação original. Logo, a metapsicologia dos processos anímicos do analista passa a ser definida por Klautau (2012) como uma capacidade

do analista de “guardar consigo uma cartografia contendo as qualidades sensíveis do paciente: aparência física, tons afetivos, vivências, modos de comportamento, atitudes defensivas” (p.99). A empatia é então um veículo privilegiado de acesso às qualidades afetivas circulantes na sessão, sendo mesmo uma espécie de “identificação passageira” ou “parcial” (Deutsch, 1926/1974; Klautau, 2012; Racker, 1982).

Neste sentido, tratar-se-ia de um processo ocorrendo em dois momentos: num primeiro, em que prevalece o modelo arcaico da imitação, ocorre o compartilhamento intersubjetivo-transsubjetivo (Coelho Junior & Figueiredo, 2012), no qual não há diferenciação entre sujeito e objeto e a relação estabelecida é de contenção e sustentação do campo de experiência. Já no segundo momento, as falhas inerentes à realidade da diferenciação entre subjetividades produz um distanciamento da experiência, capaz de demarcar fronteiras e realidades distintas. É este o fator que permite dizer que a empatia, apesar de correlacionada à identificação primária, se diferencia dela pelo seu aspecto passageiro; ou, dito de outro modo, a sensação de comunhão com o objeto do primeiro tempo torna a empatia um fenômeno que engloba a identificação, mas a ultrapassa à medida que a instabilidade de suas ligações com o outro providenciam sua provisoriedade.

Deutsch (1926/1974) foi uma das primeiras autoras a ressaltar a especificidade deste fenômeno ao mencionar como a “obnubilação da mente do analista” é uma decorrência espontânea e particular do seu estado emocional em sessão. O estado anímico em questão é capaz de abrir a sensibilidade do analista para uma experiência receptiva de estimulações de conteúdos de forte teor emocional implícito, produzindo a captação do inconsciente alheio. Indo além, a autora arrisca chamar de “empatia intuitiva” o processo pelo qual uma primeira forma de identificação se produz entre analista e paciente. A autora afirma que tal movimento é possível, graças ao fato de que “todas as estruturas psíquicas do analista são um produto do processo de desenvolvimento similar àquele passado também pelo paciente” (p. 137)³⁶. Resta apontar que a obnubilação do psiquismo é um processo regressivo, realizado em sentido contrário ao movimento natural de diferenciação vivido por todos os sujeitos; tratando-se então de um movimento realizado com um objetivo, depois do acontecimento, volta-se a reconhecer a experiência emocional do paciente como única e alheia ao compartilhamento.

³⁶ Cujá matriz foi explorada anteriormente através do que Ferenczi chama de passividade inicial e que Gaddini desenvolve através de sua teoria da imitação.

O analista de casos difíceis: a raiz da necessidade de empatia

Conhecido como analista de casos difíceis, Ferenczi recebia encaminhamentos de pacientes refratários aos tratamentos conduzidos estritamente no modelo clássico. Seu projeto terapêutico foi moldado e disposto para tratar de sujeitos constituídos de id e superego, deficitários de uma capacidade de síntese e mediação proveniente do Ego. Para estes indivíduos, a realidade em si e a realidade proveniente da alteridade se pronuncia de forma imperiosa e demasiadamente invasiva, pois lhes falta uma agência de mediação e organização da experiência.

De um ponto de vista psicopatológico, o campo intrapsíquico destes sujeitos constituiu-se de forma despedaçada e mutilada. Assim, “abrir caminhos de acesso à afetividade do analisando” (Kupermann, 2014, p. 54) estaria na base de uma dimensão da técnica que visa verdadeiramente a uma regressão no sentido de ir no caminho oposto ao da progressão traumática. Nesse contexto, a empatia escuta a “parte sensível, brutalmente destruída” (p. 54) do paciente, dando a ela justamente a autorização (*laissez-faire*) da qual precisa para poder sentir ao invés de saber.

Enquadrando esse tipo de paciente dentro da categoria do trauma, a consequência direta desse evento foi explicada por Ferenczi (1933/2011) através da ideia de *identificação com o agressor*. O autor considera que uma criança vítima de uma experiência de violência ou sedução, por possuir uma personalidade psicofísica ainda em franco desenvolvimento, é incapaz de reagir ao desprazer da experiência através de uma defesa eficiente; ela pode reagir apenas de forma ansiosa e introjetiva frente à ameaça. Sua tendência à autoplastia, decorrente do melhor contato com a linguagem da ternura, leva-a à obediência mecânica e à fixação em atitudes obstinadas de desautorização da realidade.

Devido ao trauma e sob sua pressão, a criança passa a manifestar os gestos mimetizados de um adulto, desenvolvendo sua personalidade de forma apressada e como um teratoma. A prematuração patológica de parte da personalidade leva a criança a conhecer de forma surpreendente e súbita certas faculdades que estavam aguardando tranquilamente o momento certo para se manifestarem.

O efeito de uma autoridade tirânica exercida pelos adultos é a gestação de uma confusão capaz de bloquear qualquer atitude questionadora. Tal inibição da capacidade do pensar é fruto do medo dentro de um tipo de submissão específica. Ferenczi pontua então

como tais crianças se tornam poderosas adivinhas da vontade de seus agressores, sendo capazes de se adiantar frente a seus desejos e a obedecer suas vontades esquecendo-se de si-mesmas. Tal qualidade decorre do estado de parcial dissolução que é natural à personalidade das crianças; para Ferenczi (1988[1932]), o elemento fundamental da infância está em contato amplo e pouco mediado com o universo, fato capaz de promover uma sensibilidade ressonante com o mundo, que explicaria até mesmo as qualidades clarividentes de alguns sujeitos.

No processo de se proteger do afeto resultante da falta de amor daquele que é tido em máxima consideração, a criança não apenas desautoriza sua experiência como o faz através da identificação com o agressor. Por esse proceder, ela faz desaparecer, onipotente e magicamente, o evento traumático da realidade externa; nesse processo a criança introjeta para o seu mundo intrapsíquico “as coisas desequilibradas e loucas, mesmo que seja pela força” (Ferenczi, 1988[1932], p. 118) conservando, no entanto, a sua própria pessoa de forma separada da anormal. Pinheiro (1995) conclui dessa descrição que o agressor passa a ocupar o espaço egoico infantil se apossando dele. Fato que é mantido pela criança em prol de conservar sua idealização pelo adulto, mesmo pagando o preço alto da clivagem de sua personalidade. Dito de outro jeito, uma criança prefere introjetar a culpa alheia e vivê-la como se fosse sua do que perder seu objeto idealizado, pois isso sim equivaleria ao aniquilamento completo de seu psiquismo.

Ao considerar esse cenário, Ferenczi imputa ao analista a função de estabelecer um tipo de comunicação capaz de rebaixar o constrangimento e a sensação de submissão vividas pelo paciente, e, para tal, aponta como é necessário que a figura do analista não personifique qualquer hipocrisia. Pelo contrário, ele deve fazer uso de sua sensibilidade empática e tornar a experiência analítica uma oportunidade de contato entre duas crianças igualmente assustadas que podem confiar uma na outra com total tranquilidade, trocando experiências (Ferenczi, 1988[1932]).

A criação do princípio de empatia

Ferenczi sem dúvida era muito atento à dimensão de sofrimento de seus pacientes. Os sujeitos atendidos pelo húngaro eram acossados pelo mundo dos impulsos e, ao mesmo tempo, submetidos por prescrições e injunções superegóicas nas quais a presença dos outros

se tornou imperiosa e decisiva. Desse conflito, surge um sofrimento específico: a experiência de incapacidade em compreender a realidade afetiva e dinâmicas das relações humanas. Dito de outro modo, os famosos casos de “pacientes difíceis” atendidos por Ferenczi se tratavam de sujeitos com experiências de si frágeis. Com essa problemática específica em mente, Ferenczi se preocupa em estabelecer uma atmosfera de intersubjetividade capaz de respeitar tais constituições e se adaptar as necessidades do paciente, produzindo uma terapêutica que não reproduz as relações até então vividas por essas configurações psíquicas.

Investigando como seriam as possibilidades de comunicações inconscientes nestes casos e, a partir daí, qual seria a melhor forma de comunicar tais experiências, encontra-se em *Prolongamentos da ‘técnica ativa’ em psicanálise* (1921/2011) um dos muitos exemplos da atenção de Ferenczi à empatia. O autor, ao se referir aos conteúdos que jamais foram conscientes ou pré-conscientes, diz que: “certos conteúdos psíquicos inconscientemente patogênicos datando da primeira infância [...] provêm do período dos ‘gestos incoordenados’ ou dos ‘gestos mágicos’, portanto, datando da época anterior à compreensão verbal” (p. 135). Não podendo ser rememorados, resta a esses conteúdos apenas a possibilidade de serem *revividos* em contato com o analista e sob efeitos da transferência. Com essa afirmação, Ferenczi se aproxima de um universo comunicacional que passa ao largo do recalque, exigindo novas técnicas terapêuticas capazes de contemplar as formações psíquicas particulares aos seus padecimentos.

Ferenczi considera como o mais imperativo no uso de qualquer técnica a necessidade de sintonia afetiva. Assim, no período da virada de 1928, momento de criação do princípio da empatia, algumas de suas considerações anteriores são reformuladas, justamente para não serem descartadas. A este respeito, pode-se mencionar como a técnica ativa retorna enquanto ferramenta terapêutica que faz parte do processo empático; o autor afirmará como qualquer engano e problema enfrentado no uso da atividade se deve ao excesso de rigidez, chegando a comentar que “as nossas instruções ativas não devem ser, segundo a expressão de um colega a quem analisei, de uma intransigência estrita, mas de uma flexibilidade elástica” (Ferenczi, 1926/2011, p. 368).

No trabalho de 1926 a atividade da técnica é resgatada através de uma flexibilização que a torna um fator de influência por vias do incentivo. Ferenczi aponta como a dimensão emocional da experiência humana é a única apta a fornecer um tipo de experiência de convicção capaz de afirmar com segurança a existência da alteridade. Segundo Coelho Junior (2004), este é o momento de recusa do primado racionalista e de seu modelo apoiado no poder

das representações; de outro ponto de vista, inaugura-se o primado dos processos identificatórios e do conhecimento fundamentado na articulação entre realidade e vivência afetiva.

A virada de 1928 foi o momento em que os frutos da pesquisa mística realizada no curto período de 1909 chegam à sua fase final. Ferenczi, neste momento, formula oficialmente o modo de funcionamento da empatia enquanto uma capacidade de “adivinhar” os pensamentos que ainda não eram pensados pelos próprios pacientes assim como suas tendências não percebidas. Assim, o avanço da psicanálise propiciou um tipo de técnica que permite experimentar os afetos durante uma análise e organizá-los devidamente de forma saudável. Com o estabelecimento de uma conduta que articula o sofrimento específico de alguns pacientes com uma atmosfera de cuidado particularmente benéfica para os mesmos e um modo de atuação do analista que pendula entre estados obnubilados e intersubjetivos e estados de clareza individual a psicanálise saiu de um plano de prática intuitiva e passou ao modo de compreensão do que a faz eficiente (Ferenczi & Rank, 1924/2011, p. 260).

Do uso terapêutico da empatia

Atualmente, considera-se que a empatia é uma modalidade de conduta clínica aplicável aos momentos de uma análise em que a situação do encontro é marcada pela falha do processo de representação. Chamadas por Klautau (2012) de “situações limites”, esses momentos são caracterizados pelo incremento da angústia automática e de derivados do núcleo traumático emergentes no setting através da memória corporal. Estando fora do domínio do recalque, esses momentos de angústia encontram suas raízes nas experiências precoces do indivíduo que antecedem o registro linguageiro, retornando nas situações clínicas em atos carregados de projeções.

Enquanto uma modalidade de escuta clínica, Klautau atribui à empatia uma atualização da ferramenta freudiana de atenção igualmente flutuante. Voltada para conteúdos verbais, a proposta freudiana se beneficia de uma extensão que adiciona uma dimensão de escuta afetiva e sensível aos afetos impossíveis de serem comunicados por palavras. Para se tornar possível que a escuta flutuante possa comportar uma dimensão perceptiva desse porte, recorre-se a intuição ferencziana contida em seu diário. Por mais que a proposta de seu texto sobre a elasticidade da técnica fosse a de esclarecer a dimensão mística contida no fenômeno

do tato, o autor transparece com mais qualidade suas ideias quando recorre justamente a tais elementos. Deixando-se penetrar pela experiência afetiva de seus pacientes, Ferenczi (1988[1932]) se permite identificar momentaneamente com a loucura do paciente, aceitando as experiências repartidas enquanto um “deliramento”³⁷ compartilhado, que o permite modificar elasticamente a sua conduta clínica em diferentes modos de manejo, ora mais ativos, ora mais relaxados.

Rastreando o momento em que Ferenczi introduz efetivamente seu princípio empático, pode-se ver como o texto magistral de 1928, chamado *A elasticidade da técnica* é mais do que um complemento ou revisão sobre a psicanálise. Este trabalho se destaca de suas outras contribuições, pois propõe uma profunda mudança na qualidade do comportamento do analista, visando fundamentalmente seus afetos. Fruto de um longo amadurecimento, tanto profissional como de sua relação com seu “mestre” Freud, a proposta de uma elasticidade da técnica decorre de toda a lógica do pensamento inaugurado pelo húngaro e formaliza uma postura voltada à disponibilidade para o envolvimento afetivo em uma relação bidirecional mediada pela identificação, pelo acolhimento e pelo respeito à vida emocional.

Sabe-se que as contribuições mais vigorosas e também mais questionáveis de Ferenczi sempre foram no campo da técnica. O autor tinha uma “profunda habilidade especulativa”, que tanto fascinava como preocupava Freud, e uma capacidade para a divagação indisciplinada, as quais formavam uma constelação de dons frutíferos à criação de um pensamento próprio. A postura da sensibilidade é embasada através da receptividade do analista e recebe a denominação de empatia ao longo do texto ferencziano.

Borgogno (2004) comenta que esta dimensão era fundante do conhecimento psicanalítico tal como concebido pelo autor, e que a possibilidade de uma elasticidade na técnica se tratava de uma adaptação do dispositivo, por parte do analista, de suas influências ao longo do processo. Dito de outro modo, pensar em elasticidade da técnica era uma decorrência da empatia do analista, de um sujeito capaz de se perceber responsável pelo manejo dos fatores que levam uma análise a se desenvolver. Assim, a concepção ferencziana de manejo da transferência possui a sutileza de levar em consideração o enquadre de

³⁷ *Wahrhaft* significa veracidade ou apego à verdade. Ferenczi troca uma letra da palavra, chamando-a de *Wahnhaft*, para assinalar como a construção de um momento conjunto de uma experiência de pensar compartilhado se assemelha a um deliramento (pensamento).

[N.R.] Ainda a esse respeito, acrescenta-se que *Wahn* significa ilusão, e a palavra *Wahnsinn*, que é derivada dela, significa loucura.

acolhimento da alteridade através do processo da circulação afetiva entre os sujeitos, que se constitui por uma breve suspensão da separação entre eu e outro, propiciando um ambiente comum no qual as subjetividades podem mesmo coexistir

A percepção de Ferenczi a respeito da influência do analista no psiquismo do analisando demonstra como o autor é atento à mistura intersubjetiva dos primeiros momentos de vida, sendo a elasticidade caracterizada como uma resposta de manejo do campo transferencial estabelecido no setting. Ao mencionar o desenvolvimento do psiquismo, o húngaro explicita que “a humanidade é atualmente educada para a *cegueira introspectiva*. Mas o homem assim educado, tal como o hipnotizado, retira muita energia psíquica da parte consciente de sua personalidade; portanto, mutila consideravelmente a capacidade de funcionamento desta” (1908/2011, p. 41). Ferenczi revela, assim, sua opinião a respeito da existência no inconsciente de uma potência perceptiva que está a disposição do Ego consciente, caso este fosse educado de forma correta.

A capacidade empática do analista está enraizada na situação pré-reflexiva do encontro e deve ser cultivada com atenção, pois sua característica de ser um movimento itinerante de ir e vir é a única capaz de criar uma atmosfera de grande permeabilidade e receptividade (Pacheco-Ferreira & Vertzman 2008; Coelho Junior & Figueiredo, 2000). Existem dois pontos fundamentais a serem destacados nessa função: primeiramente, ela dá destaque à participação afetiva do analista, que ganha o estatuto de um crivo norteador. Em segundo lugar, a capacidade empática do analista sustenta toda a elaboração do autor sobre a necessidade de modificar o estatuto da atmosfera emocional na sessão; os afetos se tornarão elementos centrais da interpretação, o que diferencia essa técnica daquelas interpretativas tradicionais (Pacheco-Ferreira & Vertzman, 2008). Será a experiência vivida em conjunto e testemunhada pelo analista que fará retornar o sentido de realidade perdido pelo paciente traumatizado cujo psiquismo foi cindido, promovendo o efeito curativo da convicção.

Com a empatia, o analista se abre e oferece sua capacidade de ser afetado, ou seja, sua personalidade enquanto pessoa real para trocas. Sem renunciar à interpretação, mas atribuindo sua eficácia à relação afetiva, tal esfera ganha o primeiro plano do novo *setting* proposto por Ferenczi, que produz uma modificação importante das recomendações feitas por Freud. Assim, o húngaro pretende que o analista consiga não só “tornar presentes as associações possíveis ou prováveis do paciente” (Ferenczi, 1928a/2011, p. 31), como se torne apto a ter o tato necessário para sua profissão. O autor deposita na análise pessoal do analista o principal meio pelo qual ele constitui sua conduta clínica.

A análise do analista é um elemento fundamental para Ferenczi. Na medida em que a empatia é entendida como uma faculdade interior do analista, ela passa a ser regida por uma metapsicologia própria, que é devedora das modificações produzidas animicamente na personalidade de um indivíduo analisado. Dessa afirmação, pode-se dizer que o tato deixa de ser considerado um dom inato e intransmissível, como temia Freud, passando a ser um reflexo natural do processo analítico. A esse respeito, Ferenczi se pergunta:

O que é afinal tato? A resposta a essa pergunta não é difícil. Tato é empatia. Se tivermos sucesso com a ajuda de nosso conhecimento, adquirido da análise de várias almas humanas, mas sobretudo da nossa, de visualizar as possíveis ou prováveis associações que o próprio paciente ainda não conhece, podemos, já que não precisamos lutar com resistências da mesma forma que o paciente, não só descobrir seus pensamentos ocultos, mas também as tendências que a ele são inconscientes. Dependendo da intensidade dessas resistências, não será difícil tomar a decisão sobre a possível relevância de uma mensagem e também sobre a forma na qual ela precisa ser pronunciada. Essa empatia evita que irrite desnecessária – ou prematuramente a resistência do paciente; a Psicanálise não procura evitar o sofrimento, e tem sim como maior principal realização/sucesso que se aprenda a suportar um sofrimento. [tradução pessoal] (Ferenczi, 1928/1939, p. 383)

Assume-se então que o tato é a extremidade sensível e motora de um aparelho de percepção anímico do analista. Esse aparelho é constituído pela sua análise pessoal, que paulatinamente constrói uma região da personalidade marcada pela flexibilidade das pulsões. Logo, a liberdade de investir e desinvestir os objetos apresentados pelo paciente será a marca da empatia do analista.

Segundo Gondar (2008), a ideia de diapasão é uma metáfora importante para caracterizar o tipo de empatia à qual Ferenczi se refere. O diapasão é um instrumento metálico de afinação que possui uma nota musical específica, que, ao ser posto em contato com um instrumento, vibra em sintonia quando a mesma nota de sua afinação é tocada. Debaxo do guarda-chuva de compreensões que essa metáfora pode provocar, pinça-se a ideia de um sistema que vibra em frequência própria como resultado de estímulos externos. Desse modo, a ressonância comentada por Ferenczi diz respeito à capacidade do analista de sintonizar seu corpo pulsional com as modulações afetivas do paciente; logo, não se trata de querer sentir o que ocorre dentro do outro, mas sim de, momentaneamente, tornar-se o outro e sentir dentro de si a mesma gama de afetos (Kupermann, 2016). Em outras palavras, arriscando uma definição própria, a empatia pode ser experimentada como uma sensação de um naufrágio em si-mesmo. Uma experiência de soçobrar no campo intersubjetivo ou mesmo um momento da perda tanto de fronteiras como das rebarbas anímicas de cada um dos sujeitos.

Mais ainda, ao pensar desse modo, Ferenczi diverge obstinadamente da ideia de um analista-espelho, opaco e refletor. Pode-se dizer que o “sentir com” permite a experiência de representar para o paciente a sua própria experiência, capacidade possível graças à justa medida de distância afetiva entre as subjetividades. Assim, a empatia torna-se uma atribuição oscilatória de simetria e dissimetria entre analista e paciente, que, em sua qualidade de processo dinâmico, verifica-se em três momentos: Primeiro, com um verdadeiro “*sentir com*”, os afetos suscitados na percepção verbal da comunicação e na percepção não verbal da atmosfera do paciente são sentidos pelo analista. Desse período, segue-se a *auto-observação* dos efeitos desta percepção dentro do psiquismo do analista, momento em que a introspecção e a análise da contratransferência regulam um processo de mistura e diferenciação dos afetos. Finalmente, segue-se o *julgamento* do momento correto para uma comunicação, e da forma de fazê-la. A respeito deste último momento, nota-se como Ferenczi faz uso da palavra “frieza”: o analista deve “retirar sua libido do paciente e avaliar a situação com *frieza*: em nenhum caso deverá deixar-se guiar *só* pelos seus sentimentos” [itálicos nossos] (Ferenczi, 1928a/2011, p. 32). O que deve ser ressaltado é que a dita frieza aponta para o analista, e não para o paciente nem para a mensagem comunicada.

Ainda a respeito da oscilação entre o polo da simetria de afetos caracterizada pelo *sentir com* e o momento do exame crítico, Gondar (2008) aponta para o papel da análise do analista em fornecer a ele a capacidade de entrar em contato com seus próprios afetos sem medo ou inibições. Colocando-se a “equação pessoal” como centro de toda a teoria da técnica, pode-se crer que a condução de uma psicanálise será feita através da organização subjetiva, do estilo e da sensibilidade de cada analista. A posição do analista enquanto o criador da atmosfera correta para o tratamento depende, quase exclusivamente, da introjeção por ele do setting através de sua própria experiência de análise. Em suma, trata-se de assumir que, para ser capaz de exercer a função de um guardião do tratamento para o paciente, o analista precisa ter constituído dentro de si, de modo fluido e natural, a essência de uma experiência psicanalítica (Coelho Junior, 2013).

Mas, tratando-se aqui de uma discussão a respeito da empatia tal como concebida por Freud e por Ferenczi, pode-se diferenciar a forma como cada um destes autores concebe o manejo dos afetos. Para Freud, o analista executa uma função de recipiente de afetos que não lhe pertencem, e dessa forma atua tendo os afetos enquanto meios para atingir um propósito; seja na interpretação de conteúdos desveladores de um inconsciente recalcado, como na primeira tópica, ou através da compreensão proveniente da segunda tópica, na qual prevalece

a ideia de ambivalência afetiva original. Portanto, a empatia freudiana, de fato, privilegia um aspecto intelectual, pois remete o analista a pensar sobre o ponto de vista alheio.

Já para Ferenczi, com sua atenção aos afetos que circulam entre analista e paciente, torna-se parte do problema a dimensão relacional própria à análise. Sua forma de trabalho não deixa de ocorrer através da interpretação, porém evita-se a sua excessiva intelectualização. Assim, a interpretação empática será eminentemente de uma ordem mais afetiva do que racionalizante; ela coloca afeto e pensamento em simultaneidade sintônica, dando ao paciente a consciência total da experiência vivenciada, uma experiência de realidade que muitas vezes é a sua primeira.

Com essas explicações, tentou-se mostrar como Ferenczi, através de uma ênfase na “experiência afetiva do aqui e agora da transferência analítica” (Pacheco-Ferreira & Vertzman, 2008, p. 57), modificou o instrumento da análise, tornando o analista um participante implicado emocionalmente e tomado pelo desejo de reparar o trauma. Ao colocar o tato e a empatia enquanto princípios fundamentais, o autor caracterizou essa conduta como a capaz de lidar com as forças do trauma. A transferência se modifica para ser a oportunidade de receber o apoio e a proteção faltantes no momento da desautorização traumática. A figura do analista, travestido pelo amor de transferência, poderá representar um “amplexo de uma mãe amorosa e de um pai protetor”, imbuído da força de um “contrainvestimento ao trauma” (Ferenczi, 1988[1932], p. 105); uma figura capaz de ir diametralmente contra a perda de confiança na benevolência amigável³⁸ – “*freundlichkeit*” – do mundo exterior.

Atualizações do conceito de empatia

Balint (1993), continuador das ideias de Ferenczi define a empatia como a função do analista enquanto um objeto compreensivo das necessidades do paciente, sendo que essa figura de cuidado deve também, ter como parte de suas funções a capacidade de comunicar seu entendimento. Para o discípulo de Ferenczi, a oferta de uma regressão feita pelo analista deve ser seguida da produção de um espaço terapêutico fundado na confiança mútua,

³⁸ Ao se tratar de uma relação cujas propriedades são equivalentes às da amizade (*Freundschaft*), sugere-se o neologismo “amigabilidade” para essa forma de benevolência, pois *freundlich* significa: amável, amigável, cordial. O sufixo *-keit* é empregado em substantivos abstratos relacionados a ações. Logo, a função a qual Ferenczi parece se referir aqui deveria se diferenciar sutilmente da amabilidade, termo que é normalmente empregado.

constituído majoritariamente pela habilidade de tato do analista. Indo além, trata-se de poder ser discreto, jamais onisciente e onipotente, além de se manter atento à capacidade de se oferecer um relacionamento em que o paciente possa encontrar a si-mesmo. A capacidade de produzir uma atmosfera de confiança e simplicidade leva em consideração a aptidão de compreensão e de tolerância que são características da linguagem da ternura. Diz Balint (1993) que “o analista não deve resistir, mas consentir, não dever dar muito lugar a atritos, deve aceitar e carregar o paciente por um tempo” (p. 148).

A empatia do analista participa dos momentos iniciais do tratamento, promovendo e sustentando o desejo do paciente por uma regressão que lhe seja útil. Balint descreve o que está sendo chamado aqui de empatia como uma capacidade do analista de se tornar uma substância indiferenciada com o paciente, capaz tanto de resistir, de consentir e de aceitar servir de sustentação para o paciente, como de não insistir em manter limites nítidos. Resumidamente, a característica principal do analista deveria ser a de evitar qualquer tipo de ação, tornando-se assim um objeto externo muito diferente dos cotidianamente encontrados pelo paciente; sua única atividade se comporia pela manutenção da atmosfera simples e não ameaçadora do setting.

Souza (2013) afirma que, nas terapias de quadros de não neurose, o psicanalista precisa se deixar habitar, pela via de suas capacidades empáticas, pelos núcleos psicóticos de seus pacientes, permitindo, com isso, acompanhá-los em uma certa psicotização da própria situação transferencial. Sem descaracterizar a Psicanálise, essa modificação apenas adapta o dispositivo com algumas alterações, como por exemplo, o lugar da interpretação, que não necessariamente será comunicada, mas será realizada sobre a contratransferência. Outra modificação sugerida pelo autor incide sobre o trabalho de associação livre, que é transferido do analisando para o analista em prol de favorecer as construções em análise e fortalecer os processos criativos dos pacientes, processo que se daria via introjeção dessa função.

Abusus non tollit usum ³⁹

A empatia não deve ser tratada como sinônimo de alguma das partes do dispositivo clássico, isto é, ela não faz parte, oficialmente, do enquadre da atenção igualmente flutuante, e só foi pautada como parte do método depois de sua introdução formal por Ferenczi

³⁹ O abuso não tolhe o uso.

(1928a/2011). A este respeito, já foi dito como a empatia serve como complemento ao dispositivo de atenção igualmente flutuante, produzindo neste uma atualização importante que amplia o escopo perceptivo do analista.

Foi visto como é possível encontrar um lugar para a empatia dentro do modelo proposto por Freud, mas essa concepção nunca ultrapassou a perspectiva sujeito-objeto, o que resultou na confusão feita pelo autor entre empatia e identificação. Recapitulando, no enquadre freudiano, a empatia versa sobre a faculdade de se colocar no lugar do outro, entendida aqui apenas em sua apresentação consciente; logo, a empatia seria o processo de tomar como próprios os pontos de vista alheios, captando de forma ego-sintônica suas motivações. Tal definição comporta um mergulho na experiência com a alteridade, capaz de uma profundidade pré-consciente.

Somente a guinada intersubjetiva introduzida pelo pensamento ferencziano pôde aproveitar o potencial observado por Freud sobre a comunicação inconsciente e introduzir o alargamento do escopo da função empática do analista. O modelo clínico criado por Ferenczi respeita uma lógica alimentada pelo dínamo do paradigma da linguagem da ternura, no qual o analista se preocupa em habitar os lugares transferenciais destinados pelo paciente, sendo capaz de representar o próprio inconsciente deste último; nesse sentido, todo o poder do analista está em ser capaz de se misturar com o inconsciente do paciente através de sua empatia. Por mais mística que soe essa explicação, trata-se simplesmente de autorizar (Ferenczi, 1930/2011)⁴⁰ afetivamente as reivindicações e sentimentos de um sujeito, para “hipnoticamente” se tornar objeto de seu inconsciente.

Tentando afastar mais ainda o que seria a dimensão mística desse encontro, diversos psicanalistas tentaram elucidar a experiência empática de Ferenczi. Um deles foi Robert Fliess, filho de Wilhelm Fliess, que fora grande amigo de Freud no período de sua juventude madura. Fliess (1942) resgata a ideia geral de “terceiro ouvido” (Reik, 1983) para ponderar como a qualidade da atitude psicológica esboçada por Ferenczi é, sem dúvidas, uma identificação parcial. Quando o húngaro (1928a/2011) comenta como é possível fazer uso dos próprios complexo para entender o outro, topologicamente, entraria em jogo, por uma fração de minuto, uma modificação da parte inconsciente do ego, capaz de produzir a compreensão devida através da reprodução intrapsíquica da percepção.

⁴⁰ Laissez-faire é a forma escolhida para traduzir o “*Prinzip der Gewährung*” exposto por Ferenczi em *Princípio de relaxamento e neocatarse*. Verdadeiramente, prefere-se aqui usar princípio de autorização, pois tal tradução respeita melhor o sentido da palavra alemã *Gewährung*.

Atento ao caráter econômico do processo, Fliess diferencia a raiz imitativa que está na base da empatia tal como compreendidas por Freud e por Ferenczi. Ao apontar que não há qualquer perda de intensidade no processo empático, o modelo de Ferenczi se diferencia da ideação mnêmica de Freud (1905a/2006), pois a especificidade de sua ideia reside, justamente, no compartilhamento inconsciente de emoções. Que são apreendidas pela percepção do analista para depois serem projetadas para dentro do objeto⁴¹. Dito de outro modo, nessa forma de empatia, uma bipartição do ego destaca um trecho inconsciente de si que se torna o objeto *ipsis-litteris*. Assim, Fliess nega a empatia enquanto fenômeno de identificação transitório, sendo essa a diferença de qualidade essencial ao processo.

Resgatando a noção de introjeção, Fliess atribui a essa função primitiva o aspecto basal da empatia, pontuando na sequência que todo o processo empático ocorre dentro da mente do analista. Ele deve ser capaz de se interessar pelos conteúdos totais do ego do paciente (principalmente pela dimensão inconsciente desse ego), para torná-los parte de si. Assim, o autor comenta que uma pessoa que usa de empatia com um objeto introjeta-o para projetar a sua representação novamente sobre o objeto em um momento posterior (Fliess, 1942).

Atribuindo à transferência o princípio de empatia, o autor segue a linha ferencziana que atualiza tal conceito na forma de um trabalho de metabolização. Dividindo-o em um processo de quatro fases, Fliess ressalta a forma como o processo empático deveria se desdobrar.

Em primeiro lugar, o analista se torna objeto de um esforço do paciente, que passa a desejar colocá-lo no lugar transferencial; neste momento, são despertadas, no analista, forças contratransferenciais de intensidade variável que decorrem do ato do paciente de tentar dominar o analista para torná-lo objeto da transferência.

A seguir, no segundo momento, o analista deve se identificar com o paciente e seu esforço. Para que o analista possa se identificar com o objeto que precisa se tornar para o paciente, é necessário que a força transferencial aplicada pelo paciente seja acolhida pelo analista – que conhece esse impulso, pois também já o viveu enquanto paciente; tendo vivido uma experiência desse porte, o analista pode metabolizar o esforço do paciente, sentindo-o

⁴¹ A forma como esse fenômeno é descrito parece se aproximar a explicação sobre o funcionamento telepático explorado por Freud e Ferenczi em suas cartas.

como um elemento narcísico em si-mesmo. Logo, torna-se capaz de se abandonar como sujeito e de se experimentar como um objeto, fato que pertence já à terceira fase da empatia.

Porém, é na passagem da segunda para a terceira fase que Fliess comenta a possibilidade de que a momentânea modificação de libido narcísica que se opera constitua uma ameaça à saúde mental do analista; seu equilíbrio narcísico está em jogo: quanto mais consciente estiver do seu trabalho, menor será sua possibilidade de escapar dessa situação ou de fugir dela. O exemplo dado pelo autor é o do paciente que se esforça por estabelecer uma transferência agressiva com o analista. Nessa situação, empaticamente, caberia ao analista reconhecer a pertinência do impulso agressivo do paciente, e assim poder ocupar o lugar do objeto agredido. Todavia, se for seguido esse princípio até o fim, o analista teria um abalo de sua estrutura narcísica e se tornaria, como uma criança que se identifica com o agressor, um objeto masoquista, algo que encaminharia o analista para a depressão ou para a doença física. Logo, produzindo uma relação infértil aos propósitos do trabalho.

Por último, ao se sentir no lugar que lhe foi atribuído, ele passa a possuir a base emocional necessária para projetar de volta para o paciente, através de uma interpretação, o que foi aquele esforço para sentir determinado conteúdo. Tal momento é delicado, pois deve-se evitar que a interpretação tenha resíduos não trabalhados de elementos do próprio analista. Essa quarta fase recebe ainda uma exemplificação através da comparação da situação de análise com a do artista e sua obra: o artista (analista) em contato com o mundo externo (paciente), de onde obtém seu material, molda e ilumina-o pela fusão com seu próprio inconsciente. O resultado desse trabalho é apresentado de novo, assim remodelado, em formas aceitáveis às exigências da realidade e ao inconsciente do mundo (o paciente).

Certamente esse modo de funcionamento do analista é um processo particular que perdura pelo tempo em que ele se debruça sobre seu trabalho clínico, e que está submetido às mesmas exigências que qualquer atividade humana. Metapsicologicamente, tal como Ferenczi (1928a/2011) propõe, existe uma atividade de julgamento que deve acompanhar a escuta empática; tal atividade é explicada por Fliess (1942) como um processo em que o analista induz seu superego a emprestar suas funções judicativas e de observação ao ego, aumentando suas capacidades perceptivas e criando o que o autor chama de “consciência terapêutica” (p. 222). Essa transformação egoica aproxima o estado mental do analista do processo de sonho, colocando-o em devaneio graças à obnubilação parcial de sua consciência, fato que só é factível por um período limitado de tempo.

Assim, viu-se, detidamente, como a empatia é o fator fundamental para o tratamento, e como esse elemento está presente desde Freud, já em suas primeiras considerações, atravessando grande parte de sua obra voltada à clínica. Também foi demonstrado como a visão do criador da psicanálise possui limites que são contornados pela visão de seu discípulo, Ferenczi, que, ao fazer uma guinada intersubjetiva, acaba modificando radicalmente a conduta terapêutica. Tal empreitada só foi possível porque Ferenczi foi capaz de escutar a dimensão traumática da experiência humana, sem atribuí-la somente à fantasia; guiado pelo desejo de curar seus pacientes, o autor produziu inúmeras modificações, sempre tentando conjugar dentro da psicanálise a necessidade de pressupostos teóricos com os ideais terapêuticos.

Considerações finais

Antes de começar minhas considerações finais, acredito ser importante dar um testemunho. Ao longo do processo de escrita desta dissertação, foi fundamental, para mim, encontrar uma certa humildade para integrar parte de um conhecimento vivido em estado bruto através de experiências clínicas reiteradas frequentemente. Do desejo de compreender tais experiências se impôs a necessidade de assimilar o que era tal dimensão de contato humano. Foi então que encontrei em Ferenczi a autorização necessária para elevar tais formas de experiência ao plano de um trabalho escrito.

A resultante da minha investigação sobre a empatia foi a contemplação de um dispositivo clínico que se instaura para fazer frente ao desmantelador silêncio do trauma, propondo medidas potentes como a convicção e a autorização. Expedientes possíveis graças à sagacidade freudo-ferencziana. Sem titubear, afirmo que estar em contato com o pensamento desses autores produziu em mim a dita convicção, tão necessária a uma atitude profissional aberta à radical diferença que habita a alteridade, e que, se respeitada em sua integridade, pode ser contemplada.

O começo desta pesquisa, assim como acontece com diversas manifestações de empatia, veio na forma de um susto. Quando comecei este trabalho e explorei o debate entre Freud e Ferenczi a respeito da telepatia e do ocultismo, me surpreendi com a forma como os autores abordaram com dignidade uma gama de fenômenos humanos que habitam os extremos da alma. O fôlego investigativo e a abertura intelectual destes homens serviram-me de inspiração, e deles pude descobrir uma série de considerações que foram de suma importância para contextualizar o tipo de atmosfera que se operacionaliza numa clínica que leva em consideração a empatia. Também percebi como cada um deles respondeu de uma forma às provocações impostas pelo fenômeno místico.

Freud, nos anos de 1910, é um psicanalista que deseja convencer a comunidade ao seu redor de que sua nova ciência é capaz de compreender toda sorte de fenômenos anímicos. Já Ferenczi, sem deixar de prestar homenagem e de se deslumbrar com a potência da Psicanálise, mantém em perspectiva a existência de fenômenos que estariam além da compreensão

científica de sua época, e atribui ao ocultismo uma certa dose de verdade que merece ser investigada com maior profundidade⁴².

Dessa discussão, observei como a tendência geral de cada um dos autores é diferente: Freud, mesmo com fortes influências dos movimentos românticos que imperavam no mundo germânico, mantém-se mais próximo ao iluminismo, enquanto Ferenczi, talvez por conta da relação geopolítica entre a metrópole e a colônia, adquire uma postura menos comprometida, e tem mais facilidade em suspender certezas e em se manter aberto a tradições mais populares. Desse fator, o húngaro se beneficia da dúvida e desfruta de mais liberdade que seu mestre.

Diante de uma problemática que jazia oculta, mas que se impunha na clínica não neurótica, Ferenczi erigiu elementos poderosos para trabalhar. Amparado por sua compreensão sobre a introjeção, inúmeras modificações técnicas tentaram dar conta da presença do trauma e do desautorizado, que se materializavam em fenômenos clínicos de diversos bebês sábios ou de lobos apáticos. Dessas tentativas, o que poderia ser chamado de princípio de empatia se impôs como um tipo de clínica que segue uma conduta guiada pelo tato.

A atmosfera de relaxamento, produto do enquadre elástico e bem adaptado que é ofertado pelo analista empático, me parece ser a grande contribuição do autor húngaro neste quesito. Deixar seus pacientes livres a ponto de poderem expressar com suficiente tranquilidade seu desprazer é parte de um dispositivo em que a empatia é tomada como uma experiência estética de sentir o outro dentro de si, de poder se afetar pela experiência de uma forma sensível e não inteligível. Dito de outro modo, trata-se de uma convocação para que a interpretação de conteúdo não sobreponha a circulação de afetos, e que se permita emergir uma forma de razão guiada pela sensibilidade, capaz de autorizar (*Gewährung*) um sujeito a sentir sua realidade como própria. Balizado por essa ética e somente através dela, pode-se fazer uma interpretação com tato.

À guisa de uma conclusão, aprendi que a forma como um psicanalista define seus conceitos demonstra a sua própria transferência com a psicanálise e, desse núcleo, erigir-se-á o ponto de partida para toda a sua práxis. Novamente, as ferramentas não vieram prontas. O fazer clínico será sempre norteado pela compreensão individual que o sujeito em questão faz

⁴² Não gostaria de tardar minha homenagem e agradecimento a Júlia Gyimesi, por ter me auxiliado na suspensão das certezas científicas neste ponto da pesquisa.

de toda a psicanálise; pegando, então, o fenômeno empático e parte do debate que gira em torno de seu eixo, procurei construir as visões que Freud e Ferenczi têm da transferência para, verdadeiramente, me localizar nesse rico cenário clínico.

Se atualmente procuro traduzir minha fascinação diante de uma das dimensões da intersubjetividade através do que apresento, gostaria de acrescentar que, do ponto em que me encontro, percebo como a “convicção” surge como uma problemática derivada da empatia. Adquirir a convicção necessária para formular uma interpretação que operacionalize mudanças na alma de uma pessoa é um fato tão curioso como o de aceitar e absorver tal convicção através de um encontro verdadeiramente empático. A problemática da mistura entre o cobre e o ou(t)ro deve ser, então, uma nova direção de pesquisa a ser realizada no futuro. Pois afinal de contas, em que *extremos da alma* (Maia, 2004) duas almas se tocam? Responder essa questão ainda é impossível para mim, mas se a empatia continua sendo um desafio para a clínica atual, como bem indica Klautau (2012), sem dúvida uma exploração dentro do campo biológico (ou metabiológico, como previa Ferenczi) se faz necessária.

À guisa de uma conclusão

Ao longo desta pesquisa fiz uma escolha sóbria. Decidi me filiar obedientemente ao primado da técnica e por isso sustentei a escolha de uma busca por algo tão material e concreto como uma ferramenta. Essa escolha foi útil pela minha necessidade pragmática de eficiência e eficácia em detrimento da dúvida; porém, sabendo da pertinência da flexibilidade – esse elemento fundamental ao tipo de clínica que vim pensando –, decidi terminar a dissertação recorrendo à literatura, pois tal assertividade asséptica não lhe é natural.

Portanto, concluo meu trabalho com uma consideração de Max Blecher (2013[1936]), que, em uma sintética frase, resumiu de forma sublime tudo o que procurei dizer a respeito da empatia nas mais de 200 páginas que antecederam este tópico. Disse o romeno: “as palavras cotidianas não têm valor em determinadas profundezas da alma” (p. 18) Com exatas doze palavras, 62 letras e infinita falta de precisão o autor explicou exatamente me dispus a investigar a respeito do estado de convicção que a empatia usada na clínica psicanalítica me parece ser capaz de produzir. Assim, ainda seguindo Blecher: “A palavra mágica que vier a exprimi-las [as profundezas da alma] deverá tomar algo emprestado das essências de outras

sensibilidades da vida, destilando-se delas como uma nova fragrância criada a partir de uma sábia composição de perfumes” (p. 18).

Referências

- Aranha, H. d. C. (2003). *Freud e o império das luzes*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Balint, M. (1937). Early developmental states of the ego: primary object love. In *Primary love and psychoanalytic technique*. New York: Da Capo Press.
- Balint, M. (1993). *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Basch, M. F. (1983). Empathic understanding: a review of the concept and some theoretical considerations. *J Am Psychoanal Assoc*, 31(1), 101-126.
- Birman, J. (2014). *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: Ferenczi antes de Freud, e depois de Lacan*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Blecher, Max (2013). *Acontecimentos na realidade imediata*. Rio de Janeiro: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1936)
- Bolognini, S. (2008). *A empatia psicanalítica*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Borgogno, F. (2004). *Psicanálise como percurso*. Rio de Janeiro: Imago.
- Canguilhem, G. (2009). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Cano, T. & Kupermann, D. (2013). O uso da *einfühlung* em Freud no horizonte da dimensão sensível da experiência psicanalítica. In M. C. Magalhães (Ed.), *Elasticidade de limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Chertok, L., & Stengers, I. (1990). *O coração e a razão: a hipnose de Lavoisier a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Coelho Junior, N. (2004). Ferenczi e a experiência da *Einfühlung*. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 7(1), 73-85.

- Coelho Junior, N. (2013). Psicanálise ou psicoterapia? Delineamentos para um debate contemporâneo. In M. C. Magalhães (Ed.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Coelho Junior, N. (2016). Os tempos do trauma. In E. C. Dal Molin, *O terceiro tempo do trauma: Freud, Ferenczi e o desenho de um conceito*. São Paulo: Perspectiva.
- Coelho Junior, N. & Figueiredo, L. C. (2000). *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- Coelho Junior, N. E. & Figueiredo, L. C. (2012). Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. In N. E. Coelho Junior, P. Salem & P. Klautau (Eds.), *Dimensões da intersubjetividade*. São Paulo: Escuta.
- Dal Molin, E. C. (2016). *O terceiro tempo do trauma: Freud, Ferenczi e o desenho de um conceito*. São Paulo: Perspectiva.
- Deutsch, H. (1974). Occult processes during psychoanalysis. In G. Devereux (Ed.), *Psychoanalysis and the Occult*. New York: International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1926)
- Devereux, G. E. (1953). *Psychoanalysis and the occult*. New York: International Universities Press.
- Falzedder, E., Brabant, E., & Giampieri, P. (1994). *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência (1908-1911)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ferenczi, S. (2011). Minha amizade com Miksa Schächter. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise II* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1898)
- Ferenczi, S. (1963). On Spiritism. *Psychoanalytic Review*, 50(1), 139. (Trabalho original publicado em 1899)
- Ferenczi, S. (2011). Psicanálise e pedagogia. In *Obras completas: Psicanálise I* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1908)
- Ferenczi, S. (2011). Transferência e introjeção. In *Obras completas: Psicanálise I* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)

- Ferenczi, S. (2011). O conceito de introjeção. In *Obras completas: Psicanálise I* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912a)
- Ferenczi, S. (2011). Sugestão e psicanálise. In *Obras completas: Psicanálise I* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1912b)
- Ferenczi, S. (2011). Adestramento de um cavalo selvagem. In *Obras completas: Psicanálise I* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913a)
- Ferenczi, S. (2011). O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios. In *Obras completas: Psicanálise II* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1913b)
- Ferenczi, S. (2011). Anomalias psicogênicas da fonação. In *Obras completas: Psicanálise II* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1915)
- Ferenczi, S. (2011). A influência exercida sobre o paciente em análise. In *Obras completas: Psicanálise III* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919a)
- Ferenczi, S. (2011). A técnica psicanalítica. In *Obras completas: Psicanálise II* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1919b)
- Ferenczi, S. (2011). Prolongamentos da “técnica ativa” em psicanálise. In *Obras completas: Psicanálise III* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1921)
- Ferenczi, S. (2011). O sonho do bebê sábio. In *Obras completas: Psicanálise III* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1923)
- Ferenczi, S. (2011). Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. In *Obras completas: Psicanálise III* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)
- Ferenczi, S. (2011). Contraindicações da técnica ativa. In *Obras completas: Psicanálise III* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1926)

- Ferenczi, S. (2011). Elasticidade da técnica psicanalítica. In *Obras completas: Psicanálise IV* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928a)
- Ferenczi, S. (2011). A adaptação da família à criança. In *Obras completas: Psicanálise IV* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1928b)
- Ferenczi, S. (1939). Die Elastizität der psychoanalytischen Technik. In *Bausteine zur Psychoanalyse: Bd. III: Arbeiten aus den Jahren 1908-1933*. Verlag H. Huber. (Trabalho original publicado em 1928b)
- Ferenczi, S. (2011). A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. In *Obras completas: Psicanálise IV* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1929)
- Ferenczi, S. (2011). Princípio de relaxamento e neocatarse. In *Obras completas: Psicanálise IV* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1930)
- Ferenczi, S. (2011). Análise de crianças com adultos. In *Obras completas: Psicanálise IV* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1931)
- Ferenczi, S. (1988[1932]). *Diário clínico*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferenczi, S. (2011). Confusão de língua entre os adultos e a criança. In *Obras completas: Psicanálise IV* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1933)
- Ferenczi, S. (2011). Reflexões sobre o trauma. In *Obras completas: Psicanálise IV* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1934)
- Ferenczi, S. & Rank, O. (2011). Perspectivas da psicanálise. In S. Ferenczi, *Obras completas: Psicanálise III* (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1924)
- Figueira, S. A. (1994). *Contratransferência: de Freud aos contemporâneos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Figueiredo, L. C. M. (2003). *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.

- Fliess, R. (1942). The metapsychology of the analyst. *The Psychoanalytic Quarterly*, 11, 211-227.
- Fodor, N. (1974). Telepathy in Analysis. In G. Devereux (Ed.), *Psychoanalysis and the Occult*. New York: International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1947)
- Freud, S. (2006). Prefácio à tradução de De la suggestion, de Bernheim. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume I* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1888)
- Freud, S. (2006). As neuropsicoses de defesa. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume III* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894a)
- Freud, S. (2006). Carta 18 (21 de maio de 1894). In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume I* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894b)
- Freud, S. (2006). Rascunho E. Como se origina a angústia (Junho de 1894). In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume I* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894c)
- Freud, S. (1943). Entwurf einer Psychologie. In *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S. Fischer. p. 373-477. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2006). Manuscrito H. Paranoia. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume I* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895a)
- Freud, S. (2006). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume I* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Freud, S. (2006). Carta 52. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume I* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- Freud, S. (2006). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume IV e V* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

- Freud, S. (2006). Psicopatologia da vida cotidiana. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume VI* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901)
- Freud, S. (2006). Sobre a psicoterapia. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume III* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905[1904])
- Freud, S. (2006). Tratamento psíquico (ou anímico). In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume VII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905[1890])
- Freud, S.. (1943). Der Witz und seine beziehung zum Unbewussten. In *Gesammelte Werke*. Volume VI. London: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2006). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume VIII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905a)
- Freud, S. (2006). Um caso de histeria. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume VII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905b)
- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume VII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905c)
- Freud, S. Sobre a psicoterapia. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume III* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905 [1904])
- Freud, S. (2006). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume X* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2006). Psicanálise selvagem. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XI* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910a)

- Freud, S. (2006). As perspectivas futuras da terapia psicanalítica. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XI* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910b)
- Freud, S. (2006). Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912a)
- Freud, S. (2006). A dinâmica da transferência. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912b)
- Freud, S. (1943). Totem und Tabu. In *Gesammelte Werke Volume IX*. London: Imago. (Trabalho original publicado em 1913[1912])
- Freud, S. (2006). Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913a)
- Freud, S. (2006). A disposição à neurose obsessiva uma contribuição ao problema da escolha da neurose. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913b)
- Freud, S. (2006). Totem e tabu e outros trabalhos. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XIII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913c)
- Freud, S. (2006). Recordar, repetir e elaborar. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006). Observações sobre o amor de transferência. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915[1914])
- Freud, S. (2006). O inconsciente. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XIV* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915a)
- Freud, S. (2006). O recalque. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XIV* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915b)

- Freud, S. (2006). O instinto e suas vicissitudes. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XIV* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915c)
- Freud, S. (2006). Conferências introdutórias sobre psicanálise (parte III). In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XVI* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916-1917)
- Freud, S. (2006). História de uma neurose infantil. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XVII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1918 [1914])
- Freud, S. (2006). Linhas de progresso da terapia analítica. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XVII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919[1918])
- Freud, S. (2006). Além do princípio de prazer. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XVIII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2006). Psicologia de grupos e análise do eu. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XVIII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2006). Psicanálise e telepatia. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XVIII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1941[1921])
- Freud, S. (2006). Sonhos e telepatia. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XVIII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1922)
- Freud, S. (2006). Prefácio a Juventude Desorientada de Aichhorn. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XIX* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (2006). Inibições, sintomas e angústia. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XX* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926[1925])

- Freud, S. (2006). Um estudo autobiográfico. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XX* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927[1925])
- Freud, S. (2006). Conferência XXX – Sonhos e ocultismo. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XXII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933a)
- Freud, S. (2006). Sándor Ferenczi. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XXII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933b)
- Freud, S. (2006). Análise terminável e interminável. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XXIII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2006). Breves escritos. In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XXIII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1938)
- Freud, S. (2006) . In *Edição standard das obras psicológicas completas: volume XXIII* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939 [1934-38])
- Freud, S. & Breuer, J. (2006). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição standard das obras psicológicas completas: volume II* (J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Gaddini, E. (1969). On imitation. *The International Journal of Psycho-Analysis*, 50, 475.
- Garcia-Roza, L. A. (1984). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Gay, P. (1990). *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Giampieri-Deutsch, P. (1996). The influence of Ferenczi's ideas on contemporary standard technique. In P. L. Rudnytsky, A. Bókay & P. Giampieri-Deutsch (Eds.), *Ferenczi's turn in psychoanalysis*. New York: New York University Press.
- Gondar, J. (2008). Além da contratransferência: os afetos do analista. *Cadernos de Psicanálise–CPRJ*, 30(21), 175-191.

- Gondar, J. (2010). As coisas nas palavras. Ferenczi e a linguagem. *Cadernos de Psicanálise*, 32(23), 123-132.
- Green, A. (1982). *O discurso vivo: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Grosskurth, P. (1992). *O círculo secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gusdorf, G. (1984). *L'homme romantique*. Paris: Les éditions Payot.
- Gyimesi, J. (2012). Ferenczi and the problem of telepathy. *History of the Human Sciences*, 25(2), 131-148.
- Gyimesi, J. (2016). Why 'spiritism'? *The International Journal of Psychoanalysis*, 97(2), 357-383.
- Hárs, G. P. (2015). O conceito de paixão no Diário Clínico de Ferenczi. *Tempo Psicanalítico*, 47(1), 9-21.
- Haynal, A. (1995). *A técnica em questão: controvérsias em psicanálise: de Freud e Ferenczi a Michael Balint*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Haynal, A. (1997). For a metapsychology of the psychoanalyst: Sándor Ferenczi's quest. *Psychoanalytic Inquiry*, 17(4), 437-458.
- Haynal, A. (1998). *Freud and his intellectual environment: The case of Sandor Ferenczi*. New York: New York University Press.
- Herrigel, E. (1992) *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*. Rio de Janeiro: Pensamento.
- Hidas, G. (2015). flowing over - Transference, countertransference, telepathy: Subjective dimensions of the psychoanalytic relationship in Ferenczi's thinking. In: L. E. Aron & A. E. Harris (Eds.), *The legacy of Sandor Ferenczi: From ghost to ancestor*. London: Routledge.

- Kahn, L. (2014). *Le Psychanalyste apathique et le patient postmoderne*. Paris : Editions de l'Olivier.
- Klautau, P. (2012). O uso da empatia em casos e situações-limite. In M. C. Magalhães (Ed.), *Dimensões da Intersubjetividade*. São Paulo: Escuta.
- Kupermann, D. (2003a). A libido e o álbi do psicanalista: uma incursão pelo diário clínico de Ferenczi. *Pulsional Rev Psicanal*, 16(168), 47-57.
- Kupermann, D. (2003b). *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Record.
- Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. São Paulo: Civilização Brasileira.
- Kupermann, D. (2009). Princípios para uma ética do cuidado. In G. C. Pinto (Org.), *Memória da psicanálise 3. Sándor Ferenczi e a ética do cuidado* (pp. 44-51). São Paulo: Duetto.
- Kupermann, D. (2010). A via sensível da elaboração. Caminhos da clínica psicanalítica. *Cadernos de Psicanálise-CPRJ*, 32(23), 31-45.
- Kupermann, D. (2011). A criança, o infantil e o que o psicanalista (não) sabe. *Estilos da Clínica*, 16(2), 324-337.
- Kupermann, D. (2014). A maldição egípcia e as modalidades de intervenção clínica em Freud, Ferenczi e Winnicott. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(2), 47-58.
- Kupermann, D. (2016). Trauma, sofrimento psíquico e cuidado na psicologia hospitalar. *SBPH*, 19(1), 6-20.
- Kupermann, D. (2017). *Estilos do cuidado: a psicanálise e o traumático*. São Paulo: Zagodoni.
- Landa, F. (1999). *Ensaio sobre a criação teórica em psicanálise*. São Paulo: UNESP.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J. (1993). *A tina: a transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes.

- Laplanche, J. (2007). *Sexual: la sexualité élargie au sens freudien*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. (2000). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- Loureiro, I. (2002). *O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico*. São Paulo: Escuta/Fapesp.
- Maia, M. S. (1995). Nos bastidores da clínica: considerações sobre comunicação não-verbal. *Boletim de novidades Pulsional*, VIII (77) 39-39.
- Maia, M. S.. (2001). A questão do sentido na clínica psicanalítica. In B. Bezerra Jr & C. A. Plastino (Eds.), *Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Marca d'água.
- Maia, M. S. (2004). *Extremos da alma*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Mezan, R. (1996). O simbolo e o objeto em Ferenczi. In C. S. Katz (Ed.), *Ferenczi: história, teoria, técnica*. São Paulo: Editora 34.
- McGuire (1976). *Correspondência completa de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung*. Rio de Janeiro: Imago.
- Nasio, J. D. (1995). *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Ogden, T. H. (2013). *Reverie e Interpretação - captando algo humano*. São Paulo: Escuta.
- Osmo, A. & Kupermann, D. (2012). Confusão de línguas, trauma e hospitalidade em Sándor Ferenczi. *Psicologia em estudo*, 17(2), 329-339.
- Pacheco-Ferreira, F. & Vertzman, J. (2008). O uso do afeto na obra de Sándor Ferenczi. *Cadernos de Psicanálise (Círculo Psicanalítico/RJ)*, 21, 45-78.

- Pigman, G. W. (1995). Freud and the history of empathy. *The international Journal of psychoanalysis*, 76 (Pt 2), 237-256.
- Pinheiro, T. (1995). *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Plastino, C. A. (2001). *O primado da afetividade: A crítica freudiana ao paradigma moderno*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Plastino, C. A. (2008). A questão dos afetos na metapsicologia freudiana. *Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro*, 30(21) 48-63.
- Rabeyron, T., & Evrard, R. (2012). Historical and contemporary perspectives on occultism in the Freud-Ferenczi correspondence. *Recherches en psychanalyse*, 13(1), 98-111.
- Racker, H. (1982). *Estudos sobre técnica psicanalítica*. Porto Alegre: Artmed.
- Reik, T. (1983). *Listening with the third ear: the inner Experience of a Psychoanalyst*. New York: Macmillan.
- Reis, E. S. (2004). *De corpos e afetos: transferências e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Ribeiro, P. D. C. (2011). *Imitação: seu lugar na psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ribeiro, P. D. C. (2012). Imitação precoce e constituição Psíquica. In: N. E. Coelho Junior, P. Salem & P. Klautau (Eds.), *Dimensões da Intersubjetividade*. São Paulo: Escuta
- Rickman, J. (1933). 'Obituary: Sandor Ferenczi'. *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 33, 124-5.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sabourin, P. (1988). *Ferenczi: paladino e grão-vizir secreto*. São Paulo: Martins Fontes.
- Safranski, R. (2010). *Romantismo: uma questão alemã*. São Paulo: Estação Liberdade.

- Salem, P. (2012). Imitação e intersubjetividade. In N. E. Coelho Junior, P. Salem & P. Klautau (Eds.), *Dimensões da intersubjetividade*. São Paulo: Escuta.
- Schneider, M. (1988). *Le trauma et la filiation paradoxale*. Paris: Ramsay.
- Schneider, M. (1994). *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo: Escuta.
- Schorske, C. E. (1988). *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Souza, O. (2001). Nota sobre algumas diferenças na valorização dos afetos nas teorias psicanalíticas. In B. Bezerra Jr (Org.), *Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Marca D'água.
- Souza, O. (2013). As relações entre Psicanálise e Psicoterapia e a posição do analista. In M. C. Magalhães (Ed.), *Elasticidade e limite na clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Stern, D. (1992). *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artmed.
- Talarn, A. (2003). *Sándor Ferenczi: el mejor discípulo de Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva.
- Vedovato, A. (2017) *Amizade em psicanálise: o cuidado de si no encontro com o outro*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Yovel, Y. (1993). *Espinosa e outros hereges*. Lisboa: Casa da Moeda.